

CONTOS 10 FANTASTICOS



irayetta
©1974

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CONTOS 10 FANTASTICOS



CONTOS 10 FANTÁSTICOS



O ESTRANHO MISTERIOSO{1} –

Anônimo{2}



“Morrer, dormir, Dormir, porventura sonhar, sim, aí está a dificuldade...”

Hamlet

O Bóreas, aquele temível vento noroeste que na primavera e no outono agita as mais remotas profundezas do turbulento Adriático, e é, então, perigosíssimo para as embarcações, uivava através da floresta e lançava ao ar os galhos dos velhos carvalhos nodosos dos montes Cárpatos quando um grupo de cinco cavaleiros, cercando uma liteira puxada por um par de mulas, tomou um dos caminhos da floresta capaz de oferecer alguma proteção do clima de abril e de permitir que os viajantes recuperassem um pouco o fôlego.

Já anoitecia, e o frio era intenso; a neve caía vez por outra em flocos grandes. Um cavaleiro alto e idoso, de aparência aristocrática, seguia à frente da tropa. Tratava-se do Cavaleiro de Fahrenberg, da Áustria. Ele herdara de um irmão sem filhos uma propriedade considerável, situada nos montes Cárpatos; e fora tomar posse da propriedade, acompanhado por sua filha Franziska e por uma sobrinha de cerca de 20 anos, que tinha sido criada com ela. Ao lado do cavaleiro ia um belo jovem de vinte e poucos anos—o barão Franz von Kronstein; usava, como o outro, o chapéu de abas largas com penas pendentes, o gibão de couro, as botas de montaria de cano largo – em suma, os trajes de viagem que estavam em moda no começo do século XVII. As feições do jovem revelavam em grande parte uma natureza aberta e amigável, bem como uma razoável inteligência; mas a expressão era antes a de uma suavidade sonhadora e sensível mais do que a da audácia típica da mocidade, embora ninguém pudesse negar que ele possuísse uma grande beleza juvenil.

Quando o grupo entrou na floresta de carvalhos, o jovem se aproximou da liteira e conversou com as damas que estavam sentadas lá dentro. Uma delas – e para ela essa conversa foi principalmente dirigida – tinha uma beleza deslumbrante. Seu cabelo caía em cachos naturais em torno do belo oval de seu rosto, no qual brilhava um par de Olhos que eram como estrelas, cheios de vivacidade, grande

imaginação, e um certo grau de malícia. Franziska von Fahrenberg parecia escutar sem muita atenção as palavras de seu admirador, que fez muitas perguntas atenciosas sobre como ela se sentira durante a viagem, realizada com uma série de dificuldades: todas às vezes ela lhe respondeu com impaciência, quase com desdém; e no fim acrescentou que, se não fosse pelas objeções de seu pai, há muito tempo teria pedido ao barão que tomasse seu lugar naquela liteira, uma horrível gaiola, pois, a tomar pelos comentários dele, parecia incomodado com o clima; e ela teria preferido mil vezes montar o feroso cavalo, enfrentando o vento e a tempestade, do que ficar enclausurada ali, arrastada morro acima por aqueles animais de orelhas compridas, e entediando-se até a morte naquele fastio. As palavras da jovem e, mais do que isso, o tom algo desdenhoso com que foram ditas, pareceram causar a mais dolorosa impressão no rapaz: ele não lhe respondeu no mesmo instante, mas o ar ausente com que ouviu os comentários amáveis da outra jovem revelavam o quão desconcertado estava.

— Parece, querida Franziska – disse ele por fim, num tom gentil —, que as adversidades do caminho a afetaram mais do que se dá conta. Geralmente tão amável com outros, tem estado com bastante frequência de mau humor durante a viagem, e particularmente com relação a este seu humilde servo e primo, que aceitaria com prazer carregar um fardo duplo ou triplo de desconforto, se assim pudesse poupá-la do menor deles.

Franziska revelava, por sua expressão, estar prestes a responder com alguma amarga zombaria, quando a voz do cavaleiro foi ouvida chamando por seu sobrinho, que saiu a galope nesse instante.

— Gostaria de repreendê-la seriamente, Franziska – disse sua companheira, com certa rispidez – por estar sempre atormentando seu pobre primo Franz desse jeito vergonhoso; ele que a ama com sinceridade e que, não importa o que você diga, será um dia seu marido.

— Meu marido! – replicou a outra, zangada. – Ou eu mudo completamente as minhas idéias ou ele muda todo o seu ser antes que isso ocorra. Não, Bertha! Sei que esse é o maior desejo de meu pai, e não nego as boas qualidades que o primo Franz possa ter, ou de fato tenha, já que você está fazendo cara feia; mas casar com um homem efeminado – nunca!

— Efeminado! Você lhe faz grande injustiça – retrucou com presteza sua amiga – só porque em vez de embarcar para a guerra turca, na

qual poucas honrarias haveriam de ser conquistadas, ele seguiu os conselhos de seu pai e ficou em casa, a fim de trazer ordem às suas negligenciadas propriedades, o que logrou fazer com cuidado e prudência; e porque não representa esse vento uivante como um zéfiro manso – por razões tais que você acha certo chamá-lo de efeminado.

— Diga o que quiser, isso é um fato – replicou a outra, obstinadamente – audacioso, ambicioso, até mesmo despótico deve ser o homem que quiser conquistar meu coração; essas naturezas suaves, pacientes e pensativas me desagradam inteiramente. Será Franz capaz de uma compreensão profunda, tanto na alegria quanto na tristeza? Ele é sempre o mesmo – sempre silencioso, suave e aborrecido.

— Ele tem bom coração, e não é desprovido de inteligência – disse Bertha.

— Um bom coração! Isso pode ser – replicou a outra —, mas eu preferiria ser tiranizada e escravizada por meu futuro marido do que ser amada de maneira tão enfadonha. Você diz que ele também tem inteligência. Não vou exatamente contradizê-la, já que isso seria indelicado, mas não é algo que se descubra com facilidade. Mesmo aceitando, porém, que você tenha razão nas duas afirmações, ainda assim o homem que não transforma essas qualidades em ações é uma criatura desprezível. Um homem pode fazer muitas tolices, pode até ser um pouco perverso vez por outra, desde que não seja nada desonroso; e é possível perdooá-lo, se ele estiver apenas agindo de acordo com alguma teoria fixa acerca de algum objeto especial. Veja, por exemplo, o seu próprio fiel admirador, o Castelão de Glogau, Cavaleiro de Woislaw; ele a ama sinceramente e está agora de fato em posição de permitir que você se case com conforto. O bravo homem perdeu a mão direita – razão suficiente para ficar sentado atrás do fogão, ou perto da roda de fiar da sua Bertha; mas o que faz ele? – Vai para a guerra na Turquia; luta por um ideal nobre...

— E corre o risco de ter sua outra mão decepada, e de ganhar uma outra grande cicatriz no meio do rosto – acrescentou sua amiga.

— Deixa sua amada chorando e se lamentando um pouquinho – prosseguiu Franziska – mas regressa com fama, se casa, e é ainda mais honrado e admirado! Isso é feito por um homem de 40 anos, um guerreiro forte, que não foi criado na corte, um soldado que não tem coisa alguma além de seu manto e sua espada. E Franz – rico, nobre – mas não vou prosseguir. Nem mais uma palavra sobre esse assunto

detestável, se você gosta de mim, Bertha.

Franziska recostou-se no canto da liteira com um ar insatisfeito e fechou os Olhos, como se, vencida pelo cansaço, quisesse dormir.

— Esse vento terrível é tão poderoso, insiste você, que temos que fazer um desvio para evitar sua força total – disse o cavaleiro a um velho, vestido com um gorro de pêlo e uma capa de pele grosseira, que parecia ser o guia do grupo.

— Aqueles que nunca sentiram na própria pele o Bóreas soprando pelos campos entre Sessano e Trieste não fazem idéia da realidade – replicou o outro. – Assim que ele começa, a neve é soprada em colunas longas e espessas pelo chão. Isso não é nada diante do que se segue. Essas colunas se tornam cada vez mais altas, conforme o vento aumenta, e continuam crescendo até que não se vê mais nada além de neve em cima, embaixo, em toda parte – a menos, é claro, em alguns casos, quando areia e cascalho se misturam à neve, e ao cabo é de todo impossível abrir os Olhos. Sua única forma de se defender é envolver-se em sua capa e se deitar no chão. Mesmo que sua casa esteja a apenas umas poucas centenas de metros de distância, corre o risco de perder a vida tentando chegar lá.

— Bem, nós lhe agradecemos, velho Kumpan – disse o cavaleiro, embora com dificuldade ele se fizesse ouvir acima do rugido da tempestade. – Agradecemos por nos ter trazido por esse desvio, pois assim poderemos chegar ao nosso destino sem correr perigo.

— Pode estar seguro disso, nobre senhor – disse o velho. – Por volta da meia-noite nós teremos chegado, e sem encontrar qualquer perigo pelo caminho, se... – subitamente, o velho se interrompeu, fez com que o cavalo parasse no mesmo instante e manteve uma atitude de escuta atenta.

— Parece-me que devemos estar nos arredores de algum povoado – disse Franz von Kronstein – pois em meio às rajadas da tempestade ouço um cão uivando.

— Não é um cão, não é um cão! – disse o velho, inquieto, e tocou o cavalo, passando a uma andadura rápida. – Pois por quilômetros ao nosso redor não há moradias humanas; exceto pelo castelo de Klatka, que de fato fica nos arredores, mas está abandonado por mais de um século, provavelmente ninguém tem morado por aqui desde a criação do mundo. – Mas eis aí outra vez o uivo – ele prosseguiu –, bem, como se eu não tivesse certeza desde o início.

— O uivo parece incomodá-lo, velho Kumpan – disse o cavaleiro, ouvindo um som longo e penetrante, que parecia mais próximo do que antes, e dava a impressão de ser respondido em outro lugar.

— Esse uivo não vem dos cães – replicou inquieto o velho guia. – São lobos dos juncos; podem estar em nosso encalço; e seria bom que os cavalheiros preparassem suas armas de fogo.

— Lobos dos juncos? O que quer dizer com isso? – perguntou Franz, surpreso.

— Na extremidade desta floresta – disse Kumpan – há um lago com cerca de um quilômetro e meio de extensão, cujas margens são cobertas de juncos. Ali, um grupo de lobos fez sua moradia, alimentando-se de pássaros, peixes e animais desse tipo. São arredios no verão, e um menino de 12 anos pode assustá-lo; mas quando os pássaros migram, e os peixes congelam, eles espreitam, à noite, e então se tornam perigosos. São ainda piores, porém, quando o Bóreas assola este lugar, pois é como se o próprio diabo os possuísse: ficam tão enlouquecidos e bravos que os homens e os animais maiores tornam-se também suas vítimas; já se soube que um grupo deles chegou a atacar os ferozes ursos destas montanhas, e, o que é mais impressionante, saíram vitoriosos.

O uivo se repetiu agora de maneira mais distinta, vindo de duas direções opostas. Os cavaleiros, alarmados, apanharam suas pistolas, e o velho agarrou a lança que pendia de sua sela.

— Temos que ficar perto da liteira, o lobos estão muito próximos de nós – sussurrou o guia.

Os homens deram meia-volta com seus cavalos, cercaram a liteira, e o cavaleiro informou as damas, com poucas e tranquilizadoras palavras, da causa daquele movimento.

— Então nós teremos uma aventura...algo para variar um pouco! – exclamou Franziska, os Olhos faiscantes.

— Como é que você pode falar de maneira tão tola? – disse Bertha, alarmada.

— Não estamos sob proteção masculina? O primo Franz não está do nosso lado? – disse a outra, em tom de escárnio.

— Veja, há uma luz brilhando entre os galhos; e outra ali – exclamou Bertha. – Deve haver gente perto de nós.

— Não, não – exclamou o guia, prontamente. – Fechem a porta, senhoras. Fiquem juntos, cavalheiros. São os Olhos dos lobos que estão vendo faiscar ali.

Os cavalheiros olharam na direção da espessa vegetação rasteira, na qual vez por outra surgiam pequenos pontos luminosos, iguais aos que no verão seriam tomados por vaga-lumes; era exatamente a mesma luz amarelo-esverdeada, mas menos irregular, e havia sempre duas chamas juntas. Os cavalos começaram a se rebelar, davam coices e puxavam o freio; mas as mulas se comportavam razoavelmente bem.

— Vou atirar nos lobos, e ensiná-los a manter distância – disse Franz, apontando na direção onde os pontos luminosos apareciam em maior quantidade.

— Espere, espere, senhor barão! – Kumpan exclamou prontamente, e agarrou o braço do jovem. – O senhor levaria um grupo tão grande a se reunir, com o barulho do disparo, que, encorajados por seu número, eles com certeza fariam um primeiro ataque. Mas mantenham suas armas prontas, e se uma loba saltar – pois elas sempre lideram o ataque – mirem bem e matem-na, pois não pode haver hesitação.

A essa altura, as montarias estavam quase fora de controle, e o terror também dominara as mulas. No instante em que Franz virava-se para a liteira a fim de dizer uma palavra à sua prima, um animal, mais ou menos do tamanho de um cachorro grande, saltou da mata e agarrou a mula mais próxima.

— Fogo, barão! Um lobo. – gritou o guia.

O jovem atirou e o lobo caiu no chão. Um uivo amedrontado ressoou pela floresta.

— Agora, em frente! Em frente, sem um minuto de demora! – exclamou Kumpan. – Não dispomos de cinco minutos. Os animais vão fazer a sua companheira ferida em pedaços e, se estiverem muito famintos, vão devorar parte dela. Enquanto isso, ganha remos algum terreno, e não estamos a mais de uma hora de cavalgada até o final da floresta. Ali – estão vendo? – ali estão as torres de Klatka por entre as árvores – lá onde a lua está nascendo, e dali em diante a floresta se torna menos densa.

Os viajantes esforçaram-se em aumentar ao máximo seu passo, mas a liteira atrasava seu progresso. Bertha chorava de medo, e até mesmo

a coragem de Franziska tinha diminuído, pois ela se sentava imóvel. Franz tentava tranquilizá-las. Não tinham avançado por muito tempo quando os uivos começaram, aproximando-se cada vez mais.

— Lá estão eles de novo, e mais ferozes e numerosos do que antes – exclamou o guia, alarmado.

Logo as luzes eram novamente visíveis, e com certeza em maior número. A floresta já se tornara menos espessa e, a nevasca tendo cessado, os raios de luar revelavam vários vultos obscuros em meio às árvores, mantendo-se unidos como uma matilha de cães e avançando cada vez mais, até que estavam a vinte passos de distância, seguindo a trilha dos viajantes. Vez por outra, um uivo feroz surgia do meio deles, e era respondido por toda a matilha; por fim, imitavam-no vozes isoladas a distância.

O grupo agora se encontrava a poucas centenas de metros do castelo em ruínas sobre o qual Kumpan falara. Possuía, ou parecia possuir, à luz da lua, alguma magnitude. Junto à parte principal, razoavelmente preservada, estavam as ruínas de uma igreja, que devia ter sido outrora bonita, localizada no alto de um outeiro onde cresciam espalhados alguns carvalhos e alguns arbustos de sarça. Tanto o castelo quanto a igreja ainda guardavam parte do telhado, e um caminho seguia do portão do castelo a um carvalho antigo, onde se juntava, num ângulo de 90 graus, àquele pelo qual avançavam os viajantes.

O velho guia parecia bastante perplexo.

— Estamos correndo um enorme perigo, meu nobre senhor – ele disse. – Os lobos em breve farão um ataque geral. Só haverá então um meio de escapar: deixar as mulas à sua própria sorte, e levar as senhoras em nossos cavalos.

— Estaria muito bem, se eu não tivesse pensado num plano melhor – replicou o cavaleiro. – Ali está o castelo em ruínas; com certeza podemos alcançá-lo, e então, bloqueando os portões, podemos simplesmente aguardar o amanhecer.

— Aqui? Nas ruínas de Klatka? Nem por todos os lobos do mundo! – exclamou o velho. – Mesmo à luz do dia ninguém ousa se aproximar daquele lugar e, agora, à noite! O castelo, meu senhor, tem um mau nome.

— Por causa de ladrões? – perguntou Franz.

— Não; ele é assombrado – o outro replicou.

— Mentiras e bobagens! – disse o barão. – Para as ruínas; não há um instante a perder.

E era mesmo o caso. Os ferozes animais estavam a apenas uns poucos passos de distância dos viajantes. De vez em quando se afastavam, uivando ferozmente. O grupo acabara de chegar ao velho carvalho antes mencionado e estava prestes a ingressar pelo caminho até as ruínas quando os animais, como se percebessem o risco que corriam de perder sua presa, chegaram tão perto que uma lança teria podido facilmente atingi-los. O cavaleiro e Franz se viraram bruscamente, esporeando seus animais para que fossem para o meio da matilha que avançava, quando de súbito surgiu um homem da sombra do carvalho, e com algumas passadas largas se colocou entre os viajantes e seus perseguidores. Até onde era possível ver na penumbra, o estranho era um homem alto, de boa compleição física; carregava uma espada na bainha e sobre sua cabeça estava um chapéu de abas largas.

Se o grupo ficou surpreso com seu aparecimento súbito, mais ainda ficou com o que se seguiu. Assim que o estranho apareceu, os lobos abandonaram sua perseguição, tropeçaram uns sobre os outros e uivaram amedrontados. O estranho ergueu então a mão, pareceu fazer um gesto com ela, e os animais selvagens se arrastaram de volta para a mata como uma matilha de cães derrotados.

Sem lançar um único olhar aos viajantes, que estavam por demais tomados pelo assombro para falar, o estranho seguiu pelo caminho que levava ao castelo, e logo desapareceu sob o pórtico de entrada.

— Que os céus tenham piedade de nós! – murmurou o velho Kumpan para si mesmo, enquanto fazia o sinal-da-cruz.

— Quem era aquele homem esquisito? – perguntou surpreso o cavaleiro, depois de ficar observando o estranho enquanto ele estava em seu raio de visão, e quando o grupo já retomara o caminho.

O velho guia fingiu não entender e, dirigindo seu cavalo até onde estavam as mulas, ocupou-se com a arrumação dos arreios, que tinham se desajustado devido àquele passo apressado: mais de um quarto de hora se passou antes que ele regressasse.

— Você conhece o homem que nos encontrou perto das ruínas e que nos livrou de nossos perseguidores de quatro patas dessa maneira miraculosa? – perguntou Franz ao guia.

— Se eu o conheço? Não, meu nobre senhor, eu jamais o vi antes – o guia respondeu, hesitante.

— Ele parecia um soldado, e estava armado – disse o barão. – O castelo, então, é habitado?

— Não nos últimos cem anos – replicou o outro. – Foi demolido porque o dono, naqueles dias, tinha negócios iníquos; com certas hordas turco-eslavônias, que tinham avançado até aqui; ou melhor – ele se corrigiu, prontamente – é o que dizem. Mas talvez ele fosse tão correto e tão bondoso quanto qualquer homem que já andou sobre a face da terra.

— E quem é o dono destas ruínas e desta floresta? – perguntou o cavaleiro.

— Quem além do senhor? – replicou Kumpan. – Faz mais de duas horas que estamos em sua propriedade, e logo chegaremos aos limites da floresta.

— Já não ouvimos ou vemos mais nada dos lobos – disse o barão, depois de uma pausa. – Até mesmo os uivos cessaram. O episódio com o estranho ainda permanece inexplicável para mim, até mesmo se supuséssemos tratar-se de um caçador...

— Sim, sim; provavelmente é o que ele é – interrompeu o guia, enquanto olhava apreensivo ao redor. – O bravo e bondoso cavaleiro que veio tão oportunamente em nosso auxílio devia ser um caçador. Ah, há muitos e poderosos habitantes da floresta nos arredores! Que os céus sejam louvados! – ele prosseguiu, respirando fundo – Ali está o fim da floresta, e em menos de uma hora estaremos a salvo, e bem acomodados.

E assim se deu. Antes que uma hora se passasse, o grupo atravessou um povoado de boas construções, o lugar principal da propriedade, na direção do venerável castelo, que tinha todas as janelas profusamente iluminadas, e em cuja porta estavam o mordomo e outros empregados, que, após receberem seu novo senhor com os mais respeitosos cumprimentos, conduziram o grupo aos seus aposentos esplendidamente mobiliados.

Quase quatro semanas se passaram até que as aventuras dos viajantes novamente viessem à tona. O cavaleiro e Franz ficaram tão ocupados inspecionando todos os detalhes da enorme propriedade e

empenhando-se em introduzir várias melhorias alemãs que ficavam pouco tempo em casa. A princípio, tudo encantava Franziska naquele lugar tão inteiramente novo e desconhecido, Parecia-lhe tão romântico, tão diferente de sua pátria-mãe alemã, que ela sentiu o maior interesse por tudo, e freqüentemente fazia comparações entre os dois países, que em geral terminavam de forma desfavorável para a Alemanha. Bertha era de opinião diametralmente oposta: ria de sua prima, e dizia que seu gosto pela novidade e por paisagens desconhecidas devia mesmo ter chegado a um nível inaudito se ela preferia choupanas das quais a fumaça saía pelas portas e janelas, e não pela chaminé, paredes cobertas de fuligem e habitantes não muito mais limpos e de hábitos grosseiros às moradias confortáveis e ao povo educado da Alemanha. No entanto, Franziska persistia em sua opinião, e replicava que tudo na Áustria era enfadonho, ennuyante comum; e que um camponês pouco civilizado dali, com seu rústico casaco de pele, era dez vezes mais interessante para ela do que um circunspecto austríaco em sua roupa de festa, cuja mera visão era suficiente para causar bocejos.

Assim que o cavaleiro conseguiu fazer cumprir as primeiras providências e instalar um grau mínimo de ordem, o grupo voltou a estar mais amiúde reunido. Franz continuava a demonstrar grande atenção à sua prima, que, no entanto, a recebia com pouca gratidão, pois fazia dele o alvo de todos os caprichos de seu humor, que logo regressaram, quando, após uma longa estada, ela já se acostumara um pouco mais à sua nova vida. Muitos passeios nos arredores foram feitos, mas o cenário variava pouco, e logo deixaram de diverti-la.

Um dia o grupo se reuniu no antiquado salão, o almoço acabava de ser retirado e eles combinavam em que direção cavalgariam.

— Já sei – exclamou de súbito Franziska. – Pergunto-me por que nunca pensamos em ir ver de dia o local em que se passou nossa aventura noturna com os lobos e com o Estranho Misterioso.

— Quer dizer uma visita às ruínas... como são chamadas? – perguntou o cavaleiro.

— Castelo Klatka – exclamou Franziska alegremente. – Ah, realmente, precisa mos ir até lá! Seria tão encantador passar de novo, à luz do dia e em segurança, pelo lugar onde tantos temores vivemos.

— Tragam os cavalos – disse o cavaleiro a um criado – e diga ao mordomo que venha falar comigo imediatamente.

Esse último, um homem idoso, pouco depois entrou no salão.

— Pretendemos cavalgar até Klatka – disse o cavaleiro. – Tivemos uma aventura ali, em nosso caminho...

— O velho Kumpan me disse – interrompeu o mordomo.

— E o que me diz a respeito? – perguntou o cavaleiro.

— Realmente não sei o que dizer – replicou o velho, meneando a cabeça. – Eu era um jovem de 20 anos quando vim para este castelo, e agora meus cabelos estão cinzentos; meio século se passou desde então. Centenas de vezes meu dever me levou aos arredores daquelas ruínas, mas eu jamais vi o Diabo de Klatka.

— O que está dizendo? Quem é que chama por esse nome? – perguntou Franziska, cuja paixão pela aventura e pelo romance tinha sido amplamente desperta.

— Ora, as pessoas chamam por esse nome o fantasma ou espírito que supostamente assombra as ruínas – replicou o administrador. – Dizem que ele só aparece em noites de lua,..

— Isso é bem natural – interrompeu Franz, sorrindo. – Os fantasmas não podem suportar a luz do dia; e se a lua não brilhasse, como esse fantasma haveria de ser visto? Pois não se supõe que alguém fosse visitar as ruínas à luz de tochas apenas para encontrar uma criatura dessas.

— Há algumas pessoas crédulas que alegam ter visto esse fantasma – continuou o administrador. – Caçadores e lenhadores dizem tê-lo encontrado junto ao grande carvalho na encruzilhada. Ali, meu nobre senhor, parece ser o local que ele mais freqüentemente assombra, pois a árvore foi plantada em memória do homem que morreu ali.

— E quem era ele? – perguntou Franziska.

— O último dono do castelo, que àquela época era uma espécie de covil de bandidos, e o quartel general de todos os depredadores das vizinhanças – respondeu o velho. – Dizem que esse homem tinha uma força sobre-humana, e era temido não só por seu temperamento passional, mas ainda por seus tratados com as hordas turcas. Também ocorria que qualquer mulher jovem nos arredores por quem ele tivesse alguma preferência era levada para sua torre e dela nunca mais se tinha notícia. Quando a medida de sua iniquidade tornou-se insuportável, a população ergueu-se em massa, cercou sua fortaleza e

por fim ele foi morto no local onde agora se ergue o imenso carvalho.

— Pergunto-me por que não queimaram o castelo inteiro, para apagar até mesmo sua memória – disse o cavaleiro.

— Era de domínio da Igreja, e isso o salvou – replicou o outro. – Seu bisavô mais tarde tomou posse dele, pois tinha boas terras nos arredores. Como o Cavaleiro de Klatka era de boa família, um monumento foi erguido para ele na igreja, que agora se encontra em ruínas tanto quanto o próprio castelo.

— Ah, vamos partir agora mesmo! Nada vai me impedir de visitar um lugar tão interessante – disse Franziska, ansiosa. – As donzelas prisioneiras que jamais reapareceram, o assalto à torre, a morte do cavaleiro, as perambulações noturnas de seu espírito junto ao carvalho, e, por fim, nossa própria aventura, tudo isso me atrai para aquele local com uma curiosidade indescritível.

Quando um criado anunciou que os cavalos estavam na porta, as jovens desceram às risadas os degraus que levavam ao pátio onde as montarias aguardavam. Franz, o cavaleiro e um criado bem familiarizado com a região seguiram-nas; e em poucos minutos o grupo estava a caminho da floresta.

O sol ainda estava alto no céu quando viram as torres de Klatka se erguendo acima das árvores. Tudo na floresta estava silencioso, exceto pelo chilrear alegre dos pássaros, saltitando por entre os botões e folhas que nasciam e anunciando que a primavera tinha chegado.

O grupo logo se encontrou perto do velho carvalho ao pé da colina em que ficavam as torres, ainda imponentes em sua ruína. A hera e a sarça tinham se entrelaçado nas paredes, e forçado tão firmemente suas raízes profundas por entre as pedras, que eram essas plantas, em grande medida, que as mantinham de pé. No topo do ponto mais alto, um pequeno arbusto jovem e verdejante oscilava suavemente na brisa.

Os cavaleiros ajudaram suas companheiras a desmontar e, deixando os cavalos aos cuidados do criado, subiram a colina até o castelo. Depois de tê-lo explorado em cada recanto e fresta, e passado muito tempo numa busca infrutífera de algum traço de extraordinário estranho que Franziska declarou estar determinada a descobrir, passaram a uma inspeção da igreja contígua. Descobriram que ela

havia suportado melhor as devastações do tempo e do clima; a nave estava, de fato, inteiramente dilapidada mas o teto ainda cobria o coro e o altar, bem como uma espécie de capela que parecia ter sido um local de honra para as famílias dos antigos cavaleiros do castelo. Poucos traços permaneciam, porém, das vidraças magnificamente pintadas que deviam outrora ter adornado as janelas, e o vento entrava à vontade pelos espaços abertos.

O grupo se ocupou por algum tempo em decifrar as inscrições em algumas lápides e nas paredes, sobretudo no coro. Eram em geral memoriais dos antigos senhores, com figuras de homens em armaduras, e de mulheres e crianças de todas as idades. Um corvo em pleno vôo e vários outros desenhos ocupavam os cantos. Uma lápide, que ficava perto da entrada do coro, era bastante diferente das outras: não havia nenhuma figura esculpida, e a inscrição, que em todas as outras lápides em volta era um amontoado de louvores e lisonjas, era ali simples e sem adornos; continha apenas estas palavras: “Ezzelin von Klatka tombou como um cavaleiro no assalto ao castelo” – em tal dia e ano.

— Esse deve ser o monumento ao cavaleiro cujo fantasma dizem assombrar estas ruínas – exclamou Franziska, ansiosa. – Que pena ele não ser representado da mesma forma que os outros... eu gostaria tanto de saber como ele era!

— Ah, ali está a câmara mortuária da família, com degraus que levam até lá, e o sol a está iluminando através de uma fenda – disse Franz, saindo da sacristia contígua.

Todo o grupo seguiu-o, descendo os oito ou nove degraus que levavam a uma câmara razoavelmente arejada, onde estavam situados caixões de todos os tamanhos alguns deles se desfazendo em pó. Ali, mais uma vez, um caixão próximo à porte distinguia-se dos outros pela simplicidade de seu modelo, pela aparência mais recente e pela breve inscrição: “Ezzelinus de Klatka, Eques.”

Como nem mesmo o menor eflúvio era perceptível, ficaram algum tempo na câmara mortuária; e quando subiram outra vez à igreja, conversaram longamente sobre os antigos proprietários, dos quais o cavaleiro agora se lembrava de ter ouvido seus pais falarem. O sol desaparecera, e a lua começava a nascer quando os exploradores se voltaram para deixar as ruínas. Bertha dera um passo para dentro da nave quando emitiu uma leve exclamação de medo e surpresa. Seus Olhos caíram sobre um homem que usava um chapéu com penas pendentes, uma espada junto ao corpo e uma capa curta, de corte um

tanto antiquado, sobre os ombros. O estranho apoiava-se displicentemente numa coluna quebrada à entrada; não parecia notar em absoluto o grupo; e a lua brilhava sobre seu rosto pálido.

O grupo avançou na direção do estranho.

— Se não estou enganado – começou o cavaleiro —, nós já nos encontramos antes. Nenhuma palavra do desconhecido.

— O senhor nos salvou de maneira quase miraculosa – disse Franziska – daqueles lobos terríveis. Estou errada em supor que temos uma dívida para com esse significativo serviço?

— Os animais têm medo de mim – replicou o estranho num tom profundo e veemente, enquanto fixava os Olhos fundos na moça, sem tomar conhecimento dos outros.

— Então o senhor provavelmente é um caçador – disse Franz – e combate essas bestas ferozes.

— Quem não é ou o perseguidor ou o perseguido? Todos perseguem ou são perseguidos, e o destino persegue a todos – respondeu o estranho, sem olhar para ele.

— O senhor vive nestas ruínas?

— Sim; mas não para estragar a sua brincadeira, como talvez receie, Cavaleiro de Fahrenberg – disse o estranho, com desdém. – Pode estar certo disto; sua propriedade permanecerá intocada...

— Ah! Meu pai não quis dizer isso – interrompeu Franziska, que parecia sentir o maior interesse pelo estranho. – Acontecimentos desafortunados e experiências tristes levaram o senhor, sem dúvida, a tomar como moradia estas ruínas, das quais meu pai de modo algum tiraria sua posse.

— Seu pai é um homem muito bom, se foi isso que quis dizer – disse o estranho em seu tom inicial de voz; e nas feições escuras parecia ter se desenhado um leve sorriso —; mas pessoas do meu tipo são difíceis de se expulsar.

— O senhor deve viver muito desconfortavelmente aqui – disse Franziska, um pouco vexada, pois achava que suas palavras amáveis mereciam uma resposta melhor.

— Minha moradia não é exatamente desconfortável, só um

pouco pequena. Mas mesmo assim é bem adequada para pessoas sossegadas – disse o estranho, com uma espécie de sorriso escarninho. – Não sou, contudo, sempre sossegado; às vezes fico ansioso em deixar o espaço estreito, e então corro pelas florestas e pelos campos sobre as colinas e sobre os vales; e o momento em que sou obrigado a voltar para a minha pequena moradia sempre chega cedo demais para mim.

— Como o senhor vez por outra deixa sua moradia – disse o cavaleiro —, gostaria de convidá-lo para nos visitar, se soubesse...

— Que ocupo uma posição que lhe permita fazê-lo – interrompeu o outro; e o cavaleiro ficou um pouco surpreso, pois o estranho expressara com precisão seu pensamento parcialmente externado. – Lamento – continuou ele, friamente – não poder lhe dar detalhes sobre isso. Algumas dificuldades se interpõem: esteja certo, porém, de que sou um cavaleiro, e de família pelo menos tão antiga quanto a sua.

— Então não pode recusar nosso pedido – exclamou Franziska, bastante interessada nas maneiras estranhas do desconhecido. – Deve vir nos visitar.

— Não sou uma companhia alegre, e por esse motivo poucos têm me convidado, ultimamente – replicou o outro com seu sorriso peculiar —; além disso, normalmente fico em casa durante o dia; esse é meu período de descanso. Pertenço, deve saber, àquela classe de pessoas que trocam o dia pela noite, e a noite pelo dia, e que amam tudo o que é incomum e peculiar.

— Verdade? Eu também! E por esse motivo deve nos visitar – exclamou Franziska.

— Ora – ela prosseguiu, sorrindo —, suponho que tenha acabado de se levantar, e que esteja tomando o seu ar matinal. Bem, já que a lua é o seu sol, por favor visite com frequência nosso castelo à luz de seus raios. Acho que vamos nos entender muito bem. e que será muito agradável para nós travar conhecimento.

— A senhora deseja isso? É sincera em seu convite?

— Com certeza, pois do contrário o senhor não virá – respondeu, com poucas palavras, a jovem.

— Muito bem, então, eu irei! – disse o outro, novamente com o olhar fixo nela. – Se minha companhia não a agradar em algum

momento, a senhora será a responsável por manter relações com alguém que raramente impõe sua presença, mas de quem é difícil de se livrar.

Quando o desconhecido concluiu essas palavras, fez um pequeno gesto com a mão, como se lhes pedisse licença, e, passando sob o pórtico, desapareceu entre as ruínas. Logo depois, o grupo montou nos cavalos e tomou a estrada para casa. A tarde caía, no dia seguinte, e todos estavam novamente sentados no salão do castelo. Bertha recebera boas notícias naquele dia.

O cavaleiro Woislaw escrevera da Hungria relatando que a guerra com os turcos em breve chegaria a um fim, naquele ano, e que embora ele antes pretendesse regressar à Silésia, tendo ouvido que o Cavaleiro de Fahrenberg fora tomar posse de suas novas propriedades, devia seguir a família àquele local, pois sem dúvida Bertha acompanhara sua amiga. Deu a entender que o duque o tinha em tão alta estima, devido aos seus valiosos serviços, que no futuro suas tarefas seriam ainda mais importantes e extensas; mas antes de começar a colocá-las em prática, precisava vir cobrar a promessa de Bertha de se tornar sua esposa.

Seu mestre mais o butim dos turcos tinham feito dele um homem muito rico. Tendo anteriormente perdido a mão direita a serviço do duque, ele tentara lutar com a esquerda; mas não fora muito bem-sucedido, de modo que um artista de talento lhe fizera uma nova mão de ferro. Essa mão cumpria muitas das funções da mão comum, e poucos eram os movimentos que não executava; agora, no entanto, seu mestre o presenteara com uma de ouro, uma extraordinária obra de arte, produzida por um célebre mecânico italiano.

O cavaleiro a descrevia como algo de maravilhoso, sobretudo pela força sobre-humana com que lhe permitia usar a espada e a lança. Franziska naturalmente muito se alegrou com a felicidade de sua amiga, que não recebia notícias de seu noivo fazia tanto tempo. Ela começava, de vez em quando, em parte para atormentar Franz, e em parte para expressar seus próprios sentimentos, a fazer grandes louvores e demonstrar grande admiração pela bravura e pelo espírito de aventura do cavaleiro, cujas qualidades ousadas elevava às nuvens. Até mesmo a cicatriz em seu rosto e a falta da mão direita eram tidas como virtudes; e por fim declarou, irreverente, que um homem feio lhe era infinitamente mais atraente que um homem bonito, pois, em geral, os homens bonitos eram vaidosos e efeminados. Assim sendo, ela acrescentou, ninguém poderia definir o homem que conhecera na véspera como bonito, mas atraente e

interessante ele certamente era. Franz e Bertha discordaram dela ao mesmo tempo.

A aparência sombria, a cor mortiça da pele, o tom de voz do estranho foram sucessivamente depreciados por Bertha, enquanto Franz encontrou defeitos no desprezo e na arrogância que eram óbvios em sua fala. O cavaleiro se colocou entre os dois lados. Achava que havia algo em sua conduta que fazia pensar numa boa família, embora não se pudesse dizer muito sobre sua cordialidade; no entanto, o homem talvez tivesse passado por provas o suficiente em sua vida a ponto de se tornar insociável. Enquanto conversavam, a porta subitamente se abriu e o tema de suas observações em pessoa entrou.

— Perdoe-me, Cavaleiro – ele disse, friamente –, se venho, ainda que não sem ser convidado, pelo menos sem ser anunciado; não havia ninguém na ante-sala para me fazer esse serviço.

— O salão profusamente iluminado permitia que tivessem uma visão completa do estranho. Era um homem de cerca de 40 anos, alto e extremamente magro. Os traços de seu rosto não podiam ser definidos como desinteressantes – havia ali algo de ousado e audacioso –, mas a expressão era, no conjunto, qualquer coisa, exceto benevolente. Havia desdém e sarcasmo nos frios Olhos cinzentos, cujo olhar, porém, era por vezes tão penetrante que ninguém o suportava por muito tempo. Sua tez era ainda mais peculiar do que os traços do rosto: não poderia ser definida como pálida ou amarela; era uma espécie de cinza, ou, por assim dizer, de branco sujo, como a de um indiano que sofresse de febre por muito tempo, e a cor se tornava ainda mais notável pelo preto intenso de sua barba e de seu cabelo curto. Os trajes do desconhecido eram os de um cavaleiro, mas fora de moda e desleixados; havia grandes manchas de ferrugem na gola e no peito de sua armadura, e sua adaga e o punho de sua espada finamente trabalhada estavam marcados em alguns lugares com bolor. Como o grupo estava indo jantar, era mais do que natural convidar o estranho a acompanhá-lo; ele aceitou, porém, mas apenas para sentar-se à mesa, pois nada comeu. O cavaleiro, um tanto surpreso, perguntou-lhe o motivo.

— Já faz muito tempo que me acostumei a não comer à noite – replicou ele, com um sorriso estranho. – Minha digestão não está habituada aos sólidos, e na verdade eu mal teria como lidar com eles. Vivo inteiramente de líquidos.

— Ah, então podemos esvaziar um copo transbordante de vinho do Reno juntos – exclamou o anfitrião.

— Obrigado, mas não bebo vinho ou qualquer outra bebida fria – retrucou o outro, num tom que era cheio de escárnio. Aparentemente, havia alguma associação divertida ligada àquela idéia.

— Então darei ordens para que lhe tragam um hipocraz – bebida quente composta de ervas —; estará pronto imediatamente – disse Franziska.

— Muito obrigado, minha senhora; não no momento – replicou o outro. – Mas se recuso a bebida que me oferece agora, esteja certa de que assim que precisar, e talvez seja logo, pedirei essa bebida, ou alguma outra, à senhora.

Bertha e Franz achavam que o homem tinha algo de indizivelmente repulsivo em todo seu comportamento, e não se sentiam inclinados a começar a conversar com ele; mas o barão, achando que talvez a polidez o obrigasse a dizer algo, virou-se para o convidado e começou, num tom amigável:

— Já faz várias semanas que travamos conhecimento com o senhor; tínhamos que lhe agradecer, então, por um serviço singular...

— E eu ainda não lhes disse meu nome, embora fosse de seu agrado sabê-lo – interrompeu o outro, secamente. – Eu me chamo Azzo; e – isso ele disse outra vez com seu sorriso irônico – já que, com a permissão do Cavaleiro de Fahrenberg, vivo no castelo de Klatka, podem no futuro chamar-me de Azzo von Klatka.

— Admira-me que não se sinta solitário e desconfortável em meio àquelas paredes antigas – começou Bertha. – Não consigo entender...

— O que eu faço ali? Ah, sobre isso eu lhes falarei de bom grado, já que a senhora e o jovem cavalheiro interessam-se tão gentilmente pela minha pessoa – replicou o desconhecido em seu tom sarcástico.

Franz e Bertha sobressaltaram-se, pois ele revelou seus pensamentos como se pudesse ler suas almas.

— Veja, minha senhora – prosseguiu ele —, há um bom número de curiosas extravagâncias no mundo. Como já disse, amo o que é peculiar e incomum, pelo menos o que assim haveria de lhes parecer. É errado, em geral, surpreender-se com o que quer que seja, pois, vistas sob uma certa ótica, todas as coisas são iguais; até mesmo a vida e a morte, este lado do túmulo e o outro têm mais semelhanças do que imagina. A senhora talvez me ache um tanto desequilibrado mentalmente por residir junto com o morcego e a coruja; mas sendo

assim, por que não considerar todos os eremitas e reclusos loucos? A senhora me dirá que esses homens são santos. Com certeza não tenho pretensões nesse sentido; mas como eles encontram prazer nas orações e no cântico dos salmos, assim também eu me divirto caçando. Ah, sair à luz do pálido luar, num cavalo que jamais se cansa, sobre as colinas e os vales, pelas florestas e bosques! Eu corro entre os lobos, que fogem quando me aproximo, a senhora mesma notou, como se fossem câezinhos com medo de um chicote.

— Mas mesmo assim deve se sentir muito, muito solitário – observou Bertha.

— Seria, durante o dia, mas é quando estou dormindo – replicou o outro secamente —; à noite eu me divirto bastante.

— O senhor caça de maneira extraordinária – observou Franz, hesitante.

— Sim; mas no entanto não tenho ligações com os ladrões, como o senhor parece imaginar – replicou Azzo friamente.

Franz mais uma vez sobressaltou-se – aquele exato pensamento acabara de passar-lhe pela mente.

— Ah, peço-lhe perdão; eu não sei... – ele gaguejou.

— O que pensar de mim – interrompeu o outro. – Seria então razoável de sua parte acreditar no que estou dizendo, ou pelo menos evitar fazer suas próprias conjecturas, que não levarão a coisa alguma.

— Eu o compreendo: sei valorizar suas idéias, mesmo que ninguém mais saiba – exclamou Franziska, animadamente. – A monotonia, a rotina diária da maioria dos homens lhe é repulsiva; o senhor já experimentou as alegrias e os prazeres da vida, pelo menos o que assim se denomina, e os considerou maçantes e vazios. Como nos cansamos cedo das coisas que vemos ao nosso redor! A vida consiste em mudanças. Só no que é novo, incomum e peculiar às flores do espírito florescem e produzem aroma. Até mesmo a dor pode se tornar prazer se nos resgata da frívola monotonia da vida cotidiana, algo que hei de odiar até a hora da minha morte.

— É isso, minha bela dama – é exatamente isso! Continue pensando dessa forma: essa sempre foi a minha opinião, e por ela sempre fui amplamente recompensado – exclamou Azzo; e seus Olhos ferozes faiscavam com mais intensidade do que nunca. – Estou duplamente

satisfeito por ter encontrado na senhora uma pessoa que compartilha de minhas idéias. Ah, se a senhora fosse um homem, seria um companheiro maravilhoso; mas mesmo uma mulher pode ter boas experiências, uma vez que essas opiniões estão nela enraizadas, e concretizam-se em ações!

Depois que Azzo falou essas palavras num tom cortês e frio, mudou de assunto, e durante o resto do tempo que durou sua visita apenas deu ao cavaleiro respostas monossilábicas às suas perguntas, retirando-se antes que a mesa fosse tirada. Diante de um convite do cavaleiro, reiterado por um outro ainda mais insistente da parte de Franziska, para que repetisse sua visita, ele respondeu que ia se aproveitar de sua gentileza, e viria algumas vezes.

Depois que o estranho foi embora, muitos foram os comentários feitos sobre seu aspecto e conduta geral. Franz declarou que definitivamente antipatizava com ele. Quer porque fosse habitual irritar seu primo, quer porque Azzo de fato a tivesse impressionado, Franziska tomou o partido desse último de maneira veemente. Quando Franz começou a contradizê-la com mais impaciência do que era seu costume, a jovem começou a usar expressões ainda mais fortes; e não se sabe que palavras duras seu primo teria ouvido se uma criada não tivesse entrado na sala.

Na manhã seguinte, Franziska ficou por mais tempo do que o habitual na cama. Quando sua amiga foi até seu quarto, temendo que ela talvez estivesse doente, encontrou-a pálida e exaurida. Franziska queixou-se de ter passado uma noite péssima; achava que a discussão com Franz acerca do estranho devia tê-la agitado muito, pois ela se sentia bastante febril e exausta, e além disso fora atormentada por um estranho sonho, que evidentemente era uma consequência da conversa que tinham tido à noite. Bertha, como de hábito, tomou o partido do jovem, e acrescentou que uma discussão corriqueira sobre um homem que ninguém conhecia, e sobre o qual todos podiam formar suas próprias opiniões, não a teria de modo algum levado ao presente estado.

— Pelo menos – ela prosseguiu – você pode me deixar ouvir esse sonho maravilhoso. Para sua surpresa, Franziska recusou-se por algum tempo a fazê-lo.

— Vamos, conte-me – perguntou Bertha – o que pode impedi-la de contar um sonho —, um simples sonho? Eu chegaria até mesmo a achar, se a idéia não fosse tão horrível, que o pobre Franz não está

totalmente errado quando diz que o magro, cadavérico, seco e antiquado estranho causou em você uma impressão mais forte do que diz.

— Franz disse isso? – perguntou Franziska – Então pode contar a ele que não está enganado. Sim, acho o magro, cadavérico, seco e esdrúxulo estranho mais interessante do que o corado, bem vestido, polido e aborrecido primo.

— Estranho – disse Bertha. – Não consigo em absoluto compreender a influência quase mágica que esse homem tão repulsivo exerce sobre você.

— Talvez a razão mesma que me leva a tomar seu partido seja o fato de todos vocês serem tão preconceituosos com relação a ele – observou Franziska, impertinente. Sim, deve ser isso; pois o fato de sua aparência agradar meus Olhos é algo que ninguém em sã consciência poderia imaginar. Mas – ela prosseguiu, sorrindo e se aproximando de Bertha – não é risível que eu perca a paciência até mesmo com você por causa desse estranho? Compreendo isso melhor se for com Franz e que esse desconhecido estrague a minha manhã, como já estragou minha noite e meu sono?

— Através do tal sonho, você quer dizer? – perguntou Bertha, facilmente apaziguada, enquanto colocava o braço em volta do pescoço da prima e a beijava. – Agora, conte-o para mim. Sabe como gosto de ouvir coisas desse tipo.

— Bem, é uma sorte de compensação pelo meu mau humor para com você – disse a outra, segurando as mãos da amiga. —Agora, escute! Eu andara para um lado e para o outro, no meu quarto, por um bom tempo; estava exaltada – deprimida —, não sei exatamente o quê. Era quase meia-noite quando me deitei, mas não conseguia dormir. Fiquei me virando na cama, e por fim foi a pura exaustão que me derrubou. Mas que sono foi esse! Um medo interno me dominava o tempo todo. Vi alguns desenhos diante de meus Olhos, como acontecia quando era criança e ficava doente. Não sei se estava dormindo ou meio acordada. Então sonhei, mas com tanta nitidez que foi como se estivesse completamente desperta, que uma espécie de névoa invadia o quarto, e dele saía o cavaleiro Azzo. Ele me Olhou durante algum tempo, e então, baixando devagar até ficar apoiado num dos joelhos, beijou meu pescoço. Seus lábios ficaram ali durante muito tempo; e senti uma leve dor, que aumentava sem parar, até que não consegui mais suportá-la. Com toda minha força tentei afastar a visão de mim, mas só consegui depois de me esforçar durante muito tempo. Não há

dúvida de que grite pois isso me despertou de meu transe. Quando recobrei um pouco os sentidos, notei uma espécie de medo supersticioso se apossar de mim – o tamanho desse medo você poderá imaginar quando eu lhe disser que, com meus Olhos abertos e acordada, pareceu-me que o vulto de Azzo ainda estava junto à minha cama, e então, desaparecendo gradualmente em meio à névoa, sumiu junto à porta!

— Você deve ter tido um sonho muito intenso, minha pobre amiga – começou Bertha, mas de repente se interrompeu. Ficou olhando surpresa para o pescoço de Franziska. – Ora, o que é isso?! – exclamou – Veja só: que coisa extraordinária, um traço vermelho em seu pescoço!

Franziska se levantou e foi até um pequeno espelho que ficava na janela. De fato viu um traço vermelho com uns dois centímetros e meio de extensão em seu pescoço, que começou a doer quando ela o tocou com o dedo.

— Devo ter de algum modo me cortado enquanto dormia – ela disse, depois de uma pausa —; e isso, num certo sentido, explica meu sonho.

As amigas continuaram conversando durante algum tempo sobre aquela singular coincidência – o sonho e o estrangeiro; e por fim Bertha transformou tudo numa brincadeira.

Várias semanas se passaram. O cavaleiro encontrara a propriedade e os negócios em maior desordem do que imaginara a princípio; e em vez de ficarem três ou quatro; semanas, como originalmente pretendiam, sua partida foi adiada por um período indefinido. Esse adiamento também foi em grande medida ocasionado pela contínua indisposição de Franziska. Ela, que inicialmente florescera como uma rosa em sua beleza cheia de juventude e frescor, tornava-se a cada dia mais magra, adoentada e exaurida e ao mesmo tempo tão pálida que no espaço de um mês nem mesmo o mais leve tom de vermelho era perceptível em sua face outrora radiante. A ansiedade do cavaleiro com relação a ela era intensa, e procuraram as melhores orientações dentro dos limites daquela época e daquele lugar; mas tudo sem resultado. Franziska queixava-se de tempos em tempos de que o terrível sonho com o qual sua enfermidade começara se repetia, e que sempre no dia seguinte ela sentia uma fraqueza maior e indescritível. Bertha naturalmente debitava isso aos efeitos da febre, mas os estragos dessa febre no juízo normalmente são de sua amiga a alarmavam muito.

O cavaleiro Azzo repetia suas visitas de tempos em tempos. Sempre chegava à tardinha, e quando a lua brilhava com intensidade. Sua conduta era sempre a mesma. Falava em monossílabos, e era friamente cortês com o cavaleiro; com Franz e Bertha, particularmente com o primeiro, era desdenhoso e arrogante; mas com Franziska, era a afabilidade em pessoa. Frequentemente, quando, após uma breve visita, ele deixava a casa, suas particularidades tornavam-se assunto de conversa. Além de sua maneira estranha de falar, na qual dizia Bertha haver um ódio profundo, uma fria aversão por toda a humanidade, à exceção de Franziska, duas outras singularidades eram observáveis. Em nenhuma de suas visitas, que com frequência se davam à hora do jantar, ele foi persuadido a comer ou beber o que quer que fosse, e isso sem fornecer qualquer motivo razoável para sua abstinência.

Uma alteração notável também ocorrera em seu aspecto: parecia uma criatura inteiramente diferente. A pele, antes tão enrugada e estirada, parecia suave e macia, enquanto um suave tom avermelhado surgira em suas faces, que começaram a parecer arredondadas e roliças. Bertha, que não conseguia em absoluto esconder sua má vontade para com ele, dizia com frequência que, por mais que detestasse seu rosto antes, quando ele parecia mais uma caveira do que um ser humano, agora era mais do que nunca repulsivo; ela sempre sentia um calafrio correr-lhe pelas veias quando seus Olhos incisivos e penetrantes a fitavam. Talvez se devesse à parcialidade de Franziska, ou à forma desdenhosa com que o cavaleiro Azzo respondia a Franz, ou à maneira arrogante com que em geral o tratava, o fato de que a jovem gostasse cada vez menos dele. Era possível observar que, todas as vezes que Franz fazia um comentário dirigido à sua prima na presença de Azzo, esse último imediatamente lançava sobre o assunto alguma luz perniciosa, de modo a distorcê-lo e fazer com que ganhasse um significado inteiramente diferente. Isso aumentava dia após dia, e por fim Franz disse a Bertha que não mais suportaria aquela conduta, e que apenas por consideração a Franziska ainda não o desafiara para um acerto de contas.

Nessa época, o grupo no castelo se viu aumentado com a chegada do convidado longamente aguardado de Bertha. Ele chegou no momento exato em que estavam se sentando para jantar, no fim da tarde, e todos correram a saudar o velho amigo. O cavaleiro Woislaw era um verdadeiro modelo de soldado, endurecido e fortalecido pela guerra com os homens e com os elementos. Seu rosto não seria definido como feio se um sabre turco não tivesse deixado uma marca, do Olho

direito até a face esquerda, que sobressaía num vermelho vivo da pele queimada de sol. A constituição do Castelão de Glogau quase poderia ser dita colossal. Poucos seriam capazes de carregar sua armadura, e menos ainda se mover com sua agilidade e desenvoltura sob um tal peso. Ele não tinha a dita armadura em pouca estima, pois tinha sido um presente do palatino da Hungria, ao deixar o campo. O ferro batido azul era todo ornamentado com padrões em ouro; e ele a colocara para honrar sua noiva, junto com a maravilhosa mão de ouro, presente do duque.

O cavaleiro e Franz fizeram a Woislaw perguntas sobre todos os detalhes da campanha; e ele relatou nos mínimos detalhes as batalhas, que, com relação à pilhagem, tinham sido mais bem-sucedidas do que nunca. Ele falou bastante sobre a força dos turcos no combate corpo a corpo, e sublinhou que devia ao duque muitos agradecimentos por seu esplêndido presente, pois em consequência de sua força muitos dos inimigos o consideravam como algo de sobre-humano. O aspecto doentio e a palidez mortal de Franziska eram perceptíveis demais para não serem notados de imediato por Woislaw; acostumado a vê-la fresca e alegre, ele se apressou em perguntar a causa da mudança. Bertha relatou tudo o que ocorrera, e Woislaw escutou com o maior interesse – que atingiu o ponto máximo no relato do sonho recorrente, do qual Franziska teve que lhe contar as mais detalhadas particularidades. Ele parecia já ter se deparado com um caso similar antes, ou pelo menos ouvira falar a respeito de um. Quando a jovem acrescentou o fato notável de que a ferida em seu pescoço, que reparara no começo de tudo, não cicatrizava, e ainda lhe doía, o cavaleiro Woislaw Olhou para Bertha como se dissesse que aquele último detalhe aumentara em muito sua convicção numa idéia acerca da origem da doença de Franziska.

Era mais do que natural que o tema da conversa passasse, em seguida, a ser o cavaleiro Azzo, sobre quem todos começaram a falar com avidez. Woislaw perguntou com tantos detalhes quanto fizera com respeito à doença de Franziska sobre tudo o que se referia àquele estranho, desde a tarde em que o conheceram até sua última visita, sem, no entanto, dar qualquer opinião sobre o assunto. O grupo ainda estava entregue àquela grave conversa quando a porta se abriu e Azzo entrou. Os Olhos de Woislaw permaneceram fixos nele, enquanto o cavaleiro, sem reparar no recém-chegado, caminhou até a mesa e, sentando-se, pôs-se a conversar sobretudo com Franziska e seu pai, fazendo, vez por outra, algum comentário sarcástico quando Franz começava a falar. A guerra turca mais uma vez veio à tona, e embora Azzo só fizesse comentários ocasionais, Woislaw tinha muito a dizer sobre o assunto. Assim, avançaram até tarde, noite adentro, e Franz

disse, sorrindo, para Woislaw:

— Eu não ficaria espantado se o dia nos surpreendesse, enquanto ouvimos as suas interessantes aventuras.

— Admiro o gosto do jovem cavalheiro – disse Azzo, franzindo de maneira irônica o lábio. – É melhor, de fato, ouvir histórias de tempestades e naufrágios em terra firme, e as de batalhas e mortes numa mesa hospitaleira ou junto à chaminé. Tem-se então a sensação confortável de se manter ileso, e de não correr perigo algum, nem mesmo o de apanhar um resfriado.

Com essas últimas palavras, deu uma risada rouca, e, virando as costas a Franz, ergueu-se, inclinou-se diante do resto do grupo e deixou o salão. O cavaleiro, que sempre acompanhava Azzo até a porta, alegou estar cansado – e deu boa-noite aos amigos.

— Essa impertinência de Azzo é intolerável – exclamou Bertha depois que ele se foi. – Torna-se cada dia mais rude, descortês e presunçoso. Só em saber do sonho de Franziska, embora é claro que não seja culpa dele, eu o detesto. Ora, hoje nem uma única palavra de cortesia foi dita a qualquer um de nós, exceto a Franziska, e, talvez, algum comentário ocasional a meu tio.

— Não posso negar que você está certa, Bertha – disse sua prima. – Pode-se perdoar um homem que o destino provavelmente tornou um tanto insociável; mas ele não devia ultrapassar as fronteiras da cortesia habitual. Mas onde diabos está Franz? – acrescentou Franziska, olhando inquieta ao redor.

O jovem tinha deixado em silêncio o salão enquanto Bertha falava.

— Não terá ele seguido o cavaleiro Azzo para desafiá-lo?—exclamou Bertha, alarmada.

— Seria melhor que entrasse no covil de um leão e puxasse sua juba! – disse Woislaw, veementemente. – Preciso ir atrás dele agora mesmo – acrescentou, e saiu às pressas do salão.

Passou rapidamente pelo pórtico, saiu do castelo e atravessou o pátio até chegar onde estavam os dois. Ali, uma ponte estreita com uma frágil balaustrada passava sobre a vala que circundava o castelo. Aparentemente, Franz acabara de dirigir a Azzo umas palavras violentas, pois quando Woislaw, sem ser notado pelo outro, avançou sob a sombra do muro, Azzo disse, lúgubre:

— Deixe-me, rapaz tolo. Deixe-me; pois juro por aquele sol – e ele apontou para a lua tranqüila sobre eles – que você não verá mais seus raios se permanecer mais um minuto em meu caminho.

— E eu lhe digo, infeliz, que ou me dá uma explicação por sua repetida insolência, ou morre – exclamou Franz, desembainhando a espada.

Azzo estendeu a mão, e, agarrando a espada pelo meio, quebrou-a como se fosse um junco.

— Vou adverti-lo pela última vez – disse, numa voz de trovão, enquanto jogava os pedaços na vala. – Agora, vá embora, vá embora do meu caminho, ou, por aqueles abaixo de nós, está perdido!

— Você ou eu! Você ou eu! – exclamou Franz desvairadamente enquanto fazia uma investida na direção da espada de seu adversário e tentava tirá-la dele.

Azzo não respondeu; apenas uma risada cruel escapou de seus lábios; então, agarrando Franz pelo peito, levantou-o como uma criança, e estava prestes a jogá-lo por sobre a ponte quando Woislav pôs-se ao seu lado. Agarrando o braço de Azzo com sua maravilhosa mão, em cujas molas empregou toda sua força, ele puxou-o para baixo e o obrigou a soltar sua vítima. Azzo pareceu extremamente surpreso. Sem voltar a dar atenção a Franz, fitou com assombro Woislav.

— Quem és, que ousas me roubar minha presa? – perguntou, hesitante. – Será possível? Será que é...

— Não pergunte, criatura sanguinária! Vai buscar teu alimento! Logo a tua hora vai chegar! – replicou Woislav num tom calmo, mas firme.

— Ah, agora eu sei! – exclamou Azzo, animadamente. – Bem-vindo, irmão de sangue! Dou-lhe este verme, e por você não vou esmagá-lo. Adeus; em breve nossos caminhos hão de se cruzar outra vez.

— Em breve, muito em breve; adeus! – exclamou Woislav, puxando Franz em sua direção. Azzo se afastou às pressas, desaparecendo.

Franz ficara por alguns instantes num estado de estupefação, mas de repente sobressaltou-se, como se despertasse de um sonho.

— Estou desonrado, desonrado para sempre! – exclamou, pressionando as mãos cerradas sobre a testa.

— Acalme-se; você não teria como vencer – disse Woislaw.

— Mas vou vencer, ou então morrer! – exclamou Franz, enfurecido. – Vou buscar esse aventureiro em seu covil, e um de nós morrerá, ou ele ou eu.

— Você não conseguiria feri-lo – disse Woislaw. – Você mesmo seria infalivelmente a vítima.

— Então me mostre uma maneira de fazer esse infeliz pagar – exclamou Franz, agarrando as mãos de Woislaw, enquanto lágrimas de raiva vinham-lhe aos Olhos. – desgraçado como estou, não posso viver.

— Você será vingado, e isso dentro de vinte e quatro horas, espero; mas só com duas condições...

— Concordo com elas! Farei qualquer coisa... – começou o jovem, ansiosamente.

— A primeira é que não faça nada, e deixe tudo em minhas mãos – interrompeu Woislaw. – A segunda é que me ajude a persuadir Franziska a fazer o que eu lhe disser ser absolutamente necessário. Azzo representa um perigo maior à vida dessa jovem do que à sua.

— Como? O quê? – exclamou Franz, furioso. – A vida de Franziska em perigo! E por causa daquele homem? Diga-me, Woislaw, quem é esse demônio?

— Não direi uma palavra à jovem ou a você, até que o perigo tenha passado – disse Woislaw com firmeza. – A menor indiscrição arruinaria tudo. Ninguém pode agir neste caso a não ser a própria Franziska, e se ela se recusar a fazê-lo, estará irremediavelmente perdida.

— Fale, e eu vou ajudá-lo. Farei tudo o que quiser, mas preciso saber...

— Nada, absolutamente nada – replicou Woislaw. – Preciso que você e Franziska concordem comigo incondicionalmente. Venha, agora, venha ter com ela. Deve manter silêncio sobre o que se passou, e fazer todos os esforços para induzi-la a concordar com minha proposta.

Woislaw falou com firmeza, e era impossível para Franz fazer qualquer outra objeção; em poucos instantes, ambos entraram no

salão, onde encontraram as jovens ainda esperando ansiosas por eles.

— Ah, fiquei tão assustada – disse Franziska, mais pálida do que o habitual, enquanto estendia a mão para Franz. – Imagino que tudo tenha acabado de maneira pacífica.

— Tudo se arranjou; algumas palavras foram suficientes para pôr um ponto final na questão – disse Woislav alegremente. – Mas o Mestre Franz estava menos envolvido do que a senhora, minha cara dama.

— Eu! O que quer dizer?

— Refiro-me à sua doença – respondeu o outro.

— E o senhor falou sobre isso com Azzo? Ele conhece, então, um remédio que não podia me revelar ele mesmo? – perguntou ela, sorrindo penosamente.

— O cavaleiro Azzo terá que participar de sua cura; mas falar sobre ela com a senhora ele não pode, do contrário o remédio perderia toda a eficácia – respondeu Woislav, calmamente.

— Então é algum elixir secreto, como dizem os sábios médicos que há tanto tempo cuidam de mim, e através de cujos métodos eu só faço piorar – disse Franziska, pesarosamente.

— Com certeza é algo secreto, mas também é, com certeza, uma cura – respondeu Woislav.

— Foi o que todos disseram, mas nenhum teve sucesso – retrucou a jovem, impaciente.

— Você poderia pelo menos tentar – começou Bertha.

— Porque o seu amigo o está propondo – disse o outro, sorrindo. – Não tenho dúvidas de que, mesmo que não estivesse adoentada, tomaria todos os tipos de drogas para agradar ao seu cavaleiro; mas comigo falta o estímulo, logo falta também a fé.

— Eu não falava de remédios – disse Woislav.

— Ah! Um remédio mágico! Serei curada – como foi que disse o charlatão que esteve aqui outro dia? – “através de uma simpatia.” Sim, foi isso.

— Não me oponho a que a senhora defina desse modo, se quiser – disse Woislav, sorrindo —; mas precisa saber, cara senhora, que as

providências que vou propor precisam ser tomadas ao pé da letra, e de acordo com as mais rígidas instruções.

— Acha que eu seria capaz? – perguntou Franziska.

— Certamente – disse Woislav, hesitante —, mas...

— Bem, por que não continua? Será que pensa que não terei coragem? – ela perguntou.

— A coragem com certeza é necessária para o sucesso de meu plano – disse Woislav, sério; e é por acreditar que a senhora possui com intensidade essa virtude que me atrevo a fazer tal proposta, embora empenhe minha vida na garantia de que o remédio não lhe fará mal, desde que a senhora siga exatamente as minhas instruções.

— Bem, diga-me qual é o plano, e então poderei decidir – disse a jovem.

— Só poderei dizer quando começarmos nossas operações – replicou Woislav.

— Acha que sou uma criança para ser mandada para lá e para cá sem uma razão? – perguntou Franziska, com algo de sua antiga impertinência.

— Estaria sendo muito injusta comigo, minha cara senhora, se pensasse por um instante que eu haveria de lhe propor algo de desagradável, a menos que a mais rígida necessidade assim o exigisse

— disse Woislav —, e no entanto só posso repetir minhas palavras anteriores.

— Então não concordarei – disse Franziska. – Já tentei tanta coisa, e tudo foi sem efeito.

— Dou-lhe minha honra de cavaleiro na garantia de que sua cura é certa, mas a senhora precisa se comprometer de modo solene e incondicional a fazer irrestritamente tudo o que eu orientar – disse Woislav, com grande fervor.

— Ah, imploro-lhe que consinta, Franziska. Nosso amigo não haveria de propor medidas desnecessárias – disse Bertha, tomando as mãos da prima.

— E deixe que eu acrescente minhas súplicas às de Bertha – disse

Franz.

— Como vocês todos estão estranhos! – exclamou Franziska, meneando a cabeça. – Fazem tamanho segredo sobre algo de que preciso estar a par, se devo realizar, e depois declaram com tanta segurança que vou me recuperar, quando meus próprios sentimentos me dizem que não há esperanças.

— Repito, responderei pelo resultado – disse Woislav – na condição que mencionei antes, e de que a senhora tenha coragem de levar a cabo o que começar.

— Ah! agora eu compreendo; isso, no final das contas, é tudo o que lhe parece duvidoso – exclamou Franziska. – Bem, para lhe mostrar que ao nosso sexo não faltam nem a vontade nem a força para cumprir atos corajosos, dou meu consentimento.

Com essas palavras, ofereceu sua mão a Woislav.

— Nosso pacto está então selado – ela continuou, sorrindo. – Agora, diga-me, cavaleiro, como devo começar essa misteriosa cura?

— Ela começou quando a senhora deu seu consentimento – disse Woislav, sério. – Agora, só tenho a pedir que não me faça mais perguntas, e esteja pronta para cavalgar comigo amanhã uma hora antes do pôr-do-sol. Também lhe peço que não mencione a seu pai uma palavra do que se passou.

— Estranho! – disse Franziska.

— A senhora fez o pacto; não peque por falta de determinação; e eu responderei por tudo mais – disse Woislav, encorajador.

— Bem, que seja, então. Seguirei suas instruções – disse a dama, embora ainda parecesse incrédula.

— Quando regressarmos, a senhora saberá de tudo; antes disso, é impossível – disse Woislav, para concluir. – Agora vá, minha cara senhora, e descanse um pouco; precisará de força amanhã.

Foi na manhã do dia seguinte, quando não se passara uma hora da alvorada e o orvalho ainda cobria como um véu de pérolas a grama ou pingava das pétalas das flores oscilando na brisa matinal, que o cavaleiro Woislav saiu às pressas pelos campos em direção à floresta, e tomou um caminho sombrio, por cuja direção podia-se perceber que

conduzia às torres de Klatka. Quando chegou ao velho carvalho que tivemos a ocasião de mencionar antes, procurou cuidadosamente na estrada por traços de passos humanos, mas apenas um cervo passara por ali. Parecendo satisfeito com sua busca, prosseguiu em seu caminho, embora não sem antes desembainhar seu punhal, como se quisesse ter certeza de que estaria pronto para ser usado caso houvesse necessidade.

Aos poucos subiu pelo caminho; era evidente que levava alguma coisa sob sua capa. Chegando ao pátio, deixou as ruínas do castelo pela esquerda e entrou na velha capela. No coro, Olhou atenta e cuidadosamente ao redor. Um silêncio mortal reinava no santuário deserto, apenas rompido pelo murmúrio do vento num espinheiro que crescia lá fora. Woislaw olhara ao redor antes de notar a porta que conduzia à câmara mortuária, lá embaixo; correu em sua direção e desceu. A posição do sol permitia que seus raios penetrassem pelas fendas e iluminasse com tamanha profusão a câmara subterrânea que era possível ler com facilidade as inscrições na parte superior e inferior dos caixões. Primeiro o cavaleiro colocou no chão o pacote que até então levava sob o manto, e então, indo de caixão a caixão, por fim deteve-se diante do mais velho deles. Leu a inscrição atenciosamente, tirou o punhal com cuidado da bainha e tentou levantar a tampa com a ponta da lâmina. Não foi difícil fazê-lo, pois os pregos enferrujados não se prendiam direito à madeira apodrecida.

Olhando lá para dentro, só um monte de cinzas, alguns restos de roupas e um crânio eram o conteúdo. Ele rapidamente voltou a fechá-lo e passou ao seguinte, saltando os de uma mulher e duas crianças. Ali as coisas tinham mais ou menos a mesma aparência, exceto pelo fato de que o cadáver estava inteiro até que a tampa fosse aberta, desfazendo-se depois em poeira, sendo que uns trapos de linho e ossos eram só o que se podia distinguir. No terceiro, no quarto e praticamente na meia dúzia seguinte, os corpos estavam em melhor estado de preservação: em alguns, pareciam uma espécie de múmia marrom-amarelada, enquanto em outros um crânio sem pele coberto de cabelo sorria com escárnio sob as cobertas de seda, veludo ou bordaduras mofadas; todos, porém, tinham sido tocados com a repugnante marca da decomposição. Apenas mais um caixão restava para ser inspecionado; Woislaw aproximou-se dele e leu a inscrição.

Era a mesma que antes atraía o Cavaleiro de Fahnenberg: Ezzelin von Klatka, o último que estivera em posse da torre, era descrito como jazendo ali dentro. Woislaw encontrou mais dificuldades em abrir a tampa, dessa vez; e foi apenas com o uso de grande força que por fim conseguiu retirar os pregos. Fez tudo, porém, tão

silenciosamente como se temesse acordar alguém que dormisse lá dentro; então ergueu a tampa, e lançou um olhar para o cadáver. Um involuntário “Oh” escapou de seus lábios quando ele recuou um passo. Se fosse menor sua expectativa de se deparar com a visão que se apresentou aos seus Olhos, teria ficado bem mais consternado. No caixão estava Azzo, tal como vivia e respirava, e como Woislaw o tinha visto à mesa de jantar apenas um dia antes, ao final da tarde. Seu aspecto, roupas e todo o resto eram os mesmos; além disso, ele mais parecia estar dormindo do que morto – nenhum traço de decomposição era visível – havia até mesmo uma coloração rosada em sua face. Somente pela circunstância de que o peito não se movia era possível distingui-lo de alguém que dormisse. Por alguns instantes, Woislaw não se mexeu; só conseguia olhar fixamente para o caixão. Com uma pressa atípica nos movimentos, subitamente agarrou a tampa, que lhe caíra das mãos, e, colocando-a sobre o caixão, bateu os pregos de volta no lugar. Assim que terminou o trabalho, apanhou o pacote que deixara na entrada e, deixando-o sobre o caixão, subiu rapidamente os degraus, deixando a igreja e as ruínas.

O dia se passou. Antes do entardecer, Franziska pediu a seu pai que lhe permitisse sair a cavalo com Woislaw, sob o pretexto de mostrar-lhe a região. Ele, bastante feliz em ver um sinal de melhora em sua filha, no mesmo instante consentiu; assim, acompanhados por um único criado, os dois montaram e deixaram o castelo. Woislaw estava silencioso e sério de maneira incomum. Quando Franziska começou a zombar de sua gravidade e da cura por simpatia que se aproximava, ele replicou que o que havia diante dela não era motivo para risos, e que, embora o resultado fosse com certeza uma cura, ainda assim deixaria marcas indeléveis em sua vida futura. Em meio a essas palavras, chegaram à floresta, e por fim ao carvalho, onde deixaram seus cavalos. Woislaw deu o braço a Franziska, e os dois subiram a colina devagar e em silêncio. Tinham acabado de chegar a uma das semidilapidadas fortificações, de onde podiam ter uma vista do campo aberto, quando Woislaw, falando mais para si mesmo do que para sua companheira, disse:

— Dentro de um quarto de hora o sol vai se pôr, e uma hora depois a lua terá nascido; é então que tudo terá que ser feito. Logo chegará o momento de começar o trabalho.

— Então, acho que é hora de me dar alguma idéia do que se trata – disse Franziska, olhando para ele.

— Bem, minha senhora —ele replicou, virando-se para ela, com grande solenidade na voz —, eu lhe rogo, Franziska von Fahnenberg, para o seu próprio bem, que, por seu amor ao pai que se mantém fiel à senhora com toda sua alma, pondere bastante sobre minhas palavras, e não me interrompa com perguntas a que não posso responder até que o trabalho esteja completo. Sua vida corre o maior perigo devido à doença de que está sofrendo; de fato, a senhora não terá salvação se não cumprir na íntegra o que eu lhe instruir a fazer. Agora, prometa-me que fará irrestritamente tudo o que eu disser; dou-lhe minha palavra de cavaleiro que não é nada contrário aos céus, ou à honra de sua casa; e, além disso, é a única maneira de salvá-la.

Com essas palavras, ele ergueu a mão direita diante da companheira, enquanto erguia a outra na direção do céu, em confirmação de seu juramento.

— Prometo-lhe – disse Franziska, visivelmente comovida com o tom solene de Woislaw, enquanto colocava sua mão pálida e emagrecida na dele.

— Então venha; já está na hora – foi o que ele replicou, enquanto a conduzia em direção à igreja.

Os últimos raios de sol derramavam-se lá dentro pelas janelas quebradas. Entraram no coro, a parte mais bem preservada de toda a construção; ainda havia ali alguns antigos genuflexórios, colocados diante do elevado altar, do qual no entanto nada restava além da pedra trabalhada e de alguns degraus; as pinturas e decorações tinham todas desaparecido.

— Reze uma Ave-Maria; precisará dela – disse Woislaw, pondo-se ele próprio de joelhos.

Franziska ajoelhou-se ao lado dele, e repetiu uma curta oração. Após alguns instantes, ambos se ergueram.

— O momento chegou! O sol se põe, e antes que a lua nasça tudo precisa estar acabado – disse Woislaw, prontamente.

— O que devo fazer? – perguntou Franziska alegremente.

— Está vendo ali aquela câmara mortuária aberta! – respondeu o cavaleiro Woislaw, apontando para a porta e para o lance de escada. – Deve descer. Deve ir sozinha; não posso acompanhá-la. Quando chegar à câmara mortuária, encontrará, perto da entrada, um caixão,

sobre o qual há um pequeno pacote. Abra esse pacote, e dentro dele encontrará três pregos compridos de ferro e um martelo. Faça uma pequena pausa; mas quando eu começar a repetir o Credo em voz alta, martele com toda sua força, primeiro um prego, depois o segundo e depois o terceiro, na tampa do caixão, até a cabeça.

Franziska ficou aterrada; seu corpo inteiro tremia, e ela não conseguia dizer uma única palavra: Woislaw notou-o.

— Coragem, minha cara senhora! – ele disse. – Pense que está nas mãos dos céus, e que, se não for o desejo de seu Criador, nem um único fio de cabelo cairá de sua cabeça. Além disso, repito, não há perigo algum.

— Bem, então eu obedeco – disse Franziska, reconquistando, em certa medida, sua coragem.

— O que quer que ouça, o que quer que aconteça dentro do caixão – prosseguiu Woislaw – não deve ter qualquer efeito sobre a senhora. Enterre os pregos bem fundos, sem hesitar: seu trabalho precisa ter acabado quando minha oração chegar ao fim.

Franziska estremeceu, mas novamente se recobrou.

— Vou fazê-lo; os céus me darão forças – murmurou, suavemente.

— Há mais uma coisa – disse Woislaw, hesitante —; talvez a mais difícil de todas as que propus, mas sem ela sua cura não será completa. Quando tiver feito o que lhe disse, uma espécie de – ele hesitou – uma espécie de líquido vazará do caixão; nesse líquido molhe seu dedo, e passe-o na ferida em seu pescoço.

— Isso é horrível! —exclamou Franziska. – Esse líquido é sangue. Um ser humano jaz no caixão. Um ser sobrenatural jaz ali! O sangue é o seu próprio, mas corre em outras veias – disse Woislaw, sombrio. – Não faça mais perguntas; o tempo está se esgotando.

Franziska reuniu todas as forças de sua mente e de seu corpo, seguiu na direção dos degraus que levavam à câmara mortuária, e Woislaw caiu de joelhos diante do altar, numa oração silenciosa. Depois que a dama desceu, encontrou-se diante do caixão sobre o qual estava o pacote antes mencionado. Uma espécie de penumbra reinava na câmara mortuária, e tudo ao redor estava tão quieto e pacífico que ela se sentiu mais calma e, aproximando-se do caixão, abriu o pacote. Mal vira que um martelo e três pregos longos eram seu conteúdo quando a voz de Woislaw subitamente ecoou pela igreja, rompendo a

quietude das naves laterais.

Franziska se alarmou, mas reconheceu a oração especificada. Agarrou um dos pregos e, com um golpe do martelo, enterrou-o pelo menos uns dois centímetros na tampa. Tudo estava quieto; nada se ouviu além do eco do golpe. Tomando coragem, a donzela agarrou o martelo com ambas as mãos e golpeou duas vezes o prego com toda sua força, enterrando-o até a cabeça na madeira. Nesse momento, começou a se ouvir um farfalhar; era como se algo no interior começasse a se mexer e a se debater. Franziska recuou, alarmada. Já estava a ponto de largar o martelo e correr escada acima quando Woislaw ergueu sua voz com tamanho vigor, e de maneira tão suplicante, que, numa espécie de arrebatção, como a que induz alguém a correr para dentro do covil de um leão, ela regressou para junto do caixão, determinada a levar o plano a uma conclusão. Mal sabendo o que fazia, colocou um segundo prego no centro do caixão, e, depois de alguns golpes, também ele estava enterrado até a cabeça.

O violento debater-se aumentou assustadoramente, como se alguma criatura viva estivesse tentando arrebentar o caixão – de tal modo abalado que rachou e trincou em todos os lados. Meio distraída, Franziska pegou o terceiro prego; ela não pensava mais em sua doença, apenas sabia estar correndo um perigo terrível, de uma natureza que não tinha como adivinhar: numa agonia que ameaçava privá-la de seus sentidos, e em meio aos abalos e estalos do caixão, no qual gemidos baixos agora podiam ser ouvidos, ela martelou o terceiro prego, enterrando-o igualmente fundo. Nesse momento, começou a perder a consciência. Queria sair dali correndo, mas cambaleou; e, mecanicamente tentando se agarrar a algo que a amparasse, segurou a beirada do caixão e caiu no chão ao lado dele, desmaiando.

Um quarto de hora devia ter se passado quando ela abriu novamente os Olhos. Olhou ao seu redor. Acima dela estava o céu estrelado, e a lua, que lançava sua luz fria sobre as ruínas e as copas dos velhos carvalhos. Franziska estava deitada do lado de fora da igreja, Woislaw de joelhos ao seu lado, segurando sua mão nas dele.

– Que os céus sejam louvados, a senhora está viva! – ele exclamou, com um suspiro de alívio.

— Eu estava começando a duvidar se o remédio não teria sido forte demais, e no entanto era a única possibilidade de salvá-la.

Só aos poucos Franziska recobrou de todo a consciência. O passado lhe parecia um sonho assustador. Apenas alguns momentos antes, aquela cena pavorosa; e agora aquela quietude em toda parte ao seu redor. Ela mal ousara, a princípio, erguer os Olhos, e estremeceu quando descobriu ter sido removida apenas alguns passos do lugar onde suportara tão terrível agonia. Ouvia, parcialmente inconsciente, ora às palavras mitigantes que Woislaw lhe dirigia, ora ao assobio do criado, que estava com os cavalos, e que, para passar o tempo, estava imitando a canção de um vaqueiro errante ao cair da noite.

— Vamos embora – sussurrou Franziska, enquanto tentava se erguer.
– Mas o que é isto? Meu ombro está molhado, meu pescoço, minha mão...

— Provavelmente é o orvalho da tarde na grama – disse Woislaw, delicadamente.

— Não; é sangue! – ela exclamou, pondo-se de pé num salto e com um tom horrorizado na voz. —Veja, minha mão está cheia de sangue!

— Ah, a senhora se engana, com certeza – disse Woislaw, gaguejando. – Ou talvez a ferida em seu pescoço tenha se aberto! Por favor, veja se é o caso – ele segurou-lhe a mão e a dirigiu ao local.

— Não noto coisa alguma; não sinto dor – ela disse por fim, um tanto irritada.

— Então, talvez ao desmaiar a senhora tenha batido num canto do caixão, ou tenha se cortado com a ponta de um dos pregos – sugeriu Woislaw.

— Ah, de que o senhor me recorda! – exclamou ela, estremecendo. – Vamos embora – embora! Eu lhe rogo, venha! Não permanecerei mais um instante perto deste lugar tão medonho.

Desceram o caminho muito mais rapidamente do que tinham subido. Woislaw instalou sua companheira no cavalo, e logo estavam a caminho de casa. Quando se aproximaram do castelo, Franziska começou a despejar sobre seu protetor perguntas a respeito da recente aventura; mas ele declarou que o estado de agitação em que ela se encontrava teria que fazê-lo adiar todas as explicações até a manhã seguinte, quando sua curiosidade seria satisfeita. Ao chegarem, ele a conduziu imediatamente ao quarto e disse ao cavaleiro que sua filha estava cansada demais com a cavalgada para comparecerá mesa do jantar.

Na manhã seguinte, Franziska acordou mais cedo do que andava acordando havia um bom tempo. Garantiu à sua amiga que pela primeira vez desde que sua doença começara ela tinha se sentido realmente revigorada pelo sono, e, o que era ainda mais notável, não tinha sido incomodada por seu velho e terrível sonho. Seu aspecto, que estava melhor, foi notado não apenas por Bertha, mas também por Franz e pelo cavaleiro; e, com a permissão de Woislaw, ela relatou as aventuras da tarde anterior. Ela mal concluíra o relato, e choveram perguntas sobre Woislaw acerca de uma ocorrência tão estranha.

— Por acaso – disse esse último, voltando-se para seu anfitrião – já ouviu falar em vampiros?

— Com frequência – ele respondeu –, mas jamais acreditei neles.

— Nem eu – disse Woislaw —; mas a experiência me convenceu de sua existência.

— Ah, conte-nos o que aconteceu – exclamou Bertha, ansiosa, e seu rosto pareceu se iluminar.

— Foi durante minha primeira campanha na Hungria – começou Woislaw —, quando fiquei incapacitado de lutar por algum tempo devido a este corte de espada de um janízaro em meu rosto, e outro em meu ombro. Tinha sido levado para a casa de uma respeitável família numa cidadezinha. Esta consistia no pai e na mãe, e numa filha de cerca de 20 anos de idade. Ganhavam a vida vendendo o excelente vinho da região, e a taverna estava sempre cheia de visitantes. Embora a família fosse próspera, parecia pesar sobre eles uma melancolia contínua, causada pela constante doença da filha única, uma ótima moça, e muito bonita. Ela sempre fora viçosa como uma rosa, mas fazia alguns meses que estava se tornando tão magra e debilitada, e isso sem qualquer motivo satisfatório: tentavam de todas as formas fazer com que se recuperasse, mas em vão. Como o exército estava acampado nos arredores, é claro que uma quantidade de pessoas de todos os países se reunia na taverna. Entre elas havia um homem que vinha todas as noites, quando a lua brilhava, e que impressionava a todos pela peculiaridade de suas maneiras e de sua aparência; parecia seco e cadavérico, e pratica mente não falava; mas tudo o que dizia era amargo e sarcástico. Grande atenção despertou o fato de que, embora ele sempre pedisse uma taça do melhor vinho e de vez em quando a levasse aos lábios, a taça sempre estava cheia depois que ele partia.

— Isso tudo coincide perfeitamente com o aspecto de Azzo – disse Bertha, com profundo interesse.

— A filha da casa – continuou Woislaw – piorava a cada dia, apesar da ajuda não apenas de médicos cristãos, mas também de muitos entre os prisioneiros pagãos, que foram consultados na esperança de que talvez tivessem algum remédio mágico a sugerir. Era singular o fato de que a garota sempre reclamava de um sonho, no qual o desconhecido que freqüentava a taverna a afligia e importunava.

— Exatamente como o seu sonho, Franziska – exclamou Bertha.

— Certa noite – retomou Woislaw —, um velho eslavônio – que fizera muitas viagens à Turquia e à Grécia, e que chegara mesmo a ver o Novo Mundo – e eu estávamos sentados, tomando nosso vinho, quando o estranho entrou, e sentou-se à mesa. A garrafa corria rapidamente entre meu amigo e eu, enquanto conversávamos sobre todo tipo de assunto, sobre nossas aventuras, sobre momentos de nossas vidas, tanto horríveis quanto divertidos. Continuamos conversando assim por cerca de uma hora, e bebemos uma quantidade razoável de vinho. O desconhecido ficara inteiramente em silêncio o tempo todo, limitando-se a sorrir com desdém vez por outra. Pagara sua conta, e estava indo embora. Tudo isso me preocupava um pouco – talvez o vinho me tivesse subido ligeiramente à cabeça – e eu disse ao estranho: “Espere, estranho impassível; até o momento o senhor não fez nada além de escutar, e sequer esvaziou sua taça. Agora é sua vez de nos contar algo divertido, e se não beber nosso vinho, haverá uma briga entre nós.” “Sim,” disse o eslavônio, “o senhor tem que ficar; vai conversar e beber também”, e ele agarrou – pois, embora já não fosse jovem, era grande e muito forte – o estranho pelo ombro, para puxá-lo de volta ao seu assento: esse último, porém, embora magro como um esqueleto, com um movimento da mão jogou o eslavônio no meio do salão, deixando-o meio atordoado por um momento. Eu então me aproximei para conter o estranho. Segurei-o pelo braço; e embora as molas de minha mão de ferro fossem menos poderosas do que as que tenho hoje, devo tê-lo agarrado com muita força, devido à minha ira, pois, depois de me olhar ferozmente por um instante, ele se inclinou diante de mim e sussurrou em meu ouvido: “Deixe-me ir: pela força de seu punho, vejo que é meu irmão, e portanto não retarde a busca de minha refeição de sangue. Estou com fome!” Surpreso com essas palavras, soltei-o, e quase antes que eu me desse conta disso ele deixou o salão. Assim que eu havia me recobrado minimamente de meu assombro, contei ao eslavônio o que ouvira. Ele se sobressaltou, evidentemente alarmado. Perguntei-lhe qual a causa de seu medo, e insisti para que

me desse uma explicação sobre aquelas palavras extraordinárias. No caminho para o seu quarto, ele aquiesceu. “O estranho”, ele disse, “é um vampiro!”

— Como? – exclamaram o cavaleiro, Franziska e Bertha simultaneamente, o horror evidente em sua voz. – Então esse Azzo era...

— Nada menos do que isso. Ele também era um vampiro! – replicou Woislaw. – Mas de qualquer modo a sua sede dos infernos passou para sempre; ele jamais retornará. Mas não terminei. Como em meu país nunca se ouvira falar de vampiros, fiz perguntas detalhadas ao eslavônio. Ele disse que na Hungria, Croácia, Dalmácia e Bósnia esses visitantes infernais não eram incomuns. Eram pessoas mortas que ou tinham servido de alimento a vampiros ou tinham morrido em pecado mortal, ou excomungadas; e sempre que a lua brilhava, saíam de seus túmulos e sugavam o sangue dos vivos.

— Que horrível! – exclamou Franziska. – Se tivesse me contado isso antes, eu jamais teria realizado a tarefa.

— Foi o que pensei; e no entanto esta precisa ser executada pelas próprias vítimas, enquanto outra pessoa se incumbe das rezas – replicou Woislaw. – O eslavônio – prosseguiu ele, após uma curta pausa —, acrescentou muitos outros detalhes acerca desses visitantes sobrenaturais. Disse que, enquanto sua vítima definhava, eles melhoravam de aparência, e que um vampiro possuía uma força imensa...

— Agora compreendo a mudança que sua mão falsa causou em Azzo – interrompeu Franz.

— Sim, foi isso – replicou Woislaw. – Azzo, bem como o outro vampiro, confundiu a enorme força de minha mão com a de um vampiro, e concluiu que eu era de sua espécie. Pode agora imaginar, minha cara senhora – ele prosseguiu, voltando-se para Franziska – quão alarmado fiquei com sua aparência quando cheguei: tudo o que a senhora e Bertha me diziam aumentava minha ansiedade; e quando vi Azzo, não tive mais dúvidas de que ele era um vampiro. Como soube, por seu relato, que havia nos arredores um túmulo com o nome de Ezzelin von Klatka, não tive dúvidas de que a senhora poderia ser salva se eu conseguisse convencê-la a me ajudar. Não me pareceu aconselhável relatar todos os detalhes do caso, pois sua força física estava tão debilitada que uma idéia dos horrores que havia diante da senhora poderia tê-la deixado impossibilitado de agir; por

essa razão, cuidei para que tudo se desse da maneira como enfim se deu.

— Agiu com sabedoria – replicou Franziska, estremecendo. – Jamais conseguirei ser-lhe suficientemente grata. Se eu soubesse o que seria exigido de mim, jamais teria realizado a tarefa.

— Era o que eu temia – disse Woislav —; mas a sorte nos favoreceu do princípio ao fim.

— E o que houve com a infeliz moça na Hungria? – perguntou Bertha.

— Não sei – respondeu Woislav. – Naquela mesma noite houve um alarme da aproximação dos turcos, e fomos mandados embora. Nunca mais tive notícias dela.

A conversa sobre aqueles estranhos acontecimentos prosseguiu por algum tempo. O cavaleiro determinou que a câmara mortuária em Klatka fosse fechada para sempre. Isso se deu no dia seguinte; o cavaleiro alegou como razão o fato de que não queria os mortos importunados por mãos irreverentes.

Franziska se recuperou aos poucos. Sua saúde fora tão seriamente abalada que um longo tempo se passou até que ela estivesse suficientemente revigorada a ponto de considerarem-na fora de perigo. O temperamento da jovem sofreu uma grande mudança no intervalo. Seu vigor inicial talvez tivesse, em um certo nível, diminuído, mas em lugar dele ela adquiriu uma delicadeza benevolente, que trouxe à tona todas as suas melhores qualidades. Franz continuou dedicando suas atenções à prima; mas, talvez seguindo um conselho de Bertha, era menos assíduo em exibi-las.

Suas inclinações não o levaram à batalha, à vida militar ou à conquista de honrarias; seu principal objetivo era melhorar a condição e aumentar a felicidade de seus servidores, e para tanto ele empenhava toda a energia de sua mente. Franziska não conseguiu resistir aos sinais discretos da contínua devoção jovem; e não se passou muito tempo até que o crédito que ela se via obrigada a dar aos seus nobres esforços pelo bem-estar de seus semelhantes se transformasse em afeto, que continuou crescendo, até que por fim assumiu as características do amor. Como Woislav insistisse em fazer de Bertha sua esposa antes de regressar à Silésia, foram tomadas providências para que o casamento se desse em sua presente moradia.

Que surpresa feliz teve o Cavaleiro de Fahnenberg quando sua filha e Franz de igual modo suplicaram suas bênçãos, e manifestaram o desejo de ser unidos no mesmo dia! Essa data logo chegou, e viu as expressões radiantes de dois felizes casais.

PARA SER LIDO COM RESERVAS – Charles Dickens



Observei sempre uma geral falta de coragem, até mesmo entre pessoas de inteligência e cultura superiores, em revelar suas próprias experiências psicológicas quando estas são de uma natureza estranha. Quase todos receiam que relatos desse tipo poderiam não encontrar experiências semelhantes ou receptividade na vida interior de um ouvinte e ser vistos com reservas ou como dignos de chacota. Um viajante veraz que houvesse visto uma criatura extraordinária semelhante a uma serpente do mar não temeria mencioná-lo; mas o mesmo viajante, caso tivesse tido algum pressentimento, impulso, pensamento fantasioso (a assim chamada) visão, sonho ou outra impressão mediúnica extraordinária, hesitaria muito antes de confessá-lo. A essas reticências atribuo muito da obscuridade na qual tais assuntos estão envolvidos. Não comunicamos habitualmente nossas experiências desses fatos subjetivos da mesma forma que nossas experiências da criação objetiva. A consequência é que o conhecimento público dessas experiências parece ser incomum, e realmente é, em virtude de ser lamentavelmente incompleto.

Com o que estou prestes a relatar não tenho nenhuma intenção de avançar, opor ou sustentar qualquer teoria que seja. Conheço a história do livreiro de Berlim, estudei o caso da esposa de um falecido astrônomo real tal como me foi relatado por Sir David Brewster e acompanhei, até os mínimos detalhes, um caso muito mais notável de ilusão espectral ocorrido em meu círculo de amizades. Talvez seja necessário declarar quanto a este último que a pessoa em questão (uma senhora) não era absolutamente em qualquer grau, mesmo distante, relacionada a mim.

Uma suposição equivocada sobre esse fato poderia sugerir uma explicação de parte de minha história – mas somente de parte – totalmente sem fundamento. Ela não deve ser atribuída a minha herança de qualquer peculiaridade desenvolvida; eu também jamais tive qualquer experiência semelhante desde então.

Há anos – não importa se há muitos ou poucos – foi cometido na Inglaterra um certo homicídio que atraiu grande atenção. Comentam-se mais do que se deveria notícias sobre assassinos, as quais, avolumadas proporcionalmente à sua atrocidade, assaltam nossos ouvidos, e meu desejo seria, se pudesse, enterrar a lembrança desse vilão em particular, tal como seu corpo o foi, na prisão de Newgate. Abstenho-me intencionalmente de dar qualquer pista direta da identidade do criminoso.

Quando o assassinato foi descoberto, nenhuma suspeita recaiu – ou antes diria, pois não posso apresentar os fatos exatos, nenhuma suspeita foi publicada – sobre o homem que posteriormente foi levado a julgamento.

Como nenhuma referência a ele se fez àquela ocasião nos jornais, é obviamente impossível que qualquer descrição sua àquela época tenha sido dada nos jornais. É fundamental que se tenha esse fato na lembrança.

Ao abrir meu jornal matutino durante o desjejum, o relato daquela primeira descoberta chamou minha atenção e o li com vivo interesse. Eu o li duas vezes, talvez três. Ela fora feita em um quarto de dormir e, quando baixei o jornal, tive consciência de um clarão de luz – agitação, fluxo, não sei como designado, não consigo encontrar nenhuma palavra para descrevê-lo satisfatoriamente – no qual eu parecera ver aquele quarto atravessando minha sala, como um quadro absurdamente pintado sobre as águas correntes de um rio. Não obstante quase instantâneo em sua aparição, ele era perfeitamente visível; tão visível que eu, com uma sensação de alívio, observei distintamente a ausência do corpo morto na cama.

Não foi em um lugar romântico que tive essa sensação curiosa, e sim em aposentos na Picadilly, bem próximos a Saint James Street. Nunca me ocorrera algo parecido. Estava em minha poltrona naquele momento, e a sensação foi acompanhada de um estremecimento singular que moveu a cadeira. (Mas devo dizer que os pés em rodízio facilitavam o movimento.) Dirigi-me a uma das janelas (havia duas no aposento, e este ficava no segundo andar) para revigorar meus Olhos na agitação de Picadilly.

Era uma manhã clara de outono, e a rua estava cheia de vida e alegria.

O vento soprava forte. Quando olhei para fora, ele trazia do parque grande quantidade de folhas caídas, que uma rajada apanhou e girou em uma coluna espiralada. À medida que a espiral caía e as folhas se dispersavam, vi dois homens no lado oposto do caminho, caminhando

do oeste para o leste. Um seguia o outro. O que estava à frente olhava constantemente sobre os ombros, para o que vinha atrás. O segundo o seguia, a uma distância de cerca de trinta passos, com sua mão direita levantada, num gesto ameaçador. A estranheza e constância de seu gesto ameaçador em um lugar tão público atraíram minha atenção, em primeiro lugar; e em segundo, a circunstância ainda mais extraordinária de ninguém atentar para ele. Ambos os homens abriam caminho por entre os outros transeuntes, com uma facilidade muito pouco compatível com a ação de andar sobre uma calçada, e ninguém, que eu pudesse ver, lhes abria caminho, tocava-os ou olhava para eles.

Ao passarem diante de minhas janelas, ambos me fitaram. Vi distintamente seus rostos e soube que poderia reconhecê-los em qualquer lugar. Não que eu registrasse conscientemente qualquer traço notável em seus rostos, exceto que o homem que ia à frente tinha uma aparência inusitadamente sombria e que a face do homem que o seguia era da cor de cera suja.

Sou solteiro, e meu criado e sua esposa constituem toda a minha criadagem. Trabalho em um certo Branch Bank e gostaria que minhas obrigações como chefe de uma seção fossem tão leves quanto se julga. Elas me prenderam na cidade naquele outono, quando necessitava de uma mudança. Não estava doente, mas não me sentia bem. Meu leitor deve levar em conta, tanto quanto for razoável, meu estado de exaustão, sob a pressão de um desânimo diante de uma vida monótona e num estado “ligeiramente dispéptico”. Meu médico, de grande reputação, assegurou-me que meu estado de saúde real àquela época não justifica uma descrição mais severa, e cito suas próprias palavras, na resposta por escrito às minhas indagações.

À medida que as circunstâncias do assassinato, gradualmente esclarecendo-se, captavam com força cada vez maior a atenção do público, eu as afastava da minha, delas sabendo tão pouco quanto possível em meio à agitação geral. Mas eu sabia que o réu fora confinado em Newgate e aguardava seu julgamento por homicídio doloso. Eu também sabia que esse julgamento fora adiado numa sessão do Tribunal Penal Central⁽³⁾, sob alegação de pré-julgamento e tempo insuficiente para a preparação da defesa. É possível também que eu tenha obtido informações – mas acredito que não – sobre o dia, ou data aproximada, do julgamento.

Minha sala de estar, dormitório e quarto de vestir [closet] ficam todos no mesmo andar. Nenhuma comunicação com este último existe, senão através do dormitório. É verdade que nele existe uma porta,

que se comunicava com a escadaria; mas uma parte dos encaamentos de meu banheiro foi – desde há alguns anos – fixada nela. Na mesma época, e como parte da mesma reforma, a porta foi pregada e pintada.

Estava em pé em meu quarto uma noite, bem tarde, dando algumas instruções a meu criado antes de ele recolher-se. Encontrava-me de frente para a única porta de comunicação com o quarto de vestir, a qual estava fechada. Meu criado achava-se de costas para essa porta. Enquanto falava, eu a vi abrir-se e aparecer um homem, olhando para dentro do quarto, um homem a acenar para mim com gestos graves e misteriosos. Esse homem era o mesmo que seguira o outro em Picadilly e cuja face tinha uma cor de cera suja.

Após acenar, a figura recuou e fechou a porta. Num espaço de tempo não maior do que o necessário para atravessar o quarto de dormir, abri a porta do quarto de vestir e olhei para dentro. Eu já tinha na mão uma vela acesa. Intimamente não esperava ver a figura no quarto de vestir e, de fato, não a vi.

Consciente do espanto de meu criado virei-me para ele e disse:

“Derrick, você acreditaria que vi, com meus próprios Olhos, um.....”

Neste instante, pus minha mão em seu peito e ele, com um súbito e violento tremor, disse:

“Sim, senhor, sim! Um morto acenando!”

Ora, não creio que esse John Derrick, meu fiel e dedicado criado durante mais de vinte anos, tivera qualquer impressão de ver tal figura antes de eu o tocar. A mudança nele foi tão espantosa quando eu o toquei que acredito piamente que essa impressão, de alguma forma oculta, comunicou-se de mim para ele naquele instante.

Roguei a John Derrick que me trouxesse um pouco de conhaque e lhe servi um gole, antes de tomar um pouco também eu. Do que antecederia ao fenômeno naquela noite não lhe disse uma só palavra. Refletindo sobre isso, convenci-me de que absolutamente jamais vira aquele rosto antes, exceto naquela ocasião em Picadilly. A comparação de sua expressão quando acenara na porta, com sua expressão quando me fitara à janela, levou-me à conclusão de que na primeira ocasião ele procurara imprimir-se em minha memória e de que na segunda certificara-se de ser imediatamente lembrado.

Fiquei um pouco inquieto naquela noite, embora sentisse uma

certeza, difícil de explicar, de que a figura não retornaria. À luz do dia, caí em um sono pesado, do qual fui acordado pela presença de John Derrick ao pé de minha cama, com um papel na mão.

Esse papel, ao que parece, fora objeto de uma discussão à porta, entre seu portador e meu criado. Era uma convocação para fazer parte de um corpo de jurados na próxima sessão do Tribunal Criminal Central em Old Bailey. Eu jamais fora convocado antes para um júri, como John Derrick bem sabia. Ele acreditava – e não estou certo agora se com ou sem razão – que aquele corpo de jurados era normalmente escolhido entre homens de classe inferior à minha, e ele de início recusara-se a receber a convocação. O homem que a entregava permanecera impassível. Disse que o cumprimento não lhe dizia respeito; ali estava a convocação; e que a mim cabia resolver a questão, por minha conta e risco, não a ele.

Durante um dia ou dois fiquei indeciso quanto a obedecer ao chamado ou ignorá-lo. Não me passou pela cabeça coisa alguma relacionada a aspectos misteriosos, influência ou atração, fossem quais fossem. Disso estou absolutamente certo, assim como de qualquer outra afirmação que aqui faço. Por fim, decidi, como uma maneira de quebrar a monotonia de minha vida, que iria.

A manhã marcada era uma manhã fria e úmida do mês de novembro. Picadilly estava coberta de uma névoa parda, que se tornou simplesmente negra e extremamente opressiva a leste de Temple Bar.²⁸ Encontrei as passagens e escadarias da corte tomadas pela luz resplandecente dos lampiões de gás, e o próprio tribunal igualmente iluminado.

Acho que, até o momento em que fui conduzido por oficiais ao recinto e o vi ocupado por uma multidão, não sabia que o assassino deveria ser julgado naquele dia. Acho que, até ser levado com muita dificuldade ao recinto do tribunal, não sabia a qual dos dois recintos da corte minha convocação me levaria. Mas isso não deve ser tomado como uma afirmação cabal, pois não estou totalmente convencido quanto a nenhum desses fatos.

Sentei-me no lugar destinado aos jurados e passei meus Olhos pelo recinto tanto quanto me permitiu a densidade da névoa e de hálito úmido que nele pairavam pesadamente. Observei o negro vapor que pendia como uma cortina escura fora de grandes janelas e chamaram-me a atenção o som compacto de rodas sobre a palha ou cascas de árvore que cobriam a rua e também o murmúrio das pessoas ali reunidas, que um zunido agudo, ou um refrão ou saudação mais altos

do que os outros sons vez por outra atravessavam. Logo em seguida, os juízes – eram dois – entraram e tomaram seus lugares. O burburinho no tribunal foi veementemente silenciado. Ordenou-se que o criminoso fosse trazido ao cancelo.

Ele ali se apresentou. E no mesmo instante reconheci nele o primeiro dos dois homens que haviam caminhado por Picadilly.

Se meu nome fosse então chamado, duvido que tivesse conseguido responder com voz audível. Mas ele foi pronunciado cerca de seis ou oito vezes na lista de jurados e então fui capaz de dizer “Presente”.

Pois bem, observem. Quando subi ao tablado, o prisioneiro, que até então tudo olhava atentamente, mas sem qualquer sinal de preocupação, tomou-se de violenta agitação e acenou para seu advogado. O desejo do prisioneiro a me opor era de tal forma manifesto que provocou uma pausa, durante a qual o advogado, com a mão no banco dos réus, sussurrou com seu cliente e balançou a cabeça. Eu soube posteriormente, por aquele senhor, que as primeiras palavras amedrontadas do prisioneiro a ele foram “Recuse, a todo custo, aquele homem!” Mas, como ele não quis dar o motivo para tal e admitiu que sequer sabia meu nome antes de ele ser pronunciado e eu me apresentar, isso não foi feito.

Tanto pelos motivos já expostos – pois não é meu desejo trazer novamente à baila a memória nefasta daquele assassino – e também porque um relato detalhado desse longo julgamento não é absolutamente indispensável à minha história, limitar-me-ei exclusivamente aos incidentes, nos dez dias e noites durante os quais nós, os jurados, fomos mantidos juntos, pois dizem respeito somente a minha estranha experiência pessoal. É para isso, e não para o assassino, que desejo chamar a atenção de meu leitor. É para isso, e não para uma página dos registros de Newgate, que lhe rogo o obséquio de sua atenção.

Fui escolhido para ser o primeiro jurado. Na segunda manhã do julgamento, depois que as provas haviam sido apresentadas durante duas horas (ouvi o relógio da igreja soar duas vezes), ocorreu-me percorrer os Olhos pelos meus companheiros jurados e encontrei uma dificuldade inexplicável em contá-los. Contei-os diversas vezes, e no entanto sempre com a mesma dificuldade. Em suma, percebi que seu número excedia o normal.

Toquei o jurado próximo a mim e lhe sussurrei: “Por favor, conte quantos somos”. Ele Olhou surpreso diante do pedido, mas voltou sua

cabeça e contou. “Ora”, disse ele subitamente, “somos três...; mas não, não é possível. Não, somos doze”.

Segundo minha contagem naquele dia, nosso número estava sempre certo no pormenor, mas no todo sempre superior. Não havia nada aparentemente – nenhum número – que o explicasse; mas eu tinha agora um pressentimento do número que certamente surgiria.

O júri foi hospedado na London Tavern. Dormíamos todos em um quarto grande, em camas separadas e ficávamos continuamente sob as ordens e a vigilância de um oficial encarregado, sob juramento, de nossa segurança. Não vejo motivos para omitir o nome real daquele oficial. Ele era inteligente, extremamente polido e prestativo e (fiquei feliz em saber) muito respeitado. Tinha uma aparência agradável, Olhos benevolentes, invejáveis costeletas negras e uma voz bela e sonora. Seu nome era sr. Harker.

Quando voltamos para nossas doze camas à noite, a cama do Sr. Harker foi colocada em frente à porta. Na noite do segundo dia, como eu não estivesse inclinado a me deitar e visse o sr. Harker sentado em sua cama, fui sentar-me a seu lado e lhe ofereci uma pitada de rapé. Quando a mão do sr. Harker tocou a minha ao pegá-lo de minha caixa, ele foi tomado de um estremecimento singular e disse: “Quem é esse!”

Seguindo o olhar do sr. Harker e olhando para o quarto, vi novamente a figura que eu esperava: o segundo dos dois homens que haviam atravessado Picadilly. Levantei-me e dei alguns passos; então parei e olhei novamente para o sr. Harker.

Ele estava bem despreocupado, riu e disse de um modo amável, “por um instante pensei ter visto um décimo terceiro jurado, sem uma cama. Mas vejo que é o luar”.

Nada revelando ao sr. Harker, mas convidando-o a dar uma volta comigo até o fim do aposento, observei o que fazia a figura. Permaneci por uns momentos ao lado de cada um de meus onze companheiros jurados, junto ao travesseiro. Ela se movia sempre do lado direito da cama e sempre passava para o pé da cama seguinte. Pareceu-me, pelo movimento da cabeça, apenas olhar para baixo pensativamente, para cada uma das figuras deitadas. Não tomou conhecimento de mim, nem de minha cama, que era próxima à do sr. Harker. Pareceu sair por onde entrava a luz do luar, através de uma janela alta, como por uma escada etérea.

Na manhã seguinte, ao desjejum, pareceu que todos os presentes

havia sonhado naquela noite com o homem assassinado, exceto eu próprio e o sr. Harker.

Eu estava agora convencido de que o segundo homem que atravessara Picadilly era o assassinado (por assim dizer), como se esse fato fosse gerado em minha consciência por seu testemunho direto. Mas até mesmo isso ocorreu de uma forma para a qual eu não estava absolutamente preparado.

No quinto dia do julgamento, quando as provas da promotoria chegavam a seu termo, foi apresentado um retrato em miniatura do homem assassinado, que desaparecera de seu quarto de dormir à época da descoberta do fato e depois encontrada no esconderijo que o assassino fora visto a cavar. Identificado pela testemunha interrogada, foi levado ao banco e entregue à inspeção dos jurados. Quando um oficial, em um manto negro, dirigia-se com ele até mim, a figura do segundo homem que atravessara Picadilly impetuosamente saiu da multidão, tomou a miniatura do oficial e deu-a para mim com suas próprias mãos, dizendo ao mesmo tempo em uma voz baixa e cava, antes que eu visse a miniatura, que estava em um medalhão: “Eu era jovem e meu rosto ainda não estava exangue.”

Ele também se postou entre mim e o jurado próximo, a quem eu deveria passar a miniatura e entre ele e o jurado ao qual aquele deveria entregá-lo, assim procedendo até que a passasse a todos os jurados e em seguida devolvendo-a a mim. Nenhum deles, contudo, apercebeu-se disso.

À mesa, e geralmente quando estávamos enclausurados sob a custódia do sr. Harker, desde o início nossas conversas sempre se dirigiam aos detalhes das ocorrências do dia. Naquele quinto dia, concluídas as provas da promotoria e estabelecido por nós o quadro dessa questão, nossa discussão tornou-se mais animada e séria. Entre nós encontrava-se um membro do conselho paroquial – o maior idiota que eu jamais encontrara —, que objetou da maneira mais ridícula as provas mais evidentes e que foi secundado por dois parasitas paroquiais balofos – todos os três recrutados de um distrito tão entregue à exaltação que deveriam ser eles próprios julgados por centenas de assassinatos. Quando esses estúpidos nefastos estavam no auge de sua exaltação, o que ocorreu por volta da meia-noite, quando alguns de nós já se preparavam para ir para a cama, vi novamente o homem assassinado. Ele postou-se solenemente atrás deles, acenando para mim. Quando me dirigi a eles e intervim na conversa, ele imediatamente retirou-se. Essa foi a primeira de uma

série de aparições isoladas, circunscritas àquele grande aposento a que nós nos encontrávamos circunscritos.

Toda vez que um grupo de meus colegas jurados aproximava suas cabeças, eu via a cabeça do homem assassinado entre elas. Toda vez que sua comparação de notas lhe era desfavorável, ele solene e resolutamente acenava para mim.

Deve-se ter em mente que, até a apresentação do resumo no quinto dia do julgamento, eu nunca vira a aparição no tribunal. Três mudanças ocorreram quando se iniciou a apresentação da defesa. Duas delas mencionarei juntas, em primeiro lugar. O fantasma estava sempre no tribunal, e ele nunca lá se dirigia a mim, mas sempre à pessoa que estava falando no momento. Por exemplo, a garganta do homem assassinado havia sido cortada em linha reta. No discurso de abertura da defesa, sugeriu-se que o morto poderia ter cortado sua própria garganta. Naquele mesmo instante, a figura, com sua garganta nessa condição terrível a que se referiu (ela havia escondido isso anteriormente), se postou ao lado do falante, movendo ora sua mão esquerda, ora sua mão direita pela sua traquéia, dando a entender com veemência ao próprio falante a impossibilidade de que tal ferida tivesse sido infligida por qualquer uma das mãos. Outro exemplo: uma mulher testemunhou em favor do caráter do prisioneiro, dizendo ser ele o mais amável dos seres. O fantasma, naquele instante, postou-se à sua frente, encarando-a e apontando para a expressão malévola do prisioneiro com um braço estendido e o dedo em riste.

A terceira mudança a ser agora acrescentada causou-me forte impressão, por ser a mais eloqüente e extraordinária de todas. Não avanço nenhuma hipótese sobre ela; descrevo-a com exatidão, simplesmente.

Embora a aparição não fosse em si percebida por aqueles a quem ela se dirigia, sua aproximação era invariavelmente acompanhada de um tremor ou perturbação por parte dessas pessoas. Parecia-me que alguma lei a mim inacessível o impedia de se revelar aos outros e, todavia, como se ele pudesse, invisível, silenciosa e sombriamente toldar seus espíritos.

Quando o principal advogado de defesa aventou a hipótese de suicídio e o fantasma postou-se junto àquele cavalheiro erudito, serrando aterroradamente sua garganta, o advogado inequivocamente vacilou em seu discurso, perdeu por alguns instantes o fio de seu discurso engenhoso, enxugou sua testa com um lenço e ficou

extremamente pálido. Quando a testemunha em favor do caráter foi desafiada pela aparição, seus Olhos visivelmente seguiram a direção do dedo em riste e pousaram com grande hesitação e perturbação no rosto do prisioneiro.

Dois exemplos adicionais bastarão. No oitavo dia do julgamento, depois da pausa que se fazia diariamente no início da tarde para um descanso de alguns minutos e uma refeição ligeira, voltei para o tribunal com os demais jurados, um pouco antes do retorno dos juízes. De pé no tablado e olhando a minha volta, julguei que o fantasma não estava lá, até que, levantando por acaso meus Olhos para a galeria, vi-o inclinando-se para a frente e encostando-se em urna mulher muito distinta, como se para verificar se os juízes haviam retomado ou não seus lugares. Imediatamente depois, aquela mulher gritou, desmaiou e foi carregada para fora. O mesmo ocorreu com o venerável, sagaz e paciente juiz que presidia ao julgamento. Quando a defesa terminou e ele reuniu os documentos para a súmula, o homem assassinado entrou pela porta dos juízes, avançou para a mesa de Sua Excelência e Olhou ansiosamente por sobre seu ombro para as páginas de suas anotações, que ele estava virando. Sua fisionomia se transformou; sua mão deteve-se; o singular tremor que eu tão bem conhecia atravessou-o; ele vacilou,

“Perdoem-me, cavalheiros, por alguns instantes. Creio que o ar viciado me afetou”, e não se recobrou antes de tomar um copo d’água.

Durante toda a monotonia daqueles dez dias intermináveis – os mesmos juízes e os demais em seus lugares, o mesmo assassino no banco dos réus, as mesmas entoações de perguntas e respostas a ressoar pela sala do tribunal, o mesmo ranger da pena do juiz, os mesmos oficiais entrando e saindo, as mesmas luzes acesas à mesma hora, não obstante a luz natural do dia, a mesma cortina de fumaça fora das grandes janelas quando havia névoa, a mesma chuva tamborilando e gotejando quando chovia, as mesmas pisadas do carcereiro e do prisioneiro dia após dia na mesma serragem, as mesmas chaves a fechar e abrir as mesmas portas pesadas – durante toda a cansativa monotonia que me fez sentir como se fora o primeiro jurado durante um enorme período do tempo e Picadilly tivesse vicejado contemporaneamente à Babilônia, o homem assassinado nunca perdeu um traço de sua visibilidade em meus Olhos, e tampouco em momento algum se fez menos nítido do que qualquer outra pessoa.

Na verdade, não devo omitir que sequer uma vez vi a aparição que designo por homem assassinado olhar para o assassino. Repetidas vezes perguntei-me por que não o fazia. Mas ele não o fazia.

Ele tampouco Olhou para mim, após a apresentação da miniatura, até os últimos minutos de conclusão do julgamento. Nós nos retiramos para deliberar às sete para as dez da noite. O apalermado membro de conselho paroquial e seus dois parasitas paroquiais nos deram tanto trabalho que por duas vezes retornamos ao tribunal para requerer a leitura de certos extratos das anotações dos juízes. Para nove de nós não havia qualquer dúvida quanto a essas passagens, tampouco, creio eu, para qualquer outra pessoa no tribunal; o triunvirato de patetas, contudo, não desejando senão a obstrução, justamente por isso objetava a elas. Por fim vencemos e finalmente o júri retornou ao tribunal à meia-noite e dez.

O homem assassinado colocou-se no lugar oposto ao banco dos jurados, no outro lado do Tribunal. Quando tomei meu lugar, seus Olhos pousaram em mim, com grande atenção; ele parecia satisfeito e vagarosamente agitou um grande véu cinza, que carregava em seu braço, pela primeira vez sobre a cabeça. No momento em que declarei nosso veredicto de “Culpado”, o véu caiu e tudo desapareceu, deixando vazio seu lugar.

Quando o juiz, segundo o costume, perguntou-lhe se desejava declarar algo antes que lhe fosse dada a sentença de morte, o assassino murmurou indistintamente algo que foi descrito pelos principais jornais do dia seguinte como “umas poucas divagações incoerentes e palavras semiinaudíveis, pelas quais deu a entender que não tivera um julgamento justo porque o primeiro jurado se colocara contra ele”.

A extraordinária declaração que ele realmente fizera é a seguinte: “Meu senhor, eu soube que estava condenado quando o primeiro jurado de meu julgamento subiu ao banco. Meu senhor, eu soube que ele nunca me libertaria, porque, antes que eu fosse preso, ele pôs-se ao lado de minha cama à noite, não sei como, acordou-me e pôs uma corda em volta de meu pescoço.”

O EFEITO PANORAMA – Claire L. Evans

Dolores seguiu as instruções da Torre de Controle e mergulhou os cogumelos no chá. Era um pouco mais complicado do que simplesmente mastigar cápsulas e caules, mas precisavam de métodos compatíveis com os experimentos terrestres. Livre de gravidade, o vapor de chá formou uma bolha ondulada, sinuosa como uma criatura marítima. Ela assistiu ao espetáculo, fascinada, e assim que a água ficou pronta, abriu um armário intitulado “Experimentos Panorama: Psilocibina 017” e pegou o primeiro pacote à vista de pó marrom embalado a vácuo.

Coube a ela rir. O laboratório havia desconstruído os cogumelos. De alguma forma, transmutaram a essência deles numa substância mensurável e selaram-na numa sacola plástica – agora em órbita, a quilômetros da Terra. Quando criança, ela costumava encontrá-los cravados nos solos argilosos e musgosos da antiga floresta perto de sua casa, e então os devorava. Eram úmidos, pungentes, exalavam o aroma enigmático dos fungos, um pouco assustadores, mas também simples. Um alimento. Fazia tanto tempo.

“Dolores, status solicitado.”

Instintivamente, Dolores se voltou para a fonte da voz, embora ela ressoasse em todo lugar e em lugar nenhum, emanando da nave inteira: uma cadência suave, masculina. Um sistema de inteligência artificial chamado SR9, criado para observar e surpreender Dolores perpetuamente, enquanto a psiconauta, por sua vez, observava a Terra, compilando dados e enviando os relatórios à Torre de Controle em tempo real.

“Tudo nos conformes, Senhor-Nove. Só estava rindo de uma observação pessoal. Nenhum efeito a bordo.”

O chá, meio amargo, tinha um sabor terreno mesmo, apesar dessa distinção soar ridícula. Todos os alimentos têm um sabor “terreno”, não? Ela deixou a cozinha num impulso e atravessou o corredor rumo

à sala de observação. Depois de se prender à rede de descanso, fixou um longo canudo de plástico no contêiner de chá e se ajeitou, ocultando o arco da grande janela da cúpula com a sombra curva de seu corpo.

A rede não balançou; cambaleou a esmo até o alcance das cordas. Mesmo depois de aprender tudo sobre o funcionamento da estação, a Terra ainda parecia girar como uma bola de brinquedo sob a janela. Ela sorvia o chá enquanto assistia ao sol nascer e se pôr repetidamente. Ansiosa. Ainda não sentia os efeitos do cogumelos.

Durante os experimentos terrestres, alguém lhe contou que voar em órbita era como estar continuamente em queda ao redor do planeta. No abrigo secreto, em algum lugar do Meio-Oeste, com 2.000 miligramas de MDMA ricocheteando em seu tronco cerebral, a informação não era útil. Mas ela a reteve. A Torre de Controle era um zero à esquerda no quesito festas. As drogas eram gratuitas, mas aquelas noites na Terra sempre acabavam com psiconautas choramingando nos cantos da sala, tocando os rostos uns dos outros na escuridão. Claro, a Terra também estava em queda – ao redor do Sol.

SR9 para Torre de Controle: A cobaia Dolores iniciou o Experimento Psilocibina 017 sob minha supervisão. Os sistemas psicológicos apresentam atividades normais para este estágio de estímulo. O humor parece estável. Prosseguimos em Órbita Terrestre Baixa.

Na verdade, tudo estava caindo. Dolores sentiu o fulgor familiar dos cogumelos irromper: uma pequena sensação cortante se espalhando a partir da mandíbula, como uma sede, aquecendo os músculos de seu corpo. Náusea.

Aos poucos, o pulso acelerou. Ou será que desacelerou depressa? Sem condições de calibrar a sensação, ela começou a fazer o que havia aprendido, focar na percepção da Terra janela afora, lá embaixo, lá em cima, ali do lado.

Como saber se não estava mesmo em queda, mais próxima da Terra a cada momento? Toda vez que ela a espiava, parecia um planeta diferente. Quando conheceu Astrid, foi assim: ela desviou o olhar por um instante, para então descobrir, ao se voltar, que havia uma pessoa completamente nova sentada à sua frente. Uma Astrid segurando um garfo, talvez, ou uma Astrid conversando com animais.

Maravilhada, ela fitou a desconhecida, uma figura magnífica, tentando memorizá-la. Havia Astrids infinitas no primeiro ano delas juntas. Com o tempo, Dolores entendeu o padrão. Foi como perceber o instante em que um loop de vídeo começa: eram todas a mesma Astrid, de ângulos diferentes. A própria Astrid era imutável, teimosa, sempre às voltas com algo.

– Senhor?

– Olá, Dolores.

– Acessar banco de dados literário.

Um zumbido indicou que a Inteligência Artificial registrou o pedido. O SR9 foi programado para ser documentarista e mordomo, mas sobrou banda o bastante para acomodar a biblioteca pessoal da psiconauta, completa, com seu sistema de armazenamento arcano, carregada diretamente de seu mapa mental. Qualquer obra que não estivesse disponível ela podia requisitar com uma breve transmissão à Terra. O sistema precisou mudar para uma modalidade diferente, e Dolores esperou enquanto os milhares de sensores de gravação engatavam no piloto automático. A Torre de Controle logo receberia a gravação completa disso, e passaria meses analisando a escolha de Dolores, mas ela estava acostumada a ser observada. Eles já tinham visto a psiconauta nua com um abajur na cabeça diversas vezes.

– O que você deseja?

– Europa, Século XVII. Poesia.

– Metafísica ou cavaleiresca?

Dolores franziu a testa.

– Metafísica.

– Você gostaria de fazer uma seleção?

– Não, não. John Donne. Elegia 20, por favor. Adiante vinte estrofes.

SR9 para Torre de Controle: *A amostra 017 de psilocibina parece ter sido metabolizada. As pupilas estão dilatadas. A frequência cardíaca aumentou dez por cento. A cobaia solicitou poesia metafísica; arquivar em transcrições sobre Seleções de Mídia de Dolores, documento 0-24.*

Dois acordes de música de espera depois, o Senhor-Nove leu, em ritmo preciso:

“Minha América! Minha terra à vista, Reino de paz, se um homem só a conquista, Minha mina preciosa, meu império! Feliz de quem penetre o teu mistério!”

– Devo continuar?

Dolores sempre sentiu que o amor era um processo de estampagem. Consumir todos os centímetros de outra pessoa, até que sejam completamente recriados como uma experiência sensorial na mente. Impossível, claro, mas o desejo é real, de aprender cada arco e cada cheiro, cada gesto, de usurpar e mapear. A certa altura, a outra pessoa torna-se conhecida por completo, como um continente, e é então que o novo mundo acaba.

A Terra pairava gigantesca na janela. Não dava para vê-la de uma só vez, não como os astronautas de outrora, mais elevados, enxergavam. Na época, chamaram-na de bola de gude, e a ocultaram com seus polegares enquanto circundavam a lua. Isso foi muito antes dela nascer, muito antes daquela história na Universidade, muito antes das drogas, antes dos experimentos, antes de Astrid.

Um traço grosso de escuridão varreu o planeta, engolindo os continentes com a noite. Dolores meneou na rede, rumo à janela. No quadro, o ombro alaranjado da África, parcialmente atenuado pelas nuvens, galanteador. No quadro, margens da atmosfera, fluidas e estranhas, dançando sobre o azul brutal do Atlântico. E agora a América.

Primeiro, o probóscide do Cabo de onde ela decolou, lançando um olhar malicioso ao mar, e então planícies marrons pontilhadas por lagos, os campos abertos de sua infância. Ela sentiu as drogas baterem com força agora. Vastos desertos onde ela e Astrid acamparam, gravemente despreparadas, amontoadas sob estrelas sibilantes.

Ela apalpou o vidro à medida que o continente se desenrodilhava lá embaixo, os desertos virando cordilheiras, virando Califórnia, e então o Pacífico.

– Minha América! – bradou Dolores, já com saudades.

– Devo continuar o poema?

Ela ergueu os braços como um animal em direção à voz de lugar nenhum.

– Que se dane! Sei de cor.

SR9 para Torre de Controle: A cobaia está em um estado suspenso. Efeitos somáticos qualitativos estão atingindo picos no painel. A cobaia parece estar vivenciando efeitos suaves de sinestesia em conjunção com uma intensificação de reações afetivas e uma regressão a comportamentos primitivos e infantis.

Os primeiros astronautas que apreciaram tal vista voltaram para casa com histórias: visões místicas, momentos deslumbrantes de conectividade, ver o planeta sem fronteiras ou linguagens. Foi algo poderoso; mudou a vida desses homens para sempre. Chamaram-no de “Efeito Panorama”. Dolores estava estudando as modulações do fenômeno; ou melhor, o SR9 estava, observando Dolores enquanto ela zurrava e tropeçava pela cápsula, dia após dia, e Astrid continuava vivendo entre os bilhões de humanos giratórios lá embaixo.

Astrid nunca foi fá de alucinógenos. Tomaram ácido uma vez, nos primeiros meses da relação. Quando bateu, ela ficou bem quieta e passou uma hora observando o próprio reflexo no espelho, de todos os ângulos, em terror e silêncio. Por fim, Dolores a afastou do banheiro e foram ao parque, onde a grama cambaleava e as beiras das nuvens sumiam como bruma no ar. Astrid teve medo; ela achou que aquilo era belo demais, e que um dia acabaria. Com um forte abraço, Dolores a reconfortou e assegurou, como uma tola, que nada assim tão belo poderia terminar.

Imagens de Astrid despencavam na mente de Dolores como uma folha de papel cai no chão. Os longos membros de Astrid se cruzavam enquanto ela lia. Astrid sob a luz opaca, entre as cobertas delas, enquanto combatiam o dia. Astrid cantando o último pedaço de sushi. Astrid chorando em silêncio no seu lado da cama. Astrid, Astrid, Astrid: na plataforma de lançamento, arremessando Dolores no espaço com um olhar.

SR9 para Torre de Controle: Coincidente com uma hipotensão significativa, a cobaia parece ter adentrado uma experiência subjetiva de passagem de tempo. Todos os sensores biométricos indicam que ela está

pronta para o questionamento. Iniciando estágio formal do experimento.

O Senhor-Nove arrulhou:

– E a Terra, Dolores? O que você gostaria de me dizer sobre a Terra hoje?

Dolores estava rindo, as mãos emaranhadas nas cordas da rede, garras suadas, gargalhando com lágrimas nos Olhos, uma risada que se confundia com choro, e então se converteu em choro completo, os berros cada vez mais rotos, ao passo que ela caía e caía ao redor daquela bola de gude imbecil.

O que é que tem a Terra? Tudo que ela via pela janela era onde costumavam morar.

A TRISTE HISTÓRIA DE THANGOBRIND, O JOALHEIRO – Lord Dunsany

Quando Thangobrind, o joalheiro, ouviu aquela tosse ominosa, voltou-se de imediato para o caminho estreito. Era um ladrão de alto renome, patrocinado pelos grandes e eleitos, pois tinha roubado nada menos que o ovo de Moomoo, e durante toda a sua vida roubara apenas quatro tipo de pedras: o rubi, o diamante, a esmeralda e a safira. E, como é comum aos joalheiros, sua honestidade era grande. Agora havia um Príncipe Mercador que o procurara e oferecera a alma de sua filha em troca do diamante que é maior que uma cabeça humana e que se encontrava sobre o colo do ídolo-aranha, Hlo-hlo, no seu templo em Moun-ga-ling, pois tinha ouvido que Thangobrind era um ladrão de confiança.

Thangobrind untou o corpo e saiu de sua loja, enveredando secretamente por vias secundárias, e chegou até Snarp, antes mesmo que alguém soubesse que ele tinha saído outra vez a negócios ou desse pela falta da sua espada, que ficava guardada num lugar sob a caixa registradora. Então, passou a se mover somente à noite, escondendo-se durante o dia e afiando a lâmina de sua espada, que ele chamava de Camundongo porque era lépida e veloz. O joalheiro tinha métodos sutis para viajar, ninguém o viu atravessar as planícies de Zid, ninguém o viu chegar a Mursk ou Tlun. Oh, mas ele apreciava as sombras! Certa vez a lua, despontando inesperadamente de uma tempestade, traíra um joalheiro ordinário; mas não trairia Thangobrind. A sentinela apenas viu arrastar-se uma silhueta furtiva e sorriu. “É apenas uma hiena”, disseram. Uma vez, na cidade de Ag, um dos guardiões o pegou, mas Thangobrind tinha se untado e escapou de suas mãos. Mal se pôde ouvir o ruído de seus pés descalços na fuga. Ele sabia que o Príncipe Mercador esperava pela sua volta, seus pequenos Olhos abertos durante toda a noite e brilhantes de cobiça.

Sabia que sua filha jazia acorrentada e gritando noite e dia. Ah, Thangobrind sabia. E, não estivesse em serviço, teria se permitido

uma ou duas risadas. Mas negócio é negócio, e o diamante que ele buscava ainda estava sobre o colo de Hlo-hlo, onde permanecera pelos últimos dois milhões de anos desde que Hlo-hlo criara o mundo e dera ao mundo todas as coisas exceto aquela pedra preciosa chamada Diamante do Morto. A jóia era roubada frequentemente, mas sempre dava um jeito de retornar ao colo de Hlo-hlo.

Thangobrind sabia disso, mas não era um joalheiro comum e esperava enganar Hlo-hlo, sem perceber a ponta de ambição e de luxúria e que ambas são vaidades.

Com quanta ligeireza ele avançou entre as escarpas de Snood! Ora como um botânico, perscrutando o chão; ora como um dançarino, saltando entre saliências que desmoronavam. Já estava escuro quando passou pelas torres de Tor, onde os arqueiros atiravam flechas de marfim contra os estranhos, com o fim de impedir que algum forasteiro alterasse suas leis, que são más, mas que não são para serem alteradas por gente de fora. Atiravam à noite guiando-se pelo som dos pés dos estranhos. Ó Thangobrind, jamais houve um joalheiro como tu! Ele arrastou duas pedras atrás de si, amarradas por cordas, e foi contra elas que os arqueiros dispararam. Tentadora era a isca que haviam colocado em Woth, o penduricalho de esmeraldas no portão da cidade. Mas Thangobrind percebeu o cordão dourado que, a partir dele, ia até o alto da muralha e os pesos que despencariam sobre ele se os tocasse, e assim o deixou, embora o deixasse chorando, e por fim chegou a Theth. Todos ali adoravam Hlo-hlo, embora tenham vontade de acreditar em outros deuses, como atestam os missionários, mas apenas como presas para as caçadas de Hlo-hlo, que traz as suas auréolas – segundo dizem – penduradas em ganchos no seu cinto de caça. E de Theth passou à cidade de Moung e ao templo de Moung-ga-ling e, entrando, viu o ídolo-aranha, Hlo-hlo, sentado com o Diamante do Morto a rutilar sobre seu colo, e olhando para o mundo inteiro como uma lua cheia, mas uma lua cheia vista por um lunático que dormiu demais sob os seus raios, pois havia no Diamante do Morto um certo aspecto sinistro e uma porção de coisas por acontecer que é melhor não mencionar aqui. A face do ídolo-aranha era iluminada por aquela gema fatal. Não havia outra luz. A despeito de seus membros estarecedores e do corpo demoníaco, sua face era serena e aparentemente inconsciente.

Um certo medo veio à mente de Thangobrind, um tremor passageiro, não mais que isso. Negócio era negócio, e ele esperava o melhor. Thangobrind ofereceu mel a Hlo-hlo e se prostrou diante dele. Oh, como era esperto! Quando os sacerdotes saíram da escuridão para apanhar o mel, tombaram inconscientes no chão do templo, pois

havia uma droga no mel que foi oferecido a Hlo-hlo. E Thangobrind, o joalheiro, pegou o Diamante do Morto e o colocou sobre o ombro e saiu do santuário. E Hlo-hlo, o ídolo-aranha, não disse nada, mas sorriu discretamente quando o joalheiro fechou a porta. Quando os sacerdotes despertaram do efeito da droga que fora oferecida a Hlo-hlo junto com o mel, correram para uma salinha secreta que tinha uma abertura para as estrelas e fizeram o horóscopo do ladrão. Algo que viram no horóscopo pareceu satisfazer os sacerdotes.

Por certo, Thangobrind não retornaria pela mesma estrada pela qual viera. Não, ele foi por outra estrada, mesmo que conduzisse ao caminho estreito, à casa-da-noite e à floresta-da-aranha.

A cidade de Moung se elevou, muito alta, atrás dele – sacadas e mais sacadas, eclipsando metade das estrelas –, quando ele partiu. Embora, quando um patear suave como de pés de veludo ressoou atrás dele, ele se recusasse a reconhecer que poderia ser o que temia, ainda assim os instintos de sua profissão lhe disseram que não era nada bom que qualquer ruído seguisse um diamante à noite, e este era um dos maiores que negócio algum jamais pusera em suas mãos. Quando chegou ao caminho estreito que conduz à floresta-da-aranha, o Diamante do Morto parecendo frio e pesado, e os passos de veludo parecendo ameaçadoramente próximos, o joalheiro parou e quase hesitou. Olhou para trás; não havia nada. Aguçou os ouvidos; agora não havia som. Então pensou nos gritos da filha do Príncipe Mercador, cuja alma era a paga do diamante, e sorriu e prosseguiu altivamente. Lá o espiava, apática, aquela mulher sinistra e dúbia cuja casa é a Noite. Ele ainda não chegara ao fim do caminho estreito, quando a mulher emitiu monotonamente aquela tosse hedionda.

A tosse foi por demais significativa para ser subestimada. Thangobrind voltou-se e de repente viu o que temia. O ídolo-aranha não ficara em casa. O joalheiro colocou delicadamente o diamante no chão e sacou da espada chamada Camundongo. E então começou aquela famosa luta no caminho estreito, na qual a mulher velha e sinistra cuja casa era a Noite pareceu ter tão pouco interesse. Via-se logo que, para o ídolo-aranha, era tudo uma horrível piada. Para o joalheiro era um compromisso imperioso. Ele lutou e ofegou e foi obrigado a recuar lentamente pelo caminho estreito, mas feriu bastante, com talhos compridos e terríveis, o corpo profundo e macio de Hlo-hlo, até que Camundongo ficou tinta de sangue. Mas, por fim, a gargalhada persistente de Hlo-hlo foi demais para os nervos do joalheiro, e este, ferindo mais uma vez o seu adversário demoníaco, tombou perplexo e exausto junto à porta da casa chamada Noite, aos pés da mulher velha e sinistra, a qual, depois que emitiu aquela tosse

hedionda, não mais interferiu no curso dos eventos. E então aqueles a quem compete essa tarefa levaram Thangobrind para a casa onde os dois homens enforcam e, cada um deles tirando do seu laço a mão esquerda, puseram esse aventureiro joalheiro em seu lugar. Assim lhe adveio o destino que receara, como todos os homens sabem, embora tenha sido há muito tempo, e um pouco se aplacou a ira dos deuses invejosos.

E a filha única do Príncipe Mercador sentiu tão pouca gratidão por esse grande ato de libertação que passou a praticar a respeitabilidade do tipo militante, tornando-se agressivamente enfadonha, e deu ao seu lar o nome de Riviera Inglesa, e fez algumas trivialidades de lã sobre a capa do bule de chá, e enfim nunca morreu, mas simplesmente faleceu, em sua residência.

AVENTURAS DUM CONFERENCISTA – Knut Hamsun



Decidira fazer uma conferência sobre literatura moderna na cidade de D... Esperava alcançar assim um ganhozito dos mais apreciáveis, sem que tal me exigisse demasiado esforço.

Num belo dia do fim do Verão achava-me, pois, instalado num comboio que rodava para a dita cidade. Passava-se isto no ano de 1886.

Não conhecia viva alma em D... Tendo-me descuidado de anunciar a conferência pela via normal dos jornais, por esse fato tão-pouco me conhecia ali qualquer pessoa; mas, no começo do Verão, num momento de desafogo económico mandara imprimir quinhentos cartões de visita, os quais me propus distribuir por hotéis, restaurantes e armazéns de certa importância, a fim de atrair a atenção do público para o acontecimento. Esses cartões não estavam precisamente ao meu gosto; até o meu nome aparecia ali errado. Todavia, com um pouco de boa vontade, chegava-se a decifrar o significado da coisa; sendo, de resto, absolutamente desconhecido o meu nome, que importância teria um erro de ortografia?

Sentado no comboio, fazia cálculos, e o resultado da operação não me desencorajou. Havia muito tempo que me habituara a sair de apuros com dinheiro ou sem ele; e no período em questão, devo confessá-lo, a minha fortuna era assaz magra para que pudesse apresentar-me nessa cidade estrangeira de uma maneira digna da minha alta missão estética. Mas, com muita economia, levaria sem dúvida a cabo a empresa. Nada de prodigalidades! Em primeiro lugar, para as refeições, encafuar-me-ia, ao lusco-fusco, numa dessas baiúcas que há em toda a parte, e, quanto à dormida, encontraria decerto qualquer quarto de aluguer. Outras despesas, para quê?

Enquanto o comboio corria, estudava eu a conferência: queria falar do poeta Alexandre Kielland.

Os meus companheiros de viagem, campónios de volta de uma ida à

capital, passavam alegremente de mão em mão uma garrafa. Ofereceram-me também da pinga, que recusei agradecendo. Momentos depois, como é próprio de pessoas avinhadas e bonacheironas, renovaram as suas tentativas de aproximação, às quais não dei melhor acolhimento. Por fim, devido à minha atitude e por me verem garatujar tantas notas, foram levados a compreender que eu era um doutor, com a cabeça entulhada de ciência, e deixaram-me em paz.

Ao chegar à cidade de D... desci do comboio e levei a minha mala de mão para cima de um banco da gare, na intenção de me concentrar um pouco antes de penetrar no burgozinho. Verdade, verdade, eu não tinha necessidade nenhuma desta mala; trouxera-a unicamente porque era mais fácil, ouvira já dizer, entrar numa hospedaria e sair dela quando se exibem «bagagens». Ora esta pobre mala forrada de pano havia adquirido, à força de anos e de uso, um aspecto de tão grande vetustez que não condizia nada bem com um literato em viagem, ao passo que a minha indumentária, um fato azul completo, era muito mais decente.

Um moço de hotel, boné ornado de letras, avançou para mim e ofereceu-se para conduzir a malinha. Declinei os seus serviços, explicando-lhe que nada decidira ainda quanto ao meu hotel... Precisava primeiro de avistar-me com alguns diretores de jornais; porque era eu o cavalheiro que ia fazer uma conferência sobre a literatura moderna...

– Mas, disse-me ele, seja como for, o senhor precisa de um hotel; tem de alojar-se em qualquer parte. (O seu hotel era, sem comparação possível, o melhor da terra; campainhas elétricas, banhos, sala de leitura, nada faltava lá). – É a dois passos, meu caro senhor; sobe-se esta rua, volta-se depois à esquerda... – e toca a agarrar na pega da mala.

Detive-o.

– O senhor mesmo é que vai transportar a sua bagagem para o hotel?

– Sim, de fato é a minha intenção – respondi-lhe. – Por acaso, vou para o mesmo lado do que a minha bagagem e, veja V., basta-me suspendê-la do meu dedo mindinho para que ela me siga!

O rapaz mediu-me de alto a baixo com o olhar; compreendeu logo que eu não era um cavalheiro chique, e abalou direito ao comboio em

busca de outros viajantes; não os encontrando, voltou a mim para retomar as negociações. No termo da lengalenga deixou-me até entender que, a falar verdade, fora só por minha causa que se dirigira à estação.

Ainda bem! Vista assim, a coisa mudava de aspecto... Talvez aquele rapaz fosse o delegado dalguma comissão que tivesse ouvido falar da minha chegada... talvez fosse representante da Associação Operária... Sem dúvida, a cidade de D.. devia ser foco duma vida intelectual muito intensa e, provavelmente, sentia-se ali a necessidade de ouvir boas conferências... Quem sabe se, a esse respeito, a cidade de D... não seria superior à Capital?...

– Faça favor, pegue na minha bagagem – disse ao homem. – E, a propósito, há vinho no seu hotel, vinho às refeições?

– Vinho? Temo-lo, e das melhores lavras, meu caro senhor.

– Bom; pode ir. Já lá vou ter; tenho de visitar algumas redações.

O homem tinha ar de não ser parvo de todo, pelo que lhe pedi conselho:

– Diga-me cá, qual dos diretores me recomenda você? Porque não me empenho em dirigir-me a todos eles...

– O sr. Arentsen é incontestavelmente o mais importante; é homem que sabe do seu ofício. Toda a gente o procura.

O sr. Arentsen, o Diretor, não estava, escusado seria dizê-lo, na redação. Fui encontrá-lo na própria residência e expus-lhe o fito da minha visita: tratava-se de literatura.

Afirmou-me que na cidade de D... havia medíocre interesse por essas coisas. Sucedera até que, no ano anterior, a um estudante sueco, ali vindo para falar da paz perpétua, a experiência custara bem bom dinheiro.

– Mas é de literatura que eu venho falar.

– Bem sei; não estabeleci equívoco sobre o sentido das suas palavras – respondeu-me o Diretor. – Apenas o previno de que sangrará a algibeira, o senhor também... Sangrar a algibeira?! Era boa, aquela! E pensei: este senhor Arentsen imagina talvez que sou caixeiro-viajante, representante duma grande casa...

Pus-lhe a questão, diretamente:

– Sabe se a grande sala da Associação Operária está livre?

– Não – respondeu o Diretor – não está livre; alugaram-na para amanhã à noite. Vai lá realizar-se uma sessão de prestidigitação anti-espiritista; além disso, exhibir-se-ão macacos e feras. A não ser esse, só conheço outro local capaz, o pavilhão do parque.

– Recomenda-me esse recinto?

– É espaçoso e arejado... O preço? Isso, não sei. Mas consegue-o, sem dúvida, em conta. Terá de dirigir-se à direção.

Optei pelo pavilhão do parque. Era exatamente o que me convinha. Os edifícios das Associações Operárias eram, por via de regra, muito acanhados, incómodos.

– Quem constitui a direção?...

Constituíam-na um advogado, um comerciante de peles e um livreiro. Pus-me a caminho para consultar o advogado. Ele habitava muitíssimo longe, no campo, e tive de marchar bastante para chegar lá.

Depois de exposto o objetivo da minha viagem, perguntei se consentiriam em alugar-me o pavilhão do parque, que se prestava maravilhosamente a um acontecimento tão raro.

O sr. advogado escutou-me, refletiu e abanou com a cabeça.

– Mas por que não? O recinto era grande demais? Concorde, meu caro senhor, que seria desagradável ver muitas pessoas voltarem para casa pelos mesmos passos, por falta de lugares – argumentei.

O sr. advogado expôs-me mais amplamente o seu ponto de vista; em resumo, só podia desaconselhar-me o empreendimento. Aquelas coisas interessavam tão pouco os habitantes da cidade... Um estudioso sueco, igualmente aplicado numa série de conferências nesta região...

– Já sei, já sei – repliquei. – Simplesmente, ele falava da paz perpétua; ao passo que eu falarei de literatura, das belas-letras.

– Acresce que o senhor chega numa ocasião má – prosseguiu o advogado. – Acabam de anunciar um espetáculo anti-espiritista na

Associação Operária, e deve haver lá também macacos e feras.

Sorrindo, contemplei o homem; parecia ser de boa fé e abandonei-o às suas convicções.

– Quanto querem os senhores pelo aluguer do pavilhão? – interroguei, abreviando o caso.

– Oito coroas – respondeu. – Aliás, o aluguer será decidido em assembleia plena do conselho de administração. Dentro de dois ou três dias lhe darei a resposta definitiva. Mas creio poder, desde já, prometer-lhe que terá o recinto à sua disposição.

Com rapidez, fiz um cálculo aproximado: despesas de dois dias de espera, à razão de coroa e meia diárias, três coroas ao todo; custando o pavilhão oito, somaria isto onze; uma para o porteiro, doze; com vinte e quatro entradas, a cinquenta cêntimos cada, cobria os encargos; os cem ou duzentos ouvintes mais que assistissem representariam, portanto, um lucro líquido.

Concordei. O pavilhão estava alugado.

Procurei o hotel e entrei. Uma criada perguntou-me:

– Deseja quarto no rés-do-chão ou no primeiro andar?

Calmamente e com candura, respondi:

– Desejo um quarto barato, o mais barato possível.

A criada inspecionou-me dos pés à cabeça, com os Olhos, a avaliar-me. Tratar-se-ia de um farsante, que tirasse prazer do regatear o preço dum quarto? Não era eu o sujeito que inquirira o corretor a respeito de vinhos? Ou talvez a minha modesta atitude visasse evitar cerimónias da parte do pessoal do hotel...

Com singular vivacidade, abriu de par em par uma porta. Tive um instintivo movimento de recuo.

– Eis o seu quarto – disse-me ela. – A bagagem de V. Exa. já ali está; tem a bondade de entrar...

Tive de obedecer... e penetrei no salão mais elegante da casa.

– Mas onde está a cama?

– O divã, lá ao fundo. Seria pouco prático ter aqui uma cama armada durante o dia. Aquele divã desdobra-se e forma um leito – e dizendo isto, a criada retirou-se.

O meu bom humor cobriu-se de sombras: a visão da minha miserável mala naquele ambiente, os meus sapatos também pouco de harmonia com ele, após o longo passeio que dera... tudo contribuía para me tornar rabugento. Não tardei a praguejar. Imediatamente a criada meteu a cabeça pela semiabertura da porta e, solícita, inquireu:

– V. Exa. deseja?

Que maçada! Já nem sequer se pode pronunciar palavra com os nossos próprios botões sem que acorra logo uma nuvem de criados!

– Nada – respondi num tom severo. – Olhe, sim, traga duas sanduíches.

Fitou-me e perguntou ainda:

– Não toma nada quente?

– Não, nada quente.

Ao trazer as sanduíches empunhava uma lista de vinhos de pasto e generosos. Aquela criatura cheia de etiqueta não me deixou respirar à vontade todo o serão...

Mal amanheceu, saltei da cama cheio de nervosismo e, tiritante, comecei a vestir-me. O diabo do divã era curto demais para mim e dormira por isso mal. Toquei a campainha. Ninguém apareceu. Sem dúvida, era excessivamente cedo porque nem o menor ruído subia da rua; tranquilizando-me então um pouco, reparei em que não era ainda bem dia claro.

Pus-me a examinar o compartimento; era dos mais sumptuosos.

Perturbadoras ideias se apoderaram de mim no instante.

Toquei outra vez. Enterrado até os artelhos num fofo tapete, e a pensar que talvez fossem ali extorquir-me tudo, até à minha última moeda, ou que nem chegasse sequer o que tinha na algibeira, decidi contar a toda a pressa o dinheiro que me restava da viagem... Nisto, ouvindo passos no corredor, suspendi a operação.

Ninguém. O que supusera ouvir não passara de alarme falso do meu espírito inquieto. Voltei a contar. A minha incerteza tornou-se medonha. Em que se convertera a criada de quarto tão serviçal e importuna da véspera à noite? Dormia ainda, a preguiçosa? Era já quase dia...

Por fim, meio vestida, um xale pelos ombros, ela apareceu:

– Foi V. Exa. quem tocou?

– Há-de dar-me a minha conta – disse-lhe eu com placidez forçada.

A conta?... A patroa dormia, eram ainda só três horas... A coisa não requeria urgência... A criada encarou comigo, numa expressão perplexa.

Que tinha ela que me encarar assim?... Que é que lhe dizia respeito que eu deixasse quando bem entendesse o seu hotel?

– Pouco importa, concluí. – Preciso da conta, sem demora.

A criada desapareceu. A ausência dela prolongou-se por uma eternidade. O que me aumentava a perturbação era o receio de que me calculassem o preço do quarto pelo tempo, à hora... Não tinha a menor noção a respeito das normas dos hotéis de luxo e achava plausível que me aplicassem esse processo de cálculo...

De resto, um aviso colado na parede prevenia os viajantes de que os quartos não desocupados até às seis da tarde seriam contados como com mais um dia inteiro de ocupação. Todas estas reflexões me enchiam de terror até ao ponto de aturdirem a minha cabeça de literato.

Finalmente, a criada bateu à porta trazendo a conta. Nunca, oh! nunca esquecerei esta mercê do Destino! Duas coroas e setenta cêntimos, ao todo! Uma ninharia, apenas! Precisamente uma gorjetazinha a dar a uma criada, para um maço de ganchos para o cabelo!

Fiz saltar algumas coroas no tampo da mesa.

– Tome mais uma Guarde o resto. É para vossemecê.

Apesar de tudo, é preciso saber viver... E aquela rapariga era, sem sombra de dúvida, admirável, uma rapariga rara, de excelente

coração, atirada para um hotel da cidade D..., submetida aos caprichos dos viajantes... Mulheres como esta já se não fazem; é raça extinta. E de que deferências ela me rodeou até ao fim, testemunhando que me considerava pessoa afortunada e de categoria:

– O rapaz conduzirá a bagagem de V. Exa.

– Isso é que não, isso é que não – protestava eu, embora temesse contrariá-la. – Uma malinha, que futilidade! e, para mais, uma malinha tão miserável. Devo aliás dizer: esta mala acompanha-me sempre que ando na minha missão de conferencista; não suporto outra, constitui uma particularidade minha viajar com ela...

Protestos inúteis. O rapaz estava já à espera, diante da porta. Ao verme, dardejou para a mala um olhar penetrante denunciando a vontade de se apoderar dela.

– Vou levá-la – disse.

Não precisava eu de poupar o dinheiro que me restava? Podia contar com outros recursos antes da conferência? Decidi, portanto, pegar eu na mala. Mas o rapaz, desfazendo-se em solicitude, tinha-a já na mão, conduzia-a ingenuamente, sem esforço, parecia resolvido a arrostar mesmo com a morte em favor daquele que possuía uma mala assim.

– Alto lá! – gritei bruscamente, parando. – Mas, em suma, para onde leva você a mala?

O homem, sorrindo, respondeu-me:

– Isso, é a V. Exa. que compete determiná-lo.

– Tem razão. Compete-me determiná-lo, e não há de ser para onde lhe dê, a você, na cabeça.

De qualquer forma, queria desembaraçar-me dele. Acabávamos de passar por uma cave com escritos indicativos de aluguer de quartos. Simplesmente, desejava não intrometer no negócio o funcionário dum hotel concorrente. Queria dirigir-me ali sozinho.

Extraíndo do bolso uma moeda de cinquenta cêntimos, dei-a ao rapaz.

– Também lhe levei a mala ontem à tarde – observou ele, mão estendida.

– Aí está pelo serviço de ontem – repliquei.

– E acabo de trazer-lha.

O diabo do rapaz depenava-me!

– Aqui está pelo de hoje. Agora espero que se ponha ao fresco.

O moço foi-se, não sem voltar muitas vezes a cabeça espreitando-me pelo canto do Olho.

Avistei um banco e sentei-me. Fazia frio... Mas o Sol surgiu finalmente e amaciou a temperatura. Decorrido um bom pedaço, apareceram transeuntes na rua, aqui e ali começaram a fumar as chaminés. Dirigi-me então para o hotel de pernoitar e combinei o preço com uma santa mulher: cinquenta cêntimos por noite.

Dois dias depois voltei a casa do advogado. Repetiu-me o seu conselho, tentando ainda dissuadir-me do meu projeto; mas permaneci inabalável.

Entretanto, fiz publicar no periódico do sr. Arentsen um anúncio da minha conferência, marcando dia, local e assunto.

Vendo que eu queria pagar imediatamente o aluguer da sala – o que, aliás, me teria deixado esgotado de fundos – o advogado, esse homem admirável respondeu-me logo:

– O senhor pode liquidar depois da conferência.

– Depois da conferência?! Provavelmente V. Exa. supõe que não tenho oito coroas? – observei melindrado, equivocando-me quanto à sua intenção.

– Oh! não, não é isso, asseguro-lhe. Mas, falando-lhe com franqueza, não é absolutamente certo que V. Exa. utilize o recinto e, desde que o não utilize, nada terá de pagar.

– Eu já anunciei a conferência.

Fez-me um sinal afirmativo com a cabeça.

– Sim, eu li...

Após um pequeno silêncio, perguntou:

– O senhor falará mesmo que não compareçam cinquenta pessoas?

Fiquei um pouco deslumbrado, mas, tendo refletido, respondi que meio cento de pessoas era público sobremodo restrito; todavia, falaria mesmo assim.

– Mas, claro, não falaria para dez apenas...

Desatei a rir ruidosamente.

– Desculpe; não, lá isso é verdade... há limites.

Ficámos por aqui e não paguei adiantadamente o aluguer.

Conversámos sobre literatura. O advogado parecia-me agora mais simpático do que por ocasião da minha primeira visita. Era, sem dúvida possível, um homem de viva inteligência; para mim, porém, as suas opiniões não tinham grande valor comparadas com as minhas.

À despedida, desejou-me uma sala a transbordar, para a conferência.

Em suma, lastrado de esperança, voltei para o meu subterrâneo. Estava tudo a postos para a batalha. Um homem, contratado por coroa e meia, havia percorrido a cidade da parte da manhã, distribuindo os meus quinhentos cartões de visita. O acontecimento doravante deixara de ser ignorado, quer nos castelos quer nas choupanas.

A ideia da grande causa que ia defender encheu-me de um sentimento quase solene; de súbito, achei-me constrangido nessa baiúca frequentada por um público tão ordinário. Todos esses indivíduos sentiam forte curiosidade de saber quem era eu e o motivo por que permanecia ali. A patroa, por detrás do seu balcão, explicava conforme podia que eu era um homem erudito, um sábio, que passava o dia inteiro a escrever e a estudar; fazia assim compreender que ninguém tinha o direito de me incomodar com perguntas. Grande socorro o que ela me prestava, deste modo.

Os fregueses eram pobres diabos mal vestidos, assalariados, descarregadores de carvão de pedra; vinham ali para beber um café ou petiscar, comendo morcela de queijo ou de manteiga. Às vezes vociferavam contra a patroa por causa do pão ser duro ou de serem pequeninos demais os ovos.

Tendo ouvir dizer que eu ia falar no pavilhão do parque, quiseram

saber o preço dos bilhetes. Entre eles havia alguns que de bom grado iriam assistir à minha conferência; simplesmente, cinquenta cêntimos era muito dinheiro, e ousaram regatear... Disse de mim para mim: ninguém deve deixar embaciar a sua dignidade; torna-se evidente que estes indivíduos são totalmente desprovidos de cultura.

O meu vizinho de quarto era um cavalheiro. Expressia-se numa inconcebível linguagem de trapos, mistura dos idiomas sueco e norueguês. A patroa tratava-o por «Senhor Diretor». Sempre que entrava no botequim, no seu passo lesto e elegante, despertava a mais viva atenção.

Tinha por costume sacudir o pó da cadeira, com o lenço, antes de se sentar. Era, não há dúvida, um homem de extraordinária distinção. Ao pedir sanduíches, por exemplo, exigia, invariavelmente, «pão fresco e manteiga da melhor».

– É o senhor que vai fazer uma conferência? – perguntou-me.

– Sim, é ele – respondeu a dona da casa.

– Mau processo de exploração – disse-me o Senhor Diretor continuando a dirigir-se-me. – Vejo que não faz publicidade; não tem visto como eu procedo?

Descobri, por estas palavras, que era ele o anti-espiritista, o homem das feras.

– Mando imprimir cartazes grandes como este – prosseguiu – e colo-os por toda a parte onde encontro espaço. Já viu os caracteres dos meus cartazes? Ilustro-os também com desenhos de animais.

– A minha conferência versa assuntos das belas-letras – objetei. – Trata-se da Arte, de coisas intelectuais.

– Ora!... Que importância tem isso? – respondeu. E, com ousadia, comentou: – As coisas seriam de modo bem diferente se o senhor entrasse para o meu serviço. Faz-me falta, precisamente, uma pessoa que dê explicações a respeito dos animais, e eu preferiria que fosse um estrangeiro, um desconhecido na região. Porque, está a ver, se um homem do país se apresenta logo o público se põe a gritar: «Olha é Fulano, é o Petterson! Mas que diabo saberá ele, o Petterson, da vida dos animais dos trópicos?»

Perante tanta insolência, afastei-me do homem, sem dar resposta, com todo o meu desprezo.

– Pense no caso – disse o Sr. Diretor. – Examine a minha proposta. Pago cinco coroas por noite.

Levantei-me e deixei o botequim: era unicamente o que tinha a fazer. O Sr. Diretor, tornava-se-me fácil adivinhá-lo, tinha muito medo da minha concorrência; eu ia atrair todo o público da cidade, e ele desejava uma combinação comigo, contratar-me... Nunca, disse eu com os meus botões, nunca ninguém me fará trair a causa intelectual! O meu caminho é o do idealismo.

Chegou o grande dia. Escovei cuidadosamente o fato, vesti roupa lavada e dirigi-me para o pavilhão do parque. Eram sete horas. Aplicara-me a estudar bem o discurso; repleto o espírito das palavras belas e claras que ia pronunciar, entrevi mentalmente um êxito certo. Quem sabe se a batalha que me preparava para travar não iria pôr em movimento até o próprio telégrafo?...

Chovia; o tempo não se mostrava dos mais propícios. Não obstante, refletia eu, um pouco de chuva nunca terá o poder de reter em casa um público apaixonado por literatura. Na rua, ia encontrando bastantes pessoas, algumas abrigadas aos pares debaixo do mesmo chapéu de chuva, e (coisa surpreendente!) nem uma sequer dessas pessoas marchava na direção que eu levava. «Pff!, murmurei, todos estes são provavelmente os papalvos da cidade, que vão para a sala da Associação contemplar os macacos.

O porteiro achava-se no seu posto.

– Já está muita gente? – inquiri.

– Ainda não – respondeu ele; – mas ainda falta uma boa meia hora.

Entrei no recinto; os meus passas ressoavam na sala enorme como ressoariam os cascos dum cavalo. Santo Deus! – se ali houvesse uma sala à cunha, filas cerradas de cabeças, de damas, de cavalheiros, aguardando apenas o orador! Mas nem um gato sequer!

Depois de ter esperado uma estirada meia hora, fui ter com o porteiro, a pedir-lhe a opinião.

Apesar da sua reserva, ele consolou-me. O porteiro era do parecer de que não estava tempo para conferências, nessa noite; quando chovia assim ninguém saía de casa. Aliás, acrescentou, é agora, nos derradeiros minutos, que é provável chegar o público.

Esperámos ainda.

Finalmente, apresentou-se em passo apressado um homem, todo escorrendo água. Pagou um bilhete de cinquenta cêntimos e entrou.

– Começam agora a vir – disse-me o porteiro, com um aceno de cabeça; – é um hábito absurdo que tem esta gente, o de chegar em multidão à última hora...

Continuámos à espera; não veio mais ninguém. Por fim, o meu único auditor saiu da sala, dizendo:

– Que tempo danado!

Era o sr. Advogado.

– Receio que não apareça ninguém mais, esta noite – disse ele. – Que dilúvio!

Reparando no meu ar desencorajado, acrescentou:

– Eu bem adivinhara, em face do barómetro; veja o senhor, baixou muito rapidamente. Foi esse o motivo por que lhe desaconselhei a conferência.

O porteiro, esse, encarava sempre as coisas com otimismo:

– Teremos de esperar mais uma meia hora. Só pelo diabo não haviam de vir, pelo menos, vinte pessoas.

– Não creio – sentenciou o sr. Advogado, abotoando o impermeável. E, voltando-se para mim: – Em vista disto... nada terá de pagar pelo recinto, escusado seria dizê-lo.

Tirou o chapéu, cumprimentando, e abalou.

O porteiro e eu, teimando em esgotar até o fundo a probabilidade da vinda de auditores, esperámos pacientemente.

Era um negócio aborrecido, aquele, e sentia-me extremamente humilhado. Demais a mais, o sr. Advogado retirara-se deixando a sua moeda de 50 cêntimos, que lhe deveríamos ter restituído. Fiz menção de correr atrás dele, mas o porteiro dissuadiu-me disso.

– Guardá-la-ei eu, pronto! Deste modo, o senhor só me deverá meia coroa.

Dei-lhe, todavia, uma coroa, querendo assim testemunhar-lhe quanto apreciava a lealdade da sua atitude para comigo.

Agradeceu-me sinceramente e apertou-me a mão, à despedida.

Farto de tudo, encaminhei-me para a minha pousada. Vencido, desapontado, mole e inerte, deixava-me vaguear pelas ruas.

Para cúmulo da infelicidade, achava-me agora sem recursos para regressar à Capital.

A chuva continuava a cair. Chegando diante dum grande edifício, vi da rua um guichê iluminado, num sítio de passagem. Era a sede da Associação Operária.

De quando em quando, apresentavam-se retardatários ao guichê e desapareciam pela porta que dava para a grande sala. Perguntei se havia lá dentro muita gente. «A sala está quase à cunha», responderam-me. Aquele miserável tinha, sem dificuldade, ganho a partida...

Em passos furtivos caminhei para o meu albergue, onde me encafuei logo na cave; e sem comer nem beber nada, tratei de meter-me na cama o mais silenciosamente possível.

A horas avançadas da noite bateram à porta do meu quarto.

Era o sr. Diretor, de castiçal na mão.

– E a sua conferência? – interrogou-me.

Noutras circunstâncias teria mandado o sujeito rodar sobre os calcanhares; mas estava por demais sucumbido para armar em valentia e respondi-lhe que adiara a minha palestra para data mais oportuna.

Ele sorria.

– O tempo não estava capaz para discorrer sobre belas-letras – expliquei.

Ele sorria sempre.

– Se o senhor soubesse como o barómetro baixou! – acrescentei ainda.

– Pois eu tive uma sala cheia até mais não – respondeu ele.

De resto, cessara de sorrir e até me pediu desculpa de me ter ido incomodar: tinha uma proposta a fazer-me.

A sua proposta era – à fé de quem sou! – muito curiosa: oferecia-me novamente um contrato como pregoeiro das suas representações.

Mortificado até às camadas mais recônditas do meu ser, pedi-lhe instantemente que me não privasse do sono por mais tempo.

Em vez de se ir embora, sentou-se muito confiadamente aos pés do leito, com o castiçal na mão, e falou... Explicou-me que o homem de D..., que contratara para apresentar ao público os animais era conhecido de toda a gente.

Ele, o Diretor, pela sua parte, obtivera um êxito monstro com as suas sortes anti-espiritas, mas o outro, o orador da cidade, tinha estragado tudo.

– Ponha na sua ideia que desataram todos a gritar: «Olha o Björn Pederson! Onde o desencantaste tu, a esse texugo?» Pederson, entretanto explicava, como recebera ordem para fazer e conforme o programa que o animal que lhes exhibia não era de modo nenhum um texugo: era uma hiena do país dos Boschimanos, ou homens das selvas na África meridional, a qual hiena havia já devorado três missionários... Então os espectadores protestaram, gritando que estávamos a troçar deles. Todavia, acentuou o sr. Diretor, eu procedera cuidadosamente à caracterização da cara do homem e encaixei-lhe na cabeça uma cabeleira postiça; mesmo assim o público o reconheceu.

Sendo-me indiferente tudo aquilo, voltei-me para a parede.

– Medite no assunto – insistiu o sr. Diretor antes de se retirar. – Talvez eu possa ir até às seis coroas por noite se o senhor se sair bem da tarefa.

Nunca eu me baixaria a desempenhar um tão vil papel como o que ele me propunha.

Quê?! Todos nós temos os nossos pontos de honra!

No dia seguinte o sr. Diretor veio solicitar-me o favor de lançar uma vista de Olhos pelo texto da apresentação das feras; eu corrigi-lo-ia e,

pelo meu trabalho, ganharia duas coroas.

Apesar de tudo, aceitei o encargo. Pura complacência da minha parte: fazia-o a título de serviço prestado à literatura. E depois... (aqui para nós) eu tinha necessidade das duas coroas. Mas intimei-o – está claro! – a guardar rigoroso sigilo sobre a minha colaboração.

Trabalhei o dia inteiro naquele pedaço de eloquência.

Refundi-o de extremo a extremo, introduzi-lhe muito sentimento, muito espírito, adornei-o de ricas metáforas; a labuta apossava-se de mim cada vez mais. Só com grande esforço se conseguia converter neste luxo de imagens literárias uma pobre coleção de bichos de feira. Quando, já muito pelo serão dentro, li em voz alta a minha obra ao sr. Diretor, este ficou visivelmente impressionado. Nunca ouvira um reclamo assim. Por isso, em sinal de reconhecimento, deu-me três coroas.

– Contanto que eu tenha agora um homem em condições de o declamar... – disse o sr. Diretor, perplexo. – Aqui não há nenhum.

Pus-me a refletir. Seria, de facto, lamentável que um Björn Pederson qualquer pusesse a pata em cima daquele pedaço de prosa, assassinando-o por meio de uma dicção defeituosa... Não pude suportar tal pensamento.

– Pode ser que, sob certas condições, eu lhe recite a prosa – disse eu.

O sr. Diretor teve um sobressalto.

– Em que condições? Dar-lhe-ei sete Coroas...

– Bem, está entendido. O essencial é que isto fique entre nós.

– Quanto a isso, prometo-lho...

– É que... compreende sem dúvida... a um homem da minha vocação e da minha categoria não ficaria bem exhibir-se a apresentar feras.

Oh! ele compreendia muito bem.

– E fique o senhor sabendo: se a prosazinha não fosse, por inteiro, obra literária minha, muito pessoal, nunca teria consentido no caso.

Isto também ele compreendia.

– Espero não ter de me arrepender de lhe prestar este serviço – disse eu por último.

O sr. Diretor agradeceu-me.

Às sete horas fomos juntos para a Associação Operária. Eu devia observar os animais e pôr-me um pouco ao corrente das suas manhas.

Havia ali dois macacos, uma tartaruga, um urso, dois loboquinhos de mama e um texugo.

A minha prosa não continha uma palavra sequer acerca dos lobos e do texugo; em compensação, tinha-me alongado em considerações a respeito de «uma hiena do país dos Boschimanos, de uma zibelina e de uma marta, conhecidas das páginas da Bíblia», assim como de um enorme urso pardo da América.

– Onde estão a zibelina e a marta? – perguntei.

– Ei-las! – respondeu o Diretor, mostrando-me os loboquinhos.

– E a hiena, onde está ela?

Sem hesitar, apontou-me com o dedo o texugo, respondendo:

– Aqui está a hiena.

De cólera, subiu-me o sangue à cabeça. Declarei:

– Desta maneira, a coisa não marcha! É me indispensável ter crença no que publico; necessita de que tudo esteja na minha mais profunda convicção.

– Não vamos agora entrar em discórdia por uma tolice destas – disse-me o sr. Diretor.

Extraíndo de um recanto uma garrafa de aguardente, ofereceu-me uma pinga.

Para lhe provar que não queria mal à sua pessoa mas apenas à sua mesquinha trampolinice, peguei no copo e esvaziei-o.

Em seguida bebeu ele também.

– Não me atire para a desgraça, não me condene ao desastre – implorou o homem. – O seu discurso é soberbo, as feras não são más

de todo, não são nada más, realmente. Veja que enorme urso! Basta que o senhor declame a sua prosa para tudo ir bem.

Apareceram as primeiras pessoas na sala e a inquietação do sr. Diretor avolumou-se... A sorte dele estava nas minhas mãos; seria simples generosidade da minha parte não abusar do meu poder. Reconheci, aliás, a impossibilidade de fazer todas as correções precisas no pouco tempo que me restava. Além disto, como empregar na descrição dum texugo o mesmo sentimento que na duma terrível hiena? Era quase impraticável fosse para quem fosse. A minha obra literária sairia mutilada com esses retoques; não poderia, pois, consentir neles, e isto fiz saber ao sr. Diretor.

Ele compreendeu tudo, num relance. Levou-me a beber outra vez, e eu bebi.

O espetáculo começou perante uma sala a transbordar. O anti-espiritista executou sortes de que nem o diabo teria percebido patavina, tirando lenços de dentro do nariz, fazendo sair o valete de paus da algibeira duma senhora idosa, no meio dos espectadores, obrigando a caminhar uma mesa sem ninguém lhe pôr dedo em cima. Por último, o sr. Diretor, metamorfoseando-se em puro espírito, desapareceu do estrado por um alçapão. O público, em delírio, aplaudia, sapateando no chão, alegremente.

Agora era a vez das feras. O próprio sr. Diretor apresentou-as uma a uma, competindo-me narrar as suas respectivas histórias.

Imediatamente percebi que não atingiria o nível do êxito do sr. Diretor; todavia, mantive a esperança de interessar com a minha exposição as pessoas de melhor entendimento que se encontravam entre o auditório.

Com efeito, esta esperança não ficou malograda.

Exibida a tartaruga do mar, só me restava ocupar-me dos animais terrestres, e escolhi, como ponto de partida, Noé, ao qual haviam levado um casal de cada espécie. O exórdio desenvolveu-se, contudo, sem entusiasmo; o público perdera o seu ar jovial. Nem a zibelina nem a marta foram apreciadas segundo os seus méritos, apesar da enumeração que eu fiz de todas as peles preciosas destes animais postas pela Rainha de Sabá quando da sua visita ao Rei Salomão. Todavia, senti que a coisa começava a ir melhor: excitado pelo assunto bíblico e pelos dois copos de aguardente, o meu discurso tornou-se belo e rico de colorido, e pus de parte os meus papéis,

preferindo improvisar.

Quando acabei, houve vozes que exclamaram «bravo!» e a sala inteira aplaudiu.

– Encontrará um copinho por detrás do pano – cochichou-me o sr. Diretor.

Ao retirar-me, avistei logo o copinho cheio e, à ilharga, a garrafa. Sentei-me por um instante...

Entretanto, o sr. Diretor exhibia nova fera. Voltei a beber e a sentar-me outra vez. A demora devia ter parecido excessiva ao sr. Diretor, porque encetou ele mesmo a explicação na sua arenga ininteligível. Com grande aflição, percebi que se tratava da hiena; ele enganara-se até, sem querer: chamara-lhe texugo.

Indignado ante a sua incompetência, entrei em cena, afastei o sr. Diretor com um grande gesto do braço, e tomei eu a palavra. «A hiena» era o número de mais efeito do espetáculo; para o salvar tinha de falar como nunca na minha vida falara. Logo desde a minha entrada, desde aquele largo gesto ao afastar o sr. Diretor, conquistara a simpatia do público.

Desculpando o sr. Diretor, afirmei que era a vez primeira que ele via uma hiena, e desatei a descrever a existência cruel destas feras. Os copinhos faziam efeito, o meu entusiasmo atingiu altitudes vertiginosas; ouvia o voo das minhas próprias palavras, que se tornavam de cada vez mais vermelhas, mais veementes, enquanto «a hiena», estendida sobre as quatro patas diante do sr. Diretor, pestanejava docilmente luzindo os seus Olhos pequeninos. «Prenda-a bem!» gritei de súbito. «Ela espreita-me, prepara o salto sobre mim para me rasgar o corpo até às entranhas!...»

O sr. Diretor, também cheio de nervoso, puxou para si a trela – a corda quebrou-se e o animal meteu-se-lhe por entre as pernas. Da sala subiram gritos agudos, que mulheres e crianças soltavam; bem metade dos espectadores se ergueu de chofre. Neste momento era grande e contagiosa a comoção. Depois a falsa hiena, saltitando, afastou-se de nós, atravessou a cena e refugiou-se na sua jaulazita. O sr. Diretor fez a porta bater após ela entrar.

Todos recuperámos o fôlego... Terminei, em breves palavras, a minha palestra. Tínhamos escapado de boa, desta vez, afirmei ao público. Mas doravante, a partir dessa noite, iríamos recorrer a uma grossa corrente de ferro para prender o monstro. E retirei-me saudando

sempre.

Os aplausos estalaram então de todos os lados; reclamava-se «o orador!... o orador!» Reapareci, saudei de novo; a falar verdade, obtive um êxito prodigioso.

Até mesmo já ao pé da porta, o último espectador, ao abandonar a sala, batia palmas... Mas tinham-se também ouvido gargalhadas.

O sr. Diretor estava radiante; agradeceu sinceramente a minha assistência. Pela certa, teria a sala à cunha ainda bastantes vezes.

À saída, vi que um homem me esperava. Era o meu porteiro do pavilhão do parque. Assistira ao espetáculo e achava-se entusiasmado. Louvou calorosamente os meus dons de orador e obrigou-me a jurar que não desistia do meu projeto da conferência; agora é que era a ocasião exata de a anunciar, dizia ele, visto os habitantes da cidade terem verificado o meu valor.

Propôs-me uma repetição do discurso sobre a hiena, por exemplo – sobretudo se me fizesse acompanhar pela fera.

Ora, no dia imediato, o sr. Diretor cometeu a imprudência de me não querer pagar. Se eu me não compromettesse por escrito a exhibir-me do mesmo modo na noite seguinte, processar-me-ia por perdas e danos – declarou-me ele. Oh! o patife! Oh! o bandido! Acabámos por estabelecer, à boa paz, um acordo: dar-me-ia cinco coroas. Juntas às três que já me entregara, perfaziam oito, e eu tinha assim com que tomar o meu bilhete de regresso. Simplesmente, ele teimava em conservar-se na posse do meu texto de explicação zoológica.

Discutimos longamente este ponto, porque eu sentia desgosto em abandonar a minha obra à profanação absoluta. Por outro lado, era indiscutivelmente propriedade sua, visto que a pagara. Resignei-me por fim: o homem apreciava tão elevadamente aquele trabalho!...

– Nunca tinha ouvido um trecho de prosa assim – asseverava ele. – Ontem à noite arrebatou-me mais do que todo e qualquer sermão.

– Veja, veja o senhor – respondi-lhe – a onnipotente influência da literatura sobre os espíritos!

Foram as minhas últimas palavras. Ao meio-dia meti-me no comboio

para regressar à Capital.

ONDE PASSAR A NOITE?– Robert Louis Stevenson



Um episódio da vida de François Villon⁽⁴⁾

Foi há muito tempo, em Novembro de 1456. A neve caía sobre Paris com uma rigorosa e implacável persistência; de onde em onde o vento fazia uma sortida e derramava-a em vertiginosos remoinhos; depois voltava uma trégua e os flocos punham-se a cair uns atrás dos outros no negrume da noite, silenciosos, tortuosos, intermináveis. Os pobres que contemplavam a neve, olhando-a por debaixo das sobranceiras humedecidas, pareciam perguntar-se a si mesmos de onde é que tudo aquilo viria. Mestre François Villon, junto à janela de uma taberna, propusera, aquela noite, uma alternativa: não seria apenas Júpiter pagão depenando patos no Olimpo? ou seriam os anjos celestes a mudar a pena? É certo que ele não passava de um pobre mestre de humanidades, prosseguia, e como aquilo era um problema que dizia respeito à divindade não se atrevia a tirar nenhuma conclusão. Um velho e néscio prior de Montargis que se achava no grupo presenteou o maroto do rapaz com uma garrafa de vinho em prémio do motejo e das momices com que Villon o sublinhara, jurando, pelas suas barbas, brancas que, na idade de Villon, fora um perro tão irreverente como ele.

O ar era frio e cortante, mas não muito abaixo de zero, e os flocos caíam, grandes, húmidos e pegajosos. Toda a cidade parecia embrulhada num lençol. Se naquele momento um exército se pusesse a marchar através dela, ruído algum denunciaria a sua passagem. E, se algum pássaro retardatário andasse pelo ar, veria a ilha como um grande remendo claro, e as pontes afigurar-se-lhe-iam delgados fios brancos esparsos pelo negro fundo do rio. Lá para o alto, por cima das nossas cabeças, a neve vestia as esculturas da torre da catedral. Muitos nichos estavam cheios de neve; muitas estátuas tinham grandes barretes brancos nas grotescas ou sagradas cabeças. As gárgulas estavam convertidas em enormes narizes que iam pingando na ponta. Os coruchéus dir-se-iam apumadas almofadas entumescidas de um dos lados. Quando o vento deixava de soprar, ouvia-se o pesado eco das gotas de água caindo sobre as precintas da

igreja.

O cemitério de S. João estava modelado em neve. Todas as sepulturas tinham sido decentemente cobertas; os altos topos brancos dos edifícios jaziam, em redor dele, numa ordem solene; há muito que os dignos cidadãos estavam na cama cobertos com os barretes de trevas, tal qual como as suas próprias moradas; não havia uma só luz em todas aquelas redondezas, salvo um réstia de claridade que se furtava da lâmpada que ia oscilando no coro da igreja, fazendo baloiçar as sombras ao ritmo da sua oscilação. Soavam dez horas no relógio, quando surgiu a patrulha, batendo as mãos, com as suas alabardas e uma candeia; nada descobriu de suspeito no cemitério de São João.

No entanto, mesmo junto à parede do cemitério, uma casinha ainda estava desperta, e desperta para o mal, no meio daquelas paragens onde tudo ressonava. Por fora, um quase nada a denunciava: apenas a corrente de vapor que saía da chaminé, uma mancha no telhado, onde a neve se derretia, e, a porta, algumas pegadas quase sumidas. Lá dentro, porém, por detrás dos postigos, Mestre François Villon, na companhia de alguns bandoleiros com quem se reunia, passava a noite, alegremente, fazendo girar a garrafa de mão em mão.

Uma grande fogueira de cinzas esbraseadas na chaminé de abóbada espalhava um vivo e rubro calor. Diante dela estava Dom Nicolas, o monge picardo, com as abas do hábito levantadas e as gordas pernas nuas diante do reconfortante calor. A sua grande sombra repartia a sala ao meio e as chamas da fogueira apenas se filtravam por um dos lados da sua desmedida pessoa, fazendo-lhe ao mesmo tempo um pequeno charco entre os pés alargados. Tinha na cara o avinhado e pisado semblante de todos os bebedores profissionais; percorria-lhe a face uma rede de veias congestionadas, habitualmente purpúreas, mas, naquele momento, de um violeta pálido, pois, embora de costas para a fogueira, o frio apertava-o do lado oposto. Tinha o capuz descaído para as costas, o que lhe fazia uma grande excrescência de um dos lados do pescoço taurino. E ele ali estava, de pernas abertas, rosnando e fendendo a sala ao meio com a sombra da sua corpulenta estatura.

À direita, Villon e Guy Tabary debruçavam-se sobre um pedaço de pergaminho; Villon compunha urna balada, a que dera o nome de Balada do Peixe Frito, e Tabary, atrás dele, era todo admiração. O poeta parecia um farrapo humano, negro, pequenino, magro, com as faces cavadas e umas finas guedelhas pretas. Vinte e quatro anos de vivacidade febril. A voracidade havia-lhe posto bolsas embaixo dos Olhos, os sorrisos de maldade tinham-lhe enrugado a boca. Havia

qualquer coisa de lobo e de porco debatendo-se na sua máscara. O seu aspecto era ao mesmo tempo eloquente, astuto, torpe e grosseiro. Tinha mãos pequenas e aduncas, com dedos nodosos como cordas, mãos que constantemente agitava numa violenta e expressiva pantomima. Quanto a Tabary, desprendia-se-lhe do nariz achatado e dos babosos lábios uma desmedida, complacente e admirativa imbecilidade; tinha acabado bandoleiro, pela mesma razão que poderia ter acabado o mais pacato dos burgueses, graças ao imperioso destino que tanto governa a vida dos tolos como a dos burros.

Do outro lado do frade, Montigny e Thevenin Pensete jogavam um jogo de vaza. No primeiro havia a sombra de certos antepassados nobres e alguma instrução; dir-se-ia um anjo caído; a sua pessoa tinha qualquer coisa de circunspecto, de flexível e de cortês; na sua cara havia qualquer coisa de aquilino e enigmático. Thevenin, coitado, estava bastante alegre: praticara uma boa velhacaria, aquela tarde, no Faubourg St. Jacques, e toda a noite estivera a ganhar a Montigny. Um sorriso baço lhe iluminava a face. No meio de uma grinalda de caracóis ruivos rebrilhava uma rosada calva; de cada vez que recolhia os ganhos, o proeminente estômago oscilava-lhe enquanto, ele soltava silenciosas gargalhadas.

"Dobras ou ficas?" disse Thevenin.

Montigny abanou a cabeça, carrancudo.

"Há os que preferem jantar pomposamente," escrevia Villon, "pão e queijo em salvas de prata. Ou... ou..., ajuda-me, Guido!"

Tabary teve um riso forçado.

"Ou salsa em travessas de ouro", garatujou o poeta.

O vento refrescara lá fora; levava a neve de rastros diante dele, erguia, por vezes, a voz numa algazarra triunfal e soltava gemidos sepulcrais na chaminé. À medida que a noite avançava, o frio ia-se tornando mais cortante. Villon, estendendo os braços, imitava a ventania com um misto de assobio e de gemido. Muito detestava o monge picardo aquele estranho e desagradável talento do poeta!

"Não estás a ouvir gemer na forca?" disse Villon. "Estão os enforcados a dançar no espaço a dança dos infernos. Dancem, janotas, que nem por isso hão-de ficar mais quentes! Ui! que ventania! Lá caiu agora um! Uma nêspereira a menos na ramada da nespereira! Parece-me, Dom Nicolas, que deve estar um certo friinho esta noite na estrada de São Diniz?" murmurou ele.

Dom Nicolas fechou os dois grandes Olhos e julgou sentir qualquer coisa a apertar-lhe o pomo-de-adão. Montfaucon, a mais temível força de Paris, ficava nas imediações da estrada de São Diniz, e o gracejo tinha-o atingido em cheio. Quanto a Tabary, ria desbragadamente, por causa da nêspira; nunca ouvira tão boa piada; e apertava as ilhargas, cascalhando. Villon pregou-lhe um piparote no nariz, e a alegria desfez-se-lhe num ataque de tosse.

"Oh, acaba lá com esse chinfrim," exclamou Villon, "e pensa numa rima para peixe."

"Ou vais ou ficas," disse Montigny com aspereza.

"Com todo o gosto," replicou Thevenin.

"Já não há mais que se beba nesta garrafa?" perguntou o monge.

"Abre outra," disse Villon. "Esperarás porventura poder encher esse grande tonel, esse corpanzil, com garrafinhas dessas? E é assim que esperas ir para o céu? Ora põe na tua imaginação quantos anjos haviam de ser precisos para levarem lá para cima um simples frade da Picardia. Ou julgas-te qual outro Elias e esperas que eles te mandem uma carrinha para te levar?"

"Hominibus impossibile", replicou o frade enquanto ia enchendo o copo.

Tabary caíra em êxtase.

Villon deu-lhe outro piparote no nariz.

"Se isso te dá prazer, ri-te para aí," disse ele.

"Boa piada!" replicou Tabary

Villon virou-se para ele. "Pensa numa rima parapeixe," disse. "Para que é que te serve o latim? No dia do Juízo Final é que te há-de ser útil vão saber dessas coisas, quando o diabo chamar por Guido Tabary, clericus, o diabo de corcova e garras em fogo. E a propósito de diabo", acrescentou em voz baixa, "olha para o Montigny!"

Olharam todos os três, disfarçadamente, para o jogador. Dir-se-ia que a sorte lhe não dava prazer algum. Tinha a boca um pouco torcida; uma das narinas quase fechada e a outra muito aberta. Trazia às costas o cão preto, como se diz na história, para meter medo às crianças; e arquejava debaixo daquele tão repugnante fardo.

"Está com cara de quem quer esfaquear o outro," murmurou Tabary, arredondando os Olhos.

O frade estremeceu, voltou a cara, e estendeu as mãos abertas para as cinzas flamejantes. Era o frio que fazia estremecer Dom Nicolas, não qualquer excesso de sensibilidade moral.

"Vamos lá", disse Villon "vamos lá tratar da balada. Como vai isso?" e batendo o compasso com a mão pôs-se a lê-la em voz alta para Tabary.

Na altura da quarta estrofe foram interrompidos por um breve e fatal movimento entre os jogadores. Tinham chegado ao fim da partida, e Thevenin ia abrir a boca para cantar nova vitória quando Montigny, rápido como uma serpente, deu um pulo e o apunhalou em pleno coração. Tão rápida foi a punhalada que ele não teve tempo de soltar um grito, nem sequer se pôde mover. Um ou dois estremecimentos lhe convulsionaram o corpo; as mãos abriram-se-lhe e fecharam-se-lhe; arrastaram-se-lhe as solas pelo chão; depois a cabeça rolou-lhe para trás, sobre os ombros, com os Olhos muito abertos; e a alma de Thevenin Pensete regressou ao seio do Autor dela.

Ergueram-se todos de um salto; mas o assunto ficou arrumado em dois tempos. Os quatro vivos entreolharam-se algo pálidos; o morto fitava um canto do teto com um estranho e terrível olhar.

"Meu Deus!" exclamou Tabary; e começou a rezar em latim.

Villon rompeu numa gargalhada histérica. Deu um passo em frente e fez uma ridícula reverência a Thevenin, rompendo num riso mais pesado ainda. Depois, repentinamente, sentou-se todo numa rodilha, sobre um enxergão e continuou a rir, amargosamente, como se se fosse fazer em pedaços.

Montigny foi o primeiro a recuperar a sua compostura.

"Deixa ver o que é que ele trazia guardado," disse, e meteu-lhe as mãos nas algibeiras com a presteza de um perito, para repartir o dinheiro, em cima da mesa, em quatro montes iguais. "Este é para ti", disse ele.

O frade recebeu a sua parte com um suspiro profundo e um mero olhar furtivo para o defunto Thevenin, que começava a contrair-se e a descair para o lado da cadeira.

"Estamos todos metidos nisto", gritou Villon, que engolira a boa

disposição. "Isto é negócio de força para qualquer Zé Ninguém como nós – não falando nos que aqui não estão." Traçou no ar um gesto desagradável com a mão direita erguida, pôs a língua de fora, e deixou tombar a cabeça de lado, imitando um enforcado. Em seguida meteu na algibeira o seu quinhão do despojo e pôs-se a bater com os pés, como se quisesse restabelecer a circulação.

Tabary foi o último a tirar a sua parte; bateu o dinheiro em cima da mesa e afastou-se para o fundo da casa.

Montigny pegou em Thevenin e pô-lo direito na cadeira; depois arrancou-lhe o punhal, e um jato de sangue lhe jorrou da ferida.

"Rapazes, é melhor porem-se a andar," disse ele, enquanto limpava a lâmina no gibão da vítima.

"Parece-me que será melhor," tornou Villon, num repente. "Maldito seja este cabeçudo," principiou a resmonear. "Arde-me na garganta como se fosse saliva. Que direito tem um homem de ter cabelos ruivos quando está morto?" E deixou-se cair outra vez, feito uma enxergão, em cima do mocho, tapando completamente a cara com as mãos.

Montigny e Dom Nicolas riam com grandes gargalhadas, embora Tabary os acompanhasse sem grande entusiasmo.

"Chora, menino", disse o frade.

"Sempre me quis parecer que ele era mulher," acrescentou Montigny com um olhar de desprezo. "Desperta, se és capaz," continuou, dando outro encontrão ao cadáver. "Pisa essa fogueira, Nick."

Mas Nick tinha mais que fazer; sossegadamente aproveitara a ocasião em que Villon se deixara cair no enxergão, todo sacudido e trêmulo, no mesmo enxergão onde minutos antes estivera a compor a sua balada, e roubara-lhe a bolsa. Mudamente, Montigny e Tabary reclamaram a sua parte no despojo, e o frade, sem dizer palavra, ia prometendo, enquanto tratava de guardar a pequena bolsa no peitoral da garnacha. É bem verdade a sensibilidade artística roubar ao homem o sentido da vida prática.

Assim que o roubo foi consumado, Villon pôs-se de pé e começou a ajudar a espalhar e a apagar as cinzas. Entretanto, Montigny abria a porta e punha-se a espreitar cautelosamente para a rua. A rua estava desimpedida; não havia qualquer intrometida patrulha à vista. Todavia era mais prudente passarem a noite separados; e como o

próprio Villon estava com pressa de se raspar das imediações do defunto Thevenin, e os outros ainda com mais pressa de se verem livres dele, antes que ele desse por falta do dinheiro, foi Villon o primeiro autorizado, por geral consenso, a sair para a rua.

O vento havia ganho a partida, varrendo do céu todas as nuvens. Apenas alguns ligeiros vapores, tão sutis como o luar, vogavam, céleres, por entre as estrelas. Fazia um frio atroz; e, graças a um vulgar efeito de ótica, as coisas dir-se-iam quase mais nítidas do que vistas à mais clara luz do sol. O silêncio era completo na adormecida cidade: uma comunidade de capuzes brancos e um campo eriçado de pequenos Alpes à cintilação às estrelas. Villon amaldiçoou a sua sorte. Era bem melhor que tivesse continuado a nevar! Assim, onde quer que ele fosse, deixaria sempre atrás de si, através das ruas brilhantes, o indelével rasto dos seus pés. Onde quer que se dirigisse, continuaria sempre ligado à casa do cemitério de São João; onde quer que fosse, continuaria sempre a tecer com os seus próprios pés o fio que o prendia ao crime e o havia de amarrar à força. O olhar do morto apareceu-lhe agora com outro significado. Deu um estalido com os dedos, como se quisesse fazer das tripas coração, e, escolhendo o caminho ao acaso, rompeu audaciosamente pela neve além.

À medida que ia caminhando, duas coisas o preocupavam: por um lado, o aspecto das forcas em Montfaucon nesta fase tempestuosamente brilhante da sua noturna existência, e, por outro, o olhar do morto, com a sua cabeça calva e a grinalda de caracóis ruivos. Mas sentiu frio no coração e pôs-se a andar mais depressa, como se quisesse escapar aos seus próprios pensamentos apenas estugando o passo. De vez em quando olhava para trás, por cima do ombro, com um súbito choque nervoso; mas ele era a única coisa que se agitava na rua branca, salvo quando, a uma esquina, o vento rodopiava, arremessando ao ar a neve, que começava a endurecer, tal qual um esguicho de poeira cintilante.

Subitamente viu ao longe, na sua frente, um grupo negro e um par de lanternas. O grupo movia-se e as lanternas agitavam-se como levadas por homens em marcha. Era a patrulha. Posto que a patrulha estivesse longe, o poeta julgou mais prudente desaparecer da vista dela tão prontamente quanto pôde. Não estava disposto a desafios, e sabia perfeitamente que os seus pés lá estavam impressos na neve. Precisamente à esquerda havia um grande edifício com uns torreões e um grande pórtico diante da entrada. Lembrava-se de ser aquela uma casa meio arruinada e há muito vazia. Deu três passos em frente e escondeu-se debaixo do pórtico. Havia uma certa escuridão naquele lugar, em contraste com a luminosidade das ruas nevadas, e ele

seguia as apalpadelas, com as mãos estendidas, quando tropeçou com qualquer coisa ao mesmo tempo densa e mole, firme e móvel. Teve um choque no coração e deu dois saltos para trás, fitando horrorizado o obstáculo. Depois soltou uma risadinha de alívio. Tratava-se apenas de uma mulher e, para mais, de uma mulher morta. Ajoelhou-se ao lado dela para ver se era verdade. Estava gelada, rígida como um pau. Em torno dos cabelos flutuava-lhe uma fita e tinha as faces carregadamente pintadas de fresco. Não tinha nada nas algibeiras; mas por debaixo das ligas, nas meias, Villon conseguiu encontrar-lhe duas daquelas pequenas moedas a que então se chamavam "brancas". Era quase nada; mas, em todo o caso, alguma coisa era; e o poeta, ao pensar que aquela mulher morrera sem ter tido tempo de gastar o seu dinheiro, sentiu-se agitado por um profundo sentimento de consternação. Isto afigurava-se-lhe um negro e lamentável mistério, e ora olhava para as moedas que tinha na mão ora para a mulher morta, para logo voltar a fitar as moedas, abanando a cabeça perante o enigma da vida humana. Henrique V de Inglaterra, falecido em Vincennes pouco depois de ter conquistado a França, e aquela pobre rameira ceifada pelo frio no limiar de um tão grande portal, antes de ter tido tempo de gastar as suas moedas "que cruel maneira de governar este mundo! Não teria sido preciso muito tempo para gastar aquelas duas moedas e ao menos assim teria tido um melhor sabor na boca e um melhor gosto nos lábios quando o diabo chegasse para lhe levar a alma e o corpo fosse dado em pasto às aves e a vérmina. Quanto a ele, Villon, desejava bem poder gastar todo o seu cabedal antes da luz se lhe apagar e a candeia se lhe partir.

Enquanto estes pensamentos lhe perpassavam pelo espírito, ia procurando a bolsa com um gesto inconsciente. De súbito, parou-lhe o coração no peito, sentiu uma lâmina fria percorrer-lhe a barriga das pernas e um sopro gelado pareceu envolver-lhe o crânio. Ficou, por momentos, petrificado; depois sentiu, de novo, como que uma agitação de febre; e de novo a ideia do que acabava de perder se lhe estampou no pensamento e todo ele ficou de repente coberto de suores. Para o pródigo o dinheiro é uma coisa tão viva e presente – é como que um véu entre ele e os prazeres! Para o pródigo só há um limite na fortuna – o do tempo. Com algumas moedas na algibeira, o pródigo é como que um imperador de Roma enquanto as moedas duram. Eis por que uma pessoa que perde o seu dinheiro passa por uma das piores vicissitudes; num sopro, cai do céu no inferno, vai do tudo ao nada. E o pior era se ele tinha de meter a cabeça no barão por causa daquele dinheiro, o pior era se ele no dia seguinte seria levado para a forca por causa daquela bolsa, tão dificilmente alcançada e tão estupidamente perdida. Villon pôs-se a praguejar;

atirou fora as duas moedas; ergueu os punhos para o céu; bateu com os pés no chão e nem horror sentiu de se ver calcando o pobre cadáver. Em seguida, resolveu seguir o seu próprio rasto em direção à casa junto ao cemitério. Esquecera-se de todo da patrulha, que no entanto já tinha passado há muito, não pensando senão na sua bolsa perdida. Procurou debalde de um lado e outro na neve; não via coisa alguma. Não lhe tinha caído na rua. Ter-lhe-ia caído dentro de casa? Teria desejado bem entrar, para ver, mas a ideia do terrível inquilino encheu-o de cobardia. Além disso, ao aproximar-se, viu bem que tinha tentado em vão apagar a fogueira; uma labareda rompera da cinza e urna luz incerta brincava nas gretas da porta e das janelas. Isso lhe fez lembrar o terror das autoridades e da força de Paris.

Voltou ao edifício do grande pórtico e pôs-se a apalpar na neve em busca do dinheiro que havia lançado fora num momento de cólera infantil. Apenas conseguiu descobrir uma moeda; a outra devia ter resvalado para qualquer lado e enterrara-se naturalmente na neve. Só com uma moeda na algibeira, todos os seus projetos de uma noite animada em qualquer grande taberna se desvaneceram completamente. E não era apenas o prazer que lhe fugia, rindo, por entre os dedos; invadiu-o uma verdadeira desconsolação, uma verdadeira mágoa ao recolher-se tristemente atrás do pórtico. A transpiração havia-se-lhe enxugado no corpo; e posto que o vento tivesse deixado de soprar, uma capa de geada ia caindo, cada vez mais agreste, sentindo-se entorpecido e o coração trespassado. Que fazer agora? Se tentasse bater à porta do pai adotivo, o capelão de São Bento, pouca esperança podia ter de ser recebido a uma tal hora da noite, em todo o caso tentaria.

Levou todo o caminho a correr; ao chegar, bateu timidamente. Não teve resposta. Bateu, voltou a bater, e a cada nova pancada ia ganhando mais ânimo; por fim, ouviu passos aproximarem-se da porta. No portal chapeado de bronze abriu-se um postigo gradeado, de onde saiu um jorro de luz amarelada.

"Mostre a cara," disse o capelão lá de dentro.

"Sou eu," murmurou Villon.

"Oh, és tu, não és?" voltou o capelão; e pôs-se a amaldiçoá-lo com imundas e degradantes imprecações por ter sido perturbado a uma hora daquelas e acabou por mandá-lo para o diabo, em cuja companhia por certo andava.

"Tenho as mãos todas roxas até aos pulsos," suplicou Villon, "tenho os

pés dormentes e doridos; o ar corta-me o nariz; o frio chega-me ao coração. Morrerei antes de romper a manhã. Só por esta vez, pai, e por Deus lhe juro que nunca mais volto a aparecer aqui.

"Devias ter vindo mais cedo," disse o eclesiástico friamente. "É sempre tempo de dar uma lição a um rapaz." E fechou o postigo, retirando-se deliberadamente para dentro de casa.

Villon estava fora de si; pôs-se a bater na porta com as mãos e os pés, gritando em voz rouca para o capelão:

"Velha raposa piolhenta," gritava ele, "se te deitasse a mão à sotaina, eras uma vez um homem."

Lá dentro fechou-se uma porta, mas o poeta mal a ouviu, ao fundo de grandes corredores. Depois pôs a mão na boca, em concha, e soltou uma imprecisão. Em seguida, ao aperceber-se do cômico da situação, desatou a rir, com os Olhos vagamente no céu, onde as estrelas pareciam trocar da sua triste sorte.

Que havia de fazer? Estava condenado a passar a noite nas ruas glaciais. A ideia da mulher morta surgiu-lhe de repente na imaginação, e um grande susto se apoderou dele. O que lhe tinha acontecido a ela, na noite anterior, podia muito bem vir a acontecer-lhe a ele antes de romper a manhã. E era tão novo ainda! E diante dele, um nunca acabar de pandegas! Pensando no seu próprio destino, sentia o seu quê de patético, como se se não tratasse dele próprio, mas de qualquer outra pessoa, acerca de quem estivesse bordando imaginárias considerações, na previsão do que viria a acontecer quando no dia seguinte lhe encontrassem o corpo.

Enquanto ia revirando a moeda entre o polegar e o indicador, passava em revista todos os riscos que o esperavam. Infelizmente, todos aqueles velhos amigos que se teriam compadecido dele em tal situação estavam em más relações com ele. Havia-os satirizado em verso, tinha-os espancado ou defraudado. No entanto, naquele aperto, lembrou-se de que talvez um, pelo menos, se compadecesse dele. Seria uma grande sorte. Mas valia a pena experimentar; iria ver.

No caminho ocorreram dois pequenos incidentes que o fizeram mudar de parecer. Primeiro começou por seguir ao longo do rasto de uma patrulha, durante algumas centenas de metros, embora não fosse o seu caminho. Isto animou-o. Ao menos tinha confundido a sua pista com o rasto da patrulha, pois subsiste nele a impressão de que continuava a ser seguido por todo Paris e que na manhã seguinte

seria apanhado. A outra coisa impressionou-o de maneira bem diferente. Passou junto à esquina da rua onde havia tempo mãe e filho tinham sido devorados pelos lobos. Era exatamente por noites assim que os lobos costumavam entrar em Paris e um homem solitário naquelas ruas desertas corria o risco de lhe acontecer coisa pior que apanhar um simples beliscão. Parou e pôs-se a olhar para o tal ponto com uma curiosidade bem pouco aprazível – era um lugar onde se cruzavam várias ruas; e começou a esquadriñar uma por uma, com a respiração suspensa, para melhor ouvir, receoso de descobrir qualquer coisa escura galopando pela neve ou sentir algum uivo lá para as bandas do rio. Lembrou-se da mãe a mostrar-lhe a mancha e a contar-lhe a história quando ele era pequeno. A mãe! Se ele ao menos soubesse onde ela vivia, podia estar certo de ter um abrigo. E decidiu que no dia seguinte havia de investigar; além disso, iria saber dela e visitá-la-ia, pobre velha! Assim pensando, chegou ao seu destino, a sua derradeira esperança dessa noite.

A casa estava completamente às escuras, tal qual como as casas vizinhas. Depois de ter batido, no entanto, ouviu qualquer ruído por cima da cabeça; uma porta abriu-se e uma voz cautelosa perguntou o que era. O poeta disse o seu nome alto, mas surdamente, e esperou, não sem um certo receio, pelo resultado. Não teve de esperar muito. Subitamente, abriu-se uma janela e do alto despejaram-lhe em cima um balde de água suja. Villon, que não tinha deixado de pensar numa resposta daquele gênero, abrigara-se debaixo do pórtico tanto quanto pudera. Apesar disso, da cintura para baixo ficou num estado deplorável. As calças começaram logo a cobrir-se-lhe de gelo. A possibilidade de morrer de frio sem abrigo tornou-se-lhe evidente. Lembrou-se de que tinha propensão para tísico e pôs-se a tentar tossir. Mas a própria gravidade da situação lhe sustinha os nervos. Deteve-se a umas centenas de metros de onde acabava de ser tão rudemente recebido e pondo um dedo no nariz pôs-se a refletir. Apenas um caminho se lhe oferecia para conseguir abrigo; seguí-lo-ia. Não muito longe dali, vira uma casa que se lhe afigurara facilmente assaltável, e prontamente tomou o rumo dessa casa; imaginando já, de si para consigo, um quarto ainda quente, e uma mesa repleta de sobras de uma ceia, onde ele passaria o resto daquelas negras horas e de onde sairia, no dia seguinte, com os braços a abarrotar de valiosas pratas. E ia meditando nas iguarias que o esperavam e nos vinhos que preferiria; de si para consigo, ia evocando a lista dos seus manjares favoritos, lembrando-se de peixe assado, com um estranho misto de satisfação e horror.

"Nunca mais acabo a tal balada," pensou de si para consigo; e, depois, com um novo sobressalto de memória: "Oh, maldita seja esta estúpida

cabeça," exclamou com ardor, cuspido para a neve.

À primeira vista a casa parecia às escuras; mas quando Villon começou a procurar um ponto mais fácil para o ataque, veio dar-lhe nos Olhos uma pequena centelha de luz coada através da janela fechada com uma cortina.

"Oh, diabo!" pensou ele. "Gente acordada! Estudante ou santo, maldita raça! Por que diabo é que eles não bebem e não se vão deitar com o vinho? Para que diabo é que serve o toque de recolher e as almas do diabo dos sineiros a puxarem pelo badalo nas torres dos sinos? Que é que se havia de fazer de dia se toda a gente passasse a noite acordada? Ao garrote com eles!" E, ao ver onde a lógica o levava, teve um trejeito. "Que cada um trate da sua vida é o que importa", acrescentou, "se eles estão acordados, valha-nos Deus, por esta vez posso pregar a peça ao diabo e pedir honestamente que me dêem de cear."

Caminhou atrevidamente para a porta e bateu com firmeza. As duas outras vezes batera timidamente e com certo receio de chamar a atenção; mas agora, que tinha posto de lado a ideia de uma entrada fraudulenta, bater a uma porta afigurava-se-lhe a coisa mais simples e inocente deste mundo. O som das suas pancadas ecoou com um frio e fantástico eco, como se a casa estivesse completamente vazia; mas, mal o eco desapareceu, ouviram-se aproximar uns passos medidos, ranger os ferrOlhos e um postigo abrir-se largamente, como se quem estava lá dentro nada receasse. Uma grande figura de homem, magro e musculoso, embora um pouco curvado, apareceu diante de Villon. Tinha uma cabeça maciça, mas delicadamente esculpida; o nariz era grosso na ponta, se bem que afilado para cima, no sítio onde se uniam as grossas e dignas sobranceiras; cercavam-lhe a boca e os Olhos delicados sinais e toda a face assentava numa espessa barba branca ostensivamente talhada em quadrado. Vista assim, à luz de uma candeia oscilante, parecia talvez mais nobre do que realmente era; em todo o caso tratava-se de uma bela máscara, onde havia mais dignidade do que inteligência: uma cara forte, simples e honrada.

"É tarde para bater, senhor", disse o velho em tom sonoro e cortês.

Villon mostrou-se adulator e proferiu algumas servis palavras de desculpa; numa crise daquelas o pedinte vinha nele à superfície enquanto o homem de gênio se escondia, confuso.

"Tendes frio", tornou o ancião, "e fome? Bem, subi". E fê-lo entrar em sua casa com um gesto cheio de nobreza.

"Alguns grandes fidalgos", pensou Villon, enquanto o seu anfitrião, pousando a candeia no lajeado pavimento da entrada, colocava outra vez as trancas no seu lugar.

"Perdoai-me, se vou adiante," disse ele, depois de fechar os olhos; e sempre na sua frente conduziu o poeta para o andar superior, introduzindo-o numa grande sala onde havia uma lareira e um grande candeeiro pendente do tecto. A mobília escasseava; havia apenas algumas salvas de prata a um dos lados; alguns livros; e entre as janelas um armário com armaduras. Lindas tapeçarias pendiam das paredes: numa, via-se a crucificação de Nosso Senhor, na outra, uma cena com pastores e pastoras à beira de um riacho. Por cima da chaminé havia uma panóplia de armas.

"Quereis ter a bondade de vos sentardes", disse o ancião, "e perdoar-me se vos deixo? Estou sozinho em casa esta noite, e se vos quiser dar qualquer coisa a comer, eu próprio terei de ir tratar disso".

Mal o anfitrião saiu, Villon pulou da cadeira em que se sentara e, furtiva, apaixonadamente, tal qual como um gato, pôs-se a examinar a sala. Pegou nos vasos de ouro, abriu os in-fólios, examinou as armas na panóplia e o estofado de que as cadeiras eram forradas. Ergueu a cortina das janelas e viu que as portas eram guarnecidas com ricos vidros de cor, cheios de figuras, pelo menos, ao que lhe pareceu, de assunto marcial. Depois deteve-se no meio da sala, respirou fundo, e retendo o fôlego, com as faces inchadas, Olhou em toda a volta, girando sobre os calcanhares, como se quisesse imprimir na memória todos os pormenores daquela habitação.

"Sete peças de prata," disse ele. "Se fossem dez, ainda me arriscaria. Uma tão bela casa e um tão simpático amo, assim me valham todos os santos da corte celeste!"

Nesse mesmo instante, ouvindo o velho fidalgo caminhar ao longo do corredor, voltou a sentar-se na cadeira e pôs-se, humildemente, a aquecer as pernas molhadas diante da fogueira de brasas.

O fidalgo trazia um prato com comida numa das mãos e na outra um jarro de vinho. Pousou o prato em cima da mesa, convidou Villon a aproximar a cadeira e dirigindo-se ao aparador, pegou em duas taças, que encheu.

"Bebo pelas vossas prosperidades," disse ele, grave, tocando com a sua taça na de Villon.

"Para que nos conheçamos melhor," murmurou o poeta, ganhando

confiança. Um simples homem do povo ter-se ia sentido intimidado pela cortesia do velho fidalgo, mas Villon estava acostumado àquelas coisas: não era a primeira vez que se divertia na companhia de grandes fidalgos e sempre os achava tão refinados velhacos como ele próprio. E assim se lançou às virtualhas com um apetite voraz, enquanto o fidalgo, inclinando-se para trás, o fitava com Olhos firmes e curiosos.

"Tendes sangue nas costas, cavalheiro," disse ele.

Ao sair de casa, Montigny devia ter-lhe enxugado às costas a mão direita ensopada. No seu foro íntimo amaldiçoou Montigny.

"Não foi derramado por mim," tartamudeou.

"Nunca supus tal coisa," tornou o anfitrião, tranquilamente. "Qualquer rixa?"

"Sim, qualquer coisa desse gênero," admitiu Villon com um estremecimento.

"Algum companheiro assassinado, não?"

"Oh, não, nada de assassinios," disse o poeta cada vez mais confuso. "Apenas uma brincadeira – morte por acidente. Não tive mão nele, juro-vos!" acrescentou com veemência.

"Um vagabundo a menos, provavelmente," observou o dono da casa.

"É muito possível," concordou Villon, infinitamente aliviado. "Um malandro como não havia outro daqui a Jerusalém. Ficou-se mansinho como um cordeiro. Mas era uma coisa abjecta de ver. Estou certo que haveis visto homens mortos no vosso tempo, não, meu fidalgo?" acrescentou, relanceando os Olhos para a panóplia.

"Muitos," disse o velho. "Andei em guerras, como é de supor."

Villon pousou a faca e o garfo em que acabava de pegar outra vez.

"Algum calvo?" perguntou.

"Oh, sim, e alguns com os cabelos tão brancos como os meus."

"Não tenho preferência pelos brancos," disse Villon. "Os dele eram ruivos." E viu-se obrigado a afogar num grande trago de vinho um acesso de riso e certos estremecimentos. "Cada vez que penso nisto, sinto-me um pouco perturbado," continuou. "Conhecia-o – que

malvado! E depois o frio faz com que um homem se lembre destas coisas – ou lembrar-se um homem destas coisas faz frio, não sei porquê."

"Trazeis algum dinheiro convosco?"

"Trago uma branca", tornou o poeta, rindo. "Achei-a no cadáver de uma rameira morta por aí num portal. Estava tão morta como César e tão fria como uma igreja, pobre meretriz! Tinha uns bocados de fita amarrados à cabeça. O inverno neste mundo é duro para os lobos, para as meretrizes e para os pobres vagabundos como eu."

"Eu," disse o ancião, "sou um Enguerrand de la Feyillée, Senhor de Brisetout, bailio de Patatrac. E vós de onde vindes e quem sois?"

Villon levantou-se e fez uma conveniente mesura. "Eu sou aquele a quem chamam François Villon," disse ele, "um pobre mestre de humanidades da nossa Universidade. Sei um pouco de latim e muito do vício. Sei fazer canções, baladas, lais, virelais e ritornelos, e sou perdidinho por cerveja. Nasci numa água furtada e é muito possível que venha a acabar na forca. E devo acrescentar, meu fidalgo, que, desta noite em diante, me confesso o mais humilde dos vossos servos, às ordens de Vossa Excelência.

"Meu servo, não," disse o cavaleiro; "meu hóspede por esta noite e nada mais."

"Um hóspede profundamente reconhecido", disse Villon com toda a polidez; e numa muda pantomima bebeu à saúde do seu anfitrião.

"Sois astuto", principiou o velho, batendo na testa; "muito astuto; tendes estudos; sois letrado; e apesar disso sois capaz de tirar uma moeda do cadáver de uma mulher que encontrais na rua? Não será isso uma espécie de roubo?"

"É uma espécie de roubo muito praticado na guerra, meu fidalgo."

"As guerras são o campo da honra," volveu o velho com altivez. "Na guerra o homem joga a vida; combate em nome do seu senhor, o Rei, do seu senhor, Deus, e no de todos os seus ilustres anjos e santos."

"Imaginaí," disse Villon, "que eu era, de fato, um ladrão, não jogaria eu também a vida e em mais duras pelejas?"

"Pelos lucros, não pela honra."

"Lucros?" repetiu Villon com um encolher de ombros. "Lucros! Se um pobre diabo precisa de cear, tem de tratar da vida. Assim fazem os guerreiros em campanha. Para quê, para que todas essas petições em que ouvimos tanto falar? Se não há ganhos para aqueles que os tomam, nem por isso deixa de haver perdas para os outros. Os guerreiros vão bebendo sentados ao pé de uma boa lareira, enquanto os burgueses roem as unhas para comprar vinho e lenha para eles. Tenho visto, por esses campos, não poucos lavradores a baloiçar nas árvores. Sim, vi trinta em cima de um ulmeiro, e que triste figura eles faziam! Pois quando perguntei por que é que toda aquela gentinha havia sido enforcada, disseram-me que era por não terem podido juntar as coroas necessárias para satisfazer os mercenários."

"Essas coisas são uma necessidade da guerra, e a gentalha não tem outro remédio senão aguentá-las com paciência. É certo que há capitães duros; em todas as classes há espíritos insensíveis à piedade; e não nego que na carreira das armas haja homens pouco melhores que brigões."

"Vede," disse o poeta, "vede como não podeis separar o guerreiro do brigão; e um ladrão não é mais que um brigão de boas maneiras combatendo sozinho. Eu surripio um par de costeletas de carneiro sem perturbar o sono de ninguém. Os aldeãos rosnam o seu bocado, mas nem por isso deixam de comer de perfeita saúde o que eu deixei. E vós? Vós surgis atroando os ares com as vossas trombetas, lançais mão de todos os carneiros, e ainda por cima aplicais uma sova impiedosa ao aldeão. Cá por mim não uso trombetas; sou apenas Pedro, Paulo ou Martinho, sou um vagabundo e um perro para quem a força é uma rica coisa – muito obrigado; mas perguntai ao aldeão qual de nós ele prefere, perguntai-lhe por qual de nós é que ele passa as noites frias em claro rogando pragas!"

"Ponde os Olhos em nós", disse o fidalgo. "Eu sou velho, forte e considerado. Se me visse amanhã expulso da minha casa, centenas de pessoas se sentiriam orgulhosas de me dar abrigo. Bastava que eu mostrasse desejo de estar só, para os pobres saírem de suas próprias casas, prontos a passarem a noite na rua na companhia dos filhos. E vós andais por aí vagueando sem lar, e roubando uns míseros reais a uma mulher morta para aí a um canto. Não temo os homens, não temo nada; enquanto que vós, vivos tremer há pouco e perder a calma a uma só palavra. Espero que Deus me chame à sua presença, tranquilamente, na minha cama, ou, se aprouver a El-Rei chamar-me outra vez, esperarei esse momento no campo de batalha. Vós esperais pela força; esperais por uma morte repentina e cruel, sem esperança nem honra. Achais então que não há diferença entre nós?"

"Tão grande como entre o sol e a lua," voltou Villon aquiescendo. "Mas seria menor a diferença se eu tivesse nascido Senhor de Brisetout e vós o pobre scholar François Villon? Não estaria eu aqui a aquecer os joelhos a esta lareira e vós não andaríeis às apalpadelas na neve em cata de um real? Não seria eu o guerreiro, e vós o ladrão?"

"Um ladrão?" exclamou o fidalgo. "Eu um ladrão! Se medísseis o alcance das vossas palavras, arrepender-vos-íeis."

Villon afastou as mãos com um gesto de inimitável impudência. "Se Vossa Excelência me tivesse dado a honra de seguir os meus argumentos," disse ele.

"Grande honra vos concedo já em suportar a vossa presença," disse o cavaleiro. "Aprendei a dobrar a língua quando vos dirigis a velhos e honrados homens ou a alguém mais precipitado do que eu capaz de vos reprovar de uma maneira mais severa." Dizendo o que, se levantou e pôs-se a passear na parte mais retirada da sala, agitado pela cólera e pela raiva. Villon, sub-repticiamente, voltou a encher a taça, sentou-se mais confortavelmente, cruzou as pernas e deixou cair a cabeça contra a mão cujo cotovelo apoiava às costas da cadeira. Sentia-se agora saciado e quente; e não tinha qualquer receio do seu anfitrião, depois de haver medido tanto quanto possível os seus dois tão diferentes carâteres. A noite ia quase passada e a pesar de tudo passara-a com bastante conforto; e ele sentia-se moralmente certo de que poderia partir descansado no dia seguinte.

"Dizei-me uma coisa", disse o velho, que interrompera o seu passeio. "Sois realmente um ladrão?"

"Reclamo os sagrados direitos da hospitalidade," tornou-lhe o poeta. "Sou, sim, senhor."

"Sois tão novo," continuou o cavaleiro.

"Nunca teria chegado a esta idade," replicou Villon, mostrando os dedos, "sem a ajuda destes dez talentos. Posso considerá-los minha mãe e meu pai."

"Ainda estais a tempo de vos arrependerdes e mudardes."

"Arrependo-me todos os dias," disse o poeta. "Não conheço ninguém tão disposto a arrepender-se como o pobre François. Quanto a mudanças, deixai que alguém mude as condições da minha vida. Um homem precisa de continuar a comer, quanto mais não seja para poder continuar a arrepender-se."

"É pelo coração que deve começar a mudança," voltou o fidalgo com solenidade.

"Meu caro senhor," retorquiu Villon, "estais de fato convencido de que eu roubo por prazer? Detesto tanto roubar como fazer qualquer outro trabalho ou correr qualquer outro risco. Sinto os dentes ranger quando vejo uma força. Mas preciso de comer, preciso de beber, tenho necessidade de aparecer na sociedade. Que diabo! O homem não é um animal solitário – Cui Deus foeminam tradit – Fazei de mim padeiro-mor de El-Rei ou abade de São Diniz; fazei de mim bailio de Patatrac; e então vereis como eu mudo de fato. Mas enquanto continuar a ser o pobre scholar François Villon, sem vintém, evidentemente que continuarei a ser o que sou."

"A graça de Deus é infinita!"

"Seria herético se perguntasse," disse François Villon, "se foi ela que vos fez Senhor de Brisetout e bailio de Patatrac enquanto se limitou a dar-me a mim esta vivacidade de espírito que aqui tendes, estes dez dedos das minhas mãos. Dais licença que me sirva de vinho? Agradeço-vos respeitosamente. Graças a Deus a vossa colheita é bem vantajosa."

O senhor de Brisetout passeava de um lado para o outro com as mãos atrás das costas. Parecia não se resignar àquele paralelo entre ladrões e guerreiros, talvez Villon o prendesse por qualquer fio de simpatia, talvez o seu espírito se sentisse apenas perturbado por tão invulgares argumentos. Fosse qual fosse a causa, a verdade é que havia nele qualquer anseio de dirigir o moço para um melhor caminho e por isso se não decidida pô-lo outra vez na rua.

"Há nisto tudo qualquer coisa mais que eu não posso compreender," disse ele, por fim. "Tendes a boca cheia de sutilezas, e o diabo desencaminhou-vos de todo; mas, perante a verdade de Deus, o diabo não passa de um fraco espírito e todas as suas sutilezas se desvanecerão a uma só palavra sua, tal qual como as trevas quando chega a manhã. Escutai-me uma vez ainda. Há muito que me ensinaram que um fidalgo deve viver cavalheirescamente e com toda a dignidade perante Deus, o seu Rei e a sua dama; e posto já tenha visto coisas muito extraordinárias, até agora sempre me tenho esforçado por me manter dentro destes princípios. Se vos derdes ao cuidado de bem ler, verificareis que eles não estão escritos apenas em todas as nobres histórias, mas em todos os corações. Falais em comer e beber e eu bem sei que a vossa é uma dura prova a suportar; mas não dizeis palavra acerca das demais necessidades humanas; nada

dizeis da honra, da fé em Deus e nos homens, da cortesia, do amor sem mácula. É possível que eu não seja muito sábio embora esteja convencido de que o sou mas afigura-se-me que haveis perdido o rumo e andais cometendo um grande erro na vida. Dais toda a atenção às pequenas necessidades, e haveis completamente esquecido as grandes, as únicas reais, como um homem preocupado com uma dor de dentes no dia de Juízo Final. A honra, o amor e a fé são não só mais nobres que o comer e beber, mas estou sinceramente convencido de que precisamos mais delas e sofremos mais agudamente a sua falta. Falo-vos da maneira que julgo mais fácil poder por vós ser compreendido. Não estareis vós, enquanto tratais de encher o ventre, fazendo por esquecer qualquer outro desejo do vosso coração, um desejo que vos corrompe o prazer da vida e seja causa de toda a vossa desgraça?"

Villon parecia sensivelmente irritado com todo este sermão.

"Julgais que não tenho o sentimento da honra!" exclamou. "Que sou pobre, Deus bem o sabe! É duro ver os ricos de luvas e nós para aí a soprar nas mãos. Uma barriga vazia é coisa bastante séria e no entanto falais disso com uma leviandade! Se tivésseis andado de barriga vazia tantas vezes como eu talvez usásseis outro tom. De qualquer maneira sou um ladrão – compreendei isso bem – mas não sou um demônio dos infernos, Deus me defenda! Gostaria de vos fazer compreender que também tenho honra, tão boa como a vossa, mas que simplesmente não passo a vida a falar nela, como se fosse um milagre de Deus ter honra. Para mim é uma coisa perfeitamente natural, por isso a deixo estar em descanso, quando não preciso dela. Há quanto tempo estou eu nesta sala convosco? Não me haveis dito estardes sozinho em casa? Olhai para os vossos pratos de ouro! Não digo que não sejais forte, mas sois velho e estais desarmado, enquanto que eu sou novo e tenho aqui a minha faca. Bastava um encontrãozinho e estaríeis vós com uma lâmina fria metida nas tripas, e eu, onde estaria eu, por essas ruas, com uma braçada de taças de ouro? Julgais que não tenho esperteza para ver isto? E, no entanto, condeno esse gesto. Aí estão as vossas malditas taças tão seguras como numa igreja, aí estais vós com o coração aos saltos como se fôsseis um rapaz novo; e aqui estou eu pronto a ir-me embora, tão pobre como vim, apenas com uma única moeda na algibeira, uma moeda que me haveis lançado à cara! E dizeis que não sei o que é honra! Deus me mate já aqui!"

O velho estendeu o braço direito. "Vou dizervos quem sois", disse ele. "Sois um velhaco, rapaz, e um impudente, um malandro sem coração, um vagabundo. Passei uma hora na vossa companhia. Oh, acreditai-

me, sinto-me desonrado. E haveis comido e bebido à minha mesa. Mas agora estou farto da vossa presença. São horas das aves da noite se recolherem. Quereis partir antes ou depois de mim?"

"Como vos agradar mais," tornou o poeta, levantando-se. "Estou certo de que sois um homem magnânimo." E pensativamente, esvaziou a taça. "Desejaria bem poder acrescentar que vos considero inteligente." Continuou, batendo na cabeça com os nós dos dedos. "Idade! Idade! Miolos entorpecidos, reumatismo".

O fidalgo seguiu diante dele, porque assim lhe era devido; Villon seguiu-o, assobiando, com os polegares no cinturão.

"Deus se amerceie de vós" disse o Senhor de Brisetout junto à porta.

"Adeus, papai", tornou Villon, com um bocejo. "Muito obrigadinho pelo carneiro frio."

A porta fechou-se atrás dele. A aurora rompia por cima dos telhados brancos; uma gelada, desconfortável manhã, anunciava o dia. Villon parou e espreguiçou-se cordialmente no meio da rua.

"Que grande asno o velhote do fidalgo," pensou. "Quanto valerão as suas taças?"

OS RUÍDOS DO BOSQUE – Vladimir Korolenko



I

O bosque estava agitado.

Havia sempre ruído naquele bosque, um ruído regular, surdo, como o eco de campainhas longínquas; tranquilo e vago, como uma doce romanza sem palavras, como uma recordação do passado. Havia sempre ruído naquele bosque, porque era velho, muito velho, e nunca fora tocado pela acha dos lenhadores. Os altos pinheiros seculares, com os seus troncos vermelhos, poderosos, erguem-se como um exército sombrio, estreitando as suas copas verdes em abóbadas espessas.

Por baixo, havia calma e cheirava a alcatrão. Através do tapete de verdes agulhas que cobriam a terra, cresciam cogumelos gordos e fantásticos e altas ervas verdes. As flores humildes inclinavam, cansadas, as pesadas corolas. E no alto, incessantemente, sem interrupção, ouvia-se o ruído do bosque, lançando dolorosos suspiros.

Agora, estes suspiros soam cada vez mais fortes e profundos. Eu, montado no meu cavalo, caminhava por um estreito carreiro florestal. Embora não pudesse ver o céu, adivinhava pela obscuridade do bosque que lá no cimo se iam amontoando grossas nuvens. A hora era bastante avançada. Alguns raios de sol perfuravam a espessa folhagem, mas, sobre as árvores descia já o escuro. Avizinhava-se a tempestade.

Era inútil pensar em caçar; resumia as minhas aspirações à possibilidade de chegar, antes do furacão, a um abrigo qualquer onde pudesse passar a noite.

O meu cavalo batia com os cascos nas raízes desnudadas de algumas árvores, e alargando as orelhas escutava com ansiedade o ruído do bosque. Também ele se mostrava impaciente, apressava o passo.

OuvIU-se o ladrar dum cão. Através das árvores, já mais distanciadas, viam-se as paredes brancas duma choça de cujo telhado saía um fumo azul. A choça, inclinada, com um teto de palha enegrecida, acoitava-se como por detrás dum muro, entre os troncos vermelhos.

Parecia querer esconder-se debaixo da terra, e os esbeltos e soberbos pinheiros debruçavam sobre ela as copas majestosas. No meio da clareira, muito apertados, havia um grupo de sobreiros novos.

A casa era habitada por dois guardas do bosque, Zajar e Maximo, companheiros habituais das minhas excursões de caça. Mas não deviam estar ali, visto que ninguém saía ao meu encontro, apesar dos latidos do enorme cão. O avô, ancião de cabeça calva e bigodes brancos, permanecia sentado no limiar da choça.

As barbas chegavam-lhe quase à cintura; os Olhos eram escuros. Dir-se-ia que tentava recordar alguma coisa em vão.

– Bons dias avô. Está alguém em casa?

– Eh! – e o velho abanou negativamente a cabeça. – Não está nem Zajar, nem Maximo. Motria foi também ao bosque buscar a vaca... A vaca perdeu-se com certeza. Talvez a tenham devorado os ursos... Não, não está ninguém...

– Não importa. Espero, e faço-te companhia.

– Bem, se queres...

E enquanto amarro o meu cavalo a um carvalho, o velho olha-me com o seu olhar escuro e apagado. É muito débil, muito débil; não vê quase nada e as suas mãos tremem sempre.

– Quem és tu, moço? – perguntou-me quando me sentei a seu lado.

Cada vez que venho, faz-me a mesma pergunta.

– Ah! agora sim; sim, já me lembro – disse contente, enquanto compunha uma velha bota estragada. – A minha pobre cabeça não conserva muito a memória das coisas... É como um passador... Dos que morreram há muito tempo, lembro-me eu bem, mas a gente nova esqueço-a sempre.

Porque, bem vês já vivo há tanto tempo neste mundo...

– Há muito que vives nele, dizes?

– Sim, muitíssimo! Já cá andava no tempo em que os franceses vieram aqui para combater o nosso imperador.

– Então, podes contar alguma coisa! Viste muito, podes contar muito!...

Olha-me com estranheza.

– Eu? Mas o que pude eu ver? Nada, a não ser o bosque. Há sempre ruído nele; noite e dia, inverno ou verão. Como essas árvores, passei aqui toda a minha vida e nunca pensei em mais nada. Chegou a hora de morrer; mas, às vezes, quando começo a pensar, pergunto a mim mesmo se vivi verdadeiramente, ou não. Talvez nunca tenha vivido...

Por cima da clareira, detrás das espessas copas, apercebia-se o extremo duma nuvem negra. As pernadas dos pinheiros que rodeavam a casa agitavam-se ao impulso do vento. O ruído do bosque tornava-se mais forte ainda. O velho levantou a cabeça e apurou o ouvido.

– A tempestade aproxima-se – disse. – Bem a conheço! Sim, sim, bem sei! Quando o furacão se põe a grunhir, a puxar pelos pinheiros, a desenraizá-los da terra... até me dá calafrios. É o «demónio da selva» que se enfurece – acrescentou mais baixo.

– Como sabes tu isso avô?

– Oh, isso... sei-o e muito bem! Entendo a linguagem das árvores. Porque – repara! – as árvores também têm medo. Por exemplo, o álamo dos Alpes, essa árvore maldita... não pára de gemer. Treme quando há vento. O pinheiro também: quando está bom tempo canta docemente, mas quando faz vento começa a soprar e põe-se a gemer lugubrememente. Escuta! Eu vejo mal mas tenho bom ouvido. Agora é o carvalho que começa a queixar-se, «o demónio da selva», ataca os carvalhos... é sempre assim antes da tempestade!

Com efeito, o grupo de carvalhos que se via no meio da clareira, defendidos pela muralha do bosque, sacudiam os seus ramos potentes e faziam um ruído surdo que se podia distinguir facilmente do dos pinheiros.

– Estás a ouvir rapaz? – disse o velho com um sorriso malicioso. – Eu sei muito bem; Quando os carvalhos começam a agitar-se, é garantido que há noite virá o «demónio do bosque», puxando por eles para os desfazer. Mas nem o próprio «demónio» pode nada contra o carvalho; é demasiado sólido.

– De que demónio falas tu, avô? Não disseste tu mesmo já, que é o furacão que os destroça?

Abanou a cabeça.

– Ah, sim, já ouvi dizer isso! Também me disseram que há pessoas que não acreditam em coisa alguma. É fantástico! E, no entanto, eu vi-o, como te vejo agora a ti, ou melhor ainda: porque agora os meus Olhos não valem grande coisa, ao passo que então, eram ainda jovens. Que bem viam quando eu era jovem!

– Mas como o viste tu, avô?

– Foi num dia como o de hoje; primeiro, os pinheiros começaram a gemer: O-ho-ho! O-oh-oh! E cada vez mais lastimosa e dorida. Os pinheiros sabiam que naquela noite o «demónio» ia atirar muitos por terra...

Depois, ao anoitecer, os carvalhos começaram a agitar-se.

E, quando a noite desceu, «ele» ali estava, percorrendo o bosque em todas as direcções, ora rindo, ora chorando de raiva, atacando furiosamente os carvalhos e dançando em volta das árvores... Uma vez – foi no Outono – olhei pela janela quando «ele» estava no bosque. Oh!, que furioso se pôs quando viu que eu olhava! Aproximou-se da janela e atirou-me para cima um tronco de pinheiro. Por pouco me não feriu na cara; diabos o levem! Mas eu não era tão tonto como isso; quando o vi aproximar-se, escapei-me. Que furioso estava, rapaz!

– Como é ele?

– Como um velho salgueiro que cresce no pântano. Parece-se muito com ele. Os seus cabelos são como as folhas; as barbas também; o seu nariz, como um ramo curvo... Uf, que feio é! Não desejaria a nenhum cristão que se parecesse com ele, palavra de honra!... Noutra ocasião vi-o no pântano, muito de perto. Se queres, vem um dia de inverno, talvez o vejas também. Sobe a esta montanha que fica aqui por trás e trepa a uma árvore alta. Às vezes, pode ver-se dali. Aproxima-se como uma coluna de fumo branco por cima do bosque, e girando em volta de si mesmo, desce da montanha ao vale. Dá algumas voltas a correr, e depois desaparece no bosque. Durante a sua caminhada cobre com neve as suas pegadas que vai deixando atrás. Se me acreditas, vêm vê-lo tu mesmo.

O velho estava visivelmente satisfeito da sua narrativa, como se a agitação do bosque e o furacão suspenso no ar, lhe reanimassem o velho sangue. Abanava a cabeça, sorria, e piscava os Olhos.

De súbito, a sua testa enrugada ensombrou-se. Deu-me uma cotovelada e disse em tom misterioso: – Sabes o que te digo? O «demónio do bosque» é muito feio; um bom cristão não deve nem sequer olhar para semelhante criatura; mas devemos ser justos: não faz mal a ninguém. Às vezes prega a sua partida; mas o homem não tem razão para se queixar dele.

– Seja, avô, mas pelo que tu mesmo disseste ele, uma vez, quis magoar-te na cara.

– Sim, é verdade, mas isso foi porque o enraiveceu muito que estivesse a vê-lo da janela. Mas se alguém se não mete nos seus assuntos, nunca fará o menor dano. «Ele» é assim! E, no entanto, aqui no bosque, os homens fizeram coisas muito mais horrorosas; podes acreditar-me.

Baixou a cabeça, e durante alguns minutos permaneceu embrenhado nas suas reflexões. Quando levantou os Olhos e me Olhou, notei neles como que um relâmpago da memória passada.

– Vou contar-te rapaz uma história que aconteceu aqui mesmo neste bosque. Há muito, muito tempo... Lembro-me dela como dum sonho vago; mas quando o bosque começa a agitar-se, a minha memória torna-se mais clara...

Queres que te conte?

– Sim, sim, avô! Com muito gosto!

– Pois seja, Escuta...

II

Tenho que te dizer que os meus pais morreram quando eu era ainda muito pequeno. Deixaram-me completamente só neste vasto mundo. Triste situação! O nosso município não sabia o que fazer de mim, e o fidalgo também não. Pois bem, precisamente naquele momento veio do bosque à aldeia o guarda-florestal Román, e disse aos do Conselho:

– Dêem-me o rapaz. Eu sustento-o. Aborreço-me de estar só no bosque.

Os nossos vizinhos puseram-se muito contentes.

– Leva-o! – disseram logo.

E trouxe-me para sua casa. Desde então tenho vivido sempre neste bosque.

Román foi quem me educou. Era um homem terrível, Deus me perdoe. Enorme, com Olhos negros e a alma também negra; tinha passado toda a vida, só, no bosque.

A gente dizia que os ursos eram como irmãos dele, e os lobos seus sobrinhos. Conhecia todas as feras e não as temia; mas fugia dos homens e nem sequer os olhava... Era assim aquele Román! Quando me olhava eu tinha a sensação de que um gato me passava a cauda pelo pescoço. No entanto não era mau, e dava-me bastante bem de comer; às vezes até me assava patos. Quanto a isso, não tinha de que me queixar, não!

Pois bem, assim vivíamos os dois. Quando Román ia para o bosque deixava-me em casa fechado à chave, com medo que as feras me devorassem... Além disso, tinha uma mulher...

Foi o fidalgo quem lha deu. Um dia chamou-o a sua casa e disse-lhe:

– Casa-te, Román!

– Para quê? – perguntou Román. – Que se case o diabo que eu não quero. Não sinto a mínima falta duma mulher lá no bosque, tanto mais que já tenho em casa um filho. Não estava acostumado a mulheres e não as queria.

Mas o patrão era mau: Quando me lembro dele, quero crer que não há hoje senhores semelhantes. Não, não os há! Por exemplo tu: dizem que és de origem nobre; talvez seja verdade mas nada há de senhorial em ti... Um bom rapaz e nada mais. Mas o outro, este de que te estou falando, era um verdadeiro senhor à moda antiga. O mundo é assim: centenas de homens têm medo dum único, e que medo! Compara um gavião a um frango: ambos saíram dum ovo; mas o gavião voa até ao céu, e quando grita, não só os frangos mas até os galos começam a tremer. Pois bem o gavião é um pássaro senhorial, e o frango é um simples camponês.

Lembro-me ainda de quando era pequeno; uns camponeses, trinta homens pelo menos, transportavam em carros grandes vigas; pelo mesmo caminho passava o senhor, montado no seu cavalo, acariciando o bigode. Ao vê-lo, os aldeãos assustavam-se, fustigavam os seus cavalos para que deixassem o caminho livre e encostavam os carros a um lado, na fundura da neve. Depois passavam grandes trabalhos para tirarem os carros de lá.

E o senhor passeava tranquilamente pelo largo caminho, perfeitamente à vontade. Deus meu, como era severo! Os mujiks tremiam ante o seu olhar. Quando ria, toda a gente ficava contente; quando carregava o sobrolho, tudo em seu redor se tornava sombrio. Não havia ninguém que se atrevesse a contrariá-lo.

Mas Román, que tinha passado toda a vida no bosque, não compreendia estas coisas e o senhor perdoava-lhe muito.

– Quero que te cases – disse-lhe o senhor. – Não me perguntes porquê. Casa-te com Oxana.

– Não quero! – respondeu Román. – Não preciso dela. Que se case o diabo com ela, que eu não quero!

O senhor ordenou que trouxessem as vergastas. Deitaram Román ao chão.

– Queres casar-te? – perguntou o senhor.

– Não!

– Está bem! Dá-lhe mais vergastadas, mas das boas!

E deram-lhe tantas que ele já não podia mais, e era um mocetão bastante duro.

– Deixem-me! – gritou ele. – Que o diabo leve essa mulher! Nenhuma mulher vale que se sofra tanto por causa dela.

– Está bem, caso-me.

No território senhorial vivia um caçador, Opanas Schvidky.

Voltava do campo precisamente nessa altura. Quando se inteirou de que obrigavam Román a casar-se com Oxana, caiu de joelhos diante do fidalgo e beijou-lhe a mão.

– Em vez de martirizar esse homem – disse, – permite-me que case eu com Oxana. Que homem aquele!

Román estava muito contente. Levantou-se, vestiu as calças e disse:

– Isto vai bem! Podias ter chegado um pouco mais cedo! Vamos, senhor, estáveis equivocado, devíeis primeiro ter perguntado se havia alguém que quisesse casar-se de livre vontade. Mas em vez disso, mandais desancar um pobre homem. Os bons cristãos não procedem assim...

Román às vezes sabia dizer as verdades, até ao próprio fidalgo. Quando se aborrecia, toda a gente tinha medo dele, inclusive o fidalgo. Dessa vez, o fidalgo tinha lá a sua ideia: deu ordem para que deitassem de novo Román ao chão.

– Quero fazer a tua felicidade, grande animal! – disse ele.

– Agora estás só no bosque e eu não tenho nenhum desejo de ir a tua casa... Dai-lhe outras tantas vergastadas até que se canse. E tu, Opanas, vai para o inferno! Ninguém te convidou e não tens portanto o direito de te sentares à mesa; mas se estás muito interessado, mando-te servir o mesmo prato que a Román.

Román estava aturdido. Os açoites faziam-lhe doer muito.

Antigamente davam-se a valer! Suportou o martírio um longo bocado; mas por fim, acabou por cuspir indignado, e gritou:

– Seria demasiada honra para essa maldita Oxana que por sua causa dessem açoites a um cristão! Basta! Eu não sou nenhuma besta de carga para que me tratem assim! Já que tem de ser, bem: caso-me!

O fidalgo ria às gargalhadas.

– Até que enfim, te tornaste razoável! – disse. – A verdade é que não te poderás sentar junto da noiva no dia da boda; mas em contrapartida hás-de poder dançar.

Gostava de pregar partidas o nosso fidalgo. Mas teve um fim triste. Que Deus livre todos os homens cristãos dum fim semelhante! Não, eu não o desejaria a ninguém, nem mesmo a um judeu!...

Assim um dia Román se viu casado. Levou a rapariga para a sua choça do bosque. Nos primeiros dias não fazia senão ralhar-lhe,

deitando-lhe em cara as vergastadas que tinha recebido por sua causa: Não está certo de que por ti, se martirize assim um bom cristão!

Sempre que voltava do bosque, começava por querer expulsá-la de casa.

– Vai-te, não quero nenhuma mulher em minha casa! Não gosto que nenhuma mulher durma comigo, porque cheiram mal... Até isso dizia!

Mas depois, a pouco e pouco, foi-se habituando. Oxana punha a casa em ordem, varria, lavava, tudo andava limpo e arrumado. Román sentia-se contente e já não ralhava. Não só se reconciliou com ela, mas começou a amá-la. Palavra de honra! Até ele próprio se admirou.

– Devo dar graças ao senhor que me ensinou a ser razoável – dizia depois. – Deus meu, como fui tonto! Receber tantos açoites, e porquê. Agora compreendo que fazia mal negando-me a casar. Estou muito contente por possuir Oxana. Mesmo muito contente!

Passaram semanas e meses. Um dia vi que Oxana se sentou num banco e começou a gemer. Pela noite sentiu-se muito mal. No dia seguinte de manhã com grande surpresa minha, ouvi o choro duma criança. «Toma! Já temos uma criança em casa!», disse a mim próprio. E não me enganava.

A criança não viveu muito tempo: até à noite, mais nada.

Quando anoiteceu, já não se ouvia. Oxana começou a chorar.

Román disselhe:

– Pronto, acabou-se! Já não temos o menino! Mas não vale a pena chamar um padre, nós mesmos o enterraremos debaixo dum pinheiro.

Román atreveu-se a dizer isto! E não apenas a dizê-lo, mas a fazê-lo: fez uma cova e enterrou o menino. Vês aquele velho tronco, acolá? São os restos dum pinheiro que foi abrasado por um raio. Foi ali precisamente que Román enterrou a criança. E ouve o que te vou dizer, rapaz: quando se põe o sol e aparece no céu a primeira estrela, um passarito voa por cima daquele sítio lançando gritos lancinantes. Parte-se-me o coração ao ouvir esses gritos. Pois bem, esse passarito é a alma penada do menino que foi enterrado sem sacramentos, e suplica que se lhe ponha uma cruz.

Disseram-me que só um sábio que conheça os livros santos poderá salvar essa alminha em pena; e só então deixará de lançar gritos lancinantes. Nós os que aqui estamos, não sabemos nada e nada podemos fazer por ela. Quando voa por cima de nós pedindo uma cruz, dizemos-lhe unicamente: «Vai-te, pobre alminha, que nada podemos fazer por ti!» Recomeça a voar, chorando, e volta sempre outra vez. Ah, bom moço, que digna de compaixão é aquela alminha penada!

Oxana esteve muito tempo doente. Quando se restabeleceu um pouco, passava horas inteiras sobre a tumba de seu filho. Meu Deus, o que ela chorou! Ouviam-se no bosque inteiro os seus lamentos! E não havia maneira de consolar a pobre... Román mostrava-se indiferente à perda do menino; só lamentava Oxana. Quando a via chorar, dizia-lhe:

– Cala-te mulher estúpida! Não tens razão para chorar.

Aquele menino morreu, mas talvez tenhamos outros, e talvez sejam melhores do que aquele. Porque o menino morto, pode ser que não fosse meu... Eu não sei nada, mas a gente diz muitas coisas... E outro, com certeza que será meu...

Oxana não gostava de o ouvir falar assim. Punha-se muito, muito zangada, e começava a dizer-lhe coisas terríveis.

Román não a tomava a sério.

– Fazes mal em gritar – dizia tranquilamente a Oxana. – Eu não afirmo coisa nenhuma; digo apenas que não sei se era meu. Porque, repara bem, dantes não eras minha nem vivias no bosque, mas entre os outros. Posso lá saber o que se passou? Agora que estás aqui comigo, sinto-me mais seguro; mas antes... Há alguns dias, quando fui à aldeia, uma mulher disse-me: «Que depressa que fizeste um filho!» Compreendes?... Basta de chorar e de gritar! Cala-te, senão bato-te!

Oxana limpava as lágrimas à pressa e calava-se. Verdade é que às vezes permitia-se responder a Román e até dar-lhe um golpe; mas quando ele se zangava a valer, tinha-lhe medo. Nesses momentos, enchia-o de beijos e carícias; olhava-o com ternura, nos Olhos, e Román não tardava a acalmar-se. Tu, bom moço, talvez não compreendas isto, mas eu que já vivi muito, compreendo. E posso garantir-te que as mulheres sabem acariciar de tal jeito, com tal arte, que um homem furioso se torna como um cordeiro. Sim, sim! Já vi

mulheres dessas! E Oxana era tão bela que não havia outra igual. As mulheres não são todas iguais.

Pois bem; uma vez ouviu-se no bosque uma buzina de corno: tra-ta, tará-tará, ta, ta, ta,! Todo o bosque se encheu de sons festivos. Eu era então pequeno e não compreendia o que aquilo significava. Os pássaros assustados, começaram a voar, cheios de pânico; as lebres deitaram a correr como loucas em todas as direcções. Julguei que fosse alguma fera a rugir. Mas não era nenhuma fera; era o fidalgo que montado no seu cavalo, tocava o corno. Numerosos caçadores, também a cavalo, seguiam-no, conduzindo muitos cães de caça. E o mais formoso era Opanas Schvidky, o primeiro depois do fidalgo. Vestia um traje azul, um schapka com franjas douradas, uma magnífica espingarda ao ombro e um alaúde amarrado às costas. O fidalgo gostava muito de Opanas porque tocava alaúde admiravelmente e cantava canções muito bonitas. Além disso era belo. Que belo era! O fidalgo, comparado com Opanas era muito feio: calvo, com o nariz vermelho, os Olhos cinzentos nada bonitos. Opanas era um grande conquistador de corações. Até eu mesmo quando o olhava sentia vontade de sorrir; já podes pois imaginar o efeito que produzia nas mulheres. Disseram-me que os pais e avós de Opanas eram cossacos, do sul da Rússia, livres como o vento, e todos galhardos, fortes e belos. É lógico: não se viam obrigados a trabalhar rudemente no bosque como nós, não faziam mais nada senão montar a cavalo e correr, rápidos, pelos campos e estradas, de lança às costas...

Pois bem; saí e vi o fidalgo e toda a comitiva, que parou diante da casa. Román ajudou o senhor a descer do cavalo e cumprimentou-o.

– E tu como vais, Román? – perguntou o senhor.

– Nada mal, obrigado! – respondeu o outro. – E vós como estais?

Decididamente não sabia como falar ao fidalgo. Todos os presentes se riram.

– Muito folgo de que tudo corra bem na tua casa – disse sorrindo o senhor. – E a tua mulher, onde está?

– Onde há-de estar? Lá dentro, como é natural.

– Então, entremos – disse o senhor.

E dirigindo-se aos seus homens acrescentou:

– Entretanto, ponde almofadas sobre a erva e preparai tudo quanto for necessário para felicitar os jovens esposos.

E seguido por Opanas e por Román que levava nas mãos a sua schapka, entrou em casa. Pouco depois, entrou também Bogdan, o fiel servidor do senhor. Já não há também servidores semelhantes; para com os outros criados era extremamente severo, mas para com o fidalgo era dócil como um cão. Só o fidalgo existia para ele. Contaram-me que depois da morte de seus pais Bogdan quis casar-se, mas o pai do fidalgo não o consentiu e fez dele uma espécie de ama do filho. «Este é o teu pai, a tua mãe, e a tua mulher – disselhe ele. – Cuida bem dele». Bogdan resignou-se; foi criado, ama e mordomo do jovem fidalgo; ensinou-o a montar a cavalo e a atirar com espingarda; depois que o pequeno amo se tornou homem, continuou a servi-lo dócil e fielmente como um cão. E não to quero ocultar: todos os que rodeavam Bogdan, o detestavam e o maldiziam porque fazia muito mal aos pobres. Para contentar o seu senhor, teria sido capaz de matar o próprio pai.

Depois, entrei em casa, também: era tão curioso! O fidalgo acariciava o bigode e sorria com ar de satisfação. Román estava a seu lado com o schapka na mão.

Opanas, encostado à parede, sombrio e pensativo, parecia um jovem castanheiro sob a tempestade.

Qualquer dos três olhava para Oxana. Só o velho Bogdan, sentado num canto, esperava ordens do seu senhor. Oxana estava de pé, junto da lareira, com os Olhos baixos, muito corada. Dir-se-ia que a pobre tinha o pressentimento de que ia acontecer alguma desgraça por causa dela. É sempre o mesmo: quando três homens se interessam por uma mulher, nada pode resultar de bom.

Têm que acabar fatalmente em luta. Isto sei eu, que já vi muitas coisas...

– Bem, Román, estás contente com a mulher que te dei? – perguntou o senhor.

– Sim. Não tenho de que me queixar.

Opanas Olhou para Oxana e disse muito baixo:

– És demasiado bruto para apreciar uma mulher como esta!

Román ouviu-o, e, voltando-se para Opanas, perguntou-lhe:

– Ora diga-me: Porque lhe pareço eu tão bruto?

– Porque nem sabes guardar a tua mulher! – respondeu Opanas.

Que palavras tão graves tinha pronunciado! O fidalgo cheio de cólera, bateu com o pé no chão; o velho Bogdan voltou a cabeça, e Román, tendo refletido um instante, ergueu a cabeça e Olhou para o fidalgo.

– E de quem tenho que guardar a minha mulher? – perguntou sem deixar de o olhar. – Das feras, guardo-a eu; diabos, não os há pelo bosque. Do senhor, que vem por aqui algumas vezes?! Portanto, que tenho eu a temer? Tem cuidado – continuou, ameaçando Opanas; – não digas coisas dessas senão queres arrepender-te.

Um pouco mais e teriam começado a lutar; mas o fidalgo interveio, prevendo as consequências da disputa.

– Calai-vos – ordenou. – Não viemos aqui para discutir.

Temos que felicitar os jovens esposos e depois, à noite, começará a caçada. Vamos!

Saiu. Os criados já tinham preparado tudo debaixo das árvores.

Bogdan seguiu o amo. Opanas deteve Román no limiar da porta.

– Não te zangues, valente! – disse o cossaco. – Escuta o que te quero dizer: Viste como supliquei de joelhos ao fidalgo que me deixasse casar com Oxana? Não consentiu, paciência. Nada se pode contra o destino. Mas... não posso permitir que o nosso comum inimigo, o fidalgo, troce dela e de ti. Não o posso consentir. Estou disposto a tudo. Tu ainda não conheces bem Opanas. Antes que Oxana caia nos braços desse miserável, matá-los-ei aos dois. Que a sepultura lhes sirva de leito!...

Román Olhou fixamente o cossaco e perguntou-lhe:

– Diz, não estás louco?

Não ouvi o que o outro respondeu. Estiveram um longo bocado falando em voz baixa. Finalmente Román bateu amigavelmente no ombro de Opanas.

– Ah, meu amigo! Como a gente é má! Eu que vivi sempre aqui no bosque, nem sequer o suspeitava. Se é verdade o que acabas de me

dizer, o nosso fidalgo vai pagá-lo bem caro...

– Bom, – disse Opanas, – agora desaparece e procede como se nada soubesses. Sobretudo, que esse velho ascoroso do Bogdan de nada desconfie. Tu és esperto, mas esse cão tem um faro! Não bebas do vodka do fidalgo. E se te quiser mandar caçar, para ficar só na choça, leva os caçadores até ao sobreiro velho, diz-lhes que avancem sozinhos e que te irás juntar a eles por outro caminho mais curto. Em seguida, voltas aqui.

– Bem – fez Román; – hoje vou abater uma bela peça. Vou carregar a espingarda com as balas que emprego para os ursos.

Saíram ambos. O fidalgo estava sentado sobre um tapete, com uma garrafa e um copo nas mãos. Encheu um copo e estendeu-o a Román. O vodka do fidalgo era delicioso; depois do primeiro copo, sentia-se alma nova; depois do segundo, o paraíso abria-se diante de qualquer mortal, e, se o mortal não estava habituado a beber, ao terceiro caía por terra.

Era muito engraçado, o fidalgo! Queria emborrachar Román com o seu vodka; mas Román tinha uma cabeça firme e nenhum vodka do mundo teria sido capaz de lhe roubar a razão. Bebeu o primeiro copo, o segundo, e o terceiro; não produziram nele o mínimo efeito. Apenas os seus Olhos brilhavam mais que o costume, como os dum lobo. O fidalgo ficou aborrecido.

– És o diabo! Dir-se-ia que bebes todos os dias vodka em vez de água. Outro, no teu lugar, já teria lágrimas nos Olhos, e ele sorri...

O fidalgo sabia muito bem que se alguém comesse a chorar depois de ter bebido, não tardaria a cair como morto. Mas desta vez tinha-se enganado.

– Não tenho motivos para chorar – disse Román. – O nosso fidalgo veio felicitar-me e eu seria o último dos canalhas se comesse a chorar como uma velha. Graças a Deus, não tenho razões para chorar. Prefiro que sejam os meus inimigos a verter lágrimas.

– Então, vives satisfeito? – perguntou o fidalgo.

– E porque não havia de estar satisfeito?

– Lembra-te dos açoites que tive de te dar para que te casasses?

– Se me lembro! Nessa altura era um parvo e não sabia o que era

amargo nem o que era doce. O açoitado era amargo e, no entanto, preferia-o a esta mulher! Hoje, dou-vos graças, bondoso fidalgo por me teres ensinado a apreciar o mel.

– Bem, bem – respondeu o senhor. – Para melhor mo agradeceres, irás com os meus caçadores e trar-me-ás muita caça.

– Quando quereis que partamos?

– Vamos beber mais um bocadinho – respondeu o fidalgo. – Opanas vai cantar-nos alguma coisa e depois partiremos.

Román Olhou-o e contestou:

– Isso vai ser difícil; faz-se tarde e o pântano está muito longe daqui... Além disso o ruído do bosque anuncia tempestade, o com este tempo é difícil caçar.

O senhor estava já um pouco borracho, e quando estava assim, aborrecia-se facilmente. Ao ver que todos os que ali estavam, davam razão a Román, dizendo que o tempo mostrava má cara, encheu-se de cólera, deu um soco para o ar... e toda a gente se calou.

Opanas era o único que não tinha medo do fidalgo. Agarrou no alaúde, deu uns acordes, e, olhando fixamente o senhor, disse:

– Reflete bem, meu senhor; não se manda ninguém caçar quando sopra a tempestade; e sobretudo à noite.

Era muito corajoso aquele Opanas! Os outros tremiam diante do senhor; para ele, não valia um caracol. Era um cossaco livre. Quando ainda era muito pequeno um velho músico trouxe-o da Ucrânia para ali. Havia guerra na Ucrânia nessa altura; ao velho cossaco que caiu prisioneiro, arrancaram-lhe os Olhos, cortaram-lhe as orelhas e disseram-lhe: «Podes ir para onde quiseres». Como não via, andava acompanhado por uma criança, o próprio Opanas. O pai do fidalgo tomou-o ao seu serviço. E desde então, vivia Opanas ali. O fidalgo actual queria-lhe muito e perdoava-lhe coisas que nunca teria perdoado a qualquer outro.

Mas desta feita zangou-se muito com Opanas. Todos tinham a certeza de que lhe ia bater; mas em vez disso, disselhe apenas: – Escuta, Opanas! És demasiado inteligente para compreender que ninguém pode meter o nariz numa porta já aberta.

O cossaco compreendeu imediatamente o que ele queria dizer e

respondeu ao senhor com uma canção. E se o fidalgo tivesse compreendido igualmente a canção do cossaco, a mulher dele não teria certamente de verter lágrimas sobre a sua sepultura.

– Para te agradecer a lição que acabas de me dar, senhor, vou cantar-te alguma coisa. Escuta!

E fez vibrar as cordas do seu alaúde.

Levantou imediatamente a cabeça, Olhou para a águia que sobrevoava o bosque e contemplou as nuvens empurradas pelo vento; escutou o gemido dos altos pinheiros e de novo fez soar as cordas do seu alaúde.

Ah, bom moço, tu não tiveste a dita de ouvir tocar Opanas, e já não a podes ter. O alaúde não é um instrumento muito complicado; mas quando se sabe manejar, fala com uma voz eloquente. Bastava que Opanas lhe tocasse com as mãos, e ele dizia tudo: como se agita o bosque debaixo da tempestade, como o vento sacode a erva seca, e como choram os salgueiros sobre a tumba dum cossaco.

Não, bom moço, vocês não ouvirão jamais uma música como aquela! Chegam para estes lados, com frequência, pessoas que viram alguma coisa, que passaram por Kiev, Poltava, e por toda a Ucrânia, e todos garantem que já não há bons tocadores de alaúde, nem nas feiras e romarias. Eu tenho um alaúde. O próprio Opanas me ensinou a tocá-lo. Mas quando eu morrer, o que já não tarda muito, em nenhuma parte do mundo se saberá tocar bem alaúde.

Opanas pôs-se a cantar uma canção, acompanhando-se ao alaúde. A sua voz era doce e melancólica e penetrava diretamente nos corações. Aquela canção, tinha-a improvisado expressamente para o fidalgo. Eu supliquei-lhe depois que a cantasse outra vez, mas ele não quis.

– Aquele para quem a cantei já não existe – dizia. – Não vale a pena voltar a cantá-la.

Nesta canção dizia ele ao fidalgo, toda a verdade, tudo o que iria acontecer. O fidalgo ao ouvi-la chorava, mas, provavelmente, não entendeu o seu significado.

Lembro-me várias vezes dessa canção. Ouve estes bocadinhos: Tu sabes muitas coisas oh, Ivan, meu senhor!

Tu sabes muitas coisas.

*Tu sabes que o gavião
é mais forte do que o corvo
mas talvez não saibas
que às vezes acontece
exatamente ao contrário.*

*Quando o gavião ataca o ninho
do corvo e este se defende,
é o corvo o mais forte!
oh, Ivan meu senhor!*

Lembro-me de tudo isto como se tivesse sido ontem: o cossaco com o seu alaúde, de pé, junto duma árvore; o fidalgo sentado sobre o tapete com a cabeça baixa e lágrimas nos Olhos; os criados emocionados, dando-se cotoveladas uns aos outros; o velho Bogdan abanando a cabeça. O bosque agitava-se como agora; o alaúde lançava sons plangentes, e Opanas cantava, na sua canção, como a mulher do fidalgo havia de chorar na sua tumba:

*A pobre mulher chora
chora lágrimas de fogo
sobre a tumba fria
onde jaz o esposo.
E o corvo voa por cima,
grasnando sem cessar.*

Mas o senhor não compreendeu a canção. Enxugou as lágrimas e exclamou: – Eh, Román, em marcha! Montai todos a cavalo! Tu Opanas irás com eles; já estou farto das tuas canções! É muito linda essa tua canção, mas o que contas nela, nunca pode acontecer.

O próprio Opanas estava comovido com a canção. O coração abrandava-se-lhe, os Olhos estavam velados pelas lágrimas.

– Não, meu senhor – disse. – Os nossos antepassados acreditavam que as canções dizem sempre a verdade, como nos contos; mas a verdade contida nos contos é como o ferro, que à força de passar de mão em

mão, se cobre de ferrugem; enquanto que a verdade da canção é como o ouro, que não cria ferrugem. Foi isto que me ensinaram os mais velhos que eu!

O fidalgo fez um gesto de desprezo.

– Talvez seja verdade, lá na vossa terra, mas aqui... Basta de conversas! Desaparece, Opanas!

O cossaco permaneceu um momento sumido em reflexões; depois, subitamente, caiu de joelhos:

– Escuta-me, senhor! Monta a cavalo e volta para casa, para junto da tua mulher. O coração diz-me que vai acontecer uma grande desgraça.

Então o fidalgo teve uma fúria terrível; afastou o cossaco com um pé, como se ele fosse um cão.

– Deixa-me em paz! Vai-te! Pareces uma velha carpideira e não um cossaco! Vai-te, ou não respondo por mim!

E depois, dirigindo-se aos outros:

– E vós, porque continuais aqui? Ou será que já não sou o vosso amo? Tende cuidado, se me zango de veras!...

Opanas levantou-se sombrio e ameaçador, como uma das nuvens que se amontoavam sobre o bosque. Trocou um olhar com Román, que continuava de pé, um pouco afastado, com as mãos apoiadas na espingarda, perfeitamente tranquilo.

O cossaco deu com o seu alaúde uma pancada formidável contra uma árvore, e o alaúde partiu-se em mil pedaços com um gemido sonoro.

– Que o próprio diabo diga a verdade àquele que não quer escutar bons conselhos! – gritou. – Tu, fidalgo, não quiseste acreditar num servidor fiel... Pior para ti!

E naquele mesmo instante Opanas saltou sobre o seu cavalo e partiu. Os outros caçadores fizeram o mesmo. Román pôs a arma ao ombro e partiu também. Ao passar junto da casa, gritou a Oxana:

– Deita o rapaz, já é tarde! E prepara a cama ao fidalgo!

Em poucos minutos toda a gente tinha desaparecido a caminho do bosque. Não ficou ali ninguém além do fidalgo que entrou logo em casa; o cavalo ficou atado a uma árvore. Pouco a pouco desciam as trevas da noite. A chuva começou a cair, como agora.

Oxana deitou-me na palha, e obrigou-me a fazer o sinal da cruz. Vi que chorava.

Eu era demasiado criança, e não compreendia nada do que se passava à minha volta. Depressa adormeci, debaixo do ruído monótono da tempestade.

Subitamente acordei e vi que alguém rondava a casa.

Aproximou-se da árvore e desatou o cavalo, que começou a cavar a terra com o pé, e, a relinchar, fugiu para o bosque. Depois voltei a ouvir alguém, a cavalo, que se acercava também da casa. Chegou até à porta, saltou para terra e espreitou pela janela.

– Senhor! – gritou Bogdan, pois era ele: reconheci-lhe a voz. – Senhor, abre imediatamente. Esse maldito Opanas trama qualquer coisa contra ti! Desatou o teu cavalo que fugiu para o bosque!...

Mal tinha dito isto, quando alguém o agarrou por trás. Ouvi o ruído dum corpo que caía.

O fidalgo abriu a porta com a sua espingarda na mão; mas, à entrada da porta, Román agarrou-o e atirou-o ao chão.

O fidalgo compreendeu que aquilo tomava mau caminho e disse: – Largame, Román! É assim que me agradeces o bem que te tenho feito?

Román respondeu-lhe:

– Sim, canalha; lembro-me perfeitamente do que fizeste por mim e por minha mulher, e agora vou-to pagar.

Então o fidalgo disse:

– Defende-me Opanas, meu fiel servidor. Sempre me amaste como um filho!

Mas Opanas respondeu:

– Escorraçaste-me como a um cão! É verdade que gostaste de mim... Como o pau gosta das costas em que bate. Agora gostas de mim como

o pau, das costas... Roguei-te, supliquei-te e não fizeste caso de mim.

Então o senhor virou-se, implorando para Oxana:

– Tu, que tens tão bom coração, defende-me!

Oxana saiu, desesperada, e pôs-se a chorar mais forte.

– Também eu te roguei, e me arrastei a teus pés, suplicando-te que não me desonrasses, que não me cobrisses de vergonha. E tu foste implacável. Que posso eu fazer por ti, desgraçada de mim?

– Deixai-me! – gritou novamente o fidalgo. – Senão, hão-de morrer todos desterrados na Sibéria.

– Nada receies por nós – respondeu Opanas. – Román estará no pântano antes dos teus caçadores, e eu, estou só no mundo e não tenho medo de ninguém. Com a minha espingarda ao ombro irei por esses bosques. Organizarei uma quadrilha de rapazes valentes como eu, e, os ricos que tenham cautela! Percorreremos os caminhos em busca dos seus despojos e se o acaso nos levar a qualquer aldeia, não deixaremos de visitar o castelo senhorial... Eh, Román, vamos pôr sua Senhoria debaixo da chuva... para se refrescar um pouco!...

O senhor começou a lançar verdadeiros alaridos; mas nem Román nem Opanas se preocuparam com isso, atiraram-no para fora de casa. Cheio de pasma, eu tinha-me atirado pra cima de Oxana que permanecia sentada num banco no interior da casa, branca como a neve, chorando.

A tempestade tornou-se muito mais violenta. O bosque gritava com mil vozes; o vento soprava enraivecido. De vez em quando ouvia-se o trovão. Eu e Oxana, apertados um contra o outro, continuávamos sentados, imobilizados pelo terror. De súbito ouvimos um gemido no bosque. Era tão doloroso que ainda hoje, passados tantos anos, se me oprime o coração quando penso nele.

– Oxana querida, quem geme tão dolorosamente no bosque? – perguntei.

Apertou-me nos seus braços e embalando-me como a um menino de colo, disse-me: – Dorme, meu filho, não é nada... É o ruído do bosque...

Era verdade, o bosque estava muito agitado.

Passados poucos instantes ouvi um tiro.

– Oxana querida, quem é que está a disparar?

Respondeu-me sem parar de me embalar:

– Cala-te meu filho; é o trovão de Deus!...

E a pobre mulher apertava-me contra o seu coração, chorava lágrimas ardentes e não se cansava de repetir: – É o ruído do bosque, meu filho... É o ruído do bosque...

E assim me fiquei, adormecendo nos seus braços.

No dia seguinte de manhã, abri os Olhos e vi que o sol inundava tudo. Oxana dormia, vestida, sobre o banco. Não havia ninguém em casa. Lembrei-me do que se tinha passado na véspera e comecei a julgar que se tratava dum pesadelo.

Mas aquilo não tinha sido um sonho, mas a pura realidade!

Saí para o bosque. A erva brilhava, os pássaros cantavam.

De repente, vi numa moita dois corpos: o do fidalgo e do velho Bogdan, um junto do outro. O rosto do primeiro estava sereno e pálido; o do segundo severo, como quando vivia. Ambos tinham manchas de sangue.

O velho baixou a cabeça e calou-se.

– E que foi feito dos outros? – perguntei.

– Sucedeu o que tinha previsto Opanas. Este, durante muito tempo habitou o bosque; percorria os caminhos com outros rapazes e atacava os castelos senhoriais.

Era o seu destino: os seus avós também tinham sido bandidos. Às vezes vinha a nossa casa, a esta mesma casita, especialmente quando Román não estava. Sentava-se num banco, pegava no alaúde e cantava-nos canções. Outras vezes vinha com os camaradas. Román e Oxana recebiam-no sempre muito bem. Para dizer toda a verdade, havia ali alguma coisa que não estava certa; daqui a pouco chegam Zajar e Máximo. Olha bem para eles. Eu não lhes digo nada. Mas qualquer pessoa que tenha conhecido Román e Opanas, verá imediatamente com quem se parecem. Com Román não. E foi isto o

que se passou neste sítio há tanto tempo... Ouves como se agita o bosque? A tempestade vem aí; anda por cima dele, não há dúvidas.

III

O velho estava visivelmente cansado; a sua língua entorpecia-se cada vez mais; os Olhos estavam vermelhos, a cabeça inclinada.

A noite tinha descido sobre a terra. Quase não se via o bosque que se agitava em redor da casita, como um mar ondulante. As copas das árvores pareciam as ondas do mar durante uma tempestade.

O ladrar do cão anunciou a chegada dos dois donos da casa.

Os dois guardas do bosque aproximavam-se apressadamente, seguidos por Motria, que trazia a vaca que julgaram perdida.

Poucos minutos depois estávamos todos no interior da casa.

O fogo ardia alegremente na chaminé e Motria servia a ceia.

Não era a primeira vez que eu via Zajar e Máximo; mas nessa altura examinei-os com maior interesse. Zajar tinha um rosto sombrio, sobrancelhas negras que se uniam na testa estreita; havia nele esse ar de honradez que caracteriza os homens fortes. Máximo tinha uma expressão franca, grandes Olhos cinzentos e cabelos encaracolados. O seu riso era alegre e contagioso.

– Com que então o velho contou-lhe a história do nosso avô? – perguntou Máximo

– Contou – respondi.

– Faz sempre o mesmo. Quando o bosque começa a agitar-se ele recorda o passado. Agora, não poderá dormir.

– É como uma criança! – disse Motria, servindo a sopa ao velho.

Este não compreendia que era dele que se falava. Nalguns momentos, quando o vento chicoteava a janela, mostrava-se angustiado e apurava o ouvido como se espionasse alguma coisa, cheio de espanto.

Depressa se restabeleceu a calma. O archote iluminou debilmente a

habitação. Um grilo cantava junto da parede a sua monótona canção. Parecia que milhares de vozes, surdas mas poderosas, discutiam no bosque; forças tenebrosas e ameaçadoras preparavam-se para se lançar, de todos os lados, sobre a casita, e elaboravam um plano de ataque. Às vezes, quando aumentava, a porta tremia como se fosse empurrada do lado de fora. O vento lançava através da chaminé sonoros lamentos. Depois, a tempestade calou-se um pouco: por momentos reinou um silêncio pesado e ameaçador, que cedeu em seguida, ante novos ruídos: dir-se-ia que os velhos pinheiros tramavam entre si desprender-se da terra e voar com a tempestade, pelo espaço desconhecido.

Dormi uns instantes. A tempestade seguia o seu curso. O archote tão depressa se extinguia como se reanimava, iluminando o compartimento. O velho, sentado no seu banco, olhava em volta como se esperasse que alguém viesse sentar-se a seu lado. O seu rosto tinha uma expressão infantil de pasmo e impotência.

– Oxana, minha querida! – balbuciou. – Quem é que geme no bosque?

Procurou qualquer coisa com a mão e prestou ouvidos:

– Não, não é nada – respondeu a si mesmo. – É a tempestade... É o ruído do bosque... Nada mais que o ruído do bosque... Passaram alguns minutos... Os relâmpagos iluminavam de quando em quando as janelas, por trás das quais se viam árvores, por entre os relâmpagos, com formas fantásticas. Um daqueles relâmpagos, seguido dum trovão formidável, fez-nos estremecer a todos.

O velho parecia muito assustado.

– Oxana querida, quem é que está a dar tiros no bosque?

– Dorme, velho! – disse tranquilamente Motria, que também tinha despertado. – sempre a mesma coisa – acrescentou, dirigindo-se a mim. Quando a tempestade ruge, chama por Oxana, que há muito tempo está no outro mundo.

E Motria, bocejou, murmurou uma oração e adormeceu de novo.

Restabeleceu-se a calma, cortada espaço a espaço pelos ruídos da tempestade e pelo balbuceio ansioso do ancião.

– É o ruído do bosque!... É o ruído do bosque!... Oxana, minha querida!...

Pouco depois uma btega caiu sobre o bosque. O ruído da água que caa abundantemente, afogava os rugidos do vento e os gemidos dos pinheiros, sacudidos pela tormenta.

A DONZELA E O FANTASMA – Oscar Wilde

I

Quando mister Hiram B. Otis, o Embaixador americano, adquiriu o Parque Canterville, não faltou gente a adverti-lo de que cometia uma loucura, porque na habitação apareciam, indubitavelmente, almas do outro mundo. Na verdade, o próprio lorde Canterville, cujo caráter era dos mais exigentes em escrúpulos, supusera do seu dever sublinhar o fato, chegando o momento de discutirem as condições do negócio.

– Até nós mesmos tínhamos já muito pouca vontade de residir aqui – disse lorde Canterville – desde que a minha tia-avó, a duquesa donatária de Bolton, desmaiou de terror (ela nunca pôde restabelecer-se desse abalo moral) quando as mãos de um esqueleto lhe assentaram nas espáduas, numa ocasião em que se vestia para o jantar. Devo igualmente dizer-lhe, mr. Otis, que o fantasma tem sido visto por muitos membros ainda vivos da minha família, assim como pelo cura da paróquia, o Reverendo Augustus Dampier, agregado do King's College, em Cambridge. Depois do desgraçado acidente sucedido à duquesa nenhum dos nossos criados novos quis manter-se ao serviço, e lady Canterville raramente conseguia conciliar o sono durante a noite por causa dos misteriosos ruídos vindos do corredor e da biblioteca.

– Lorde Canterville, – respondeu o Embaixador – eu sou comprador da propriedade e do fantasma pelo valor que lhes seja atribuído. Venho de um país moderno em que se tem tudo quanto o dinheiro pode obter. Não é certo que a nossa atrevida mocidade revoluciona o Velho Mundo? Não vos arrebatam as melhores atrizes e prime donne? Se existisse um fantasma na Europa, dentro em pouco o teríamos lá, estou convicto disso; ele seria exposto num dos nossos museus ou exibido nas ruas.

– Pois muito receio que o fantasma ainda, de fato, exista – disse, sorrindo, lorde Canterville. – Pode ser que haja resistido às propostas

dos vossos arroçados empresários. É bem conhecido desde há três séculos, precisamente a partir do ano de 1584, e nunca deixou de fazer a sua aparição em vésperas do falecimento de cada pessoa da nossa família.

– Oh! em todas as famílias o médico faz exatamente o mesmo, lorde Canterville. Vamos, fantasmas, é coisa que não há. Não creio que as leis da natureza abram exceção a favor da aristocracia inglesa.

– Os senhores, na América, são, não há dúvida, muito naturais – comentou lorde Canterville, sem bem compreender a última observação de mr. Otis – e, se lhe é indiferente ter um fantasma de portas a dentro, estamos entendidos.

Passadas umas semanas a transação estava concluída, e, já quase no termo da época, o Embaixador e a família foram instalar-se no Parque Canterville.

Mistress Otis, em solteira, miss Lucrécia R. Tappan, de West 53 rd. Street, havia sido célebre em Nova-Iorque pela sua beleza. Era agora mulher de meia idade, muito agradável, com belos Olhos e soberbo perfil.

Muitas americanas, ao abandonarem o país natal, dão-se ares de mulheres atingidas por um mal incurável, imaginando ser essa uma das formas da subtileza europeia; mas mrs. Otis não caíra nunca em semelhante erro.

Desfrutava uma compleição invejável e possuía maravilhoso equilíbrio animal. Em boa verdade e sob numerosos aspectos, era muito inglesa e oferecia excelente exemplo de que a Inglaterra e a América não têm hoje nada que as distinga uma da outra, salvo, bem entendido, a linguagem.

O filho primogénito, a quem, num impulso de patriotismo que ele jamais deixara de lamentar, os pais haviam posto o nome de Washington, era um rapaz de cabelos louros e muito bem encarado; parecia integralmente dotado para entrar na diplomacia americana, pois levava de vencida os Alemães, três estações a fio no casino de Newport. A reputação de exímio dançarino que havia conquistado precedera mesmo a sua chegada a Londres.

As gardénias e o pariato eram as únicas fraquezas do seu espírito; abstraindo de isso, mostrava ter muito bom-senso.

Miss Virgínia E. Otis era uma rapariguinha de quinze anos, graciosa e ágil como corça recém-nascida e cujos Olhos rasgados e azuis refletiam uma bela franqueza.

Era uma admirável amazona. Certo dia batera, em corrida, o velho lorde Bilton, dando duas voltas ao parque em cima do seu poltro e ganhando por comprimento e meio, precisamente em frente da estátua de Aquiles, isto com grande enlevo do jovem duque de Cheshire. O duque logo nesse instante tinha pedido a mão dela, e, remetido nessa mesma tarde para o colégio pelos encarregados da sua educação, regressara a Eton derramando lágrimas torrenciais.

A seguir a Virgínia contavam-se os gémeos, correntemente designados por «os condenados ao açoite». Eram ambos adoráveis rapazinhos e, com o digno Embaixador, os únicos verdadeiros republicanos da família.

Como o Parque Canterville se encontra a sete milhas de Ascot, a estação ferroviária mais próxima, mr. Otis telegrafara no sentido de os irem buscar de carruagem; e, cheios de alegria, puseram-se todos a caminho.

Era por uma linda meia tarde de Julho, em que o aroma dos pinheiros embalsamava o ar. De quando em quando ouviam um pombo bravo arrulhar docemente, ou enxergavam, escondido entre os rumorosos fetos, o brilhante peitilho de plumagem de um faisão. À sua passagem, pequenos esquilos, no seio da rama das faias, ficavam-se a olhá-los, e, alcançado a cauda branca, os coelhos fugiam a bom fugir através dos silvados ou galgavam os cômodos recobertos de musgo.

Todavia, na ocasião em que se entranhavam na alameda do Parque Canterville o céu cobriu-se subitamente de nuvens, uma calma estranha pareceu envolver a atmosfera, um bando de gralhas passou silenciosamente por cima deles e, antes que houvessem atingido a casa, começaram a cair grossas gotas de chuva.

Uma mulher já idosa acolheu-os no alto dos degraus. A maneira como se apresentava era irrepreensível. Envergava um vestido de seda preta, avental branco e touca desta mesma cor. Era mrs. Umney, a governanta. Mrs. Otis, a instâncias de lady Canterville, consentira em conservá-la ao seu serviço. Quando puseram pé em terra, ela fez a cada um dos seus novos amos uma rasgada medida e disse, com solenidade já desusada: – Desejo que sejam bem-vindos ao Parque Canterville.

Seguiram-na e, depois de terem atravessado um belo átrio no estilo Tudor, entraram na biblioteca, sala de grande extensão, de tecto baixo e ao fundo da qual se via uma ampla janela com vitrais. Fora aí que se preparara o chá, e, após terem-se despojado das vestes de viagem, sentaram-se e puseram-se a olhar em volta, enquanto mrs. Umney os servia.

De súbito, mrs. Otis descobriu no soalho, nas peças de madeira embutidas, perto do fogão, uma mancha de tom vermelho escuro, e, longe de suspeitar o que aquilo significava, disse a mrs. Umney:

– Estou em crer que caiu e alastrou ali qualquer coisa.

– Sim, minha senhora, – respondeu em voz baixa a antiga governanta – é sangue.

– Mas é horrível! – exclamou mrs. Otis. – Não gosto nada de ver manchas de sangue nos salões. É necessário fazer desaparecer isso imediatamente!

A velhota sorriu e informou, na mesma voz baixa e misteriosa:

– É o sangue de lady Eleanor de Canterville, assassinada precisamente neste sítio pelo marido, sir Simon de Canterville, em 1575. Sir Simon sobreviveu-lhe nove anos e desapareceu de súbito, em circunstâncias muito estranhas. O corpo dele nunca se encontrou, mas o seu espírito culposo vagueia ainda por esta casa. A mancha de sangue provocou sempre o pasmo dos visitantes e dos turistas. De resto, não se pode fazer desaparecer.

– É absurdo! – exclamou Washington Otis -. O Pinkerton, o rei dos sabões para tirar nódoas, fá-lo-á desaparecer num abrir e fechar de Olhos.

E antes que a governanta, apavorada, pudesse intervir, Washington, pondo-se de joelhos, esfregava vigorosamente o parquet com um rolo de um pauzinho que tinha parecenças com cosmético negro.

Instantes depois a mancha desaparecera por completo.

– Eu sabia que o Pinkerton dava resultado! – proclamou o rapaz relanceando um olhar pela família, toda ela em atitude admirativa.

Mas, mal acabara de pronunciar aquelas palavras, iluminou por inteiro o sombrio compartimento um terrível relâmpago e um estrondoso ribombo de trovão fê-los erguer bruscamente, ao passo

que mrs. Umney perdia os sentidos.

– Que monstruoso clima! – proferiu com serenidade o Ministro americano, acendendo um charuto. – Este vetusto país é, supponho, tão excessivamente povoado que não há bom tempo que chegue para todos os seus habitantes. Foi sempre opinião minha que a emigração era a solução única para a Inglaterra.

– Meu querido Hiram – gritou mrs. Otis – que havemos de fazer de uma mulher que perde assim os sentidos?

– Suspende-lhe-emos o ordenado quando tal suceda, de sorte que acabará por renunciar aos desmaios.

Mrs. Umney não deixou de voltar a si dentro em breve. Estava porém, indubitavelmente, muito comovida. Com ar grave, preveniu mrs. Otis de que não tardariam a registrar-se acontecimentos perturbadores.

– Tenho visto com os meus próprios Olhos – asseverou ela – coisas de pôr os cabelos em pé, e durante noites sobre noites não tenho podido pegar no sono, por causa do que de terrível se passa aqui.

Mr. Otis e a esposa afirmaram à boa mulher que não tinham medo de fantasmas, e depois de ter impetrado as bênçãos da Providência para os seus novos amos e procedido de jeito a obter aumento de salário, a velha governanta recolheu ao seu quarto coxeando levemente.

II

Naquela noite a tempestade desencadeou-se com violência, mas nada aconteceu de particular. Todavia, na manhã seguinte, ao descer para o pequeno almoço, os Otis verificaram que a horrível mancha de sangue reaparecera.

– Seguramente, a culpa não é do sabão para tirar nódoas – disse Washington – pois sempre o empreguei com êxito. Isto deve ser o fantasma.

E o rapaz conseguiu fazer desaparecer a mancha pela segunda vez; no dia imediato, porém, ela estava de novo patente. No outro dia a seguir, a mancha lá se via, se bem que a biblioteca tivesse sido, na véspera à noite, fechada por mr. Otis em pessoa, que levava a chave para o seu quarto.

O interesse de toda a família encontrava-se agora desperto.

Mr. Otis começou a suspeitar de que havia sido excessivamente dogmático ao negar a existência de fantasmas. Expressou o propósito de pedir a sua inscrição na Sociedade de Estudos Psíquicos, e Washington enviou uma extensa carta aos senhores Myers e Podmore, acerca da «Persistência de manchas de sangue após o crime».

Nessa noite todas as dúvidas a respeito da existência objetiva de espectro se dissiparam para sempre. O dia tinha estado quente soalheiro, e quando a proximidade da noite trouxe alguma frescura a família completa partiu para um passeio de carruagem. Não regressaram todos senão às nove horas e tomaram em seguida uma ligeira ceia. De modo nenhum a conversa incluiu a menor alusão sequer a fantasmas, de maneira que se não poderiam pôr em causa essas preliminares condições de expectativa e auto-sugestão que tantas vezes precedem a aparição dos fenómenos psíquicos. Como mr. Otis me contou mais tarde, a discussão apegou-se aos triviais assuntos que constituem a conversação dos americanos cultos da melhor sociedade: a superioridade imensa de miss Fanny Davenport, como atriz, sobre Sarah Bernhardt; a dificuldade de obter milho verde, bolos de trigo mouro e polenda, mesmo nos melhores estabelecimentos ingleses; a importância de Boston no desenvolvimento do espírito universal; as vantagens do sistema de registo das bagagens; a suavidade da pronúncia das palavras em uso em Nova-Iorque comparada com a pronúncia arrastada de Londres. Nenhuma menção de coisas sobrenaturais. Nenhuma alusão a sir Simon de Canterville. Dadas as onze horas, a família recolheu-se e, às onze e meia, todas as luzes estavam apagadas.

Decorrida uma porção de tempo, mr. Otis foi despertado por um ruído singular que vinha do corredor, perto do seu quarto. Dir-se-ia um tinido de metais que se entrechocam, e o ruído parecia de cada vez mais próximo.

Levantou-se imediatamente, acendeu um fósforo e viu o relógio. Era uma hora em ponto. Muito calmo, mr. Otis bateu o pulso. Não se tratava de febre. O ruído estranho continuava e, dentro em pouco, mr. Otis percebeu distintamente passos. Enfiou as pantufas, tirou do seu estojo de toilette uma garrafinha oblonga e abriu a porta.

Diante de si, à pálida claridade do luar, via um horrendo ancião. Os Olhos dele, que se assemelhavam a carvões em brasa, lançavam clarões vermelhos. Caíam-lhe sobre os ombros os cabelos compridos

cor de cinza, em madeixas emaranhadas. A roupa que vestia, de corte antigo, estava cheia de nódoas e em farrapos. Pesadas cadeias, todas cheias de ferrugem, pendiam-lhe dos pulsos e dos tornozelos.

– Meu caro senhor, – disse mr. Otis – perdoe-me importuná-lo, mas é absolutamente necessário que unte essas correntes. Pensando na sua pessoa, peguei neste frascozinho de lubrificante. Dizem ser muito eficaz logo à primeira vez que se aplique. No prospecto junto achará muitos atestados dos mais eminentes sábios do país. Vou deixá-lo aqui, o frasco, junto dos candelabros, e sentir-me-ei deveras feliz em arranjar-lhe outro se tiver precisão dele.

Ao dizer isto, o Ministro dos Estados-Unidos colocou o frasco sobre o tampo de mármore de uma mesa e, fechando a porta, voltou a meter-se na cama.

O fantasma de Canterville ficou uns instantes imóvel, cheio de uma indignação bem natural; depois, arremessando violentamente o frasco ao chão encerado, sumiu-se ao longo do corredor a soltar grunhidos cavernosos e projetando em redor terrificantes clarões verdes.

Ao atingir, porém, o alto da grande escadaria de carvalho, abriu-se bruscamente uma porta, apareceram dois pequenos vultos vestidos de branco, e um rotundo travesseiro passou-lhe, zumbindo, rente à cabeça!

Decididamente, não havia tempo a perder e, adotando como rápido meio de salvação a quarta dimensão do espaço, esvaiu-se através do revestimento de madeira das paredes, após o que a habitação recuperou a sua calma.

Tendo alcançado uma alcouvazinha secreta situada na ala esquerda do edifício, apoiou-se, para retomar fôlego, num raio de luar e pôs-se a refletir no que lhe acabava de suceder. Em toda a sua carreira de trezentos anos, brilhante e ininterrupta, nunca fora insultado tão grosseiramente. Recordou o estado de terror em que lançara a duquesa donatária quando ela se contemplava ao espelho, taful de diamantes e rendas; as quatro criadas que haviam tido uma crise de nervos muito simplesmente porque ele, rindo escarninhamente, as espreitara através dos cortinados de um dos quartos de hóspedes; o cura da paróquia, cuja vela apagara com um sopro quando ele saía uma noite da biblioteca, onde se retardara um pouco mais, e que depois, vítima de acidentes nervosos, estivera a ser tratado por sir William Gul; a velha senhora de Tremouillac, a qual, tendo acordado de manhã muito cedo e visto um esqueleto sentado numa poltrona,

junto do fogão, imerso na leitura do seu diário íntimo, foi obrigada a conservar-se de cama durante seis semanas, presa de uma febre cerebral. A duquesa, logo que se vira curada, reconciliara-se com a Igreja, quebrando todas as relações com o senhor de Voltaire esse cético notório.

O fantasma lembrou-se também da terrível noite em que esse patife do lorde Canterville foi encontrado no seu gabinete de vestir meio sufocado, com o valete de ouros no fundo da garganta; precisamente antes de morrer confessara ter trapaceado ao jogo por meio dessa carta e roubado a Charles James Fox, em casa do Crockford, cinquenta mil libras esterlinas. O fantasma, jurava ele, obrigara-o a engolir a carta.

O fantasma de Canterville revia, em pensamento, as suas mais belas façanhas. Evocou o caso do mordomo que, na copa, se suicidara com um tiro de revólver por ter visto uma mão verde bater nos vidros; depois, e da bela lady Stufield, que se intimou a trazer sempre em volta do pescoço uma fita de veludo negro, para ocultar a marca que cinco dedos de fogo haviam imprimindo na sua pele branca de leite, e que acabara por se afogar no lago das carpas, ao fim da alameda do Rei.

Com o egoísmo entusiástico do verdadeiro artista, o fantasma passou em revista as suas realizações mais famosas. E com um sorriso cheio de azedume recordou-se da sua última aparição como «Ruben, o Vermelho, ou o Bebé Estrangulado», da sua estreia no papel de «Gibéon, o Vampiro de Bexley Moor», e da agitação que provocara, numa encantadora tarde de Junho, jogando muito simplesmente o chinquilha com a sua própria ossada, em cima da relva do campo de ténis.

E, ao cabo de todos estes altos feitos, eis que uns miseráveis americanos modernos lhe vinham oferecer lubrificante e arremessar-lhe travesseiros à cabeça!

Era verdadeiramente intolerável. Nunca fantasma nenhum fora tratado daquela maneira. Decidiu, pois, vingar-se; e até romper a aurora permaneceu em atitude de profunda meditação.

III

Na manhã seguinte, durante o pequeno almoço, o fantasma constituiu o objecto de prolongada discussão. O Embaixador dos Estados-Unidos estava, como é natural, um pouco aborrecido por ver que a sua dádiva não tinha sido aceite.

– De modo nenhum tive a intenção de dirigir ao fantasma uma injúria pessoal, e, sendo certo que ele reside na casa há tantíssimo tempo, vocês devem confessar que é muito pouco delicado atirar-lhe travesseiros à cabeça... Lamento ter de declarar que, perante esta justa advertência, os gémeos desataram às gargalhadas.

– Por outro lado – prosseguiu o ministro – se ele se recusa, teimosamente, a empregar o lubrificante, teremos de confiscar-lhe as cadeias. É impossível dormir, com um barulho assim no corredor!

Mas durante todo o resto da semana o fantasma não os incomodou absolutamente nada. A coisa única a excitar a atenção era o reaparecimento contínuo da mancha de sangue no parquet da biblioteca. E essa era uma estranha coisa, porque mr. Otis fechava a porta à chave todas as tardes e mandava correr bem as janelas.

O fato de a mancha mudar tantas vezes de tom como um camaleão provocava igualmente numerosos comentários. Em determinadas manhãs, aparecia de um vermelho escuro, quase um vermelho indiano; no dia seguinte, era um rubro retinto; no outro dia, era um violeta sumptuoso; e até uma vez, quando os Otis todos desceram para as orações familiares, conforme os ritos cheios de simplicidade da Igreja Livre Americana Reformada e Episcopal, verificaram que a mancha era de um verde-esmeralda esplendente. É bem de ver, estas mutações caleidoscópicas divertiam muito a família; e, todas as noites, estabeleciam-se apostas a seu respeito. A única pessoa que não tomava parte na brincadeira era a pequena Virgínia, que, por qualquer ignota razão, parecia sempre consternada ao ver a mancha de sangue e esteve pertíssimo de desatar a chorar na manhã em que a nódoa apareceu no tom verde-esmeralda.

A segunda aparição do fantasma efetuou-se no Domingo à noite. Pouco tempo depois de se terem metido na cama, foram de súbito alarmados por um medonho estrondo vindo do vestibulo. Descendo precipitadamente a escada, verificaram que uma grande e antiga armadura, despegada da sua peanha, fora projectada para o lajedo, enquanto o fantasma de Canterville, sentado numa cadeira de alto espaldar e com uma expressão de angústia, esfregava os joelhos.

Os gémeos, que se tinham munido das suas zarabatanas, descarregaram imediatamente dois pequenos projéteis sobre o fantasma, com essa precisão de pontaria que só longos e sérios exercícios, tendo por alvo um professor de escrita, pode dar, enquanto o Ministro dos Estados-Unidos, mantendo-o sob a ameaça do seu revólver, lhe intimava, segundo a etiqueta, que pusesse as mãos ao alto.

O fantasma levantou-se bruscamente, com um medonho grito de raiva, e deslizou por entre eles todos tal qual um nevoeiro, apagando na sua passagem a vela de Washington Otis e deixando-os em escuridão completa.

Ao alcançar o cimo da escadaria o fantasma recobrou ânimo e decidiu soar o famoso carrilhão de risos demoníacos, cuja utilidade mais de uma vez havia experimentado.

Contava-se que aquilo fizera embranquecer, no decurso de uma noite apenas, a cabeleira postiça de lorde Raker, e que provocara a demissão de três das governantas francesas de lady Canterville antes de findo o seu primeiro mês de serviço. Por conseguinte, riu com o seu riso mais horroroso, até o velho teto abobadado repercutir com o estrépito desse riso infernal. Mas, mal extinto o último eco, abriu-se uma porta e mrs. Otis apareceu embrulhada num roupão azul pálido.

– Receio que o senhor não esteja bem de saúde. Trago-lhe aqui um frasco de tintura do Doutor Dobell. Se é uma indigestão, verá que o remédio é excelente.

O fantasma fixou-a, cheio de fúria, e esteve prestes a transformar-se num canzarrão negro, realização que lhe tinha valido um justo renome e ao qual o médico da família atribuía sempre a idiotia incurável do tio de lorde Canterville, o nobre Thomas Horton. Mas um rumor de passos que se aproximavam fizeram-no hesitar no cruel projeto. Contentou-se em tornar-se levemente fosforescente, e esvaiu-se com um grunhido sepulcral no momento preciso em que os gémeos chegavam à altura em que se encontrava.

Tendo regressado ao seu quarto, num enorme abatimento, dentro em pouco apossou-se dele a mais violenta agitação. O desplante dos gémeos e o materialismo grosseiro de mrs. Otis eram, sem sombra de dúvida, extremamente aborrecidos; mas o que o consternava mais era não ter podido envergar a armadura. Acrisolara suas esperanças em que até mesmo uns americanos modernos não deixariam de perturbar-se à vista de um espectro com armadura guerreira, senão

por inteligentes razões ao menos por respeito por Longfellow, seu poeta nacional, cujos versos graciosos e cheios de encanto o tinham ajudado mais de uma vez a passar o tempo durante a ausência dos Canterville. Para mais, era a sua própria armadura. Ostentara-a com grande êxito no torneio de Kenilworth e recebera os mais calorosos cumprimentos da Rainha-Virgem em pessoa. Mas quando quisera, agora, enfiar a armadura, fora de todo em todo esmagado pelo peso da enorme couraça e do elmo de aço, e caíra desamparadamente sobre o lajedo, esfolando a valer os dois joelhos e contundindo as articulações da mão direita.

Esteve doente durante muitos dias e não saiu do quarto senão para manter a nódoa de sangue. Todavia, com grandes cuidados, restabeleceu-se e resolveu fazer terceira tentativa para aterrorizar o Ministro dos Estados-Unidos e sua família. Escolheu a sexta-feira, 14 de Agosto, para a nova aparição, e ocupou a maior parte desse dia a passar em revista o seu guarda-roupa. Optou, por fim, por um chapéu de abas largas ornado de uma pluma vermelha, um sudário recortado nos punhos e no pescoço e uma adaga ferrugenta.

No decurso do serão surdiu uma violenta tempestade. O vento soprava tão forte que sacudia janelas e portas da velha moradia. Era exatamente este o tempo de que o fantasma gostava. Eis o plano em que assentara.

Iria de manso e manso até o quarto de Washington Otis; junto do leito, soltaria gritos e enterraria três vezes a adaga na sua própria garganta, ao som de uma lânguida música. Alimentava uma razão de queixa especial contra Washington, por saber muito bem, como sabia, que era ele quem, com o seu sabão para tirar nódoas, fazia incessantemente desaparecer a famosa mancha de sangue dos Cantervilles. Após ter submetido o descuidado e audacioso rapaz a um estado de abjeto terror, dirigir-se-ia então ao quarto ocupado pelo Embaixador dos Estados-Unidos e sua mulher; pousaria na testa de mrs. Otis a mão cheia de visco, ao mesmo tempo que insinuaria ao ouvido do esposo, todo ele numa tremura, os horríveis segredos de além-túmulo.

Quanto à pequena Virgínia, ainda nada decidira. Era meiga e bonita e nunca o insultara. Alguns grunhidos roucos e profundos vindos de dentro do guarda-fato seriam, pensou, mais do que suficientes, e se por acaso eles a não despertassem poderia puxar com os dedos descarnados e trémulos o couvre-pied da rapariguinha.

Na parte concernente aos gémeos estava deveras decidido a dar-lhes uma lição. Naturalmente, a primeira coisa a fazer era sentar-se sobre o peito deles, de maneira a produzir a sufocante sensação do pesadelo; depois, ficando as suas camas tão juntinhas, surgiria de permeio sob a forma de um cadáver verde e gelado, até que os manos se pusessem paralíticos de medo; por último, despojando-se do sudário, rojar-se-ia em volta de todo o aposento com a sua ossada embranquecida, fazendo ao mesmo tempo girar as meninas dos Olhos, numa imitação de «Daniel o Mudo, ou o Esqueleto do Suicida», papel no qual produzira grande efeito em muitíssimas ocasiões e a que atribuía a mesma importância que à sua famosa personagem de «Martinho, o Louco ou o Mistério Mascarado».

Às dez horas e meia percebeu que a família se ia deitar.

Esteve um bocado de tempo perturbado pelas sonoras risadas dos gémeos, os quais, com a descuidada alegria de estudantes, certamente se divertiam antes de se enfiarem na cama. Mas às onze e um quarto tudo estava em sossego e, ao soar a meia-noite, ele partiu para a sua expedição.

O mocho vinha roçar as asas nos vidros das janelas, o corvo crocitava no cimo do velho teixo e o vento vagueava em volta da casa, gemendo como alma penada.

Mas a família Otis dormia, inconsciente do seu destino, e o cadenciado ressonar do Ministro dos Estados Unidos cobria o ruído do temporal. O fantasma esgueirou-se para fora da madeira das paredes sem dar sinal de si. Sobre a sua boca murcha e cruel desenhava-se um aflitivo sorriso, e a lua escondeu-se por detrás de uma nuvem quando ele passou junto da grande janela ogival ornada de um brasão azul e ouro, que representava as suas próprias armas e as da sua esposa assassinada. Deslizava como uma sombra funesta e até as trevas pareciam odiá-lo. De súbito, supôs ouvir alguém a chamá-lo. Deteve-se; mas apenas o latido de um cão subia da Granja Vermelha. Prosseguiu caminho, resmungando pragas do século dezasseis e brandindo de quando em quando a adaga corroída de ferrugem.

O fantasma atingiu, por fim, o recanto do corredor que conduzia ao quarto do infortunado Washington. Parou um instante. O vento sacudia-lhe as madeixas compridas de cor de cinza e fazia ondular de maneira grotesca e fantástica o sudário de morto. O quadro inspirava indizível horror. O relógio soou então o quarto de hora. Compreendeu

que tinha chegado o momento.

Soltou, baixinho, uma risadinha de escárnio e transpôs a esquina do corredor. Mas, mal tinha dado aí um passo, logo recuou com um lamentoso gemido de terror e logo também ocultou nas suas mãos ossudas a face macilenta.

Diante de si erguia-se um horrível espectro, tão imóvel como uma figura de pedra, tão monstruoso como o sonho de um louco. A cabeça dele era calva e luzidia, a face redonda, gorda e branca. Um riso ignóbil parecia ter-lhe contorcido as feições numa expressão eterna de zombaria. Dos Olhos escorriam-lhe clarões escarlates. A boca era um largo poço de fogo e uma horrenda vestimenta, semelhante à sua, envolvia de longas pregas brancas o vulto titânico. Um letreiro contendo uma inscrição em caracteres estranhos e antigos ornava-lhe o peito: sem dúvida, um certificado de infâmia, a narrativa de medonhas faltas, uma lista de crimes espantosos. Com a mão direita, brandia um gládio de aço brilhante.

Nunca tendo visto, até à data, nenhum fantasma, sentiu naturalmente um grande pavor. Lançou, rápido outro olhar ao terrível espectro e desatou a fugir para o seu quarto, tropeçando, ao seguir pelo corredor, no longo sudário que trazia. Por último, deixou cair a adaga ferrugenta dentro das grossas botas do Embaixador, onde o mordomo a foi encontrar no dia seguinte de manhã.

Uma vez no refúgio da sua alcova, atirou-se para cima da estreita cama de lona e enterrou o rosto nos lençóis. Mas transcorrido um pedaço de tempo a antiga coragem dos Cantervilles recuperou os seus direitos.

Decidiu ir falar com o outro fantasma, logo que nascesse o dia. E apenas a aurora prateou as colinas, voltou ao sítio onde havia, pela primeira vez, lançado os Olhos sobre o formidável espectro, raciocinando que, no fim de contas, dois fantasmas valiam mais do que um, e que com a ajuda do seu novo colega talvez vencesse melhor os gémeos.

Mas quando ali se encontrou, no mesmo lugar, um horrível espetáculo feriu seus Olhos. Era de todo evidente que acontecera qualquer coisa ao fantasma, porque a luz lhe desaparecera completamente das órbitas, o gládio brilhante escorregara-lhe da mão e o corpo encostava-se à parede numa atitude de constrangimento e incómodo.

Precipitou-se para ele e tomou-o nos braços. Mas, com assombro seu, a cabeça do outro rolou para o chão; o corpo foi-se também abaixo, e percebeu que estreitava apenas um cortinado de cama, de fustão branco, ao mesmo tempo que uma escova de cabo, uma machada de cozinha e um nabo oco lhe jaziam aos pés. Incapaz de compreender esta curiosa transformação, pegou no letreiro com pressa febril e, à luz fosca da aurora, leu estas palavras abomináveis: o fantasma Otis é o único, autêntico e original. Desconfiai das falsificações!...

Como num relâmpago, compreendeu tudo. Tinham-lhe pregado uma partida! A característica expressão, dos Cantervilles perpassou-lhe nos Olhos; cerrou as maxilas sem dentes e, levantando muito alto, acima da cabeça, as mãos descarnadas, jurou, segundo a fraseologia pitoresca da escola antiga, que, quando o galo fizesse ouvir mais duas vezes o seu alegre apelo, haviam de dar-se ali acontecimentos sangrentos e a morte deslizaria por aqueles lugares em silenciosos passos.

Mal formulara este temível juramento, subiu, a distância, de uma granja coberta de telhas vermelhas, a voz de um galo. O fantasma soltou um prolongado e amargo riso e esperou. Hora após hora, esteve à espera; mas, por qualquer razão estranha, o galo não repetiu o canto. Por fim, às sete e meia, a chegada dos serviços obrigou-o a abandonar o seu horrível posto de sentinela. Regressou ao quarto a passos lentos, a meditar na sua vã esperança e no seu abortado plano. Consultou então muitas obras a que dedicava particular apreço e que tratavam da antiga cavalaria. Aí verificou que, de todas as vezes que tal juramento havia sido formulado, sempre o galo cantara segunda vez.

– Diabos levem aquele maldito volátil! – resmungou ele. – Ah! não me encontrar ainda no tempo em que, com minha intrépida lança, lhes trespassaria a gorja e em que o teria obrigado a cantar só para mim até perder o sopro!

Depois estendeu-se num confortável ataúde de chumbo, em que permaneceu até o cerrar da noite.

IV

No dia imediato o fantasma estava muito fraco e muito cansado. Começava a ressentir-se dos efeitos da medonha agitação das quatro

últimas semanas. Com os nervos quebrados, até o menor ruído o sobressaltava. Não saiu do quarto durante cinco dias e decidiu por fim renunciar à nódoa de sangue no chão da biblioteca.

Se a família Otis não queria aquilo, claro estava que nem por sombras era digna do caso. Com plena evidência, essas pessoas viviam num plano de existência de baixo materialismo e eram em absoluto incapazes de apreciar o valor simbólico dos fenómenos sobrenaturais. O assunto das aparições espectrais e o desenvolvimento dos corpos astrais eram, sem dúvida, coisas diferentes e alheias à atenção daquela gente. Ele, fantasma, tinha como missão, como missão solene, aparecer no corredor uma vez por semana e ulular através de um janelão em ogiva na primeira e na terceira quartas-feiras do mês, e não via maneira de poder subtrair-se honrosamente às suas ocupações. A sua vida, é certo, fora culposa; mas, por outro lado, ele era rigidamente escrupuloso em tudo quanto se relacionava com o sobrenatural.

Três sábados a fio o fantasma atravessou, portanto, o corredor como de costume, entre a meia-noite e as três da manhã, tomando mil precauções para não ser visto nem ouvido. Tirou os sapatos, pisou tão levemente quanto possível as faixas do parquet roídas pelo caruncho, enrolou-se num amplo manto de veludo negro e decidiu-se a empregar o lubrificante para untar as suas cadeias. É-me forçoso reconhecer que não foi sem dificuldade que veio a adotar este derradeiro meio de proteção; mas, uma noite e à hora em que a família da casa se preparava para ir jantar, introduziu-se nos aposentos de mr. Otis e lançou mão do respectivo frasco. Ao fazê-lo experimentou, a princípio, um pouco de humilhação, mas logo adquiriu a inteligência bastante para se inteirar de que a invenção estava longe de ser má e de que, até certo ponto, lhe favorecia os planos.

Apesar de tudo, não o deixavam, entretanto, em paz.

Estendiam constantemente cordas no corredor, nas quais, quando estava escuro, tropeçava; e uma vez em que se encontrava vestido para desempenhar o papel do «Negro Isaque ou o Caçador de Hogley Woods», deu uma queda muito grave sobre um resvaladouro que os gémeos haviam armado e que ia desde a Sala das

Tapeçarias até o cimo da escada de carvalho. Esta última afronta pô-lo em tamanha fúria que resolveu fazer um derradeiro esforço a fim

de restabelecer a sua dignidade e a sua posição social. Decidiu pois uma visita, para a noite imediata, aos juvenis e insolentes colegas de Eton, no seu famoso disfarce de «Ruperto, o Arrisca-Tudo ou o Condesem-Cabeça».

O fantasma já não fazia qualquer aparição mascarado desta maneira desde mais de setenta anos atrás, precisamente desde que, assim vestido, aterrorizara a gentil lady Bárbara Modish, ao ponto de ela ter rompido bruscamente as promessas de noivado com o avô do lorde Canterville atual e fugido para Gretna Green com o belo Jack Castleton, declarando que nada deste mundo a decidira a entrar numa família que deixava um tão horroroso fantasma percorrer o terraço, ao cerrar-se o crepúsculo. Mais tarde, o pobre Jack foi morto em duelo por lorde Canterville em Wandsworth Common, e lady Bárbara, com o coração despedaçado, morreu em Tunbridge Wells antes de findo esse mesmo ano; de sorte que, sob todos os aspectos, fora um esplêndido êxito.

Todavia, tratava-se de uma «composição» extremamente difícil (se me é permitido usar esta expressão de teatro a propósito de um dos maiores mistérios do sobrenatural, ou, para empregar um termo científico, do mundo supra-normal), e foram-lhe precisas três boas horas para executar os preparativos. Tudo se aprontou, finalmente. Estava muitíssimo satisfeito com o seu aspecto. As altas botas de montar que condiziam com o traje eram um tanto largas de mais para ele, e não tinha podido achar senão uma das pistolas dos coldres da sela; mas, em suma, estava muito contente, e, à uma hora e um quarto, deslizou através do forro de madeira e desceu suavemente para o corredor.

Chegado ao quarto que os gémeos ocupavam (designavam-no por «o quarto azul», por causa do tom das pinturas), encontrou a porta entreaberta. Querendo fazer uma entrada de pleno efeito, empurrou bruscamente a porta, mas o conteúdo de um grande jarro de água entornou-se em cima dele e o próprio jarro, ao cair, roçou-lhe pela espádua esquerda. No mesmo instante, risadas que alguém procurava reprimir subiram dos leitos de colunas. O abalo nervoso que experimentou foi tamanho que desatou a fugir para o seu esconderijo com a maior celeridade. No dia seguinte, muitíssimo constipado, teve de conservar-se na cama. A consolação única que lhe restava era de não ter levado a sua própria cabeça nesta expedição; de contrário, a imprudência poder-lhe-ia ter acarretado as mais graves consequências.

O fantasma abandonou então toda a esperança de assustar aquela grosseira família americana e contentou-se, afinal, com percorrer de pantufas de solas de feltro os corredores, o pescoço envolto num espesso cachene vermelho por causa das correntes de ar e empunhando um bacamartezinho com receio de ser atacado pelos gémeos. Foi em 19 de Setembro que ele recebeu o golpe final.

O fantasma descera ao vasto hall de entrada, certo de que aí ninguém o molestaria, e divertia-se a alvejar com observações satíricas as grandes fotografias do Ministro dos Estados Unidos e de sua mulher, assinadas por Saroni, que haviam substituído os retratos da família dos Cantervilles. Vestia-o um longo sudário, muito simples mas decente, salpicado de manchas de lama vinda do cemitério. Atara os queixos com uma ligadura de tela amarelada e segurava uma pequena lanterna e uma enxada de coveiro. Numa palavra, estava disfarçado para o papel de «Jonas, o Morto sem Sepultura, ou o Ladrão de Cadáveres de Chertsey Barn», uma das suas mais notáveis criações, da qual ora os Cantervilles tinham excelentes razões para se lembrar, porque fora essa a verdadeira origem do pleito com o seu vizinho, lorde Rufford.

Eram aproximadamente duas horas e um quarto da manhã. O fantasma poderia afirmar que todos os moradores da casa repousavam. Mas ao dirigir-se, em ar de passeio, para a biblioteca, no fito de ver se ainda restava qualquer vestígio da mancha de sangue, saltaram de súbito sobre ele, de um recanto escuro, dois vultos que agitavam ferozmente os braços por cima da cabeça e lhe berravam «U-u! U-u!» aos ouvidos.

Tomado de pânico, o que em tais circunstâncias era muitíssimo natural, precipitou-se para a escadaria: aí, porém, esperava-o Washington com a grande mangueira de rega do jardim. Cercado de todos os lados pelos inimigos, literalmente encurralado, desapareceu no interior do enorme fogão, que, felizmente para si, não estava aceso. Teve de abrir caminho através dos canos e das chaminés e alcançou o seu quarto num lamentável estado de sujidade, desarranjo e desespero.

Após esta aventura renunciou às expedições noturnas. Os gémeos muitas vezes se esconderam à sua espera e, todas as noites, juncavam de cascas de nozes os corredores, coisa que aborrecia bastante os pais e os criados; mas foi tudo inútil. Era manifesto que o fantasma, ferido em seus sentimentos, se recusava a aparecer. Em consequência, mr. Otis retomou a sua grande obra sobre a «História do Partido Democrático», em que trabalhava havia uma porção de anos.

Mrs. Otis organizou um maravilhoso clam-bak, que causou espanto em toda a região. Os rapazes dedicaram-se ao cross, ao écarté, ao poker e a outros jogos nacionais americanos. E Virgínia percorreu no seu potro todos os caminhos circunvizinhos, em companhia do duque de Cheshire, que tinha vindo passar no Parque Canterville a sua última semana de férias. Supôs-se, naturalmente, que o fantasma abalara dali, e mr. Otis escreveu a lorde Canterville a informá-lo do caso. Este respondeu que a notícia lhe dava grande prazer, e enviou os seus cumprimentos à digna esposa do Ministro.

Mas os Otis enganavam-se, porque o fantasma permanecia ainda na casa e, se bem que estivesse agora quase inválido, não tinha de forma nenhuma a intenção de ficar quieto, sobretudo desde que soube que, entre os convidados, se encontrava o duquezinho de Cheshire, cujo tio-avô, lorde Francis Stilton, apostara um dia cem guinéus em como jogaria aos dados com o fantasma de Canterville, vindo a ser encontrado, na manhã seguinte, estendido no chão da sala de jogo completamente paralítico. Não obstante ter vivido até avançada idade, nunca mais pôde dizer senão isto: «duplo-seis!».

A história era bem conhecida na época em que sucedera o caso; mas, para poupar o sentimento de duas famílias nobres, tudo foi tentado para abafar a coisa.

Todavia, encontrar-se-á uma sua narrativa pormenorizada no terceiro volume da obra de lorde Tattle: «Memórias Relativas ao Príncipe Regente e seus Amigos».

Era, por conseguinte, natural que o fantasma quisesse provar que não tinha perdido a influência sobre os Stilton, aos quais o unia um parentesco afastado, devido a uma sua prima-irmã ter casado em segundas núpcias com o Senhor de Bulkeley, de quem os duques de Cheshire, como se sabe, descendem em linha directa.

Consequentemente, tomou as suas disposições para aparecer ao juvenil enamorado de Virgínia na sua célebre criação do «Monge Vampiro, ou o Beneditino Exangue», espectáculo tão horrível que a velha lady Startup, ao dar com os Olhos nele, o que lhe sucedeu nessa fatal véspera do ano de 1764, desatou nos mais dilacerantes gritos, que terminaram por um ataque de apoplexia; morreu três dias depois, não sem ter deserdado os Canterville, seus mais próximos parentes, e deixado todo o dinheiro que possuía ao seu boticário de Londres.

Passados dias, andavam Virgínia e o seu apaixonado de cabelos em anéis a percorrer a cavalo as pradarias de Brockley, eis senão quando a rapariguinha, sentindo-se presa num silvado, rasgou o vestido de amazona tão desastradamente, que, ao reentrar em casa, decidiu tomar a escada secreta para que ninguém lhe pusesse a vista em cima. Ao passar, porém, a correr, diante da Sala das Tapeçarias, cuja porta precisamente estava aberta, julgou perceber a existência de alguém no interior. Vindo-lhe à ideia que seria a criada de quarto da mãe, a qual às vezes ia para ali costurar, entrou para pedir à mulher que lhe consertasse a saia.

E, com imensa surpresa sua, Virgínia viu o fantasma de Canterville em pessoa! Estava sentado junto da janela, a contemplar o ouro das árvores amarelentas, a ver as folhas rubras rodopiarem como loucas na grande alameda. A cabeça apoiada na mão, toda a sua atitude traía uma depressão extrema. Na verdade, ele apresentava um ar tão desolado e tão lamentável, que a pequena Virgínia, cujo primeiro movimento foi fugir e encerrar-se no quarto, tomada logo de piedade resolveu tentar reconfortá-lo. Os passos de Virgínia eram tão leves e a melancolia do fantasma tão profunda, que este não teve consciência.

– Sinto-me contristada por sua causa – disse Virgínia – os meus irmãos voltam amanhã para Eton e, se o senhor se portar bem, ninguém o atormentará.

– Pedirem-me que me porte bem! Mas é absurdo! – respondeu ele com os Olhos escancarados de espanto à vista daquela gentil donzelinha que ousava dirigir-se-lhe.

– É completamente absurdo! É imprescindível que eu faça ranger as minhas cadeias e ulule pelos buracos das fechaduras e passeie por aí de noite, se é a isto que a menina faz alusão. Essa é a minha única razão de existência.

Mas, à última hora, o terror que lhe causavam os gémeos impediu o fantasma de abandonar o seu quarto. E, na câmara real, o duquezinho dormia em paz no vasto leito de baldaquino ornado de plumas e sonhava com Virgínia.

– Isso não é uma razão de existência, e o senhor bem sabe que tem sido muito mau. Mrs. Umney dissenos, no dia da nossa chegada aqui,

que o senhor matou a sua mulher.

– Bem, concordo – disse com vivacidade o fantasma -; mas trata-se de um assunto de família com o qual os outros nada têm.

– É muito mal feito matar alguém – insistiu Virgínia, que, vezes, mostrava uma encantadora expressão de gravidade puritana, herdada de qualquer antepassado da Nova Inglaterra.

– Oh, detesto esse corriqueiro rigor da ética abstrata!

Minha mulher era feia, não engomava nunca convenientemente a minha gola de fOlhos e não percebia nada de cozinha. Olhe, eu tinha matado um veado nos bosques de Hogley, um veadozinho magnífico. Quer saber como ela o fez aparecer à mesa? Mas que importa o caso, presentemente?! Tudo isso acabou. Não creio, porém, que fosse muito bonito da parte de seus irmãos fazerem-me morrer de fome, embora eu a tenha matado.

– Fazê-lo morrer de fome? Oh, senhor fantasma... quero dizer, sir Simon... o senhor tem fome? Trago ali uma sanduíche no meu saco de costura. Quere-a?

– Não, obrigado, já não como nada, agora. Mas é, apesar de tudo, muita amabilidade da sua parte. A menina é muito mais gentil do que o resto da sua horrenda família, grosseira, vulgar, indigna!

– Cale-se! – bradou Virgínia batendo com o pé no chão. – Quem é grosseiro, horrendo e vulgar, é o senhor; e, quanto a indignidade, sabe perfeitamente que foi o senhor quem roubou as bisnagas da minha caixa de pintura para tentar avivar essa ridícula mancha de sangue na biblioteca. Primeiramente, deitou mão a todos os meus encarnados, sem esquecer o vermelhão, e tive de deixar de pintar o pôr do Sol; depois arrebatou o verde-esmeralda e o amarelo cromado; e, finalmente, só me restavam o anil e o branco da China, de modo que só podia pintar paisagens à luz do luar, que deprimem tanto quando as olhamos e que são tão pouco fáceis de executar. Eu nunca disse nada contra o senhor; contudo, andava muito aborrecida e tudo aquilo era bastante ridículo. Já se viu sangue de tom verde-esmeralda?

– Mas – disse o fantasma acalmando-se um pouco -, que hei-de eu fazer? Nestes nossas dias, é muito difícil encontrar sangue verdadeiro e, visto que foi o seu irmão a romper com o tira-nódoas, não vejo motivo para não lançar mão das bisnagas que lhe pertencem. Quanto à cor, é simples questão de gosto: os Cantervilles, por exemplo, têm

sangue azul, o mais azulado de Inglaterra, mas sei que vós outros, os americanos, troçais a valer de tudo isto.

– O senhor nada sabe a esse respeito, e o melhor que tem a fazer é emigrar, para cultivar o espírito. Meu pai não deixará de sentir-se muitíssimo feliz em lhe conseguir uma passagem gratuita. O senhor não encontrará dificuldade alguma na alfândega, onde todos os funcionários são democratas. Uma vez em Nova-Iorque, alcançará o maior dos êxitos. Conheço uma porção de gente que daria cem mil dólares para ter um antepassado, e ainda mais para ter um fantasma na família.

– Tenho a convicção de que não gostaria da América.

– Porque, suponho, não temos lá ruínas, nem curiosidades – disse Virgínia ironicamente.

– Nem ruínas! Nem curiosidades! – replicou o fantasma – Mas tendes a vossa marinha e essas vossas maneiras!

– Adeus! Vou pedir ao meu papá que conceda aos gémeos uma semana suplementar de férias.

– Não, não vá, miss Virgínia! – implorou o fantasma. – Estou tão só e tão desgraçado e não sei verdadeiramente o que fazer. Quero dormir e não posso.

– Mas isso é absurdo! Basta deitar-se e soprar a vela. Às vezes é difícil a gente manter-se acordada, na igreja sobretudo, mas é coisa bem fácil dormir. Até os bebés sabem isso; todavia, não são muito inteligentes.

– Há trezentos anos que não durmo, – disse ele com tristeza (os belos Olhos azuis de Virgínia dilataram-se de espanto).

– Há trezentos anos que não durmo, e estou tão cansado!

O rosto de Virgínia tornou-se grave e os labiozinhos puseram-se-lhe a tremer como pétalas de rosa. Aproximou-se do espectro e, ajoelhando-se junto dele, ergueu os Olhos para a velha face pergaminhada.

– Pobre, pobre fantasma! – murmurou – Não há então sítio onde possa dormir?

– Além em baixo, para lá do pinhal – respondeu ele numa voz lenta e

meditativa -, há um jardimzinho. A erva cresce ali, espessa e alta, salpicada das grandes estrelas brancas da cicuta, e o rouxinol canta lá toda a noite. Toda a noite ali canta o rouxinol, e a fria lua de cristal reclina-se para ver melhor, e o cipreste estende seus braços gigantescos sobre os dormentes.

Os Olhos de Virgínia velaram-se de lágrimas e ela escondeu o rosto nas mãos.

– Quer aludir ao jardim da Morte – murmurou.

– Sim, da Morte! A morte deve ser tão bela! Repousar na terra doce e escura, tendo as ervas a ondular por cima de nós, e escutar o silêncio! Não ter ontem nem amanhã! Esquecer o tempo! Esquecer a vida, estar em paz! A menina pode ajudar-me. Pode abrir para mim as portas da casa da Morte, porque traz o Amor consigo e o Amor é mais forte do que a Morte.

Virgínia pôs-se a tremer, percorreu-a toda um frémito gelado e, durante momentos, fez-se silêncio. Tinha a impressão de estar sonhando um terrível sonho.

O fantasma voltou então a falar, e a sua voz ressoava como um suspiro do vento.

– Já leu alguma vez a velha profecia inscrita nos vitrais da biblioteca?

– Oh, muitas vezes! – exclamou a donzelinha erguendo os Olhos. – Conheço-a muito bem. Está pintada em curiosas letras a negro e é difícil de ler. São apenas seis versos:

*Quando uma criança de coração puro conseguir
Colher dos lábios pecaminosos uma prece,
Quando a estéril amendoeira florescer,
Quando dos Olhos puros brotar uma lágrima,
Esta casa ficará para todo o sempre tranquila
E a Graça voltará a Canterville.*

«Mas não sei o que isto quer dizer.

– Quer dizer – respondeu ele tristemente – que a menina deve chorar comigo pelos meus pecados, porque eu já não tenho lágrimas, e rezar

comigo pela minha alma, porque nada me resta de fé. Então, se tiver sido sempre meiga e boa, o Anjo da Morte terá piedade de mim. Há-de ver, na escuridão, vultos horríveis, vozes maldosas falar-lhe-ão ao ouvido, mas não sofrerá mal nenhum porque o Inferno nada pode contra a pureza de uma criança.

Virgínia não respondeu e o fantasma torceu as mãos com desespero, baixando o olhar sobre a cabeça coroada de cabelos de ouro reclinada perto dele. A jovem ergueu-se de súbito, muito pálida. Um estranho clarão lhe perpassou nos Olhos.

– Não tenho medo – disse ela com firmeza -. Rogarei ao Anjo que tenha piedade de vós.

O fantasma endireitou o busto ao mesmo tempo que soltava um débil grito de alegria, e, inclinando-se com uma gentileza já há muito fora de moda, pegou na mão da rapariguinha e beijou-lha. Os dedos de sir Simon tinham a frialdade do gelo e seus lábios queimavam como fogo, mas Virgínia não sentiu o menor desfalecimento enquanto ele a fazia atravessar o compartimento cheio de sombras. Bordadas nas tapeçarias, cujo tom verde fora desbotando, viam-se figurinhas de caçadores.

Estes sopraram nas suas trompas ornadas de glandes e, com as minúsculas mãos, fizeram-lhe sinal para que arrepiasse caminho.

– Retrocede, Virgínia – gritavam eles – vai-te embora!

Mas o fantasma estreitava-lhe a mão com mais força e Virgínia fechou os Olhos para os não ver. Horróricos animais de cauda semelhante à dos lagartos, Olhos salientes de cabeça, pestanejaram-lhe repetidamente, de cima do fogão esculpido, e murmuraram: – Toma cuidado, Virgínia, toma cuidado, olha que talvez nunca mais te tornemos a ver!

Mas o fantasma deslizou com mais celeridade e Virgínia não deu ouvidos àqueles. Ao atingirem a extremidade da sala, o fantasma parou e murmurou palavras que Virgínia não podia compreender. Ela abriu os Olhos e viu a parede desaparecer lentamente como um nevoeiro, após o que se encontrou diante de uma grande caverna negra. Envolveu-os um vento áspero e frio e a jovem sentiu que a puxavam pela saia.

– Depressa! Depressa! – gritou o fantasma -. Senão será demasiadamente tarde.

Num instante o forro de madeira tornou a cerrar-se por detrás deles. A Sala das Tapeçarias ficara deserta.

VI

Daí a dez minutos, a sineta tocou para o chá e, como Virgínia não descesse, mrs. Otis mandou-a chamar por um dos criados. Passado um momento, este voltou para dizer que não tinha encontrado miss Virgínia em parte nenhuma. Como a jovem adquiria o costume de ir todas as tardes colher flores para o jantar, mrs. Otis não se inquietou; mas ao soarem as seis horas sem que a filha tivesse reaparecido, começou verdadeiramente a alarmar-se e mandou os rapazes à sua procura, ao mesmo tempo que ela própria e mr. Otis percorriam a casa, compartimento por compartimento.

Às seis e meia estavam de volta os rapazinhos sem terem podido achar o mais leve vestígio da irmã. Todos se encontravam agora na maior agitação e não sabiam que fazer, quando mr. Otis se lembrou de repente que, uns dias antes, concedera licença a um bando de ciganos para acamparem no parque. Imediatamente partiu para Blackfell Hollow, onde, sabia-o, os ciganos deviam agora estar. Acompanhavam-no seu filho mais velho e dois criados da granja. O duquezinho de Cheshire, louco de ansiedade, insistiu veementemente em se lhes juntar, mas mr. Otis opôs-se temendo que se travasse ali uma desordem. Ao chegar, porém, ao sítio em vista, descobriu que os ciganos haviam desaparecido. O lume, que ardia ainda, e alguns pratos dispersos pelo solo denunciavam claramente uma retirada repentina.

Depois de ter ordenado a Washington e aos dois homens que explorassem as circunvizinhanças, mr. Otis regressou a toda a pressa e expediu telegramas para todos os inspectores de polícia do Condado, pedindo-lhes que procurassem uma menina que fora raptada por vagabundos ou ciganos. Em seguida, mandou que lhe selassem o cavalo, intimou a esposa e os três rapazes a tomarem o seu jantar e, acompanhado de um laçao, dirigiu-se para Ascot. Mas mal percorrerá duas milhas ouviu atrás de si um galope. Voltando-se, descortinou o duquezinho, que vinha montado no seu poldro, o rosto muito afogueado e cabelos ao vento.

– Lamento muito – disse o rapazinho numa voz ofegante -, mas não poderei jantar enquanto Virgínia não for encontrada. Peço-lhe que

não se zangue. Se o senhor tivesse consentido, o ano passado, no nosso ajuste de casamento, nada disto teria sucedido. Não vai mandar-me para trás, não é verdade? Eu não quero ir para casa! Não quero ir para casa!

O Ministro não pôde impedir-se de sorrir ao juvenil e encantador doidivanas e sentiu-se muito comovido com a devoção dele por Virgínia. Inclinando-se do alto do seu cavalo, deu uma palmada no ombro do rapaz e disse:

– Pois bem, Cecil, se você não quer ir para casa, tenho de levá-lo comigo, suponho. Comprar-lhe-ei um chapéu em Ascot.

– O chapéu que vá para o diabo! Da Virgínia é que eu preciso! – exclamou, a rir, o duquezinho.

Galoparam até à estação do caminho de ferro, onde mr. Otis perguntou se não tinha sido ali vista, na gare, qualquer pessoa correspondendo aos sinais de Virgínia; mas não pôde obter qualquer indicação. Contudo, o chefe da estação telegrafou para todas as outras estações da linha e prometeu fazer exercer por toda a parte uma severa vigilância. Depois de ter comprado um chapéu para o duquezinho a um comerciante de novidades, que ia precisamente naquele momento encerrar a sua loja, mrs. Otis dirigiu-se para Bexley, aldeia a quatro milhas dali, a qual, segundo lhe haviam dito, era local de encontro dos ciganos, por lá haver um prado comunal. Chegados a esse sítio, mr.

Otis e o seu companheiro acordaram o guarda campestre mas não puderam extrair dele a menor informação e, após terem percorrido o prado inteiro, retomaram o caminho de casa e alcançaram o Parque Canterville pelas onze horas da noite, completamente esgotados e desesperados. Washington e os gémeos esperavam-nos ao pé do gradeamento com lanternas, porque a alameda estava muito escura.

Não se conseguira descobrir o mais leve rasto de Virgínia.

Os ciganos tinham sido concentrados nas pradarias de Brockley, mas a jovem não se encontrava entre eles. Uma confusão de datas explicava a sua brusca partida: a feira de Chorton, que se realizava mais cedo do que pensavam, obrigara-os a abalar a toda a pressa. A verdade é que até eles haviam ficado consternados ao saberem do desaparecimento de Virgínia, porque guardavam grande reconhecimento a mr. Otis por este lhes ter permitido acamparem no

seu parque, e quatro companheiros do bando ficaram para trás a fim de colaborarem nas pesquisas. O tanque das carpas fora esvaziado e todo o domínio batido de lés a lés, mas sem resultado. Era forçoso renderem-se à evidência: pelo menos naquela noite, Virgínia estava perdida para eles; e, profundamente abatidos, mr. Otis e os rapazes dirigiram-se para casa seguidos do laçao, o qual conduzia à mão os dois cavalos e o potro.

Encontraram no átrio um grupo de criados cheios de medo. A pobre mrs. Otis estava estendida num divã da biblioteca, semi-louca de inquietação e de pavor; a velha governanta banhava-lhe a fronte com água de Colónia. Mr. Otis insistiu imediatamente com ela para que tomasse qualquer alimento e mandou servir o jantar para todos.

Foi uma bem triste refeição, em que quase se não proferiu palavra. Os próprios gémeos estavam aterrados, amachucados, porque adoravam a irmã. No fim do jantar mr. Otis, não obstante os rogos do duquezinho, ordenou que todos se deitassem, dizendo que nenhuma outra coisa poderia ser feita nessa noite e que, no dia seguinte de manhã, telegrafaria à Scotland Yard, para lhe serem enviados imediatamente alguns agentes.

Precisamente no instante em que saíam da sala de jantar soava a meia-noite no relógio da torre e, quando retiniu a décima segunda pancada, ouviram todos um enorme estrondo, seguido de um grito penetrante. Um formidável trovão abalou a casa, os acordes de uma harmonia irreal flutuaram no espaço, no alto da escadaria abriu-se um dos panos das paredes e, no patamar, apareceu Virgínia, muito pálida, com um cofrezinho na mão.

Foi um instante enquanto todos se precipitaram para ela.

Mrs. Otis abraçou-a apaixonadamente, o duque afogou-a com a violência dos seus beijos, e os gémeos executaram em volta do grupo uma dança guerreira.

– Santo Deus, donde vens tu?! – perguntou mr. Otis numa voz bastante irritada, ao pensar que a filha lhes tinha pregado uma partida insensata -. Cecil e eu cavalgámos toda a região, à tua procura, e tua mãe esteve prestes a morrer de angústia. Aconselho-te a não voltares a entregar-te a farsas tão estúpidas como esta.

– Exceto contra o fantasma! Exceto contra o fantasma! – bradaram os gémeos entre mil piruetas.

– Minha querida, graças a Deus tenho-te aqui! É preciso que nunca mais me deixes – murmurou mrs. Otis, enlaçando a criança, a qual tremia e alisava os seus caracóis de ouro todos emaranhados.

– Papá – disse Virgínia num tom calmo – eu estava com o fantasma. Ele morreu. Devem ir vê-lo. Era muito mau, mas arrependeu-se verdadeiramente do que fez e, antes de morrer, deu-me este cofrezinho com maravilhosas jóias.

Toda a família a fitava, os Olhos escancarados de surpresa, mas ela permanecia grave e séria; desviando-se, guiou-os através de uma abertura no forro de madeira das paredes até um estreito corredor secreto.

Washington seguia-os empunhando uma vela que havia tirado de cima da mesa. Chegaram por fim a uma grande porta de carvalho ornada de pregos cheios de ferrugem. Quando Virgínia lhe tocou a porta girou nos gonzos, e encontraram-se todos numa salinha baixa, de teto de abóbada e cujo único meio de renovação do ar era uma minúscula janela gradeada. Uma enorme argola de ferro estava chumbada à parede e, encadeado à argola, via-se um grande esqueleto estendido ao comprido no chão de pedra, parecendo tentar agarrar uma escudela velha e uma bilha colocada fora do seu alcance. A bilha devia ter contido outrora água, porque se mostrava por dentro coberta de bolor. Na escudela não existia senão urna camada de pó.

Virgínia ajoelhou-se junto do esqueleto e, juntando as delicadas mãos, pôs-se a rezar em silêncio, enquanto a horrível tragédia cujo segredo lhe era assim revelado.

– Olhem! – gritou de repente um dos gémeos, o qual se dependurara da janela para observar em que ala da edificação se situava aquele quarto. – Olhem! A velha amendoeira toda sequinha está em flor! Vêem-se muito bem as flores, à claridade do luar.

– Deus perdoou-lhe – proferiu gravemente Virgínia, erguendo-se; e uma luz maravilhosa parecia banhar-lhe o rosto.

– És um anjo! – exclamou o duquezinho, que lhe lançou um braço à volta do pescoço, estreitando-a contra si.

Quatro dias após estes curiosos acontecimentos, um préstito fúnebre deixava o Parque Canterville pelas onze horas da noite. Oito cavalos negros puxavam o carro mortuário e sobre as cabeças deles agitavam-se grandes penachos de plumas de avestruz. Um sumptuoso pano cor de púrpura, que as armas dos Cantervilles, bordadas a ouro, ornavam, cobria o caixão de chumbo. Junto do carro marchavam os criados empunhando tochas e todo o cortejo assumia singular imponência.

Lorde Canterville dirigia o enterro. Tinha vindo expressamente do País de Gales para assistir à cerimónia e ocupava a primeira carruagem, acompanhado da jovem Virgínia. A seguir iam o Ministro dos Estados Unidos e a esposa, depois Washington e os três rapazes, e por fim, na carruagem da cauda, mrs. Umney.

Partiu-se da convicção de que a governanta, que durante mais de cinquenta anos havia sido apoquentada pelo fantasma, tinha o direito de o ver desaparecer para sempre. Fora cavada num canto do cemitério uma profunda sepultura, precisamente sob a ramagem do velho teixo, e as preces foram proferidas pelo Rev. Augustus Dampier da maneira mais impressionante.

No termo da cerimónia, os criados, conforme um costume tradicional na família Canterville, apagaram as suas tochas e no momento da descida do caixão ao coval Virgínia avançou e depôs sobre ele uma grande cruz tecida de rosas e flores de amendoeira. Simultaneamente, a Lua surgiu de trás de uma nuvem e, com as suas ondas silenciosas e argênteas, iluminou o pequeno cemitério; e do recesso de uma moita, a distância, subiu o canto de um rouxinol. A jovem recordou a descrição que o fantasma fizera do Jardim da Morte. Velaram-se-lhe de lágrimas os Olhos e mal articulou palavra durante o caminho de regresso.

No dia seguinte de manhã, antes do lorde Canterville partir para Londres, mr. Otis conferenciou com ele a respeito das joias dadas a Virgínia pelo fantasma.

Eram de notável magnificência, em especial certo colar de rubis com um engaste veneziano, admirável trabalho do século dezasseis, e o valor delas todas era tal que mr. Otis sentia grandes escrúpulos em consentir que a filha as aceitasse.

– Lorde Canterville – disse o Ministro -, eu sei que o regime dos bens

chamados de mão-morta é aplicável neste país tanto às jóias como às terras, e parece-me evidente que estas joias de família lhe pertencem, por conseguinte. Devo, pois, pedir-lhe que as leve para Londres e que as considere simplesmente como uma parte da vossa herança, agora restituída em inesperadas circunstâncias. Quanto à minha filha, ela é ainda uma criança e (sinto-me feliz em dizê-lo) não presta mais do que medíocre interesse a esses vãos acessórios de luxo. Para mais, minha mulher, que, ousou afirmá-lo, é em matéria de arte uma autoridade com a qual é necessário contar – ela gozou do privilégio de passar muitos Invernos em Boston quando ainda solteira – comunicou-me terem essas joias elevado valor monetário. Postas à venda, atingiriam altíssimo preço. Nestas condições, lorde Canterville, estou certo de que compreenderá não poder eu permitir a nenhum membro da minha família conservá-las na sua posse. E, em boa verdade, todos esses frívolos, adornos, por mais adequados ou indispensáveis que sejam à dignidade da aristocracia inglesa, estariam em absoluto deslocados entre pessoas educadas nos princípios severos e, suponho, imortais, da simplicidade republicana. Talvez me seja lícito acrescentar que Virgínia deseja vivamente que a autorize a guardar para ela o cofrezinho, a título de recordação dos desvaios e dos infortúnios desse vosso antepassado. Visto que o cofre se acha muito velho e muito estragado, talvez o senhor julgue razoável deferir o pedido. Pela minha parte, confesso estar bastante surpreso vendo um dos meus filhos exprimir simpatia pelas coisas medievais, seja sob que aspecto for, e não posso explicar isto a mim próprio senão pelo fato de Virgínia ter nascido num dos vossos arrabaldes londrinos pouco tempo depois da chegada de minha mulher, que regressava de uma viagem a Atenas.

Lorde Canterville escutou com muita gravidade o discurso do digno Ministro, repuxando de quando em quando as pontas do seu bigode grisalho para dissimular um sorriso involuntário; e quando mr. Otis acabou de falar, apertou-lhe a mão cordialmente e disse:

– Meu caro senhor, a sua encantadora filhinha prestou a sir Simon, meu infeliz avoengo, um serviço de importância, e eu e a minha família devemos muito à maravilhosa coragem dela. Claro está que as joias lhe pertencem; e, por minha fé, creio que se eu tivesse tão pouco coração que lhas tirasse, o maroto do velho sairia, antes de quinze dias decorridos, do seu túmulo e arranjar-me-ia uma vida de inferno. Quanto a constituírem joias de família, tal só seria possível se figurassem num testamento ou em documento legal, e a existência dessas joias era-me completamente desconhecida. Asseguro-lhe que não tenho mais direitos sobre elas do que, por exemplo, o seu mordomo, e, ousou dizê-lo, quando miss Virgínia for crescida

desvanecer-se-á ao usar esses lindos objetos. O senhor esquece também, mr. Otis, que comprou em conjunto a propriedade e o fantasma passou, implícita e imediatamente, para a sua posse, pois por maior atividade de que sir Simon tenha dado sinal durante a noite, nos corredores da casa, ele estava verdadeiramente morto do ponto de vista jurídico, e a aquisição feita pelo senhor tornou-o possuidor dos bens dele.

Mr. Otis, muito comovido com a recusa de lorde Canterville, suplicou-lhe que reconsiderasse na sua decisão, mas o excelentíssimo membro da Câmara Alta inglesa permaneceu firme e, acabou por persuadir o Ministro a que consentisse à filha guardar o presente do fantasma.

E quando, na Primavera de 1890, a jovem duquesa de Cheshire foi, por ocasião do seu casamento, apresentada a primeira vez na recepção da Rainha, as joias que ostentava tornaram-se tema da admiração geral. Porque Virgínia recebeu a coroa, que é a recompensa de todas as boas meninas americanas, e desposou aquele que a amava desde a infância logo que ele atingiu a idade conveniente.

Eram ambos, tão sedutores e amavam-se tanto, que esta união encantava toda a gente, salvo a velha marquesa de Dumbleton, que havia tentado apoderar-se do duque para uma das suas sete filhas ainda solteiras e que, com esse desígnio, dera nada menos que três dispendiosos jantares; e se bom que possa parecer estranho, também não encantava o próprio mr. Otis. O ministro sentia pelo duquezinho uma grande afeição, mas, em teoria, não era partidário de títulos nobiliárquicos e, para empregar mesmo palavras suas, «temia um tanto que, por causa da influência amolecedora da aristocracia apaixonada pelo prazer, os verdadeiros princípios da simplicidade republicana fossem esquecidos». Mas houve quem deitasse por terra as suas objeções; e creio bem que, ao avançar com a filha pelo braço, na nave da igreja de S. Jorge, da Praça Hanover, não houve, no instante, homem mais orgulhoso do que ele na Inglaterra inteira.

Após a sua «lua de mel», o duque e a duquesa voltaram ao Parque Canterville; e no dia seguinte ao da chegada foram, pela tarde, de passeio até ao cemitério solitário circunvizinho do pinhal.

A escolha da inscrição para a lousa tumular de sir Simon tinha levantado muitas dificuldades, mas fora finalmente decidido mandar

gravar nela as simples iniciais do velho aristocrata e os versos inscritos na biblioteca.

A duquesa havia levado consigo umas rosas adoráveis, que espalhou sobre a sepultura; e depois de se conservarem em recolhimento bastantes minutos, os jovens foram, sempre passeando, até ao santuário em ruínas da velha Abadia. Sentou-se então a duquesa numa pilastra mutilada do templo, enquanto o marido, estendido a seus pés, fumava um cigarro, o olhar fito nos belos Olhos da rapariga. De súbito, arremessando para longe o cigarro, pegou-lhe na mão e disse-lhe:

– Virgínia, uma mulher não deve ter segredos para seu marido.

– Querido Cecil, não tenho segredos para ti.

– Tem-los, sim – replicou ele a sorrir; – tu nunca me disseste o que te aconteceu quando estiveste encerrada com o fantasma.

– Nunca o disse a ninguém – respondeu Virgínia com ar grave.

– Sei isso, mas podias dizê-lo a mim.

– Não me peças tal, Cecil; eu não posso dizer-to. Pobre sir Simon! Devo-lhe muito. É verdade; não rias, Cecil. Mostrou-me o que é a Vida, o que significa Morte e porque razão o Amor é mais forte do que a Vida e a Morte.

O duque, pondo-se de pé, abraçou com ternura sua mulher.

– Podes reservar o teu segredo por tanto tempo quanto eu guardarei o teu coração – murmurou.

– Ele sempre te pertenceu, Cecil

– E di-lo-ás um dia aos nossos filhos, não é verdade?

Carminaram-se, de pejo, as faces de Virgínia.

MEMORIAL – Elizabeth Bear



Chalcedony não fora feita para chorar.

Era algo que não existia nela, a não ser que as suas lágrimas fossem gotículas de vidro frias e afiadas, temperadas pelo calor infernal que a tinha inutilizado. Lágrimas assim, escorreriam pela sua pele, por cima de sensores derretidos, para retinirem, sem serem sentidas, na areia. E, se isso acontecesse, ela haveria de recolhê-las, juntamente com todas as outras bugigangas gastas, e haveria de acrescentá-las ao tesouro de jóias sem valor que levava penduradas nas redes de reforço da sua carapaça maltratada.

Tê-la-iam considerado um salvado, se restasse alguém para a salvar. Mas ela era a última das máquinas de guerra, uma lágrima achatada de três pernas, do tamanho de um tanque de guerra principal, com dois grandes grampos e um manipulador fino dobrado como um palpo de aranha sob a cabeça pontiaguda que a encimava, a sua armadura polícerâmica com um padrão em teia de aranha, como vidro anti-estilhaço. Sem orientação dos seus amos remotos, coxeava pela praia, arrastando um membro fundido. Era pouco mais que um destroço.

Foi na praia que encontrou Belvedere.



Bivalves com conchas em forma de borboleta, desenterrados pelas grandes ondas que deixavam a praia, retorciam-se no trilho de areia molhada deixado pela perna de Chalcedony. Era uma do par traseiro e dava menos problemas quando a areia estava compacta. Funcionava bem como pivô e, desde que ela não fosse para as rochas, podia arrastá-lo sem obstáculos.

Enquanto avançava com esforço ao longo da linha de maré-alta, apercebeu-se de que alguém a observava. Não levantou a cabeça. Tinha o chassi equipado com sensores dirigidos que captaram automaticamente a figura andrajosa agachada junto de uma rocha gasta pela erosão.

Precisava do input óptico para examinar o emaranhado de algas e tábuas devolvidas pela maré, esferovite e vidro do mar que traçavam a linha da maré-alta.

Ele observou-a a percorrer a praia, mas estava desarmado e os algoritmos dela não o consideraram uma ameaça. Tanto melhor. Ela gostava da estranha rocha de topo plano ao lado da qual ele se agachava.

No dia seguinte, ele voltou a observá-la.

Tinha sido um dia bom; encontrara uma pedra da lua, uns quantos cristais de rocha, um pedaço de cerâmica vermelho-alaranjado e alguns vidros que o mar tornara opalescentes.

– Qu'ándas a apanhar?

– Contas do naufrágio – respondeu Chalcedony. Ao longo dos dias, ele fora-se arrastando para mais perto, até que começara a segui-la, como as gaiivotas, recolhendo as conchas desenterradas pelo seu pé a arrastar para um saco de rede remendado.

Comida, calculou ela, e, de fato, ele tirou um dos pequenos moluscos do saco e fez surgir de algures um canivete de lâmina partida para o abrir. Os seus sensores pintaram o canivete de cores ténues. Uma arma, mas não uma ameaça para ela.

Com bastante destreza, abriu-a, sugou-a, e deitou a concha fora em menos de três segundos. Mas não podia conter mais que um pedacinho de carne. Muito trabalho para tão pequena recompensa.

Ele era esquelético, além de esfarrapado, e pequeno para um ser humano. Devia ser jovem. Pensou que ia perguntar-lhe qual naufrágio, ao que ela responderia com um gesto vago sobre a baía, onde outrora ficara a cidade, dizendo que havia muitos. Mas ele surpreendeu-a.

– Que vais fazer com elas? – Limpou a boca com um mão coberta de areia, o canivete partido projetando-se imprudentemente do fundo do seu punho.

– Quando tiver que cheguem, farei colares.

– Vislumbrou qualquer coisa sob um emaranhado de algas a que se

chamava dedos de homem morto, um reflexo de luz, e encetou o laborioso processo de se baixar para a apanhar, compensando matematicamente os seus giroscópios avariados.

A possível-criança observou-a avidamente.

– Não, não – disse. – Não podes fazer um colar com isso.

– Porquê? – Baixou-se mais um decímetro, equilibrando-se contra o peso do seu membro fundido. Não lhe apetecia nada cair.

– Vi as que apanhaste. São todas diferentes.

– E daí? – perguntou ela, conseguindo baixar-se mais alguns centímetros. Os seus hidráulicos guincharam. Um dia qualquer, aqueles hidráulicos ou as células de combustível falhariam e ela quedar-se-ia como estivesse, uma estátua corroída pelo ar salgado e pelo mar, continuamente enrolada pela maré. Tinha a carapaça quebrada e já não era à prova de água.

– Não são todas contas.

Com o manipulador, ela arrastou para o lado os dedos de homem morto. Deixou a descoberto o tesouro, um pedaço de pedra cinzento-azulado, esculpido com a forma de um homem gordo e alegre. Não tinha buracos. Chalcedony endireitou-se e virou a figurinha para a luz. A pedra era estruturalmente sólida.

Extraiu do manipulador do outro lado um furador de ponta de diamante, fino como um fio de cabelo, e furou a figura de cima a baixo. Depois introduziu-a numa volta de arame, fez um nó em cada ponta, que enrolou e reforçou, e acrescentou-o à grinalda de contas que oscilava contra o seu chassis desfurgado.

– E daí?

A possível-criança tocou o pequeno Buda com a ponta do dedo, fazendo-o bater contra chapa de cerâmica quebrada.

Ela voltou a erguer-se, fora do alcance dele.

– Mim Belvedere – disse ele.

– Olá – disse Chalcedony. – Sou a Chalcedony.

Ao pôr-do-sol, quando a maré estava no ponto mais baixo, ele seguiu-a às corridinhas e a tagarelar, irrompendo como uma flecha entre bandos de gaivotas, para apanhar punhados de conchas, que lavava nas ondas antes de devorar o seu conteúdo cru. Chalcedony estava mais ou menos a ignorá-lo enquanto ativava os seus focos, concentrando a radiância ao longo da linha de maré. Depois de mais alguns passos arrastados, outro tesouro chamou-lhe a atenção. Era um pedaço de corrente com algumas contas brilhantes incrustadas – vidro, com pedaços de folha de ouro e de prata embebidos nas suas voltas. Chalcedony deu início ao laborioso processo de a apanhar, mas deteve-se quando Belvedere saltou diante dela. Pegou na corrente com uma mão suja, de unhas partidas, e ergueu-a.

Chalcedony ficou imóvel, quase perdendo o equilíbrio. Preparava-se para arrebatá-lo o tesouro das mãos da criança e atirá-la ao mar quando ele se pôs em bicos de pés e lhe estendeu, esticando-o por cima da cabeça. Os focos refletiram a sua sombra na areia, iluminando cada fio do seu cabelo e das sobranceiras num forte contraste.

– É mais fácil se for eu a apanhar – disse ele, enquanto o fino manipulador dela se fechava molemente sobre a ponta da corrente.

Ela ergueu o tesouro para o examinar à luz dos focos. Um segmento bastante comprido, sete centímetros, quatro contas brilhantes da cor de pedras preciosas. A sua cabeça rangeu quando ela a ergueu, a corrosão a escorrer-lhe das articulações.

Ela prendeu a corrente à rede enrolada na sua carapaça.

– Dá-me o teu saco – disse.

Belvedere levou a mão à rede encharcada, cheia de bivalves crus, que escorria para a sua perna nua.

– O meu saco?

– Dá-me. – Chalcedony levantou-se, torta por causa do membro arruinado mas, ainda assim, dois metros e meio mais alta que a criança. Estendeu um manipulador e, de algum ficheiro há muito fora de uso, extraiu um protocolo para lidar com humanos civilizados. – Por favor.

Ele remexeu no nó com dedos flexíveis, desatou-o do cinto de corda e entregou-lhe. Ela enganchou-o num manipulador e ergueu-o. Verificou que a trama era de algodão e não de nylon, enrolou o saco

nos dois manipuladores maiores e deu ao conteúdo um impulso de micro-ondas de baixa voltagem. Não devia. Era um desgaste nas suas células de energia que não tinha maneira de recarregar, e ela tinha uma tarefa para completar.

Não devia – mas fê-lo.

O vapor ergueu-se dos seus grampos e as conchas abriram-se, assando no seu próprio mOlho e na umidade das algas com que ele forrara a rede. Cuidadosamente, ela devolveu-lhe o saco, tentando não entornar o líquido.

– Cuidado – avisou. – Está quente.

Ele pegou cautelosamente no saco e sentou-se, de pernas cruzadas, aos pés dela. Quando afastou as algas, os bivalves jaziam, como jóias minúsculas —laranja-pálido, rosa, amarelo, verde e azul – no seu ninho de Ulva verde-erva, a alface do mar. Provou um com cautela, depois começou a sorver com grande deleite, atirando conchas em todas as direções.

– Come também as algas – aconselhou Chalcedony. – São ricas em nutrientes importantes.

Quando a maré subiu, Chalcedony subiu a praia como se fosse um grande caranguejo encurvado e com cinco pernas amputadas. Era uma figura rotunda ao luar, os seus tesouros abanando e restolhando na rede, tinindo uns de encontro aos outros como pedras agitadas num punho fechado. A criança seguiu-a.

– Devas dormir – disse Chalcedony, quando Belvedere se aquietou junto dela no crescente seco ao cimo da praia, sob imponentes penhascos de barro, onde as ondas não chegavam.

Ele não respondeu, e a voz dela enrouqueceu e esvaiu-se até se tornar mais clara quando ela voltou a falar.

– Deves subir para fora da praia. As falésias são instáveis. Não é seguro estar por baixo delas.

Belvedere chegou-se mais para ela, a fazer beicinho. – Tu estás aqui em baixo.

– Eu tenho armadura. E não consigo subir. – Bateu com a perna

avariada na areia, rolando o corpo para a frente e para trás sobre as duas pernas boas.

– Mas a tua armadura está partida.

– Isso não importa. Deves subir. – Pegou em Belvedere com ambos os grampos e ergueu-o por cima da cabeça.

Ele gritou. Ao princípio ela temeu tê-lo magoado, mas os gritos transformaram-se em gargalhadas antes de ela o colocar numa saliência rochosa inclinada que o levaria ao cimo da falésia.

Iluminou a saliência com os seus focos.

– Sobe – disse, e ele subiu.

E regressou de manhã.

Belvedere continuou esfarrapado, mas com a ajuda de Chalcedony ficou mais roliço.

Ela capturava e assava pássaros marinhos para ele, ensinou-o a fazer e manter fogueiras e rebuscou as suas vastas bases de dados, procurando sugestões para o manter saudável enquanto crescia – por vezes, visivelmente, fracções de milímetro por dia. Investigou e analisou vegetais marinhos e intimou-o a comê-los, e ele ajudou-a a recolher tesouros que os manipuladores dela não conseguiam agarrar.

Algumas das contas dos naufrágios eram quentes e faziam os detectores de radiação de Chalcedony funcionar ao ralenti. Não eram uma ameaça para ela mas, pela primeira vez, deitou-as fora. Tinha um aliado humano; o seu programa exigia-lhe que o mantivesse saudável.

Ela contou-lhe histórias. A sua biblioteca era vasta e repleta de histórias de guerra e de histórias acerca de veleiros e de naves espaciais, as que mais lhe agradavam, por qualquer razão inexplicável. Catarse, pensou ela, e voltou a contar-lhe a história de Rolando e do Rei Artur, a de Honor Harrington, de Napoleão Bonaparte, de Horatio Hornblower e do Capitão Jack Aubrey.

Projetava as palavras num monitor enquanto as recitava, e, mais depressa do que ela imaginava, ele começou a recitá-las com ela.

Então, o Verão chegou ao fim.

Por altura do equinócio, ela reunira memoriais suficientes. As jóias dos naufrágios continuavam a dar à praia e Belvedere ainda lhe levava as melhores, mas Chalcedony instalou-se ao lado daquela rocha torcida de topo plano e organizava aí os seus tesouros. Cortou arame a partir de latão resgatado, enfiou-lhe as contas e fabricou elos que entrelaçou nas grinaldas.

Foi uma experiência de aprendizagem.

Ao princípio, o seu sentido estético não estava desenvolvido e ela fazia e desfazia muitas dúzias de combinações de contas até encontrar uma que lhe agradasse. Além de ser preciso que as formas e as cores ficassem equilibradas, havia dificuldades estruturais. Primeiro, os pesos eram diferentes, e os fios ficavam tortos. Depois, os elos torciam-se e soltavam-se e tinham de ser feitos de novo.

Trabalhou durante semanas. Os memoriais tinham sido importantes para os aliados humanos, embora ela nunca tivesse compreendido a sua lógica. Não podia construir um túmulo para os seus colegas, mas os mesmos arquivos que lhe forneciam as histórias que Belvedere lambia como um gato a lamber leite, transmitiam-lhe o conceito de joalharia de culto funerário. Ela não possuía qualquer despojo físico dos seus aliados, nem f os de cabelo, nem pedaços de roupa, mas não seriam as jóias dos naufrágios suficientes para um tesouro?

O único dilema era quem usaria as joias. Deviam ser para um herdeiro, alguém que guardasse memórias gratas dos falecidos.

E Chalcedony possuía registos dos parentes mais próximos, claro. Mas não tinha maneira de saber se eles tinham sobrevivido, nem de, nesse caso, chegar até eles.

Ao princípio, Belvedere manteve-se próximo, tentando aliciá-la a partir em excursões e explorações. Mas Chalcedony permaneceu determinada. Além de as suas células de energia estarem perigosamente em baixo, com a chegada do Inverno a sua capacidade para utilizar a energia solar seria ainda mais limitada. E, com o Inverno, viriam as tempestades, e ela já não seria capaz de se esquivar ao mar.

Estava resolvida a terminar a sua última tarefa antes de perecer.

Belvedere começou a deambular sem ela, caçando pássaros e trazendo-os para os assar na fogueira de tábuas que o mar devolvera à praia. Isto era bom, ele tinha de ser capaz de se manter. À noite, contudo, voltava para junto dela e trepava para a rocha de topo plano, para escolher contas e ouvir as suas histórias. O mesmo fio condutor que a levava a trabalhar repetidamente com os grampos e manipuladores finos – o dever de os vivos recordarem os caídos com honra – era desenvolvido nas histórias de guerra que ela ainda lhe contava, embora agora tivesse posto de lado a ficção e a história e lhe contasse as suas próprias experiências.

Contara-lhe como Emma Percy resgatara aquele miúdo perto de Savannah, e como o soldado Michaels fora ferido ao provocar o fogo do sargento Kay Patterson quando os robôs de batalha foram atraídos a uma armadilha numa escaramuça perto de Seattle.

Belvedere escutava-a, e surpreendera-a ao mostrar-lhe como era capaz de repetir a ideia essencial, ainda que não as palavras exatas. Tinha uma boa memória, se bem que não tão boa como a de uma máquina.

Um dia, quando ele se afastara na praia muito fora do alcance da vista, Chalcedony ouviu Belvedere gritar.

Há dias que ela estava imóvel. Agachou-se na areia num ângulo estranho, o seu membro imobilizado apontado para a praia, os colares em que estava a trabalhar dispostos sobre a rocha que lhe servia como bancada de trabalho improvisada.

Pedaços de pedra, vidro e arame foram varridos do cimo da rocha enquanto ela se erguia nos membros saudáveis. Conseguiu pôr-se na vertical à primeira tentativa, o que a surpreendeu, e cambaleou por um momento instavelmente, sentindo falta da estabilização dos giroscópios há muito tempo avariados.

Quando Belvedere gritou outra vez, quase capotou. Subir estava fora de questão, mas ainda era capaz de correr. O membro danificado lavrava um sulco na areia atrás dela e a maré estava a subir, obrigando-a a chapinhar na corrosiva água do mar.

Disparou em volta da protuberância rochosa atrás da qual Belvedere desaparecera, a tempo de o ver ser atirado ao chão por dois humanos maiores, um dos quais tinha um taco erguido sobre a cabeça e o outro

segurava o saco de rede gasto de Belvedere. Belvedere soltou um queixume quando sentiu o taco na coxa.

Chalcedony não se atreveu a usar os seus projetores de micro-ondas. Porém, dispunha de outras armas, incluindo um laser de precisão e um propulsor de químico apropriado para disparar.

Os inimigos humanos eram alvos fáceis.

Estes nem sequer usavam armadura.

Enterrou os corpos na praia, pois estava programada para tratar respeitosamente os inimigos mortos, cumprindo os protocolos da guerra. Belvedere não corria perigo de morte iminente, depois de ela lhe ter posto uma tala na perna e lhe ter tratado as feridas, mas ela decidiu que ele estava demasiado ferido para a ajudar.

A areia estava macia e fácil de escavar, embora não houvesse maneira de manter os corpos fora do alcance do mar. Foi o melhor que ela conseguiu. Quando terminou, voltou a transportar Belvedere para a rocha e começou a recolher os seus tesouros espalhados.

A perna estava distendida e magoada, mas não partida, e qualquer efeito perverso relacionado com a lesão tornou-o ainda mais incansavelmente determinado a ultrapassar os seus limites logo que recuperou um pouco. Ao fim de uma semana estava de pé, apoiado em muletas e arrastando uma perna tão rígida como a de Chalcedony. Assim que tirou a tala, começou a deambular ainda por maiores distâncias. O seu recente coxear não o fazia abrandar e ele passava noites fora. Estava a crescer muito, quase tão alto como um soldado, e cada vez mais capaz de cuidar de si próprio. O incidente com os assaltantes ensinara-o a ter cautela.

Entretanto, Chalcedony elaborava os seus colares fúnebres. Cada um deles tinha de ser merecedor de um camarada caído e o seu ritmo era agora mais lento por não poder trabalhar à noite. Salvar Belvedere custara-lhe mais energia cuidadosamente acumulada, e ela não podia carregar os focos se quisesse acabar antes de as suas células secarem. Podia ver ao luar com absoluta precisão, mas os seus Olhos térmicos, preparados para a baixa luminosidade, não funcionavam quando se

tratava de equilibrar as cores.

Seriam 41 colares, um por cada membro do seu pelotão extinto, e ela não aceitaria trabalho mal feito. Por mais depressa que trabalhasse, era uma corrida contra o sol e a maré.

O quadragésimo colar estava acabado em Outubro, quando os dias começaram a ficar mais curtos. Começou o 41º, para a chefe operacional do pelotão, sargento Patterson, o que levava o Buda cinzento-azulado no fundo – antes do pôr-do-sol. Não via Belvedere há alguns dias, mas isso era normal. Não acabaria o colar naquela noite.

A voz dele acordou-a da inatividade com que aguardava o sol.

– Chalcedony?

Algo guinchou quando ela acordou. Um bebê, identificou, mas a forma quente nos seus braços não era a de um bebê. Era um cão, um cachorrinho, um pastor alemão como os que faziam equipe com tratadores que por vezes trabalhavam com a Companhia L. Os cães nunca se tinham preocupado com ela, mas alguns dos tratadores temiam-na, embora não o admitissem. O sargento Patterson dissera a um deles: “Oh, a Chase é, ela própria, um grande cão de ataque”, e exibira Chalcedony teatralmente sob as suas miras telescópicas, ao som de muitas gargalhadas.

O cachorro estava ferido. O sangue cálido das suas feridas escorria-lhe pela pata traseira.

– Olá, Belvedere – disse Chalcedony.

– Encontrei um cachorrinho – Abriu o seu cobertor esfarrapado para deitar o cão.

– Vais comê-lo?

– Chalcedony! – repreendeu ele e protegeu o animal nos braços. – Está ferido.

Ela refletiu.

– Queres que o trate?

Ele fez que sim e ela considerou a ideia.

Precisaria dos seus armazenamentos insubstituíveis de luz e de energia. Antibióticos, coagulantes e provisões cirúrgicas, e o animal podia, mesmo assim, morrer.

Mas os cães eram valiosos; ela sabia que os tratadores os tinham em grande estima, ainda maior que a estima do sargento Patterson por Chalcedony. Na sua biblioteca, havia ficheiros de medicina veterinária.

Acendeu os focos e procurou os ficheiros.

Acabou antes de a manhã nascer e de as suas células se esgotarem. Por pouco.

Quando o Sol se levantou e o cachorrinho respirava confortavelmente, com o corte ao longo da anca cosido e a hemorragia saturada com antibióticos, ela voltou a dedicar-se ao último colar. Teria de trabalhar rapidamente, e o colar do sargento Patterson continha as contas mais frágeis e belas, aquelas que Chalcedony tivera mais medo de partir e por isso guardara para o fim, quando tivesse mais experiência.

Os seus movimentos tornaram-se mais lentos, mais laboriosos, à medida que o dia passava. O sol não a alimentava o suficiente para substituir os gastos da noite anterior. Mas, conta após conta, o colar cresceu – pedacinhos de peltre, de cerâmica, de vidro e de madrepérola. E o Buda de calcedónia, porque o sargento Patterson fora o operador de Chalcedony.

Quando o Sol se aproximava do zénite, Chalcedony começou a trabalhar mais depressa, aproveitando um ímpeto de energia. O cachorro dormia à sua sombra, depois de devorar os restos de ave que Belvedere lhe dera, quando Belvedere subiu a rocha e se agachou ao lado da pilha de colares terminados.

– Este é para quem? – perguntou, tocando a corrente frouxa enrolada no manipulador.

– Kay Patterson – respondeu Chalcedony, acrescentando uma conta

castanha-esverdeada, como um camuflado de combate.

– Sir Kay – disse Belvedere. A voz dele estava a mudar e de vez em quando abandonava-o completamente a meio das palavras, mas conseguiu dizer essa frase inteira. – Era a cavalaria-mor do rei Artur e do seu irmão adotivo e cuidava dos robôs de combate no estábulo – disse, orgulhoso da sua memória.

– Eram dois Kays diferentes – emendou ela. – Não te podes demorar aqui.

Inseriu outra conta na corrente, fechou o elo e endureceu o metal com o manipulador fino.

– Não podes sair da praia. Não és capaz de subir.

Ociosamente, ele pegou num colar, o de Rodale, e estendeu-o entre as mãos, de maneira que as contas apanhassem luz. Os elos tiniram suavemente.

Belvedere ficou com ela enquanto o Sol descia e os movimentos dela ficavam mais lentos. Nesse momento, trabalhava quase completamente a energia solar. Com a noite, voltaria a ficar quiescente. Quando chegassem as tempestades, as ondas rolariam sobre ela e nem mesmo o Sol voltaria a acordá-la.

– Tens de ir – disse ela, com os grampos imóveis sobre o colar quase pronto. Depois, mentiu: – Não te quero aqui.

– Este é para quem? – perguntou ele.

Lá em baixo, na praia, o cachorro ergueu a cabeça e latiu.

– Garner – respondeu ela, e depois falou-lhe de Garner, e Antony, e de Javez, Rodriguez, Patterson, White e Wosczyzna, até estar tão escuro que a sua voz e visão falharam.

De manhã, ele pôs o colar acabado de Patterson nos grampos de Chalcedony. Devia ter estado a trabalhar durante a noite, à luz da fogueira.

– Não consegui endurecer os elos – disse, quando o colocou sobre os seus grampos.

Silenciosamente, ela fê-lo, um a um. O cachorrinho estava de pé, a coxear, farejando em torno da base da rocha e ladrando às ondas, às aves, a um caranguejo apressado. Quando Chalcedony acabou, colocou o colar em torno dos ombros de Belvedere e ele ficou muito quieto. Tinha pêlos macios nas faces. Os Marines homens barbeavam-se sempre bem e as mulheres não tinham pêlos no rosto.

– Disseste que era para Sir Kay.

Ergueu o colar nas mãos e examinou a forma como o vidro e as pedras refletiam a luz.

– É para alguém a recordar – disse Chalcedony. Desta vez, não o corrigiu. Pegou nos outros quarenta colares. Todos juntos, eram pesados. Perguntou-se se Belvedere os conseguiria levar todos. – Por isso, recorda-a. Lembras-te para quem é cada um deles?

Um a um, ele disse os nomes e, um a um, ela passou-lhos para as mãos. Rogers e Rodale, e van Metier, e Percy. Estendeu um segundo cobertor – onde teria arranjado um segundo cobertor? Talvez no mesmo sítio onde arranjava o cão – e colocou-os lado a lado na lã azul-marinho.

Resplandeciam.

– Conta-me a história de Rodale – pediu ela, percorrendo o colar suavemente com o grampo. Ele contou-a, mais ou menos, com metade da história de Rolando e de Oliver misturadas. De qualquer maneira, como ele a contou, era uma história bastante boa. Pelo menos, na opinião dela.

– Leva os colares – disse ela. – Leva-os. São joalharia fúnebre. Dá-os ao povo e conta-lhes as suas histórias. Devem ser entregues às gentes, que recordarão e honrarão os mortos.

– E onde é que eu encontro essa gente? – perguntou ele, carrancudo, cruzando os braços. – Não estão na praia.

– Não – concordou ela. – Não estão. Terás de os procurar.

Mas ele não queria deixá-la. Ele e o cão percorreram a praia para a frente e para trás à medida que arrefecia. Ela dormia cada vez mais tempo e mais profundamente, pois o ângulo baixo do Sol não era

suficiente para a acordar, exceto ao meio-dia.

Vieram as tempestades e, como a mesa de rocha cortava a pulverização, a água salgada endureceu-lhe as articulações, embora, por enquanto, não lhe tivesse corroído o processador. Já não se mexia e, mesmo à luz do dia, raramente falava, e Belvedere e o cachorro usavam a sua carapaça e a rocha como abrigo, o fumo das suas fogueiras enegrecendo-lhe a barriga. Ela estava a acumular energia.

Em meados de Novembro, tinha suficiente.

Esperou e falou com Belvedere quando ele voltou com o cão dos seus passeios.

– Tens de ir – disse-lhe, e quando ele abriu a boca para protestar, acrescentou, – Está na hora de partires na tua errância.

Estendeu a mão para o colar de Patterson, que ele usava com duas voltas em torno do pescoço, sob o casaco velho. Ele devolvera-lhe os outros, mas ela oferecera-lhe este.

– Errância?

Rangendo, por causa da corrosão que lhe moía as articulações, ela ergueu os colares acima da cabeça.

– Tens de encontrar as pessoas a quem isto pertence.

Ele desdenhou das suas palavras com um gesto.

– Estão todos mortos.

– Os guerreiros estão mortos – disse ela. – Mas as histórias não. Porque salvaste o cão?

Ele lambeu os lábios e voltou a tocar no colar de Patterson.

– Porque tu me salvaste. E contaste-me as histórias. Sobre guerreiros bons e guerreiros maus. Estás a ver, Percy teria salvo o cão, não é? E Hazel-rah também. Emma Percy, Chalcedony tinha quase a certeza, teria salvo o cão, se pudesse. E Kevin Michaels teria salvo a criança.

Ela estendeu-lhe os outros colares.

– Quem vai proteger as outras crianças?

Ele fitou-a, retorcendo as mãos diante do corpo. – Tu não consegues

subir.

– Eu não. Tens de o fazer por mim. Encontrar pessoas para recordar as histórias. Encontrar pessoas para lhes falar do meu pelotão. Eu não sobreviverei ao Inverno – Teve uma inspiração. – Por isso, entrego-lhe esta missão, Sir Belvedere.

Os colares brilharam sob a luz de Inverno, as ondas rebentavam, cinzentas e fatigadas atrás deles. – Que gênero de pessoas?

– Pessoas capazes de ajudar uma criança – disse ela. – Ou um cão ferido. Pessoas como devem ser as de um pelotão.

Ele deteve-se. Estendeu as mãos, acariciou os colares, deixou as contas chocalharem. Dobrou ambas as mãos e introduziu-as nos colares até aos cotovelos,

retirando o fardo das mãos dela.

A EXPERIÊNCIA DO DOUTOR HEIDEGGER – Nathaniel Hawthorne



Aquele homem estranho, o velho Dr. Heidegger, convidou certa vez quatro respeitáveis amigos a fazerem uma visita ao seu laboratório. Eram três cavalheiros de barbas brancas – o Sr. Medbourne, o coronel Killigrew, o Sr. Gascoigne e uma velha dama conhecida por a viúva Wycherly – todos criaturas idosas e melancólicas que haviam sido infelizes na vida e cujo maior infortúnio era o de não repousarem há já muito nos seus túmulos. O Sr. Medbourne, em tempos um próspero negociante, tudo perdera numa especulação arriscada, e agora quase não passava de um mendigo.

O coronel Killigrew consumira os melhores anos da sua vida, bem como a sua saúde e a sua fortuna, na busca de prazeres pecaminosos, que haviam dado origem a uma série de doenças, tais como a gota e diversos outros tormentos do espírito e do corpo. O Sr. Gascoigne, um político arruinado, gozara de péssima reputação, pelo menos até que o tempo o fez apagar da memória, e para a atual geração, em vez de um infame, se tornou um desconhecido. Quanto à viúva Wycherly, a tradição dizia que fora uma grande beleza na juventude; mas desde há muito que vivia na mais completa reclusão devido a certas histórias escandalosas que a haviam prejudicado no conceito das pessoas da cidade. Merece menção especial o fato de estes três cavalheiros – o Sr. Medbourne, o coronel Killigrew e o Sr. Gascoigne – terem sido todos amantes da viúva Wycherly e quase se haverem matado uns aos outros por sua causa. E, antes de prosseguir, apenas referirei que tanto o Dr. Heidegger como os seus quatro convidados eram, por vezes, considerados um pouco extravagantes – como acontece frequentemente com as pessoas idosas, quando preocupadas com os seus males presentes ou recordações amargas.

– Meus queridos e velhos amigos – começou o Dr. Heidegger, convidando-os a sentarem-se – , preciso do vosso auxílio para uma daquelas pequenas experiências com que me costumo entreter, aqui, no meu laboratório.

Se o que se contava era verdade, o laboratório do Dr. Heidegger devia ser um lugar deveras curioso. Tratava-se de um compartimento escuro e antiquado, engrinaldado de teias de aranha e coberto de pó. Nas paredes havia várias estantes de carvalho, cujas prateleiras inferiores estavam carregadas com rimas de infólios gigantescos e in-quartos em letra gótica, e as superiores, de pequenos induodécimos encadernados em pergaminho. Sobre a estante central havia um busto de bronze de Hipócrates, ao qual, segundo algumas pessoas dignas de crédito, o doutor costumava pedir conselho em todos os casos difíceis do seu mister. No canto mais escuro do compartimento existia um armário estreito e alto, de carvalho, com a porta entreaberta, dentro do qual dificilmente se distinguia um esqueleto. Entre duas estantes estava pendurado um espelho, alto e empoeirado, dentro de uma moldura dourada, com algumas manchas. Entre as muitas histórias maravilhosas que se contavam acerca desse espelho, corria uma, segundo a qual os espíritos de todos os defuntos pacientes do médico habitavam no seu interior e costumavam fitar-lhe o rosto, sempre que ele olhava para lá. A parede oposta do compartimento estava ornamentada com o retrato de uma jovem, em tamanho natural, magnificamente vestida de seda, cetim e brocado, já desbotados, e de rosto tão desbotado como o vestuário.

Há mais de meio século, o Dr. Heidegger estivera para casar com esta jovem; porém, acometida por uma indisposição ligeira, ela tinha tomado uma das receitas do seu apaixonado e morrera na noite de núpcias. Mas a curiosidade mais interessante do laboratório não foi ainda mencionada: trata-se de um pesado volume, encadernado em pele negra e com fechos de prata maciça. Não tinha letras na capa, e ninguém sabia qual o seu título. Era, contudo, crença geral que se tratava de um livro de magia; e, quando certa vez uma criada o levantara, apenas para lhe limpar o pó, o esqueleto remexera-se no armário, o retrato da jovem dera um passo para o chão, e vários rostos pálidos haviam espreitado de dentro do espelho, enquanto a cabeça bronzeada de Hipócrates franzia as sobrancelhas, exclamando:

– Pára!

Era assim o laboratório do Dr. Heidegger. Naquela tarde de Verão em que decorre a nossa história, no centro do quarto via-se uma pequena mesa redonda, negra como o ébano, sobre a qual se encontrava um vaso de vidro lapidado, de rara beleza. O sol penetrava pela janela, através das pesadas grinaldas de duas cortinas de damasco desbotadas, e incidia diretamente sobre o vaso, de tal maneira que

nos rostos pálidos das cinco pessoas sentadas em derredor se refletia uma luz suave. Em cima da mesa havia também quatro taças de cristal.

– Meus queridos e velhos amigos – repetiu o Dr. Heidegger – posso contar com a vossa ajuda para realizar uma experiência extremamente curiosa?

Ora o Dr. Heidegger era um velho muito estranho, cujas excentricidades haviam dado azo a mil histórias fantásticas. Algumas delas, confesso-o, poder-me-ão ser atribuídas e, se certas passagens da que estou a narrar espantarem a credulidade do leitor, terei de me conformar em ser apodado de inventor de fantasias.

Quando os quatro convidados do médico o ouviram referir-se à experiência que se propunha realizar, imaginaram que se trataria de qualquer coisa como o assassinio: o de um rato numa máquina pneumática, ou da observação de uma teia de aranha ao microscópio, ou de qualquer outro disparate deste gênero, com que tinha por hábito causticar os seus íntimos. Mas, sem esperar por resposta, o Dr. Heidegger atravessou o quarto, coxeando, e voltou com o tal livro volumoso, encadernado em pele negra, que os espíritos mais fracos acreditavam ser um livro de magia. Abrindo os fechos de prata, folheou o volume donde tirou uma rosa, ou melhor, o que fora em tempos uma rosa, embora as folhas verdes e as pétalas rubras tivessem adquirido uma tonalidade acastanhada e a flor velha parecesse prestes a desfazer-se em pó nas mãos do médico.

– Esta rosa – disse o Dr. Heidegger, soltando um suspiro – esta flor seca e a desfazer-se em pó tem cinqüenta e cinco anos. Deu-me Silvia Ward, cujo retrato está pendurado além. Tencionava usá-la na lapela, no dia do nosso casamento. Guardei-a religiosamente, durante cinqüenta e cinco anos, entre as folhas deste velho livro. Acaso acreditais que esta rosa, com meio século de existência, possa florir de novo?

– Que tolice! – exclamou a viúva Wycherly, sacudindo impacientemente a cabeça. – É o mesmo que perguntar se o rosto enrugado de uma mulher velha poderia alguma vez rejuvenescer.

– Então vede! – respondeu o Dr. Heidegger.

Abriu o frasco e lançou a rosa murcha dentro da água que ele continha. A princípio a flor flutuou, parecendo não absorver umidade alguma. Em breve, contudo, começou a tornar-se perceptível uma

modificação singular. As pétalas secas e murchas agitaram-se e adquiriram uma tonalidade mais viva, como se a flor ressuscitasse de um sono que se diria eterno; a haste delgada e os rebentos da folhagem tornaram-se verdes; e eis que a rosa envelhecida após meio século aparecia tão fresca como no dia em que Silvia Ward a dera ao noivo. Ainda não estava inteiramente desabrochada, porque algumas das suas delicadas pétalas encarnadas se enrolavam modestamente em volta da corola úmida, dentro da qual brilhavam duas ou três gotas de orvalho.

– Não há dúvida que se trata de uma tramóia muito hábil – comentaram os amigos do médico. Disseram-no, porém, despreocupadamente, pois já haviam presenciado milagres maiores feitos por prestidigitadores de feiras. – Explique-nos como se realiza.

– Nunca ouviram falar na Fonte da Juventude? – perguntou o Dr. Heidegger. – Aquela que Ponce De León, o famoso aventureiro espanhol, foi procurar há dois ou três séculos?

– Mas ele chegou a encontrá-la? – inquiriu a viúva Wycherly.

– Não – respondeu o Dr. Heidegger – , porque nunca a procurou onde devia. A famosa Fonte da Juventude, se na verdade estou bem informado, encontra-se na parte sul da península da Florida, não longe do Lago Macaco. A nascente está tapada por algumas magnólias gigantes que, embora seculares, se conservam viçosas como violetas, graças às virtudes desta água maravilhosa. Um conhecido meu, sabendo da minha curiosidade por tais assuntos, enviou-me a água que vêm neste vaso.

– Ah! – troçou o coronel Killigrew, que não acreditara numa só palavra da história do médico. – E qual será o efeito deste fluído no corpo humano?

– Poderá avaliá-lo o senhor mesmo, meu caro coronel – respondeu o Dr. Heidegger – e a todos vós, respeitáveis amigos, vos convido a servir-vos deste líquido prodigioso, tanto quanto precisardes para rejuvenescerdes. Por mim, como me foi difícil atingir esta idade, não tenho pressa em rejuvenescer. Com a vossa permissão, portanto, limitar-me-ei a observar a marcha da experiência.

Enquanto falava, o Dr. Heidegger enchera as quatro taças com a água da Fonte da Juventude. Estava impregnada, aparentemente, de um gás efervescente, pois bolhas pequenas subiam continuamente à superfície, formando aí uma espuma prateada. Como o líquido

exalava um perfume agradável, os velhos não duvidavam que ele possuía propriedades estimulantes e reconfortantes. E, embora extremamente céticos quanto ao seu poder de rejuvenescimento, estavam decididos a bebê-lo imediatamente. O Dr. Heidegger, porém, rogou-lhes que esperassem um momento.

– Antes de beberdes, meus velhos amigos – disse – seria bom que, com a experiência de uma vida para vos orientar, estabelecêsseis umas quantas regras gerais para vos guiardes, ao passar uma segunda vez pelos perigos da juventude. Pensai que vergonhoso pecado seria se, com essa vantagem, não vos tornásseis modelos de virtude e sabedoria aos Olhos de todos os jovens!

Os quatro veneráveis amigos do médico responderam apenas com uma gargalhada fraca e trêmula, tão ridícula acharam a idéia de que, sabendo quão de perto o arrependimento se segue aos erros cometidos, poderiam extraviar-se de novo.

– Bebam, então – convidou o médico, fazendo uma vênia. – Regozijome por tê-los escolhido para a minha experiência.

Eles levaram as taças aos lábios com as mãos trêmulas. O líquido, se de fato possuía as propriedades que o Dr. Heidegger lhe atribuía, não poderia ter sido aplicado em quatro seres humanos mais necessitados. Parecia não terem jamais conhecido o que fosse a juventude ou o prazer, e serem antes um resultado de um erro da natureza e sempre haverem sido criaturas encanecidas, decrépitas, secas e miseráveis, que ali estavam sentadas, todas curvadas, à volta da mesa do médico, já sem ânimo suficiente, no corpo e no espírito, nem sequer para cobrarem alento com a perspectiva de rejuvenescerem. Beberam a água e tornaram a colocar as taças sobre a mesa.

Houve, sem dúvida, uma melhoria quase imediata no aspecto do grupo – não diferente da que teria produzido um copo de vinho generoso – juntamente com um súbito rubor de excitação, que lhes fez resplandecer o rosto. Espalhou-se por suas faces uma tonalidade saudável, substituindo o tom da cinza que lhes dava um aspecto cadavérico. Fitaram-se uns aos outros e acreditaram que, realmente, um estranho poder mágico começara a apagar os traços profundos e tristes que o Tempo há muito lhes vinha gravando no rosto. A viúva Wycherly compôs a touca, como se de novo se sentisse quase uma jovem.

– Dê-nos mais um pouco desta água maravilhosa! – gritaram ansiosamente. – Estamos mais novos, mas ainda demasiado velhos.

Depressa, dê-nos mais.

– Calma, calma! – aconselhou o Dr. Heidegger que, sentado, observava a experiência com tranquilidade filosófica. – Demorastes tanto tempo a envelhecer que vos devíeis sentir satisfeitos por rejuvenescerdes em meia hora! Mas a água está à vossa disposição.

Tornou a encher-lhes as taças com o líquido da juventude, e no vaso ainda sobrou o suficiente para fazer voltar à idade dos seus netos metade da gente da velha cidade. O líquido borbulhava ainda à superfície e já os quatro convidados do médico arrebatavam os copos de cima da mesa, despejando-os de um trago. Seria ilusão? Apenas lhes escorria pela garganta, e parecia ter já operado uma modificação em todo o organismo. Os Olhos tornaram-se mais claros e brilhantes; entre os cabelos prateados apareceu um tom mais escuro; sentados à volta da mesa estavam três cavalheiros de meia-idade e uma mulher pouco para além da primavera da vida.

– Minha querida, está encantadora! – gritou o coronel Killigrew, cujos Olhos se haviam fixado no rosto da dama, enquanto as sombras da idade nele se desvaneciam, qual escuridão cedendo ao rubor do amanhecer

A bela viúva sabia, desde há muito, que os galanteios do coronel Killigrew nem sempre correspondiam à verdade; por isso, ergueu-se e correu para o espelho, temendo ir ainda deparar com o rosto de uma velha. Entretanto os três homens comportavam-se de maneira a provar que a água da Fonte da Juventude possuía propriedades inebriantes; a não ser que, na verdade, a sua jovialidade de espírito fosse apenas uma vertigem ligeira, causada pela emoção do súbito rejuvenescimento. O espírito do Sr. Gascoigne parecia divagar sobre assuntos políticos, mas não se poderia determinar facilmente se se referiam ao passado, ao presente ou ao futuro, visto nos últimos cinquenta anos terem estado em voga as mesmas ideias e frases. Compunha frases inflamadas acerca do patriotismo, da glória nacional e dos direitos do povo; em seguida, comentava qualquer assunto perigoso, num cochichar astuto e ambíguo, tão cautelosamente, que até mesmo à sua própria consciência parecia não revelar o segredo; depois, começava a falar de novo com inflexões pausadas e num tom de deferência profunda, como se ouvidos reais estivessem a escutar os seus períodos bem construídos.

Durante todo este tempo, o coronel Killigrew cantarolava uma canção jovial, fazendo tilintar a taça em compasso com a música, enquanto os Olhos se lhe desviavam na direcção da figura jovem da viúva

Wycherly. No outro lado da mesa, o Sr. Medbourne estava embrenhado em cálculos de dólares e centavos, que entremeava curiosamente com um projeto para fornecer gelo à Índia, atrelando uma parelha de baleias aos icebergues polares.

Quanto à viúva Wycherly, essa permanecia em frente do espelho, namorando a sua própria imagem, para a qual sorria tolamente, saudando-a como ao amigo que mais amasse no mundo. Por vezes aproximava-se mais do espelho para verificar se uma ou outra ruga ou pé-de-galinha, muito seus conhecidos, tinham realmente desaparecido. Certificou-se, também, de que a neve dos seus cabelos já se derretera totalmente, podendo assim retirar sem perigo a touca respeitável. Por fim, afastando-se rapidamente, aproximou-se da mesa em passo saltitante.

– Caro doutor – gritou – , por favor, dê-me mais uma taça!

– Pois não, querida senhora, pois não! – retorquiu amavelmente o médico. – Veja! Já tinha enchido outra vez as taças.

De fato lá estavam as quatro taças, cheias até às bordas dessa água maravilhosa cuja espuma delicada, fervendo à superfície, tinha o brilho trêmulo dos diamantes. Entretanto, como a noite se aproximava, ficava a pouco e pouco mais escuro do que nunca; mas um resplendor suave e parecido com o luar que cintilava no interior do vaso envolvia os quatro convidados e a figura venerável do médico. Este estava sentado numa cadeira de braços, de espaldar alto e artisticamente esculpida, com respeitável dignidade, que quadraria bem até ao próprio Pai Tempo, cujo poder jamais foi discutido, a não ser por este grupo afortunado. Mesmo enquanto engoliam o terceiro copo de água da Fonte da Juventude se sentiam quase aterrados pela expressão misteriosa do seu rosto.

Momento depois, contudo, a torrente alegre da juventude percorreu-lhe as veias. Estavam agora nos dias felizes da mocidade. A idade, com a sua série triste de cuidados, mágoas e doenças, era recordada apenas como um pesadelo de que o haviam despertado alegremente. A frescura da alma, tão cedo perdida, e sem a qual as sucessivas mutações da vida não passavam de uma sucessão de cenas descoloridas, lançou de novo o seu encanto sobre todas as suas perspectivas. Sentiam-se como seres recém-criados, num mundo recém-criado.

– Somos jovens! Somos jovens! – gritaram exultantes.

A juventude, do mesmo modo que a idade provecta, apagara as características profundamente vincadas da meia-idade, e a todos da mesma forma. Formavam um grupo de jovens alegres, quase enlouquecidos pelo júbilo exuberante próprio dos seus anos. A consequência mais curiosa da sua jovialidade era o impulso para troçarem da enfermidade e decrepitude de que haviam sido vítimas. Riam alto dos fatos antiquados, dos casacos largos e dos coletes escorridos que usavam os três jovens, e da touca e do vestido, já em desuso, da viçosa moça. Um deles simulou manquejar pelo quarto como um avô artrítico, outro equilibrou um par de óculos no nariz e fingiu esquadrinhar as páginas de letras negras do livro de magia; o terceiro sentou-se numa cadeira de braços e procurou imitar a dignidade respeitável do Dr. Heidegger. Todos gritaram alegremente e começaram a pular pelo quarto. A viúva Wycherly – se a uma jovial donzela assim se pode chamar – encaminhou-se para a cadeira do médico, com uma expressão alegremente maliciosa na face rosada.

– Doutor, meu querido amigo – exclamou – , levante-se e venha dançar comigo! – E os quatro jovens riram então mais alto do que nunca ao pensarem na figura ridícula que o pobre velho médico faria.

– Peço-lhe que me desculpe – respondeu o médico calmamente. – Sou velho e reumático, e os meus dias de dançarino terminaram há muito. Creio, porém, que qualquer destes jovens cavalheiros se sentirá feliz com um par tão adorável.

– Dance comigo, Clara! – pediu o coronel Killigrew.

– Não, não, eu é que serei o seu par! – gritou o Sr. Gascoigne.

– Ela prometeu casar-se comigo há cinqüenta anos! – exclamou o Sr. Medbourne.

Juntaram-se todos à sua volta. Um deles tomou-lhe as mãos apaixonadamente; outro passou-lhe o braço à volta da cintura; e o terceiro afundou as mãos entre as ondas de cabelo brilhante que se amontoavam sob a touca. Corando, arquejando, lutando, ralhando, rindo, com o seu hálito quente bafejando-lhes os rostos, alternadamente, ela procurou libertar-se, permanecendo contudo entre o triplo abraço. Formavam o mais encantador dos quadros de rivalidade juvenil, cujo prêmio fosse uma beleza feiticeira. Todavia, por uma ilusão estranha devida à escuridão do compartimento e aos trajes antiquados que continuavam a usar, dir-se-ia que o espelho refletia as figuras de três velhos cavaleiros, enrugados e de cabelos brancos, disputando ridiculamente por causa de uma feia dama,

esquelética e cheia de rugas.

Mas eles eram jovens: assim lhe provavam as suas paixões avassaladoras. Inflamados até à loucura pela garridice da jovem viúva, que nem concedia nem negava por completo os seus favores, os três rivais começaram a trocar olhares de ameaça. Não deixando de segurar a sua bela presa, agarraram ferozmente os pescoços uns dos outros. Ao lutarem de um lado para o outro, derrubaram a mesa, e o vaso partiu-se em mil pedaços. A preciosa água da Fonte da Juventude correu pelo chão, num rio cintilante, umedecendo as asas de uma borboleta, que, já velha, tinha ali pousado para morrer. O inseto esvoaçou levemente pelo quarto e foi pousar nos alvos cabelos do Dr. Heidegger.

– Então, então, cavalheiros! Então, Sr.a Wycherly! – protestou o médico. – A que se deve toda esta algazarra?

Eles aquietaram-se, estremecendo: parecia que o Tempo os chamava da sua juventude radiante bem para o fundo do vale da vida, escuro e gelado. Olharam para o Dr. Heidegger, sentado na sua cadeira de braços, segurando na mão a rosa velha de meio século, que ele salvara dentre os fragmentos do vaso despedaçado. Fez um sinal com a mão e os quatro desordeiros retomaram os seus lugares, sem pressas, porque o exercício violento cansara-os, embora fossem jovens.

– Pobre rosa da minha querida Silvia! – murmurou o Dr. Heidegger, segurando-a contra a luz do entardecer. – Parece que vai murchar de novo.

E era verdade. Enquanto o grupo a fitava, a flor continuava a murchar, até que ficou tão seca e frágil como quando o médico a colocara pela primeira vez dentro do vaso. Então, o Dr. Heidegger sacudiu umas gotas de água que tinham ficado agarradas às pétalas.

– Gosto tanto dela assim! É como se estivesse viçosa! – observou, apertando a rosa murcha contra os lábios ressequidos. Enquanto falava, a borboleta veio cair-lhe na cabeça, tombando a seguir sobre o soalho.

Os convidados estremeceram de novo. Um frio estranho, que eles não sabiam dizer se provinha do corpo ou da alma, apossava-se gradualmente deles. Olhavam-se uns aos outros e imaginavam que cada minuto que passava lhes arrebatava um encanto, deixando uma ruga profunda onde anteriormente não existia nenhuma. Seria ilusão?

Seria possível que as alterações do Tempo se produzissem em tão curto espaço? Seriam eles agora quatro velhos, sentados ao pé do seu velho amigo Dr. Heidegger?

– Ficamos velhos, outra vez, tão depressa? – gritaram tristemente.

Na realidade, assim acontecera. A Água da Juventude possuía apenas um poder ainda mais passageiro do que o do vinho. A euforia que provocara desvanecera-se. Sim! Eram outra vez velhos. Num impulso trêmulo, que provava que era ainda mulher, a viúva cobriu a cara com as mãos descarnadas e desejou que a tampa do caixão lha escondesse imediatamente, pois jamais voltaria a ser bela.

– Sim, meus amigos, sois velhos outra vez. – confirmou o Dr. Heidegger. – E vede! A Água da Juventude está toda derramada no chão. Bem, não o lamento, porque, embora a fonte corresse à minha porta, não me debruçaria para molhar os lábios. Não, ainda que o seu efeito durasse anos e não momentos. Foi esta a lição que aprendi convosco.

Mas a lição não aproveitou aos quatro amigos do médico. Resolveram imediatamente fazer uma peregrinação à Florida e beber na Fonte da Juventude, de manhã, à tarde e à noite.

Nota do autor:

Fui acusado, numa crítica inglesa recente, de ter plagiado a idéia desta história de um capítulo de um dos romances de Alexandre Dumas. Não há dúvida que houve plágio, fosse de um lado ou de outro; porém, como a minha história foi escrita há mais de vinte anos, e como o romance é de data muito mais recente, regozijo-me ao pensar que o Sr. Dumas me deu a honra de se apropriar de uma das concepções fantasistas dos meus primeiros tempos. Dou lha de bom grado. Não é este o caso único em que o grande romancista francês exerceu o privilégio dos gênios de confiscar a propriedade intelectual de escritores menos famosos, para seu próprio uso e proveito.

NATAL NA TERRA DAS NEVES –

Jack London



Era noite de Natal, e por isso, fazendo questão de festejar a data sagrada, Mamelute Kid estava preparando um ponche forte, com uísque e gim. Jim Belden, que por causa dessa noite viera de seu clã, onde havia dois meses não comia senão carne de alce, acompanhava seus movimentos com olhar estático. Como bebida, só tivera durante esse tempo açúcar diluído e fermentado. Imagine-se então com que ansiedade esperava o ponche.

Os outros, em volta, falavam de viagens e aventuras naquela região, isto é, falavam de frio, fome, sofrimento, morte... E cada um, falando do que vira ou sofrera, dilatava as pupilas, sonhando com as terras do sul, onde havia sol, relva, flores, luz... Eram oito, todos de nacionalidades diferentes, exceto Mamelute e o padre Robeau, que eram canadenses. Mas a vida rude daquela região mineira eternamente gelada os irmanara.

Quando os efeitos do ponche começaram a se fazer sentir, cada qual fez um brinde diferente: à Sua Graciosa Majestade, ao Czar de todas as Rússias, à República... ao Pavilhão das Estrelas.

Então Mamelute se ergueu e disse gravemente:

– Feliz Natal ao homem que anda esta noite pela pista! Que seus cães conservem seu vigor, que os alimentos lhe sejam suficientes e que seus fósforos não falhem!

Como resposta a esse brinde, ouviu-se lá fora o estalar de um chicote, uivos de cães e o rangido de um trenó que se aproximava da cabana.

A conversa cessou, e todos esperaram em silêncio. Depois alguns murmuraram:

– É um dos antigos. Está tratando dos cães antes de cuidar de si mesmo.

Os ouvidos experientes dos que estavam ali distinguiam nitidamente

os latidos de seus próprios cães, que o recém-chegado repelia para dar de comer somente aos seus.

Depois bateram à porta, e, quando o padre abriu, um vulto entrou e se deteve logo, deslumbrado pela lâmpada.

Era um belo tipo de homem, e, a despeito do gelo que havia em suas sobrancelhas, via-se bem que era moço e singularmente robusto.

Além de um facão e dois revólveres em seu cinto, usava uma carabina juntamente com o chicote, sob o braço esquerdo. Deu alguns passos, e todos notaram que sua fadiga era esmagadora e total. Indicaram-lhe um lugar à mesa e puseram um copo de ponche diante dele. Mas ninguém lhe indagou sequer o nome.

Foi o homem quem perguntou:

– Há quanto tempo passou por aqui um trenó em forma de cesta, com três homens e oito cães?

– Há dois dias. Está atrás deles?

– Sim. Aquela atrelagem me pertence. Mas já ganhei dois dias sobre ela, e espero apanhá-la na próxima etapa.

– Quando partiu de Dansou?

– Ao meio-dia.

– Ontem, naturalmente.

– Não, hoje.

Era meia-noite. Um murmúrio de admiração ergueu-se do grupo. Percorrer cento e vinte quilômetros pela pista áspera do rio em doze horas era espantoso!

Mas os vapores do ponche já iam se dissipando naquelas cabeças resistentes, e, enquanto o viajante devorava uma refeição rústica, a conversa continuou sobre os assuntos habituais.

Depois, desviou-se enternecida para coisas de família, e cada qual falou nos entes queridos, que tinha ou perdera.

– E você? ... Também é casado? – perguntou Belden ao desconhecido.

Como única resposta, o viajante separou seu relógio da corrente que o prendia ao cinto e, abrindo-o, passou-o a Belden.

Este aproximou-se da lâmpada e, examinando a tampa do relógio por dentro, deixou escapar uma praga de admiração.

E passou o relógio a Louis Savoy. Este, depois de admirá-lo também, com Olhos extáticos, passou-o a Prince, cujo rosto tomou logo uma expressão de enternecimento.

O que havia ali era o retrato de uma mulher, ainda moça e bonita, apertando contra o peito uma robusta criança, que devia ter seis meses e sorria.

Aqueles homens, que viviam isolados do mundo, suportando fome, frio, escorbuto e arriscados à morte súbita na terra ou na água, não podiam ver sem emoção a imagem de uma mulher e uma criança, porque essas duas figuras evocavam em seu espírito o lar, a felicidade de uma vida confortável.

O viajante explicou:

– O garoto deve estar com dois anos, e eu ainda não o vi.

Fitou por sua vez a fotografia, depois bateu bruscamente a tampa do relógio, mas não tão depressa que os outros não vissem lágrimas em seus Olhos. Ergueu-se com um profundo suspiro, e Mamelute guiou-o para o mais próximo dos leitos presos à parede.

– Acorde-me às quatro horas em ponto. Não se esqueça. As quatro horas – pediu o homem.

Sua fadiga era tal que, apenas pronunciou essas palavras, adormeceu.

– Que camarada resistente! – exclamou Prince. Três horas de sono, depois de uma corrida de cento e vinte quilômetros com os cães, e logo retoma a pista... É um homem!

Você o conhece? ...

– Sim. É Jack Westondale. Veio para esta região há uns três anos. É conhecido por trabalhar como um cavalo e não ter tido sorte, até hoje.

– É triste... um rapagão desses, com uma esposa tão bonita, ter de vir se meter por anos e anos neste deserto.

– E, coitado... por duas vezes já fez fortuna, mas perdeu-a – concluiu Mamelute

A palestra desviou-se para outros casos de enriquecimento e miséria. Mamelute não tomou mais parte nela. Parecia inquieto. De instante a instante, lançava um olhar ao relógio.

De súbito, pôs na cabeça o barrete de castor, calçou as luvas e, saindo da cabana, foi rebuscar em seu depósito.

Quando voltou, ainda faltavam quinze minutos para as quatro; mas, não podendo conter a impaciência, foi sacudir Jack.

O rapaz despertou tão anquilosado que foi preciso friccionar-lhe vigorosamente todo o corpo para que pudesse ficar de pé e caminhar. Mas quando saiu da cabana, teve a boa surpresa de encontrar os cães atrelados e tudo pronto para a partida.

Todos lhe desejaram boa viagem; o padre abençoou-o, mas ninguém passou da porta, porque era perigoso afrontar uma temperatura daquelas com as mãos e as orelhas descobertas. Mamelute, porém, abrigou-se e acompanhou-o até a pista principal.

Chegando ali, apertou vigorosamente a mão de Jack e lhe disse:

– Há quarenta e cinco quilos de ovas de salmão no trenó. Isso dará mais vigor aos, seus cães do que setenta quilos de peixe. Tomei essa providência porque provavelmente você não poderá renovar as provisões em Pelly.

Jack estremeceu, mas limitou-se a fitar atentamente o outro, sem uma palavra.

Mamelute continuou:

– Você não poderá obter nada antes de Five Fingers. Desconfie da água livre e vá pelo atalho que passa acima do lago Le Barge.

– Mas como você pôde adivinhar? – perguntou Jack. – É impossível que a notícia tenha chegado antes de mim.

– Eu não sei de nada... nem quero saber. Mas o trenó atrás do qual você anda nunca lhe pertenceu. Sitka Charley vendeu-o na primavera passada. Ele me falou de você como um homem leal, e estou certo de que de fato o é. Raramente me engano, e é bastante olhar para os seus Olhos para saber que você é um homem de bem. Vá. Não perca tempo... vá se encontrar com sua mulher e seu filho. Não... não precisa me agradecer – concluiu Mamelute, vendo lágrimas se gelarem sobre as faces de Jack. – Não perca um minuto. Se algum cão cair, corte as correias e abandone-o. Poderá comprar outros em Five

Fingers e Hostarhigua. Não hesite em pagar até dez dólares cada um.

Tinham-se passado apenas quinze minutos, quando o som de guizos anunciou um novo viajante. Dessa vez era um tenente da Polícia Montada, acompanhado por dois mestiços, encarregados dos cães. Como Jack vinham armados até os dentes, mas o tenente, ainda pouco habituado à pista, estava evidentemente extenuado. Somente o amor-próprio e a tenacidade peculiar à sua raça lhe permitiam manter-se de pé.

– Jack Westondale passou por aqui, não é verdade? – perguntou ele.
A indagação era inútil porque os vestígios de sua passagem ainda estavam muito visíveis na neve.

Mamelute piscou um Olho para os companheiros, e Belden, a quem o tenente se dirigia, limitou-se a fazer um gesto evasivo.

– Responda – insistiu o tenente. – Ele roubou quarenta mil dólares de Henry MacFarland e trocou-os no P. B. Steel por um cheque contra Scottle. Preciso alcançá-lo para que não o receba.

Todos se mantiveram em silêncio. Mamelute era o chefe, todos confiavam em sua experiência, e seu sinal fora o bastante para ditar sua conduta.

O policial, impaciente, dirigiu-se ao padre, que, sendo sacerdote, não podia mentir.

– Há quanto tempo partiu?

– Há um quarto de hora, depois de ter dormido umas três horas.
O tenente desesperou-se:

– Um quarto de hora de avanço... e descansou! Maldição! Mas vou agarrá-lo. Podem me emprestar cinco cães?

Mamelute fez com a cabeça um movimento negativo.

– Compro-os. Dou-lhe um cheque contra o capitão Constantin.

A mesma recusa silenciosa.

– Nesse caso, requisito-os para o serviço do rei.

Mamelute, com um sorriso zombeteiro, pousou as mãos nos

revólveres que tinha no cinto. O inglês, compreendendo que nada obteria pela violência, dispôs-se a sair, e como os mestiços protestaram, alegando fadiga, insultou-os, chamando-os de mulheres e cães.

– Pois vamos – disse um dos mestiços. – Quer continuar? Pois continuemos. Vamos fazê-lo caminhar até que lhe falem as pernas. Quando não puder mais, teremos prazer em deixá-lo. na neve.

– Está bem – disse o jovem oficial. E, com uma energia que exigia toda a sua força de vontade, caminhou para a porta.

Todos apreciaram devidamente sua orgulhosa coragem e acompanharam com atenção os esforços dos mestiços para obrigar os cães extenuados a partirem de novo.

Mas quando o ruído do trenó se perdeu à distância, os companheiros de Mamelute não mais ocultaram sua indignação.

– Isso não se faz! Você nos fez prestar auxílio a um ladrão.

Estavam positivamente furiosos; não só porque Jack os iludira como porque ele violara a moral de Northland, onde a honestidade é exigida acima de tudo.

Mamelute pediu silêncio com um gesto largo e começou:

– Nunca um homem mais leal comeu em nossa mesa e partilhou nossas cobertas. No outono passado, ele entregou a Joe Castrell tudo quanto pudera arrancar da terra com trabalho infernal: quarenta mil dólares, encarregando-o de comprar terras do domínio. Se Castrell o tivesse feito, hoje Jack estaria milionário.

"Mas, enquanto Jack ficava em Cald City para não abandonar seu sócio atacado de escorbuto, que fez Castrell? Foi ao bar de MacFarland, jogou todo o dinheiro de Jack e perdeu-o. É verdade que estava bêbado. MacFarland tivera o cuidado de começar por embriagá-lo. Quando recobrou o juízo, Castrell estourou a cabeça com um tiro. Agora Jack não fez mais do que se vingar e vingar o amigo leviano. E notem que tirou da gaveta do barman somente a quantia que lhe foi roubada."

O narrador se calou. Todos os Olhos cintilaram em torno dele; todas as cabeças acenaram sua aprovação.

Mamelute ergueu o copo e disse gravemente:

– Feliz Natal ao homem que vai esta noite pela pista! Que seus cães conservem seu vigor e que seus fósforos não falhem!

Todos ergueram o copo, e Belden acrescentou:

– E demônios levem a Polícia Montada, que não sabe compreender as coisas.

A LEGENDA DE INGELHEIM – Alexandre Dumas



Carlos Magno, tendo notado a excelente disposição do terreno de Ingelheim, fez transplantar para ali as cepas do melhor vinho de Orléans. A vinha ganhou o cêntuplo com o transplante. Foi uma grande alegria para o Imperador, tê-lo tão bem conseguido, tanto que, depois de Aix-la-Chapelle, sua residência preferida era Ingelheim, ou Casa do Anjo. É muito curiosa a origem do nome poético e celeste com que foi batizado o castelo.

Pelo ano de 768, Carlos Magno decidiu construir um palácio que dominasse o Reno, e em 774 ele já estava edificado. Era um prédio magnífico, metade fortaleza, metade palácio, sustentado por cinquenta colunas de mármore e cinquenta de granito. As de mármore foram-lhe enviadas de Roma e de Ravena pelo Papa Estêvão III, e as de granito foram extraídas do Adenwald. Assim, vendo sua nova morada imperial tão felizmente concluída, determinou ali reunir uma dieta. Em consequência, os príncipes e senhores dos arredores foram convocados para aquela grande solenidade.

Quando o Imperador acabara de adormecer, na noite que precedeu o dia em que a dieta devia se realizar, um anjo lhe apareceu e disse: “Carlos, levanta-te e rouba”. Carlos Magno logo acordou, e sentiu um celeste perfume no seu quarto. Mas, como as palavras que o anjo lhe dissera não pareciam concordar com os Mandamentos de Deus e da Igreja, pensou ter tido um sonho, e tornou a dormir.

Mal havia fechado os Olhos, a mesma visão apareceu-lhe de novo. Com semblante severo como o de um mensageiro que tem o direito de se surpreender de não ser obedecido, o anjo repetiu com voz severa as palavras que já tinha dito, e que o Imperador julgara ter ouvido mal. Ele abriu em seguida os Olhos e viu o aposento cheio de uma luz celestial, que foi se extinguindo pouco a pouco, e finalmente desapareceu por completo.

Entretanto, a ordem era tão estranha que Carlos Magno hesitou ainda

em obedecer. Repousando a cabeça sobre o travesseiro, tornou a adormecer uma terceira vez. Ainda desta vez o mesmo anjo lhe apareceu, mas com fisionomia tão ameaçadora, e reiterou a mesma ordem com voz tão imperiosa, que o Imperador – que entretanto não era nada fácil de atemorizar – estremeceu de medo e acordou sobressaltado. Desta vez, não somente o mesmo aroma celeste estava difundido e a mesma luz refulgente brilhava, mas ainda o anjo estava de pé junto ao seu leito. Somente quando teve certeza de que o Imperador não poderia mais duvidar da realidade da sua presença, estendeu suas asas de ouro e desapareceu. Então Carlos Magno não teve mais dúvida de que a ordem vinha do Céu, pois o mensageiro era demasiadamente belo para ser um enviado do inferno.

Carlos Magno não hesitou mais. Imediatamente levantou-se e vestiu-se às apalpadelas, deplorando um mandamento do Céu que lhe ordenava começar tão tarde uma ação tão infame. Mas o Imperador estava, como Abraão, decidido a tudo sacrificar por Deus, inclusive sua honra. Vestiu sua couraça, cingiu a espada e tomou seu elmo à mão, como se fosse comandar uma daquelas expedições guerreiras, pelas quais tinha tanta simpatia quanto por esta tinha repugnância. Enfim saiu de seu quarto, e detendo-se numa galeria da qual podia-se divisar toda a região, fez uma pausa para decidir por que lado iria cometer esse roubo tão embaraçante de executar.

A noite era sombria, como convinha a semelhante expedição. Mas, por sugestiva que fosse a escuridão, o Imperador era completamente alheio à nova arte que deveria exercer. Se bem que andasse de um lado a outro por cerca de uma hora, não lhe havia ocorrido a menor idéia. De repente percebeu que lhe tinham roubado o elmo, que deixara sobre a balaustrada da galeria. O Imperador procurou por todos os lados, Olhou dentro e fora, mas toda a busca foi inútil: o elmo tinha desaparecido.

O roubo era tanto mais ousado quanto o ladrão era hábil. E se o ladrão era hábil, em tais circunstâncias poderia dar um bom conselho ao Imperador. Assim, pareceu-lhe que esse era um novo favor do Céu, que, vendo seu embaraço, tinha tido pena dele. Em conseqüência, elevando a voz, exclamou:

– Aquele que roubou meu elmo apresente-se diante de mim, e por minha palavra real, em vez de ser punido, receberá uma recompensa de cem ducados.

Ato contínuo uma risada aguda reboou na galeria, e debaixo da tapeçaria que cobria uma mesa Carlos Magno viu sair o seu anão, que

se aproximou dele e estendeu-lhe o elmo para que nele jogasse a soma prometida.

– Ah! És tu o infame ladrão – disse Carlos Magno. – Deveria ter suspeitado que só tu serias capaz de aplicar um tal golpe, e deveria ordenar que te dessem cem varadas, em vez de prometer cem ducados tão imprudentemente como o fiz.

– Sim, meu Senhor – disse o anão. – Teria sido mais econômico, é verdade, mas um nobre tem apenas uma palavra. Eis vosso elmo. Onde estão os cem ducados?

– Tu os terás em seguida, depois de me teres dado um bom conselho.

– Os cem ducados foram prometidos pelo elmo, e não pelo conselho. Dai-me os cem ducados pelo elmo, e tereis o conselho grátis.

Carlos Magno estendeu a mão, para agarrar o patife que lhe falava com tanta impertinência, mas o anão viu o movimento e saltou rápido sobre a balaustrada, pôs-se a galgar uma das colunas e só parou quando estava sobre uma das folhas do capitel. Pôs-se a cantar uma canção, da qual compunha ao mesmo tempo a música e as palavras:

– Tenho já um elmo, um belo elmo, um elmo encimado por uma coroa real, um elmo que me custa cem ducados. E tratarei de ter pelo mesmo preço uma couraça e uma espada, e então me farei armar cavaleiro por algum imperador que não tenha jamais faltado à sua palavra. Depois, quando for armado cavaleiro, quando eu tiver uma grande espada e uma boa lâmina, irei por vales e montes, fazendo justiça, porque nos feudos da Germânia e da França muita justiça precisa ser feita. Mas – ai de mim! – onde encontrarei, para me armar cavaleiro, um rei que jamais tenha faltado à sua palavra?

O barulho de uma bolsa que caía nas lajes interrompeu a improvisação do cantor. O anão compreendeu que sua canção havia produzido efeito, desceu da cornija e foi apanhar a bolsa, com um Olho sobre ela e outro sobre o Imperador.

– Vamos, vem cá, patife, e não temas nada – disse Carlos Magno. – Tenho necessidade de ti.

– Oh! Então, se tendes necessidade de mim, é outra coisa, e não tenho mais medo.

– Eu estou precisando de roubar.

– Péssima profissão, sobretudo porque se trata de pessoas que prometem e não mantêm a palavra. Assim – podeis crer-me, – uma vez que tendes a desventura de ter nascido honesto, é melhor permanecer honesto.

– Eu te digo que quero roubar – disse Carlos Magno num tom que indicava estar começando a cansar-se das reflexões filosóficas de seu interlocutor.

– Bem, se é uma vocação decidida, então não há mais nada a acrescentar. Que quereis roubar?

– Eis o que eu não sei. Mas quero roubar alguém, e logo, nesta noite.

– Raios! Está bem, roubemos.

– Mas a quem vamos roubar?

– Vejamos... Estais vendo aquela pobre cabana?

– Sim.

– Há ali um bom golpe a dar. Por mais pobre que pareça, o dono dela hoje tem cem florins. Há cerca de dez anos aquele camponês trabalha todos os dias, de cinco horas da madrugada até às oito horas da noite, e conseguiu guardar todo esse dinheiro. A porta fecha mal e o bom homem tem o sono pesado, por isso é fácil roubá-lo.

– Miserável! Queres que eu vá pegar de um infeliz o fruto de dez anos de trabalho, um dinheiro ganho com o suor de seu rosto!

– Eu não quero nada. Vós é que me pedistes um conselho, e eu o dou. É só isso.

– Vamos a outra coisa, então.

– Vedes aquela casa de campo?

– Sim, vejo.

– Pertence a um rico comerciante. Nela não achareis florins, mas ducados; e não às centenas, mas aos milhares.

– Sem dúvida foi com pesos adulterados e com usura que ele adquiriu tal fortuna.

– Não. Pelo contrário, foi fazendo cálculos de tal maneira exatos, para

si como para os outros, que sua probidade tornou-se proverbial. A probidade trouxe a ele o que a velhacaria traz a outros.

– E queres então que eu arruíne um homem que possui fortuna tão honrada?

– Eu não quero nada. Sois vós, ao contrário, que desejais roubar. Digo-vos somente quem são os que têm dinheiro.

– Sim, sem dúvida quero roubar, mas não ao pobre lavrador, não ao comerciante esforçado e honesto. Queria roubar a algum desses maus cavaleiros, que vivem de pilhagem e rapinas, que traem aqueles que deveriam servir, e que oprimem aqueles que deveriam defender.

– Ah! Então é outra coisa! Por que não vos explicastes logo? Tenho então a solução. Aquele castelo pertence ao senhor Harderic, o maior bandido que a Terra tenha produzido depois do falso profeta Maomé.

– Tanto melhor!

– Mas não será coisa fácil. Ele tem o sono leve e a mão pesada. Haverá golpes a dar.

– Tanto melhor! Tanto melhor!

– Então ide colocar outra couraça, escura como a noite na qual é preciso que nos esgueiremos. Pegai um punhal curto, em lugar dessa longa espada. A espada é uma arma diurna, para ferir de longe. À noite só se golpeia o que se toca. Tem-se os Olhos nas mãos, e é preciso que os Olhos não estejam demasiado longe da lâmina. Ide e voltaí, eu vos espero aqui, contando os ducados.

O Imperador não precisou ouvir duas vezes. Foi e voltou coberto de uma cota de malhas de aço opaco, que lhe cobria o corpo como um gibão e envolvia a cabeça como um capuz. Levava na cintura um punhal largo, curto e cortante como o gládio romano. O anão examinou-o dos pés à cabeça, fez um sinal de aprovação e os dois saíram do palácio. Pelo caminho mais direto, ou seja, através do campo, avançaram rumo ao castelo de Harderic.

Chegados à porta do castelo, o anão fez um sinal a Carlos Magno para ficar o mais perto possível da porta. Lançando-se sobre uma figueira que crescia no fosso, e da figueira agarrando-se à muralha, galgou-a, enfiando sucessivamente as mãos e os pés nos interstícios das pedras, até chegar às ameias, e desapareceu. Um instante depois Carlos

Magno ouviu ranger a chave na fechadura. A porta mexeu-se pesadamente, mas sem fazer ruído, depois entreabriu-se o necessário para deixar passar um homem. Carlos Magno passou, o anão empurrou a porta com as mesmas precauções que tomara para abri-la, e assim encontraram-se no pátio do castelo.

– Eis o vosso caminho – disse o anão, mostrando a escada que conduzia aos apartamentos do castelo; e mostrando a cavalaria, acrescentou: – e aqui está o meu.

– Por que não vens comigo?

– Porque tenho também um golpe a dar.

Pondo-se a correr de quatro, como um cachorro, para não ser reconhecido como criatura humana no caso de ser visto, atravessou o pátio e entrou na cavalaria. Carlos Magno subiu a escada o mais silenciosamente que pôde, e entrou nos apartamentos. Graças a um raio de luar, que apareceu no céu naquele momento, conseguiu chegar ao quarto que precedia aquele onde Harderic e sua esposa dormiam. Aí estendeu a mão, para ver se achava algo para pegar, e tocou num cofre fechado sobre a mesa, que imaginou conter dinheiro ou joias. Nesse momento o cavalo do castelão relinchou tão fortemente que Carlos Magno estremeceu.

– Heim! – exclamou Harderic, acordando em sobressalto. – Que se passa na minha cavalaria?

– Nada – respondeu a esposa. – É teu cavalo que relincha.

– Meu cavalo não costuma relinchar assim, a não ser quando alguém que ele não conhece tenta desatá-lo.

– E quem pensas que tenta desatar teu cavalo?

– Um ladrão, ora essa!

Harderic desceu do leito e pegou a espada. Carlos Magno então recuou, escondendo-se e mantendo a mão na empunhadura da arma, e viu Harderic passar. Ao cabo de um momento o castelão voltou.

– O que havia na cavalaria? – perguntou-lhe a mulher.

– Nada. Mas há três ou quatro noites não consigo dormir.

– Não consegues dormir porque certamente planejas alguma coisa.

– É verdade.

– E o que planejas?

– Posso te dizer agora, pois o momento de nosso projeto cumprir-se já praticamente chegou. Amanhã, eu e onze outros condes, barões e senhores deveremos matar o Rei Carlos, que nos impede sermos senhores em nossas terras. Estamos fartos disso, e não queremos mais suportá-lo.

– Oh! meu Deus, meu Deus! E se vosso complô fracassar? Estareis todos perdidos.

– Impossível. Estamos ligados entre nós pelos juramentos mais terríveis. Amanhã, convocados para a dieta como todos os outros, entraremos no palácio sem despertar nenhuma suspeita. Estaremos bem armados, mas ele não estará. Cercaremos seu trono e o mataremos.

– E quem são os conjurados?

– Isso é o que não posso dizer nem a ti. Mas o engajamento deles já está assinado com sangue, e fechado no cofre que está aí ao lado.

– Deus queira que tudo isso termine bem.

O castelão voltou a dormir. Durante algum tempo ainda se ouviram os suspiros da castelã, mas logo depois sua respiração suave confundiu-se com os roncoss do seu marido. Então Carlos Magno tomou o cofre, colocou-o debaixo do braço, atravessou os apartamentos, desceu a escada e chegou ao pátio. Lá viu o anão, que se debatia sobre o cavalo de guerra do castelão. O Imperador saltou sobre o cavalo, que logo compreendeu tratar-se de cavaleiro experiente, e tornou-se dócil como um cordeiro. Carlos colocou o anão na garupa e partiu a galope.

Chegando ao castelo, Carlos Magno abriu o cofre que tinha roubado, e nele achou os compromissos dos doze conjurados, assinados com sangue. Fez acordar sua gente, e mandou que levantassem, num dos pátios do palácio, onze forcas de tamanho comum e uma mais alta que as outras. Em cima de cada uma das doze forcas, fez pregar um rótulo com o nome de cada conjurado, e sobre a forca mais alta o nome do chefe deles, Harderic.

Depois, como havia duas entradas no palácio, ordenou receberem todos os outros barões convocados por uma outra porta e em outro pátio, e receberem os conjurados pela porta e no pátio das forcas.

As instruções foram rigorosamente seguidas. Quando viu todos os barões reunidos, Carlos Magno narrou-lhes o complô tramado contra ele, mostrou-lhes o compromisso assinado com sangue dos doze conjurados, e perguntou-lhes que pena mereciam. Todos, a uma voz, disseram que mereciam a morte. Então Carlos Magno fez abrir as janelas que davam para o segundo pátio, e os barões viram os doze conjurados suspensos nos doze postes.

Em memória da aparição celeste à qual devia a vida, Carlos Magno chamou o palácio de Ingelheim, ou Casa do Anjo.

A MARÉ RAINHA – Alison Wilgus



Um truque particular da Lua, o clima e a proximidade entre a Terra e o Sol puxaram a maré até a Quinta Avenida, meio quarteirão além do normal. As autoridades transmitiram um alerta, então Jordyn ficou sabendo que deveria esvaziar o porão antes da hora. O proprietário foi esperto e selou a base da casa anos atrás – tudo bem —, mas não havia muito o que fazer com as caixas de papelão e futons antigos. Eles precisavam ficar acima da linha da maré, ou virariam sucata.

Sua namorada, Mia, parou no primeiro andar para respirar, com uma tumba despedaçada em mãos, diversos álbuns da família de Jordyn. O peso abrandou por um instante enquanto ela descansava, apoiada no balaustre.

"Deveríamos jogar isso fora", disse Mia. "Você digitalizou tudo há anos."

"Ah, mas não é a mesma coisa", Jordyn tinha dito, e não era.

Agora, ela estava sentada de pernas cruzadas, na cama delas, enquanto Mia tomava banho. Havia uma pilha de álbuns sobre o edredom, ao lado, e um em seu colo. Ela estudou a legenda de cada foto, a letra cursiva delicada, nomes e datas e piadas internas, a maioria incompreensível. As fotos foram tiradas com celulares e impressas com cuidado, um anacronismo até mesmo para aquela época. A avó pressionou a caneta vigorosamente quando escreveu, e Jordyn podia sentir os entalhes sob a tinta ao passar a ponta dos dedos sobre as páginas. O álbum tinha cheiro de pó e cola velha e um toque preocupante de mofo.

Jordyn havia copiado uma delas – tirou foto de uma foto, encontrou um lugar em Bushwick que ainda oferecia pequenos serviços de revelação, comprou uma moldura prateada, de segunda mão, em um bazar do Brooklyn, e colocou o retrato sobre a cômoda de madeira, ao pé da cama. Sua avó havia tirado as fotos décadas antes, quando sua mãe ainda era uma garotinha e o canal de Gowanus raramente se atrevia sobre as ruas.

Na foto, uma pequena versão sorridente da mãe de Jordyn estava sentada nos degraus da entrada da casa de seus avós. Era quase uma cópia da própria Jordyn: cabelo preto encaracolado, sardas nas bochechas e nos ombros nus. A casa era de tijolos amarelos, com barras de ferro branqueadas ao redor das janelas e um pequeno jardim de flores aninhado entre a escadaria da fachada e os degraus para o porão. Seus avós compraram a casa nos anos 70 por pouco dinheiro e, na época da fotografia, esnobavam o prospecto com razão. Na época, poderiam ter vendido por um milhão de dólares para construtoras, que alegremente a substituiriam por um amontoado de prédios estreitos.

Pararam de usar o porão após o Furacão Oscar. O Furacão Andrea arruinou as cortinas e o carpete do primeiro andar, e foram forçados a vender a casa por pouco mais do que custaria um carro novo.

Agora, Jordyn morava no alto da colina, ali perto. A casa amarela da foto não era muito grande – dois andares e um porão —, mas na maioria dos dias, o andar de cima dava na lagoa. Ela gostava de observar a casa de seu telhado, no fim da tarde, quando a luz morna e dourada do sol a deixava amanteigada e romântica. Era assim que soava nas histórias de sua mãe, de quando ela ainda estava viva e as contava.

Os canos estremeceram quando Mia desligou o chuveiro. Ela saiu do banheiro numa nuvem de vapor, com seu corpo moreno e truncado nu, pingando, enxugando o cabelo.

"A lua está dando as caras", disse ela.

Jordyn fechou o álbum em seu colo e o colocou no topo dos demais. A cama rangeu quando ela sentou na beirada, vestiu os chinelos e se levantou; ela esticou os braços sobre a cabeça e seus músculos se reassentaram.

"É uma Maré Rainha", disse. "Mais alta este ano. *Bem* mais alta."

Mia enfiou a cabeça numa camiseta de algodão.

"Podemos beber algumas cervejas no telhado."

"Sério? No inverno?"

Mia deu de ombros.

Jordyn abriu a porta para o apartamento delas, e então se virou para trancá-la, encaixando a corrente no fecho de tal forma que a porta ficasse entreaberta. Elas moravam no último andar; subiram um lance íngreme de escada, de mármore, rumo ao telhado. Duas garrafas tilintavam nas mãos de Mia, que as segurava pelo gargalo, entre os dedos.

O inverno estava suave, mas pequenos montes de neve podre escondiam-se sob as sombras, e Jordyn esfregava os braços por baixo do moletom à medida que caminhava sobre o telhado de alcatrão. Através do vapor de seu hálito, ela enxergava uma cidade de tijolo e pedra e água. Atrás dela, estendia-se o bairro de Park Slope, com sobrados de alto escalão subindo o morro até Prospect Park, Flatbush, Windsor Terrace, Crown Heights. Vizinhos que ficavam desertas nesta época do ano, quando todo mundo fugia para os condomínios na Geórgia.

À sua frente, um arquipélago.

Agentes imobiliários passaram a chamar o lugar de “Praia de Gowanus”, o que Jordyn achava bem enganoso, mesmo para os padrões de imobiliárias. Pelo menos quando diziam que Red Hook era “A Veneza do condado de Kings”, isso evocava uma imagem condizente: moradias urbanas manchadas de água, passarelas de madeira flutuantes, caiaques de plástico amarrados a bodegas de esquinas, mulheres bronzeadas em vestidos de verão vagando em pequenos botes com motores de popa, o Rio East contornando batentes de segundos andares. “Praia de Gowanus” implicava areia, talvez pedras lisas marítimas, quem sabe até a margem lamacenta de um lago. Não havia nada de “praia” no asfalto despedaçado, ou no concreto carcomido pelas marés, ou nos esqueletos de vergalhão expostos, enferrujados, desmoronando, ou nas carcaças inchadas de móveis baratos, de estudantes, emergindo de apartamentos afogados.

O vento estava úmido e pesado. Jordyn tremeu de frio e observou, abaixo, as ondulações da água cinzenta. A maré havia engolido a casa de seus avós por completo.

Mia abriu as garrafas na mureta baixa da fachada. Elas permaneceram ali, observando a cidade, a lua cheia no céu azul noturno, as ondas. Uma embarcação de lixo navegava nas ruas abaixo, pausando a cada meio-quarteirão para os prédios reforçarem seu carregamento. Jordyn ouviu a sirene de um barco de bombeiros, mas não conseguiu avistá-lo, nem a fumaça.

Tomou um gole da cerveja, que estava quente e tinha gosto de lúpulo e cardamomo.

"Parece que a maré passará da Quarta Avenida", ela disse. "Pensei em sair para uma caminhada."

Mia mordeu os lábios.

"Vai estar escuro."

"A maré não sobe assim há anos."

"Mesmo assim."

Mia acalentou sua cerveja em silêncio por um instante, o tempo mensurável por assobios de gole.

"Quando foi sua última dose de vacina contra tétano?"

"Dois anos atrás. Lembra? Caí das docas de Madison."

Mia suspirou.

"Use os sapatos de mergulho, tá?"

As sirenes esmoreceram. Jordyn caminhou até espaço quente ao lado do corpo de Mia e colocou um braço em torno de sua cintura grossa, enfiando a mão no bolso mais longínquo do casaco de Mia. "Eu me viro", disse ela.

A ansiedade mal deixou Jordyn dormir, e ela acordou antes do despertador tocar. Ela sonhou que usava o antigo sistema de metrô, do qual sua mãe costumava falar. Vestiu-se sob a luz âmbar dos postes da rua, vestiu um capote sobre a roupa de mergulho, calçou os sapatos especiais. Beijou Mia na testa e fechou a porta do quarto.

Mia deixou a lanterna grande carregando antes de se deitarem. Jordyn pegou a lanterna e seu chaveiro, trancou o apartamento, desceu as escadas em silêncio de solas de borracha e andou até a calçada vazia. Não havia mais água, mas as raízes das árvores estavam enlameadas, congeladas.

Quando Jordyn desceu a ladeira rumo à Quarta Avenida, abaixo da linha normal da maré, teve que desviar de troncos encharcados, pedaços de isolamento térmico velho, latas de refrigerante

enferrujadas, sacolas de plástico atadas em nós – o rastro cotidiano de detritos urbanos deixado para trás pela maré alta. Ela passou por baixo de um calçadão elevado, beirando o leste da avenida, uma atração turística que algum prefeito construiu quando ela era criança. Os destroços de uma gaivota estavam presos a um entulho.

À frente do calçadão, ruas despedaçadas dissolviam-se numa espécie de cascalho negro, grosso, pedaços de asfalto misturados com a areia e a terra e as pedras que um dia os sustentaram. Pelo caminho, os tubos de aço e cilindros de concreto da antiga infraestrutura estavam expostos – linhas de gás, redes de água, esgoto, eletricidade. Buracos negros, redondos, encontravam-se abertos, lacunas na trilha, repercutindo os sons líquidos do subsolo. A maioria das tampas de bueiro foram roubadas por caçadores de troféus anos atrás. Jordyn mediu as passadas com cuidado, de Olho no chão.

Assim que chegou aos prédios do outro lado da avenida, ela parou para olhar para trás. Somente alguém muito tolo ou desesperado comeria algo retirado da lagoa de Gowanus, mas o calçadão estava repleto de restaurantes de frutos do mar, tentando tirar proveito da atmosfera marítima. Sobre as portas e janelas reforçadas, os letreiros de neon dos restaurantes ainda piscavam para ela, atravessados por fiações.

Os canais da lagoa estavam acesos, mas não muito bem, e a maré baixa deixava o cenário estranho, perturbador. Os prédios pareciam mais altos do que ela se lembrava; barcos ancorados na água rasa agora descansavam no solo.

A lagoa havia recuado alguns metros aquém da avenida. Jordyn ligou a lanterna e caminhou com cautela, um passo de cada vez, atenta para não inclinar seu peso até que estivesse segura da pisada.

A água estava gelada. Depois de meio quarteirão, os dedos dos pés já estavam dormentes, mas tudo bem. As solas dos sapatos eram fortes o bastante para pregos e vidro, e não faltava muito.

Sob o brilho de LED da lanterna, a casa de tijolos amarelos parecia quase branca. Por um instante desorientado, ela se perguntou se não havia descido a rua errada, ou esquecido de que lado ficava a construção. Alguém – um ladrão, um proprietário interino – havia retirado as barras das janelas do primeiro andar. E os tijolos estavam listrados; cada linha era uma marca do progresso vagaroso da lagoa morro acima.

Mas os números negros de ferro, pendurados sobre a porta, ainda eram os mesmos. Era a casa *sim*, recuperada da maré, ao menos por esta noite. Da escadaria da entrada, sua mãe testemunhou a vinda da maré.

Jordyn estava com a água até a cintura. Ela ainda sentia um pouco os pés, e com eles apalpou o chão sob a lagoa negra, procurando o primeiro degrau. Ao encontrá-lo, ela subiu a escadaria irregular, a água escorrendo de sua roupa de mergulho, pingando da bainha saturada do casaco, até enfim sentar na fachada, de costas para a porta. Seus pés ainda estavam imersos, e as ondulações no tornozelo faziam cócegas.

Ela secou as mãos no cabelo, e então tirou seu telefone de um bolso à prova d'água do sobretudo. Ela o segurou à sua frente, encarou o olhinho preto da câmera e sorriu.

O MUNDO ETERNO – Clark Ashton Smith



Chistopher Chandon foi até a janela do seu laboratório, para olhar pela última vez a solidão montanhosa que se estendia adiante, a qual com toda probabilidade ele jamais veria de novo. Sem qualquer hesitação e, no entanto, não sem algum pesar, ele contemplou o desfiladeiro acidentado logo abaixo, onde a penumbra gótica dos abetos e dos açafrões era atravessada pelo fio de prata de um pequeno córrego rumorejante.

Avistou a escarpa granítica à sua frente e os dois picos mais próximos das Sierras, cujo cinza-azulado estava coberto pelas primeiras neves do outono; e viu a passagem entre eles, que jazia alinhada com a sua rota presumível através do contínuo espaço-temporal.

Então se voltou para o estranho aparato cuja construção lhe custara tantos anos de labor e de experimentações. Suspenso sobre uma plataforma no centro do cômodo, havia um grande cilindro, semelhante a uma campânula de mergulho. As paredes mais baixas, formando a base, eram de metal, e a metade superior era feita inteiramente de um vidro indestrutível.

Uma rede, inclinada num ângulo de quarenta graus, se estendia entre as duas partes. Nela, Chandon pretendia atar-se com segurança, garantindo a si mesmo toda a proteção possível contra as velocidades inauditas do voo que intentava fazer. Olhando através do vidro, poderia observar com conforto qualquer fenômeno visual que a jornada viesse a oferecer.

O cilindro fora montado diretamente em frente a um enorme disco com dez pés de diâmetro, sobre cuja superfície prateada havia uma centena de perfurações. Por trás dele se distribuía uma série de dínamos, desenhados para produzir uma força obscura, a qual, por falta de nome melhor, Chandon chamara de força negativa do tempo. Tal força ele a isolara, ao custo de infinitos esforços, da energia positiva do tempo – essa gravidade quadridimensional que gera e controla a rotação dos eventos.

A força negativa, amplificada mil vezes pelos dínamos, ejetaria a uma distância incalculável no tempo e no espaço atuais qualquer coisa que se achasse em seu caminho. Não estava destinada a permitir uma viagem através do passado ou do futuro, mas a produzir uma projeção instantânea através da corrente temporal que envolve todo o cosmo em seu fluir sempre inalterado e constante.

Infelizmente, Chandon não fora capaz de construir uma máquina dotada de mobilidade, na qual pudesse viajar, como num foguete, e talvez retornar ao ponto de partida. Ele deveria mergulhar audaciosamente e para sempre no desconhecido. Mas tinha equipado o cilindro com reservas de oxigênio, luz elétrica e calor, bem como com suprimentos de água e de alimentos suficientes para um mês. Mesmo que seu voo terminasse no espaço vazio ou em algum mundo cujas condições fossem totalmente impróprias à sobrevivência humana, ele ao menos viveria o bastante para fazer uma observação completa dos arredores.

Sua teoria era, porém, de que a jornada não terminaria no mero éter, mas de que os corpos cósmicos fossem núcleos de gravidade temporal e que a diminuição da força propulsora permitiria que o cilindro fosse atraído por um deles.

Os perigos de sua aventura estavam mais do que previstos, mas ele os preferia às certezas monótonas e seguras da vida terrena. Sempre o exasperara um sentimento de limitação, que o fizera aspirar pelas vastidões inexploradas. Ardía nele o pensamento de outros horizontes além destes que nunca foram ultrapassados.

Com um estranho tremor em seu peito, ele abandonou a paisagem alpina e deu início à tarefa de se fechar no cilindro. Tinha instalado um mecanismo de tempo, que automaticamente dispararia os dínamos a uma hora determinada.

Amarrado à rede com tiras de couro afiveladas sobre a cintura, tornozelos e ombros, ele ainda tinha algo como um minuto de espera, antes que a força fosse ligada. Nesses momentos, pela primeira vez, baixou sobre ele, em torrente, todo o amplo terror e o sentimento dos riscos de sua experiência. E sentiu-se quase tentado a se desatar e a abandonar o cilindro antes que fosse tarde. Tais sensações eram semelhantes às de quem está prestes a ser lançado através da boca de um canhão.

Suspenso num extraordinário silêncio, do qual todo som fora excluído pelas paredes hermeticamente vedadas, ele se entregou ao

desconhecido, em meio às mais conflitantes conjecturas acerca do que ocorreria. Poderia ou não sobreviver à passagem por dimensões desconhecidas, numa velocidade que faria parecer vagarosa a própria luz. Mas, se sobrevivesse, poderia alcançar num átimo as galáxias mais distantes.

Seus medos e conjecturas foram interrompidos por alguma coisa que veio com a subitaneidade do sono – ou da morte. Tudo pareceu se dissolver e se dissipar numa fulguração aguda, e então passou diante dele um panorama fervilhante e fragmentado, uma babel de impressões inefáveis, variadas e múltiplas. Era como se ele possuísse um milhar de Olhos com os quais apreendia num único instante o fluxo de muitos éons, o tropel de mundos incontáveis.

O cilindro parecia já não existir, e ele se sentiu como se não se movesse. Mas todos os sistemas do tempo passavam por ele, que agarrava os retalhos e fragmentos de um milhão de cenas: objetos, faces, formas, ângulos e cores dos quais se recordaria depois como quem recorda as visões de delírio amplificadas e distorcidas que certas drogas proporcionam.

Viu as gigantescas florestas sempre verdes de líquen, os continentes de grama de Brobdingnag, em planetas mais remotos que os sistemas de Hércules. Diante dele desfilaram, como uma arquitetura cenográfica, as cidades altíssimas que ostentam atmosferas suntuosas e variegadas de rosa e esmeralda e púrpura, envolta nos raios convergentes de triplos sóis. Contemplou coisas inomináveis em esferas não catalogadas pelos astrônomos. Acorreu sobre ele todo o ciclo tremendo e ilimitado da vida trans-estelar, o ciclorama das morfologias inesgotáveis.

Pareceu-lhe que os limites de sua mente tinham sido ampliados para incluir todo o fluxo cósmico; que seu pensamento, tal como a teia de algum aracnídeo colossal e divino, se estendia entre mundos e mundos, galáxias e galáxias, por sobre o golfo tremendo do contínuo infinito.

Logo, tão subitamente quanto começara, a visão terminou, sendo substituída por alguma coisa de qualidade totalmente diversa.

Só depois é que Chandon se deu conta do que tinha acontecido e pôde perceber a natureza e as leis do novo ambiente para dentro do qual havia sido projetado. A esse tempo (se se pode empregar uma palavra tão inexata quanto “tempo”), ficou totalmente incapaz de qualquer coisa além de uma impressão de visualidade contemplativa

– o estranho mundo para o qual ele olhava através da parede transparente do cilindro: um mundo que poderia ter sido o sonho de algum geômetra louco pela infinitude.

Era como uma geleira planetária, adornada por formas de uma ordem grotesca, banhada por uma luz branca e imóvel e obedecendo a leis de perspectiva estranhas às do nosso mundo. As distâncias para as quais ele olhava eram literalmente intermináveis. Não havia nenhum horizonte, e no entanto nada parecia diminuir em tamanho ou definição, por mais remoto que estivesse. Parte da impressão que Chandon tinha era de que esse mundo se curvava sobre si próprio, tal como a superfície interior de uma esfera oca, e de que as imagens retornavam sobre sua cabeça depois de desaparecerem de sua visão.

Mais próximo dele do que qualquer objeto no cenário e preservando a mesma distância relativa que em seu laboratório, ele percebeu uma larga seção circular de entabuamento bruto – aquela porção da parede do laboratório que ficara no caminho do raio negativo. Jazia imóvel no ar, tal como se suspensa por um campo de gelo invisível.

O espaço para além de entabuamento estava ocupado por inúmeras fileiras de objetos que sugeriam tanto estátuas quanto formações cristalinas. Pálido como mármore ou alabastro, cada um deles exibia uma mistura de curvas simples e ângulos simétricos, os quais pareciam incluir em latência um infindável desenvolvimento geométrico. Eram gigantescos, com uma divisão rudimentar de cabeça, membros e corpo, como se fossem criaturas vivas. Por trás deles, a distâncias indefinidas, havia outras formas que poderiam ser brotos ou florações de uma vegetação desconhecida.

Chandon não tinha qualquer noção do tempo enquanto espiava através do cilindro. Não se lembrava de nada, não imaginava nada. Não tinha consciência de seu corpo ou da rede sobre a qual jazia, exceto como imagens entrevistas na orla de sua visão. De algum modo, naquela impressão estranha e gelada, sentia o dinamismo inerte das formas ao seu redor: o trovão silencioso, os relâmpagos represados, como de deuses catalépticos; o calor e a chama contidos no átomo, como de sóis não acesos. Inescrutáveis, pairavam imóveis à sua frente, como tinham estado por toda a eternidade e como continuariam a estar para sempre.

Neste mundo, não devia haver transformações nem eventos: todas as coisas preservariam o mesmo aspecto e a mesma atitude.

Como notou depois, sua tentativa de alterar a própria posição na

corrente do tempo havia conduzido a um resultado imprevisto. Ele se projetara para além do tempo em direção a um cosmo distante onde o próprio éter talvez era um não-condutor da força-tempo e no qual, portanto, eram impossíveis os fenômenos da sequência temporal.

A velocidade extrema de seu voo o tinha alojado na fímbria desta eternidade, tal como um explorador ártico capturado pelo gelo eterno. Ali, obedecendo às leis da intemporalidade, ele estava condenado a permanecer. A vida, como a conhecemos, era impossível para ele; e no entanto – desde que a morte envolveria uma sequência de tempo – lhe era igualmente impossível morrer. Estava fadado a se manter na posição em que pousara, a reter o mesmo sopro de respiração que tivera no momento do impacto contra a eternidade. Estava preso a uma catalepsia dos sentidos, num nirvana brilhante de contemplação. Parecia, segundo toda lógica, não haver escapatória de tal apuro. No entanto devo agora relatar a coisa mais estranha de todas – a coisa que era aparentemente inenarrável, que desafiava todas as leis prováveis da esfera intemporal.

Penetrando o campo glacial de visão de Chandon e cortando as fileiras de figuras imutáveis e sem horizonte, começou a se intrometer um objeto – algo que se movia como se ao longo de éons, que foi aparecendo aos poucos com a lentidão de um milenar recife de coral num mar cristalino.

Desde seu aparecimento, o objeto era plenamente alienígena em relação ao cenário: era, obviamente, tal como o cilindro de Chandon e os escombros da parede, de origem não-eterna. Era negro e lustroso, com algo mais que o negrume do espaço interestelar ou dos metais exilados da luz no interior dos planetas.

Impunha-se à visão com uma solidez ultramaterial e, contudo, parecia repelir toda a claridade cristalina, isolando-se do esplendor invariável de ao redor.

A coisa assumia a forma de uma cunha aguda e enorme, conduzida para dentro do éter adamantino, e formando, pelo mesmo ato violento de irrupção, uma nova imagem visual nos Olhos paralisados de Chandon. Desafiando as leis mentais do ambiente, levava-o a conceber uma ideia de duração e movimento.

Em seu todo, tratava-se de uma imensa embarcação em forma de fuso, parecendo, comparado ao cilindro de Chandon, um cruzador oceânico diante de um escaler. Flutuava à distância e separadamente – verdadeira massa de ébano maciço, alargando-se no equador e

afunilando-se num ponto em cada extremo.

A forma parecia calculada para penetrar algum meio resistente.

A substância de que era feita e a sua força motora estavam além das conjecturas de Chandon. Quem sabe teria sido arrastada por alguma concentração tremenda de força-tempo, com a qual ele brincara de maneira tão ignorante e inepta.

A embarcação invasora, totalmente estacionária, pendia agora entre as fileiras de entidades estáticas que estavam mais à frente em seu campo visual. Entre gradações infinitas, uma enorme porta circular pareceu abrir-se em sua base, e da abertura surgiu uma espécie de braço ou grua, feita do mesmo material negro. O braço terminava em numerosas barras pendentes, que de algum modo sugeriam a flexibilidade de dedos.

Desceu sobre a cabeça de uma das estranhas imagens geométricas, e a miríade de barras, dobrando-se e estendendo-se com infinita mobilidade, se enroscaram em volta do cristalóide como um feixe de correntes.

Então a figura foi arrastada para cima, como por meio de um esforço hercúleo, e desapareceu totalmente, junto com o braço, no interior da embarcação.

Outra vez o braço emergiu, para repetir a abdução bizarra e impossível, retirando outra daquelas coisas enigmáticas de sua eterna imobilidade. E outra vez o braço desceu, e uma terceira entidade foi apanhada, tal como se fosse o roubo de mais um outro deus de mármore de seu marmóreo céu.

Tudo isso se passou no mais profundo silêncio – a lentidão imensurável do movimento sendo abafada pelo éter e nada criando que o ouvido de Chandon pudesse apreender como som.

Após desaparecer pela terceira vez com sua estranha presa, o braço retornou, estendeu-se diagonalmente, atingindo um comprimento maior do que antes, até que os dedos negros envolveram o cilindro de vidro de Chandon e se fecharam em torno num irresistível abraço.

Ele mal podia notar algum movimento, mas pareceu-lhe que as colunas de figuras brancas e as paisagens sem horizonte e sem perspectiva desapareciam lentamente de seu campo visual, como um mundo que afundasse. Viu a grande massa de ébano da embarcação, em direção à qual estava sendo arrastado pelo braço, até que ela

ocupou todo o seu campo visual. Então o cilindro foi alçado para dentro da abertura trevosa, onde parecia que a luz não era capaz de penetrar.

Chandon não podia ver nada, não estava certo de nada a não ser da compacta escuridão que cercava o cilindro tal como o tinha cercado a luz branca e acromática da intemporalidade. Sentiu à sua volta algo como uma longa, tremenda vibração, uma pulsação silenciosa que parecia se estender em círculos a partir de um centro dinâmico, passando sobre ele e para além dele ao longo de écons, como se proviesse de um coração titânico cujas batidas desafiassem a eternidade ao redor.

Simultaneamente, reparou que seu próprio coração começara a bater outra vez, com a mesma prostração desse pulsar ignoto, e que o ritmo de sua respiração obedecia àquela vibração cíclica. Em seu cérebro entorpecido, despontou uma ideia de espanto – os primeiros sinais de uma sequência natural de pensamento. Seu corpo e sua mente começavam a funcionar novamente, sob a influência do poder que tinha sido eficaz o bastante para se introduzir no universo intemporal e retirá-lo do éter petrificado.

A vibração acelerou-se, estendendo-se em ondulações poderosas. Tornou-se audível, como um martelar ciclópico, e Chandon de algum modo concebeu a ideia de um maquinismo gigantesco, a girar e a palpitar numa prisão subterrânea. A embarcação parecia estar avançando com uma força irresistível contra uma barreira material. Sem dúvida, estava se libertando da dimensão eterna, abrindo à força o seu caminho de volta para o tempo. A escuridão persistira por um momento, mais como uma radiação positiva do que como ausência de luz. Por fim clareou totalmente e foi substituída por uma iluminação brilhante e avermelhada. Ao mesmo tempo, a vibração ruidosa, semelhante à de um motor, tornou-se uma palpitação em surdina. Talvez a escuridão tivesse estado associada ao pleno desenvolvimento da estranha força que tinha permitido à embarcação mover-se e funcionar no meio ultratemporal. Com o retorno ao tempo e a diminuição de força, desaparecera.

As faculdades de pensamento, sentimento, cognição e movimento, sob seus aspectos temporais corriqueiros, retornaram todas a Chandon tal como se um dique fosse aberto. Ele se tornou apto a relacionar tudo o que lhe havia acontecido e a inferir, até certo ponto, o significado daquela experiência única. Com espanto e perplexidade crescentes, estudou o cenário que a sua posição na rede lhe descortinava.

O cilindro, com as bizarras figuras cristalóides jazendo próximas, pousou dentro de um recinto imenso, provavelmente o compartimento principal da embarcação. O interior dessa sala era curvo como uma esfera, e por toda parte se viam maquinarias gigantescas e desconhecidas. Não muito longe ele viu a grua ou braço recolhido. Parecia que a força da gravidade agia em todas as superfícies internas da embarcação, pois certas criaturas de aspecto peculiar passeavam em frente a Chandon enquanto ele olhava, correndo paredes acima até penderem do teto com um à-vontade de moscas.

Havia talvez uma dúzia dessas criaturas à vista. Ninguém dotado dos pressupostos biológicos terrenos poderia sequer tê-las imaginado. Cada uma delas possuía um corpo vagamente globular, com o hemisfério superior dilatando-se entre o pólo e o equador, para formar duas cabeças cônicas e desprovidas de pescoço. O hemisfério terminava em muitos membros ou apêndices, alguns dos quais eram usados para caminhar e outros para a apreensão.

As cabeças eram disformes, mas uma membrana cintilante e semelhante a uma teia se estendia entre elas, tremendo continuamente. Alguns dos apêndices inferiores, ondulando como tentáculos inquisitivos, terminavam em órgãos que poderiam servir de Olhos, ouvidos, narinas e bocas.

Tais criaturas emitiam uma luz prateada e pareciam ser quase translúcidas. No centro das cabeças pontudas, uma mancha de carmesim brilhava ardentemente e se apagava com uma regularidade pulsante; e os corpos esféricos escureciam e clareavam como se seguindo o intercâmbio rítmico das zonas de sombra que se estendiam como costelas sob suas superfícies. Chandon sentiu que eram formadas de alguma substância não-protoplasmática, talvez um mineral que se tivesse organizado em células vivas.

O homem da Terra ficou paralisado diante de tudo aquilo. Entre conjecturas vãs e fantasiosas, tentou sondar o mistério. Quem eram essas criaturas e qual teria sido o seu propósito ao penetrar na dimensão eterna?

Por que teriam removido alguns de seus habitantes juntamente com ele mesmo? Para onde estaria indo a embarcação? Estaria retornando, em algum ponto do espaço e do tempo, ao mundo planetário de onde teria zarpado em sua inusitada missão?

Ele não tinha certeza de nada, porém sabia que tinha caído nas mãos

daqueles seres supercientíficos, os quais seriam navegadores exímios do espaço-tempo. Tinham sido capazes de construir uma embarcação com a qual ele apenas sonharia e talvez tivessem explorado e mapeado todas as profundezas desconhecidas, planejando deliberadamente sua incursão pelo mundo congelado e distante.

Se eles não o tivessem resgatado, ele jamais teria escapado à condenação da intemporalidade, em direção à qual fora arremessado mediante o seu desajeitado esforço de atravessar a corrente secular.

Meditando, voltou-se para os gigantes que eram seus companheiros. Mal podia reconhecê-los sob a luz vermelha: seus pálidos ângulos e planos pareciam ter sofrido um sutil rearranjo, e a luz estremecia sobre eles em reflexos sanguíneos, conferindo-lhes um calor estranho, uma sugestão de vida. Mais do que nunca, davam a impressão de força latente, de dinamismo congelado.

Então, de repente, percebeu um movimento inequívoco numa das entidades-estátuas e reparou que ela começara a mudar de forma! A substância fria e marmórea pareceu fluir como mercúrio. A cabeça rudimentar assumiu uma forma embrionária, indefinida, tal como se pertencesse ao quase-deus de um mundo alienígena. Os membros se acenderam, e novos membros de função indeterminada foram expostos.

As curvas e ângulos simples se multiplicaram com misteriosa complexidade. Um Olho em forma de diamante, refulgindo com um fogo azul, apareceu na face e foi rapidamente seguido por outros. A coisa pareceu passar, em poucos instantes, pelo processo inteiro de alguma evolução há muito suspensa.

Chandon viu que as outras figuras estavam sofrendo alterações singulares, embora em cada caso o desenvolvimento subsequente fosse todo individual. As facetas geométricas começaram a se abrir como botões e fluíam em linhas de beleza e grandiosidade celestiais. A palidez boreal se enchia de uma iridescência não-terrestre, com tons opalinos que chispavam e estremeciam em padrões vivos, em arabescos compridos, em hieróglifos irisados.

O observador humano sentiu a insurgência de um élan imensurável, de um intelecto superestelar nesses seres memoráveis. Um estremecimento de terror, elétrico, sinistro, percorreu-o. O processo a que ele assistira era verdadeiramente incalculável, tremendo. Quem ou o que poderia limitar e controlar as atividades desatreladas desses Eternos, uma vez despertos de seu sono? Certamente ele estava em

presença de seres aparentados aos deuses, aos demônios ou gênios dos mitos. Presenciar tudo aquilo era como abrir os vasos submersos de Salomão.

Viu também que a maravilhosa transformação tinha sido percebida pelos donos da embarcação. Essas criaturas, surgindo de todas as partes do interior esférico, começaram a apinhar-se em torno das entidades atemporais. Seus movimentos mecânicos, espasmódicos, o erguer e o baixar de certos membros que terminavam em órgãos semelhantes a Olhos, traíam uma excitação e uma curiosidade inumanas. Pareciam inspecionar as formas transfiguradas com um ar de biólogos experientes que estivessem preparados para um tal evento e agora assistissem à sua consumação.

Os atemporais – pareceu-lhe – também estavam curiosos em relação a eles. Seus Olhos flamejantes devolviam o olhar dos tentáculos periscópicos, e certos apêndices estranhos, em forma de chifres, de suas altas coroas começaram a tremer de modo inquisitivo, como se recebessem impressões desconhecidas.

Então, subitamente, cada um dos três pôs para fora um único braço sem juntas, emitindo no ar, em forma de leque, sete longos raios de luz roxa em vez de mãos.

Os raios, sem dúvida, eram capazes de receber e de produzir impressões tácteis. Lenta e deliberadamente, como dedos tateantes, eles se estendiam, e cada um dos leques, curvando-se aereamente onde houvesse uma superfície redonda, começou a brincar, num fulgor rítmico, em torno da criatura de cabeça dupla que se achasse mais próxima.

Esses seres, como se alarmados ou desconfortáveis, recuaram e procuraram evitar os raios. Os dedos roxos estenderam-se, circundaram-nos, sem poderem ser evitados, percorrendo em volta deles zonas cada vez mais abrangentes e compactas, como para explorar toda a sua anatomia. Desde as duas cabeças até os discos almofadados que lhes serviam de pés, os seres eram fustigados inteiramente por anéis fluidos e estrias de luz.

Outros membros da tripulação, fora do alcance dos raios curiosos, recuaram para uma distância ainda mais segura. Um deles levantou alguns de seus membros num gesto rápido e enfático. Pelo que Chandon pôde ver, a criatura não tocara em nenhum dos maquinismos da embarcação. Mas, como se obedecendo ao gesto, um enorme mecanismo, arredondado e parecido com um espelho,

começou a girar em seus caixilhos, logo acima, ao redor de eixos potentes.

O mecanismo parecia feito de alguma substância pálida e brilhante, nem vidro nem metal. Cessando a rotação, como se tivessem alcançado o foco pretendido, as lentes emitiram um raio de luz homogênea, que de algum modo lembrou a Chandon a cintilação fria e imóvel do mundo eterno. Esse raio, atingindo as entidades atemporais, produziu efeitos fortemente repressivos.

Imediatamente os raios tateantes desistiram da perquirição e retornaram para os braços sem articulações, que por sua vez se retraíram. Os Olhos fecharam-se como jóias escondidas, os padrões opalinos tornaram-se frios e baços, e os seres estranhos, meio divinos, pareceram perder seus ângulos complexos, para recobrar sua quietude original de cristais imóveis. No entanto, de algum modo, estavam vivos ainda, retinham ainda as linhas nascentes de sua eflorescência sobrenatural.

Em seu medo e seu espanto perante esse quadro miraculoso, Chandon automaticamente se libertara das ataduras de couro, erguendo-se da rede, e estava de pé com a face colada à parede do cilindro. Tal mudança de posição foi notada pela tripulação, que por um momento voltou para ele todos os tentáculos-Olhos, erguendo-os e baixando-os, enquanto acompanhavam a involução dos Atemporais.

Então, em resposta a outro gesto enigmático de um dos membros, as lentes gigantes rodaram mais um pouco, e o raio glacial começou a mudar e a se alargar, até que atingiu o cilindro, incluindo em seu descolorido alcance as figuras dinâmicas.

O homem da Terra teve a sensação de ser capturado pela torrente imóvel de alguma coisa que era indizivelmente densa e viscosa. Seu corpo pareceu congelar, seus pensamentos se arrastaram com dolorosa lentidão através de algum meio resistente que permeava o seu próprio cérebro. Não era a suspensão total dos processos vitais que o seu contato com a eternidade acarretara. Era, antes, a desaceleração desses processos, a sujeição a algum ritmo indizivelmente retardado de movimento temporal e sequência.

Anos inteiros pareceram transcorrer entre as batidas do coração de Chandon. O simples dobrar de seu dedo mínimo teria levado quinquênios. Através do tempo tediosamente esticado, sua mente esforçava-se para formar um único pensamento: a suspeita de que seus captores tivessem se alarmado com sua mudança de posição e

exercessem alguma turbulenta demonstração de força sobre ele, tal como sobre os Atemporais.

Só depois de mais algumas décadas é que ele concebeu outro pensamento: que ele mesmo fosse, talvez, tomado como um dos seres semidivinos pelos alienígenas que viajavam no tempo. Tinham-no encontrado na eternidade, entre as colunas imensuráveis, e como iam saber que ele, tal como eles próprios, viera originalmente de um mundo temporal?

Com seu senso de duração alterado, o homem da Terra não podia formar uma concepção apropriada da extensão da viagem no espaço-tempo. Para ele, foi como uma outra eternidade, pontuada a intervalos de lustros pela rumorejante vibração da maquinaria. Para a sua percepção visual retardada, a tripulação da nave parecia mover-se com incrível morosidade, por gradações imperceptíveis. Ele, junto com seus estranhos companheiros, tinha sido segregado pelo raio congelante numa prisão de tempo lento, enquanto a nave ela mesma mergulhava nas dimensões sem fundo da infinitude secular e cósmica!

Finalmente a viagem terminou. Chandon sentiu o alvorecer gradual de uma luminosidade insinuante que substituiu o brilho rubro da embarcação por uma aguda brancura. Por gradações infinitas, as pareces tornaram-se perfeitamente transparentes, junto com os maquinismos, e ele notou que a luz provinha de um mundo exterior. Imagens imensas, multiformes e intrincadas, começaram a brotar com a morosidade da própria criação sobre o esplendor coruscante. Então – sem dúvida com o fim de permitir a remoção dos cativos – o raio retardador foi desligado, permitindo a Chandon recobrar suas faculdades normais de cognição e movimento.

Ele descobriu uma visão impressionante através da parede translúcida, cuja transparência se devia talvez ao completo desligamento da força motriz da embarcação. Viu que a embarcação repousava sobre uma área em forma de diamante, cercada por colunas arquitetônicas cuja magnitude se impunha como um peso inamovível aos seus sentidos.

Lá em cima, num céu laranja de sonho, distinguiu as volutas bulbosas de pilares atlânticos com capitéis em plataforma, miríades de estranhas torres em forma de cruzeiros; avistou, com espanto, a maravilha misteriosa de cúpulas antinaturais, que se pareciam com pirâmides invertidas. Viu os pináculos espiralados que pareciam suportar um fardo inacreditável de terraços, as paredes oblíquas,

como escarpas estriadas de montanhas, as quais formavam a base de cúmulos inimagináveis. Todos eram feitos de algum tipo de pedra negra e brilhante, algum tipo de mármore extraído de um Érebo ultracósmico. Interpunham suas massas pesadas, ameaçadoras e sinistras, entre Chandon e as chamas de um sol oculto que seria incomparavelmente mais brilhante que o nosso.

Cegado pelo clarão e atordoado por essas altíssimas construções, consciente também de uma opressão incomum em todas as suas sensações corporais, sem dúvida devida ao aumento de gravidade, o homem da Terra voltou sua atenção para o espaço à sua frente. A área em forma de diamante – via agora – estava apinhada de gente parecida com a tripulação da nave. Como insetos gigantes, prateados, de corpos globulares, afluíam de todas as direções para o pavimento escuro. Formando um cordão em torno da nave, havia espelhos colossais, da mesma espécie que aquele que emitia o raio retardador. As pessoas que chegavam paravam a uma curta distância, deixando um espaço vago entre as máquinas de raios e a embarcação, como se para o desembarque da população e dos prisioneiros.

Agora, como se obedecendo a algum mecanismo oculto, uma enorme porta circular se abriu na parede inconsútil. O braço recolhido começou a estender-se e cobriu um dos seres atemporais com sua rede de tentáculos. Logo a misteriosa entidade, até então imóvel e passiva, foi carregada através da abertura e depositada no pavimento do lado de fora.

O braço retornou e repetiu a operação com a segunda figura, a qual, nesse meio tempo, aparentemente notara a cessação do raio retardador e parecia menos submissa do que a sua companheira. Ofereceu uma resistência algo hesitante e começou a inchar enquanto os tentáculos a envolviam, exibindo pseudópodes e lançando raios tateantes que tocaram delicadamente na malha apertada. Porém, em instantes, esse segundo ser se juntou a seu companheiro no mundo exterior.

Ao mesmo tempo, uma espantosa mudança começou a manifestar-se na terceira figura. Chandon sentiu como se presenciase a epifania de algum deus há muito recolhido e velado, o qual agora mostrava o seu verdadeiro aspecto, ao romper a crisálida da matéria. A transformação que ocorreu foi como se alguma rija estalagmite desabrochasse numa forma indescritível de nuvem e fogo. Num momento apocalíptico, a coisa pareceu expandir-se, arremessar-se para o alto, mudar de substância, desenvolver órgãos e atributos que só poderiam pertencer a um estágio supermaterial da evolução. Éons

de vida estelar, de vida terrena, da lenta alquimia dos átomos, foram abreviados naquele único instante.

Chandon não podia formar nenhuma ideia clara do que estava acontecendo. A metamorfose escapava por demais ao alcance interpretativo dos sentidos humanos. Ele viu alguma coisa elevar-se à sua frente, enchendo a embarcação até o teto e pressionando terrivelmente contra a superfície curva e transparente.

Então, com violência incalculável, a nave se partiu em mil fragmentos alados, brilhantes e vítreos, os quais uivaram com uma nota alta e aguda de coisas torturadas enquanto voavam e se precipitavam em todas as direções.

Antes que os últimos fragmentos caíssem, o cilindro do tempo foi apanhado e elevado no ar como por uma mão poderosa. Se o gigante o tinha agarrado com um de seus membros não-humanos ou se o cilindro fora erguido por força magnética, Chandon nunca o saberia. Tudo o de que se lembraria depois era de uma subida leve e aérea, na qual experimentou um alívio súbito e completo da pesada gravidade daquele planeta desconhecido.

Ele pareceu flutuar rapidamente até uma altura difícil de estimar, devido à ausência de uma escala familiar, e então o cilindro pousou no ombro nebuloso do Atemporal, estabelecendo-se ali com a segurança com que teria pousado na borda de algum mundo distante, isolado e altíssimo no espaço.

Achou-se além de todo espanto, surpresa ou confusão. Como num sonho cataclísmico, ele se entregou aos desdobramentos do rápido milagre. Espiando lá do alto, viu logo acima, como o mais elevado topo de alguma montanha escarpada, exibindo sóis tempestuosos em lugar de Olhos, a cabeça do ser que havia despedaçado a nave do tempo e se erguera sobre as ruínas como algum gênio rebelde recém-libertado.

Muito abaixo, discerniu a área negra em forma de diamante, coberta por um enxame daquele povo prateado. Do pavimento se elevaram para o céu, como as nuvens de uma monstruosa explosão, as formas crescentes e móveis dos outros atemporais. Tumultuosas, aterradoras, ciclônicas, postaram-se ao lado do primeiro, para completarem a trindade rebelde. No entanto, por mais vastos e altos que tivessem se tornado, as construções à sua volta eram ainda mais altas; os pináculos com os terraços, a multidão de pirâmides, as torres cruciformes pareciam ainda encará-los, em meio à atmosfera

cintilante e ardente, como guardiões colossais e negros de algum inferno transgalático.

Mil impressões acorreram a Chandon. Sentiu as energias divinas e ilimitadas, despertadas de seu sono eterno, que agora afloravam com tamanha violência no tempo. E sentiu, a lutar contra elas, num esforço de subjugá-las e restringi-las, as radiações irritantes e as forças malignamente concentradas do novo mundo. A própria luz se tornou inimiga e tirânica jorrando violentamente, o negrume dos domos e peristilos sombrios era como a pancada esmagadora de um milhar de maçãs silenciosas, brandidas pelos zangados, cruéis e silenciosos anaquins. As grandes lentes sobre o pavimento, rodopiando, refulgiam para o alto como os Olhos de ciclopes boreais, assestando seus raios paralisadores contra os gigantes. A intervalos, o céu resplandecia entre clarões brancos e ardentes, como o reflexo de um milhão de fornalhas remotas; e chegavam até Chandon, por toda parte através do ar palpitante, clangores ásperos, graves, como sinos batendo ou tambores ribombando tão alto como se mundos explodissem.

As grandes colunas ao redor pareceram escurecer, como se tivessem acumulado em si algum negrume mais positivo e maligno e o estivessem irradiando para entorpecer os sentidos. Mas, para além disso, para além de toda percepção física, Chandon sentiu o magnetismo negro que aflorava em ondas incessantes, as quais intentavam romper as barreiras de sua vontade, procurando usurpar sua mente para subjugar e moldar seus pensamentos em formas de monstruosa escravidão.

Inexprimíveis e envoltos por um atropelo de imagens de uma terrível estranheza, chegavam a ele os apelos de uma malignidade inumana, de um ódio trans-estelar. Até mesmo as pedras dos colossais edifícios pareciam juntar-se aos cérebros daquela gente exótica num esforço para retomar o controle sobre Chandon e os três Atemporais!

Obscuramente, o homem da Terra compreendeu. Ele devia não somente se submeter aos seres prateados, como também obedecer em tudo à sua vontade. Ele e seus companheiros foram trazidos da eternidade com um propósito único: ajudar os seus captores em alguma guerra estupenda contra uma gente rival do mesmo mundo. Tal como a humanidade emprega na guerra explosivos de potência titânica, as criaturas prateadas tinham pretendido empregar as energias não-temporais dos Eternos para desequilibrar o poder dos inimigos! Tinham descoberto a rota que leva, através de dimensões secretas, do tempo à intemporalidade.

Com audácia quase demoníaca, tinham planejado e executado a inaudita abdução, supondo que Chandon fosse uma das entidades eternas, a concentrar um imenso élan e um poder quase divino.

As ondas de maléfica cooptação elevaram-se ainda mais. Chandon sentiu-se inundado, alagado. Com uma clareza assombrosa, surgiu em sua mente a imagem do inimigo contra o qual fora aliciado. Viu os panoramas aberrantes de lugares remotos, não-terrenos, os ajuntamentos imensuráveis de cidades inumanas, a estender-se sob um sol incandescente e mais vasto que Antares. Por um momento, sentiu brotar em si o ódio contra essas terras e cidades, mesclado a um rancor indescritível de psicologia alienígena.

Então, como se tivesse sido elevado muito acima dele pelo gigante sobre cujo ombro viajava, Chandon reconheceu que o mar negro já não o fustigava. Estava livre do mesmerismo viscoso e não mais lhe ocorriam as imagens e emoções que tinham invadido sua mente. Um bem-estar milagroso e uma segurança sublime o envolveram: ele era o centro de uma esfera de força resistente e resiliente, que nada podia sobrepujar ou penetrar.

Como se sentado num trono no alto de uma montanha, viu que a tríade demiúrgica, desdenhando e desafiando os pigmeus lá embaixo, tinha retomado seu crescimento mágico, continuando a subir até ultrapassar o nível dos mais altos torreões. Um momento mais, e ele podia enxergar através das fileiras babélicas de pedra, cheias de gente prateada, e ver as avenidas exteriores de uma metrópole titânica, entrevedo, mais além, os horizontes profundíssimos do planeta sem nome.

Pareceu-lhe conhecer os pensamentos dos Atemporais, quando olharam adiante para esse mundo cujo povo impiedoso sonhara escravizar a sua essência ilimitada. Soube que eles tudo viram e compreenderam num lance. Sentiu que se detinham com momentânea curiosidade e sentiu a ira rápida e implacável, a decisão irrevogável que se seguiu.

Logo, deliberada e experimentalmente, como se testassem seus poderes ainda não exercitados, os três seres começaram a destruir a cidade. Da cabeça daquele que transportava Chandon emanou um círculo de chama carmesim, que se interrompeu por um instante, que rodopiou e cresceu num grande redemoinho enquanto vergava para baixo e atingia um dos edifícios mais altos. Sob aquela coroa flamejante, os domos sobrenaturalmente oblíquos e as pirâmides invertidas estremeceram e pareceram expandir-se como um nevoeiro

negro. Perderam seus contornos sólidos, brilharam, adquiriram o aspecto de areia em movimento, subiram para o céu em círculos rítmicos de irisações sombrias e mortíferas, apagando-se e desaparecendo com o fulgor intolerável.

Dos Atemporais emanavam os agentes visíveis e invisíveis da aniquilação – lentamente, a princípio, e depois com uma aceleração de ciclone, como se sua raiva aumentasse ou como se estivessem cada vez mais absorvidos naquele jogo aterrador e semidivino.

De seus corpos celestiais, como de altos penhascos, jorravam rios vivos e furiosas cataratas de energia, despencavam raios, globos, carretéis elipsóides de fogo branco ou multicolor, caindo sobre a cidade condenada como uma chuva de meteoros devastadores. Os cumes dos edifícios se derretiam numa lava disforme, as colunas e os terraços se dissolviam em vapor, colhidos pela tempestade candente. A cidade escorria em torrentes de lava, desaparecia em espirais de poeira espectral, elevava-se para o ar em chamas negras, em auroras tenebrosas.

Os Atemporais avançavam sobre as ruínas, abrindo passagem com facilidade. Às suas costas, sobre os descampados negros que iam deixando, focos de dissolução apareciam e mesmo o solo e as pedras se dissolviam em vórtices velozes, espiralados, que devoravam a superfície do planeta e escavavam sua crosta. Como se absorvessem em sua própria substância as moléculas e os elétrons de tudo o que destruíam, os Atemporais se tornavam mais altos e mais volumosos.

Com sobrenatural distanciamento e isenção, Chandon a tudo assistia do seu fantástico observatório. Numa zona móvel de paz inviolada, ele assistia à chuva demoníaca que consumia aquela Sodoma ultragalática, via os cinturões de devastação que se espalhavam e irradiavam, alargando-se por todos os quadrantes. De uma altura cada vez maior, espiava para vastos horizontes, que fugiam como se num terror desvairado frente aos gigantes atemporais.

Cada vez mais rápido agiam os globos e raios letais. Multiplicando-se em pleno ar, geravam outros, incontáveis, sendo lançados a toda parte, como os dentes do dragão da fábula, para alcançar todas as longitudes do grande planeta até os pólos. A cidade abatida foi logo deixada para trás, e os gigantes marcharam sobre mares e desertos monstruosos, sobre largas planícies e altos paredões, do topo dos quais outras cidades eram vistas a reluzir como punhados de seixos.

Vagalhões de fogo atômico seguiam adiante, varrendo os Alpes

prodigiosos. Globos alados, implacáveis, evaporavam num átimo mares inteiros, transformando desertos em oceanos de lava encapelada. Surgiam arcos, círculos, quadriláteros de aniquilação, crescendo sempre, os quais afundavam depois nas entranhas da terra.

Um negrume caótico embaciava o fulgor do meio-dia. Como um ciclope sangrento, um Laocoonte vermelho a pelejar contra serpentes de nuvens e sombra, o poderoso sol parecia vacilar em pleno céu, oscilando de um lado para o outro enquanto o mundo embaixo turbilhonava sob aquele tropel de macrocósmicos titãs.

Fumaradas mefíticas velavam as paisagens, erguendo-se por um instante para revelar o naufrágio de continentes ofegantes.

Uma vez libertas, as energias do mundo condenado se somavam àquele caos estupendo. Nuvens que eram negros Himalaias recortados por raios colossais seguiam o rastro dos destruidores. O solo partia-se, deixando vazar os fogos internos em gêisers vulcânicos, em catadupas que subiam até o céu. O nível dos mares baixava, revelando picos e ruínas há muito submersas, enquanto as águas bramiam em seus canais inferiores e eram sugadas por fendas abertas pelo terremoto para alimentar os caldeirões ferventes de uma irrupção infernal.

Como se Tifão se libertasse de seu cárcere subterrâneo, o ar enlouqueceu de trovões, de bramidos que eram como se espirais de chamas saltassem das profundezas rubras de um inferno em derrocada, de gemidos e vagidos como se gênios fossem aprisionados pelo desmoronamento de montanhas em algum abismo imensurável, de uivos como o de demônios frenéticos libertados de seus túmulos primevos.

Por sobre o tumulto, subindo cada vez mais, Chandon pairava, até que viu tudo da calma altitude do éter, até que Olhou para baixo, de um mirante que era como o sol, para um orbe fervente e despedaçado e viu de frente o próprio sol nas alturas do espaço. O gemido cataclísmico, o trovão furioso pareceu esmorecer. Os mares de ruína catastrófica turbilhonavam como um remanso raso aos pés dos Atemporais.

Os maelstroms furiosos e devoradores nada mais eram que um jorro efêmero de pó levantado pela passada casual de um transeunte.

Então, embaixo, não havia mais a ruína nebulosa de um mundo. O ser sobre cujo ombro ele repousava, como um átomo sobre uma amurada planetária, caminhava através do vazio cósmico; e, impulsionado pela

sua partida, o globo ruinoso foi arremessado para o abismo, seguindo o sol agonizante em torno do qual havia girado com todos os seus enigmas mortos de vida e civilização alienígena.

Vagamente, o homem da Terra viu a vastidão inconcebível que os Eternos haviam alcançado. Distinguiu o seus contornos luminescentes, as massas imprecisas de suas formas, com as estrelas por detrás, vistas como a cauda luminosa dos cometas. Estava pousado sobre uma espécie de nebulosa, imensa como a órbita dos sistemas, que se movia com velocidade superior à da luz, atravessando galáxias desconhecidas e dimensões jamais sondadas do espaço e do tempo. Sentiu o torvelinho imensurável do éter, viu o rodopio labiríntico das estrelas, que se formavam e desapareciam e eram substituídas pelos padrões fugidios de outros labirintos estelares. Numa segurança sublime, dentro de sua esfera de conforto e movimento onírico, Chandon foi carregado sem saber por que nem para onde e, como o participante de um sonho prodigioso, sem sequer se colocar questões como essas.

Após infinitos de luz moribunda, de vazios a rodopiar e a desmoronar, após a travessia de muitos céus, de inumeráveis sistemas, veio-lhe a sensação de uma parada súbita. Por um momento, do abismo silencioso, avistou um pequenino sol com seu cortejo de nove planetas, e se perguntou vagamente se não seria algum corpo astronômico familiar.

Depois, com velocidade e leveza inefáveis, sentiu-se caindo em direção a um dos mundos mais próximos.

As massas imprecisas e cada vez maiores de seus mares e continentes vieram ao seu encontro. Era como se ele descesse, meteoricamente, para uma região de montanhas escarpadas, cujos cumes nevados se elevavam em meio às agulhas dos pinheirais.

Ali, como se tivesse sido depositado por uma mão todo-poderosa, o cilindro pousou, e Chandon Olhou para fora com o espanto e o susto de um sonhador que desperta, para ver ao seu redor as paredes de seu próprio laboratório nas Sierras! Os Atemporais, oniscientes, por algum benevolente capricho, tinham-no trazido de volta ao seu próprio lugar no tempo e no espaço e então partiram, talvez para a conquista de outros universos, talvez para encontrar de novo o mundo branco e eterno de sua origem e para se encasular outra vez no pálido nirvana da contemplação imutável.

A CAUSA SECRETA – Machado de Assis



Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excelente, – de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem reboço.

Tinham falado também de outra coisa, além daquelas três, coisa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde. Toda a conversação a este respeito foi constrangida. Agora mesmo, os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos, ao passo que há no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual. Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender é preciso remontar à origem da situação.

Garcia tinha-se formado em medicina, no ano anterior, 1861. No de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-se com Fortunato, pela primeira vez, à porta da Santa Casa; entrava, quando o outro saía. Fez-lhe impressão a figura; mas, ainda assim, tê-la-ia esquecido, se não fosse o segundo encontro, poucos dias depois. Morava na rua de D. Manoel. Uma de suas raras distrações era ir ao teatro de S. Januário, que ficava perto, entre essa rua e a praia; ia uma ou duas vezes por mês, e nunca achava acima de quarenta pessoas. Só os mais intrépidos ousavam estender os passos até aquele recanto da cidade. Uma noite, estando nas cadeiras, apareceu ali Fortunato, e sentou-se ao pé dele.

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os Olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na

peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. No largo da Carioca entrou num tálburi, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este que alguns homens conduziam, escada acima, ensangüentado. O preto que o servia acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico.

– Já aí vem um, acudiu alguém.

Garcia Olhou: era o próprio homem da Santa Casa e do teatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas rejeitou a suposição, desde que lhe ouvira perguntar se este tinha família ou pessoa próxima. Disse-lhe o preto que não, e ele assumiu a direção do serviço, pediu às pessoas estranhas que se retirassem, pagou aos carregadores, e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina pediu-lhe que ficasse para ajudar o médico. Em seguida contou o que se passara.

– Foi uma malta de capoeiras. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande, e logo depois um ajuntamento. Parece que eles feriram também a um sujeito que passava, e que entrou por um daqueles becos; mas eu só vi a este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos capoeiras, roçando por ele, meteu-lhe o punhal. Não caiu logo; disse onde morava e, como era a dois passos, achei melhor trazê-lo.

– Conhecia-o antes? perguntou Garcia.

– Não, nunca o vi. Quem é?

– É um bom homem, empregado no arsenal de guerra. Chama-se Gouvêa.

– Não sei quem é.

Médico e subdelegado vieram daí a pouco; fez-se o curativo, e

tomaram-se as informações. O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbi. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o médico, acompanhou-o até o patamar da escada, e reiterou ao subdelegado a declaração de estar pronto a auxiliar as pesquisas da polícia. Os dois saíram, ele e o estudante ficaram no quarto.

Garcia estava atônito. Olhou para ele, viu-o sentar-se tranqüilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os Olhos no ferido. Os Olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpera a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De quando em quando, voltava-se para o estudante, e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios.

Fortunato saiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluída, desapareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e número.

– Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sair, disse o convalescente.

Correu a Catumbi daí a seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfatiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouvêa, defronte dele, sentado e calado, alisava o chapéu com os dedos, levantando os Olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair, e saiu.

– Cuidado com os capoeiras! disse-lhe o dono da casa, rindo-se.

O pobre-diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdém, forçando por esquecê-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do benefício; mas o esforço era

vão. O ressentimento, hóspede novo e exclusivo, entrou e pôs fora o benefício, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar à cabeça e refugiar-se ali como uma simples idéia. Foi assim que o próprio benfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo. Picado de curiosidade, lembrou-se de ir ter com o homem de Catumbi, mas advertiu que nem recebera dele o oferecimento formal da casa. Quando menos, era-lhe preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado e morando na rua de Matacavalos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gôndola, encontrou-o ainda outras vezes, e a freqüência trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visitá-lo ali perto, em Catumbi.

– Sabe que estou casado?

– Não sabia.

– Casei-me há quatro meses, podia dizer quatro dias. Vá jantar conosco domingo.

– Domingo?

– Não esteja forjando desculpas; não admito desculpas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa palestra, em companhia da senhora, que era interessante. A figura dele não mudara; os Olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes. Os obséquios, porém, se não resgatavam a natureza, davam alguma compensação, e não era pouco. Maria Luísa é que possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, Olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove. Garcia, à segunda vez que lá foi, percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor.

Um dia, estando os três juntos, perguntou Garcia a Maria Luísa se tivera notícia das circunstâncias em que ele conhecera o marido.

– Não, respondeu a moça.

– Vai ouvir uma ação bonita.

– Não vale a pena, interrompeu Fortunato.

– A senhora vai ver se vale a pena, insistiu o médico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os ombros, mas não ouvia com indiferença. No fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silêncios, em suma, um estúrdio. E ria muito ao contá-la. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e oblíqua; o riso dele era jovial e franco.

" Singular homem!" pensou Garcia.

Maria Luísa ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o médico restituiu-lhe a satisfação anterior, voltando a referir a dedicação deste e as suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom enfermeiro, concluiu ele, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo.

– Valeu? perguntou Fortunato.

– Valeu o quê?

– Vamos fundar uma casa de saúde?

– Não valeu nada; estou brincando.

– Podia-se fazer alguma coisa; e para o senhor, que começa a clínica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a idéia tinha-se metido na cabeça ao outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa estréia para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos. Aceitou finalmente, daí a dias, e foi uma desilusão para Maria Luísa. Criatura nervosa e frágil, padecia só com a idéia de que o

marido tivesse de viver em contato com enfermidades humanas, mas não ousou opor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos.

– Tenho muita fé nos cáusticos, dizia ele.

A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada.

No começo de outubro deu-se um incidente que desvendou ainda mais aos Olhos do médico a situação da moça. Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o médico e pediu-lhe que, como coisa sua, alcançasse do marido a cessação de tais experiências.

– Mas a senhora mesma...

Maria Luísa acudiu, sorrindo:

– Ele naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como médico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que

faz...

Garcia alcançou prontamente que o outro acabasse com tais estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguém o soube, mas pode ser que sim. Maria Luísa agradeceu ao médico, tanto por ela como pelos animais, que não podia ver padecer. Tossia de quando em quando; Garcia perguntou-lhe se tinha alguma coisa, ela respondeu que nada.

– Deixe ver o pulso.

– Não tenho nada.

Não deu o pulso, e retirou-se. Garcia ficou apreensivo. Cuidava, ao contrário, que ela podia ter alguma coisa, que era preciso observá-la e avisar o marido em tempo.

Dois dias depois, – exatamente o dia em que os vemos agora, – Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e ele caminhou para ali; ia chegando à porta, no momento em que Maria Luísa saía aflita.

– Que é? perguntou-lhe.

– O rato! O rato! exclamou a moça sufocada e afastando-se.

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levara um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

– Mate-o logo! disse-lhe.

– Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado,

chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os Olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os Olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a cólera evidentemente era fingida.

"Castiga sem raiva", pensou o médico, "pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem".

Fortunato encareceu a importância do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosíssimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, nem lhe dar crédito. Relembrava os atos dele, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um diletantismo sui generis, uma redução de Calígula.

Quando Maria Luísa voltou ao gabinete, daí a pouco, o marido foi ter com ela, rindo, pegou-lhe nas mãos e falou-lhe mansamente:

– Fracalhona!

E voltando-se para o médico:

– Há de crer que quase desmaiou?

Maria Luísa defendeu-se a medo, disse que era nervosa e mulher; depois foi sentar-se à janela com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda trêmulos, tal qual a vimos no começo desta história. Hão de lembrar-se que, depois de terem falado de outras coisas, ficaram calados os três, o marido sentado e olhando para o teto, o médico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luísa cismava e tossia; o médico indagava de si mesmo se ela não estaria exposta a algum excesso na companhia de tal homem. Era apenas possível; mas o amor trocou-lhe a possibilidade em certeza; tremeu por ela e cuidou de os vigiar.

Ela tossia, tossia, e não se passou muito tempo que a moléstia não tirasse a máscara. Era a tísica, velha dama insaciável, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a notícia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la. Não poupou esforços, médicos, remédios, ares, todos os recursos e todos os paliativos. Mas foi tudo vão. A doença era mortal.

Nos últimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a índole do marido subjugou qualquer outra afeição. Não a deixou mais; fitou o Olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte. Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lhos pagou com uma só lágrima, pública ou íntima. Só quando ela expirou, é que ele ficou aturdido. Voltando a si, viu que estava outra vez só.

De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luísa, que a ajudara a morrer, ficaram na sala Fortunato e Garcia, velando o cadáver, ambos pensativos; mas o próprio marido estava fatigado, o médico disse-lhe que repousasse um pouco.

– Vá descansar, passe pelo sono uma hora ou duas: eu irei depois.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contígua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quis dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou à sala. Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando à porta, estacou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte

espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento.

Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os Olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

ROCKALL – Andrew David Thaler



“Essas porras de tentáculos me dão calafrios”. Estou a 65m, esperando a comunicação da superfície.

“Entendido, Nails”. Sage é a responsável pelo operacional. “Eles estão fazendo algo de interessante?”

“Negativo, só observando”. Tentáculos, ou Lula Magnapinna, se você é entendido. Flutuando no meio da água, gigantescas, com tentáculos de 20 metros. Grandes, bem grandes. Elas tem um tipo de juntas nos tentáculos que mergulham 90 graus direto no abismo. E tudo que fazem é observar.

Elas me seguem, próximas o suficiente para me agarrarem.

Vou seguindo o cabo, esperando que Sage troque meus tubos de oxigênio.

“Ok Nails, já está quase na hora de esvaziar seus tanques. Estou descendo uma mistura de gases 14% pelo fio”. Ao menos ela está toda séria hoje. “Como anda a sua alimentação?” Porra.

“Minha alimentação?”

“É, aquela gororoba de cavalo que você bota pra dentro da boca. Quando você vai se juntar ao resto da gente aqui no Século XXII?”

“Hein? Aquele mijo de siri que você chama de comida? Nunca.”

“Estas rações velhas não vão te durar pra sempre. Além do que, te fazem um mal danado. Pode esvaziar.”

“Entendido”. Dou uma última respirada e aperto o obturador. O ar sai com uma velocidade estupenda de meu traje. Os tentáculos continuam lá, imóveis.

Sinto o traje pressionar contra meu corpo. Não há nada para mantê-lo inflado. Entro em pânico. Cacete, Sage, que merda você esqueceu dessa vez? Consigo ouvir o sibilo do ar saindo pela mangueira. Uma

sensação de formigamento nos meus seios nasais. Os gases.

“Certo, Nails, pode descer. A pedra está à direita, 19 metros para baixo”.

Submerjo. Os tentáculos me seguem. A 10 metros de distância da pedra, o cabo vira uma corrente. Uma corrente bem pesada. Elos enormes. Coisa profissa mesmo.

Cinco metros. Posso ver a Pedra. Não tem nada demais, só uma pequena estante e uma torre feiosa. Encosto em Hall's Ledge e examino a âncora. Muito bem feita, assim como a corrente. Quarenta toneladas de aço e concreto prendem esse troço à Pedra. A chamavam de [Rockall](#) antes de ser coberta pela água. A âncora parece firme. Nada mudou desde a última vez. Mais tentáculos.

Que visão. Imagine a maior estação petroleira do mundo, leve-a até o rochedo mais isolado do planeta. Faça da coisa uma nova nação, uma porra de coletivo eco-anarquista. Bobajada de apropriação marítima classe-A. Aí vieram as tempestades. O pilar do porto caiu com tudo na torre. A petroleira inclinou uns 32 graus antes de a estabilizarem. Meteram uns parafusos na bichinha, atiraram o lastro de emergência, rezaram pra qualquer diacho de deus comuna pra que a parada simplesmente não fosse embora flutuando sabe deus pra onde.

Isso foi há 100 anos atrás. Vivemos nesta rebimboca cheia de graxa que mal flutua há um século. E o que isso nos trouxe de bom? Foda-se tudo.

Fodassetudo. O nome perfeito. Fodassetudo é o pior lugar do mundo, com exceção de qualquer outro lugar.

“Ei Nails, você virá à superfície em algum dia dessa semana?” Devo ter me distraído. Não posso fazer isso. Apertei o bipe. Agora cadê aquele cabo? Hora de ir.

“Fico feliz que você tenha voltado. Seu passeiozinho lhe custou uma folga, e uma parada para descontaminação dupla.”

Subo. Por volta dos 10 metros me prendo ao cabo e deixo o lastro para trás. Deixo que o cabo me leve. Me inclino e observo os tentáculos. Parecem felizes.

“Ok Nails, você chegou aos 65 metros. Pode dispensar a mistura de gases”, aperto um botão. E então o bipe.

“Disse para despejar os gases!” Olho para baixo enquanto acelero rumo à superfície. Puta merda! Tenho certeza. Seguro o obturador. Ainda bem que estou subindo pelo cabo ou já estaria na superfície agora. Beleza, tenho que esvaziar o gás. Entrada, saída, válvula de descarga, cabeçote, bateria auxiliar, mangueiras secundárias, tudo bem. Pressiono para esvaziar o gás. Ouço o chiado gostoso dos gases abandonando meu traje. Relaxo.

Estou me afogando.

Pego minha máscara. Não tem fluxo de ar. Puta que pariu. Eu nunca aperto o bipe. Daí bato nessa porcaria e digo para Sage botar o oxigênio pra rolar. Sinto uma brisa familiar.

Estou na praia, curtindo o sol.

“Que caralhos você está fazendo aí?”

Sage não é permitida na minha praia. Mesmo assim lá está ela, caminhando pela areia, com uma bebida na mão e uma prancheta na outra. Acho que nunca a vi de biquíni. Pensando bem, acho que nunca fui numa praia, na real. E então volto à realidade. Olho para meu cronômetro. Apaguei por 20 minutos.

“Acho que pirei um pouquinho. Cê misturou meus gases, né?”

“Seus gases estavam perfeitos. Você está ficando velho, além de comer merda. Tem sorte que eu não fui dar uma cagada enquanto você soltava seus pesos como se fosse seu primeiro mergulho.”

“Já estou seguro?”

“Sim, tudo bem. Vai com calma, beleza? Não quero ver você no poço de trabalho antes do amanhecer.”

“Preferia que você não me visse de jeito nenhum. Quando acaba seu turno?”

“Vai se foder, Nails.”

Chego à superfície. Sage não está lá.

“Foi um mergulho e tanto, Sr. McNaill”. Merda. A única pessoa aqui pior que Sage. O Supervisor de Saúde e Segurança.

“Fiquei meio perdido por uns instantes, mas me contive.”

“Se você considera um mergulho inteiro chapado de nitrogênio ‘contido’.”

“Ei Osh, não te causei nenhum problema até chegar na Pedra. Acho que meus gases estavam desregulados.”

“Nós os verificamos durante a sua subida, estava tudo certo.”

“Tudo bem. Então fiquei loucão ao subir, acontece.”

“O problema não é a subida, McNaill. Nos preocupamos mesmo com as alucinações.”

“Que alucinações?”

“McNaill, você sabe como que se parecem estas Lulas Magnapinnas no SONAR?”

Ele me mostra uma reprodução do SONAR. Lá estou eu, flutuando de ponta-cabeça. Deve ter sido na hora que soltei o lastro. Rockall logo embaixo. Até mesmo um fraco traçado do cabo é visível. É isso.

“Não entendo. Deviam ter umas 30 delas, me seguindo o tempo todo.”

“Sim, desde que você entrou na água. Eu dei uma olhada no registro de comunicações. Verificamos todo o histórico de mergulhos. Sabe o que descobrimos?”

“Foda-se tudo?”

“Exatamente, McNaill. Foda-se tudo. Considere-se em licença de recuperação pelo restante do período.”

Sage me esperava em minha cabine.

“Ficou um pouco depois do seu turno pra tripudiar?”

“Você não cansa de ser cuzão, Nails?”

“Você poderia ter dito algo. Acha que é engraçado me deixar resmungando sobre peixes invísveis?”

“Primeiro, não são peixes, são invertebrados. E segundo, não. Não preciso de você abortando o mergulho porque tem amigos imaginários. O registro de mergulhos diz que o mergulhador sênior checa o ancoradouro toda quinta, então o mergulhador sênior checa o

ancoradouro toda quinta. Este é você, Nails. Nada mais importa se o Fodassetudo se soltar.”

Ela está certa à respeito disso. A primeira equipe de peões, aqueles que colocaram a âncora lá, eram veteranos casca-grossa dos dias gloriosos de perfuração offshore. Eles sabiam bem o que estavam fazendo. Nós nunca nem saímos dessa petroleira. O que sabemos é do ancoradouro, da âncora, e a Pedra. Mas eles deixaram umas putas de umas instruções. Boas o bastante para mantermos essa tralha flutuando por mais tempo do que qualquer um esperava.

“Bem, você está com sorte. Eu não sou o mergulhador sênior. Não mais pelo resto deste período. Osh me afastou. Acho que vou tirar umas férias. Talvez me atracar com um livro no solário, tomar algo forte, e ver as gavotas voarem para o leste.”

“Nails, você é um imbecil. O período acaba em seis dias. Você voltará pra água a tempo de outra examinação da âncora.”

“Bom, então se precisar de mim estarei no deck recreativo enchendo a cara pelas próximas 132 horas.”

“Faça-nos um favor Nails, se você cair no mar de novo, leve seu sinalizador.”

Conduzo Sage para fora da cabine e bato a porta. Fodassetudo balança. Devagar e lentamente. Uma onda que nunca acaba.

“O de sempre, Cookie”. O refeitório está vazio. Todo mundo ainda está trabalhando, tirando tinta e ferrugem, mantendo Fodassetudo de pé para mais um turno.

“Quer ir mais devagar dessa vez, Mac? Detestaria ver toda a cota de um mergulhador voltar direto pro mar.”

“Sua preocupação foi observada e apreciada. Mas tenho 144 horas de folga e pretendo usá-las”. Cookie é o único cara aqui cuja preocupação é legítima. Todo mundo só liga se irei fazer o próximo mergulho ou não.

“Você sabe que não posso distribuir mais que uma unidade por dia. Ordens da capitã. E eu não ouvi ela dizer *‘exceto o Nails’*. Eu lembraria disso.”

“Então é assim?”

“É. Suponho que eu poderia liberar uma unidade diária sete vezes, mas teria que ser muito distraído pra cometer um erro desses.”

“Quão distraído?”

“Distraído tipo três refeições completas.”

“Você quer um dia inteiro das minhas rações?”

“Quero um dia de rações para cada dia de bebida que você quer que eu esqueça que te dei.”

“Porra Cookie, que que eu vou comer semana que vem?”

“Tenho um potinho fresco de bosta verde te esperando. Pode até te fazer bem.”

Eis o lance do uísque de petróleo não refinado: é pior que a pior coisa que você já bebeu, incluindo a dose anterior de uísque de petróleo não refinado. A plataforma tem alguns tanques enormes para guardar o tal ouro negro. Mas nós não estamos atrás de petróleo, apenas estamos flutuando. Então algum gênio descobriu como transformar um dos tanques em um alambique, o que seria a maravilhoso se o tanque não estivesse bombeando petróleo bruto desde que foi instalado, então o que sobra pra gente é um lodo preto altamente alcoólico com um buquê firme de carvoeiro. Geralmente, uma bebida ruim melhora assim que você vai ficando mais bêbado, mas não esse uísque aqui.

Bebo tudo e passo minha folga loucaço.

Essa merda vai me matar, assim como o que rolou com último mergulhador. O velho nem morreu mergulhando. Não, ele despirocou e foi direto numa broca, de frente. Osh disse que nem foi suicídio aquilo. Tenho o relato comigo em algum lugar. Aqui:

“O mergulhador fez diversas reclamações sobre sua mistura de gases. Tentativa de aliviar a pressão por meio de trepanação, fracassada.”

Pego meu traje e caio fora.

Sage e Osh passam o capacete sobre minha cabeça, colocando os batoques enferrujados no lugar. O gás começa a ser bombeado. Gás quentinho, reconfortante. Quentinho direto do compressor. Meu mix de superfície. Perfeito para se acalmar ficar sóbrio. O traje me dá uma coceira do caralho. Será que lavei depois do último mergulho?

Respiro fundo. Não. O poço se abre. Estou com máximo de lastro. Flutuo, água na altura do peito. Osh desprende o cabo, estou pronto para descer.

Com a água entre mim e a superfície, começa a comunicação.

“Precisamos que você aguentar aí, Nails, só alguns minutos enquanto colocamos o compressor da mistura de gases pra funcionar.”

“Vocês me colocaram na água antes de botarem o gás pra rolar?”

“Bom, sim, queríamos você fora da sala do operacional o quanto antes. O Supervisor quer monitorar sua perspicácia mental antes de descer mais.”

“Que se foda esse cara. *Perspicaz* o bastante pra você?”

“Tem companhia aí embaixo?” A voz de Sage preenche minha cabeça.

Giro lentamente, a luz do meu capacete brilhando pela água nebulosa. Noto o brilho de um Olho negro enorme. Cacete.

“Alguma coisa no SONAR?”

“Diga-nos primeiro o que você está vendo, Nails”, diz Osh. Posso muito bem falar a verdade. Que porra eles vão fazer? O registro de mergulhos manda mergulhar, e é isso que fazemos.

“Tem um tentáculo gigante às 8h, a uns 30 metros de distância.”

“Entendido.”

“É isso? Por que você não me fala se aquela merda tá ali ou não?”

Silêncio. Respiro.

Sage volta ao rádio.

“Você tem permissão para seguir. Avisarei quando chegar à profundidade para usar a mistura de gases”.

Outro tentáculo se aproxima. Pro caralho. Demora uma hora até eu descer.

“Certo, já estou na profundidade certa. Manda o gás.”

“Aguarde.”

Meus pulmões doem quando o último suspiro de ar deixa o traje. A profundidade infinita pressiona de todos os lados. Aperto o bipe e sou agraciado com a mistura de gases penetrando em meu traje. Tem um gosto salgado, azedinho, doce. O gás denso preenche meus pulmões. É reconfortante.

Então desço.

ANGÚSTIA – Stéphane Mallamé



*Não vim domar teu corpo esta noite, ó cadela
Que encerras os pecados de um povo, ou cavar
Em teus cabelos torpes a triste procela
No incurável fastio em meu beijo a vazaz:*

*Busco em teu leito o sono atroz sem devaneios
Pairando sob ignotas telas do remorso,
E que possas gozar após negros enleios,
Tu que acima do nada sabes mais que os mortos:*

*Pois o Vício, a roer minha nata nobreza,
Tal como a ti marcou-me de esterilidade,
Mas enquanto teu seio de pedra é cidade.*

*De um coração que crime algum fere com presas,
Pálido, fujo, nulo, envolto em meu sudário,
Com medo de morrer pois durmo solitário.*

MADemoiselle FIFI – Guy de Maupassant

O major comandante prussiano, conde de Farlsberg, acabava de ler sua correspondência, com as costas afundadas numa ampla poltrona estofada e as botas pousados no elegante mármore da lareira, onde as esporas, no decurso dos três meses em que ocupava o castelo de Uville, haviam traçado dois fundos orifícios, dia a dia um pouco mais escavados.

Uma xícara de café fumegava sobre uma mesa redonda de marchetaria, manchada pelos licores, queimada pelos charutos, talhada pelo canivete do oficial, que às vezes traçava sobre o gracioso móvel algarismos ou desenhos, ao capricho da sua indolente fantasia.

Tendo terminado a leitura das cartas e percorrido os jornais alemães que seu ordenança lhe trouxera, levantou-se, e depois de ativar o fogo com três ou quatro enormes achas de lenha verde, das árvores que derrubavam do parque para se aquecer, aproximou-se da janela.

A chuva caía a cântaros, uma chuva normanda que se diria atirada por mão furiosa, uma chuva enviesada, espessa como uma cortina, formando uma espécie de muro de listras oblíquas, uma chuva fustigante, tudo salpicando, tudo inundando, verdadeira chuva dos arredores de Rouen, esse vaso noturno da França.

O oficial contemplou longamente os relvados cheios d'água, e ao longe o Andelle engrossado, que transbordava. Tamborilava contra a vidraça uma valsa do Reno, quando um rumor fê-lo voltar-se. Era seu imediato, o barão de Kelweigstein, que ocupava o posto equivalente ao de capitão.

O major era um gigante de espáduas largas, com longa barba em forma de leque, abrindo-se sobre o peito como um guardanapo. Da cabeça aos pés, a sua pessoa avantajada dava a idéia de um pavão militar, um pavão cuja cauda se desdobrasse no queixo. Tinha Olhos azuis, frios e tranqüilos, uma das faces lanhada por um golpe de sabre, recebido na guerra da Áustria, e diziam-no homem tão reto quanto oficial destemido.

O capitão, homenzinho corado, de ventre proeminente, estreitamente cintado, usava muito curta a barba vermelha, cujos fios cor de fogo faziam supor, quando batidos por certos reflexos, que seu rosto fora esfregado com fósforo. Dois dentes perdidos numa noite de pândega, sem que ao menos se lembrasse como, faziam-no cuspir palavras espessas, nem sempre inteligíveis. Era calvo apenas no alto do crânio, tonsurado como um frade, com uma coroa de cabelinhos frisados, dourados e brilhantes orlando aquele círculo de carne nua.

O comandante apertou-lhe a mão, e em seguida engoliu de um só trago a sua xícara de café, a sexta nessa manhã, enquanto escutava do seu subordinado a relação dos incidentes ocorridos em serviço. Depois ambos se aproximaram da janela, comentando que aquilo não era nem um pouco divertido. Homem sossegado, casado em sua pátria, o major adaptava-se facilmente à situação. O barão, porém, boêmio incorrigível, freqüentador de lupanares, impetuoso conquistador, irritava-se com estar encerrado havia três meses naquela posição perdida, numa castidade obrigatória.

Ouvindo alguém bater à porta, o comandante mandou entrar e um de seus soldados autômatos apareceu, anunciando pela sua simples presença que o almoço estava servido.

Na sala de refeição encontraram três oficiais de posto inferior: um tenente, Otto de Gossling; dois subtenentes, Fritz Schcenaubourg e o marquês Wilhem d'Eyrik, lourinho orgulhoso e brutal com seus subordinados, duro para com os vencidos e violento como uma arma de fogo.

Desde que entrara na França, os companheiros do marquês d'Eyrik só o tratavam por Mademoiselle Fifi. Devia a alcunha ao seu andar requebrado, à sua cintura fina que se diria comprimida por espartilho, ao seu rosto pálido onde mal repontava um bigode incipiente, e também ao hábito que adquirira de, para expressar seu soberano desprezo pelos seres e pelas coisas, servir-se a todo momento da locução francesa *fi, fi donc*, que pronunciava com ligeiro sibilo.

A sala de jantar do castelo de Uville era uma peça ampla e imponente. Os espelhos de cristal antigo, agora estrelados de balas, e as requintadas tapeçarias de Flandres, dilaceradas por golpes de sabre e despregadas em alguns lugares, denunciavam as ocupações de Mlle. Fifi nas suas horas de lazer. Nas paredes, três retratos de família – um guerreiro de armadura, um cardeal e um presidente fumando longo

cachimbo de porcelana – enquanto uma nobre dama de busto espartilhado, na sua moldura desdourada pelos anos, exibia um enorme bigode desenhado a carvão.

O almoço dos oficiais decorreu quase em silêncio naquele salão mutilado, ensombrecido pela embriaguez, confrangedor pelo seu aspecto de derrota, tornado sórdido como um chão de taberna o seu antigo soalho de carvalho.

Terminada a refeição, à hora de fumar, puseram-se a falar, como faziam todos os dias, do tédio que experimentavam. As garrafas de conhaque e de licores passavam de mão em mão, e todos, recostados nas cadeiras, bebiam vagarosamente, em goles repetidos, conservando o cachimbo no canto da boca, longo tubo curvo rematado pelo ovo de faiança, sarapintado como para seduzir hotentotes. Mal os copos se esvaziavam, tornavam a enchê-los, com um gesto de resignada lassidão. Mlle. Fifi quebrava o seu, a toda hora, e imediatamente um soldado lhe apresentava outro.

Envolviam-se numa cerração feita de fumaça acre, e pareciam engolfar-se numa embriaguez triste e entorpecedora, naquela ebriedade melancólica das pessoas que nada têm com que se ocupar.

Subitamente, o barão se aprumou. Sacudia-o um assomo de revolta. Praguejou:

– Com todos os diabos! Isto assim não pode continuar! Afinal, é preciso inventar qualquer coisa para fazer!

O tenente Otto e o subtenente Fritz, dois alemães dotados de características fisionomias pesadas e graves, indagaram:

– O que podia ser, capitão?

Ele refletiu alguns segundos, e depois observou:

– O quê? Ora, é preciso organizar uma festa, caso o comandante o permita.

O major largou o cachimbo:

– Que festa, capitão?

O barão aproximou-se:

– Encarrego-me de tudo, comandante. Mandarei o ajudante de ordens

a Rouen, e ele nos trará algumas damas. Sei onde encontrá-las. Uma ceia será preparada aqui. Aliás, nada falta, e passaremos uma noite divertida.

O conde de Farlsberg meneou os ombros com um sorriso:

– O senhor está louco, meu amigo.

Mas todos os oficiais se tinham levantado e rodeavam o superior, suplicando:

– Comandante, consinta, por favor. É tão triste a nossa vida aqui.

– Está bem – concordou finalmente o major.

Sem perder tempo, o barão mandou chamar o ajudante de ordens. Era um velho subtenente, a quem jamais ninguém vira rir-se, mas que cumpria fanaticamente todas as ordens de seus superiores, fossem quais fossem.

Perfilado, rosto impassível, recebeu as instruções do barão. Retirou-se em seguida, e cinco minutos mais tarde um grande carro militar, coberto com um toldo encerado estendido à maneira de cúpula, deslocava-se apressadamente sob a chuva torrencial, ao galope de quatro cavalos.

Imediatamente um frêmito perpassou pelos espíritos, despertando-os. Os corpos languidamente recostados se aproximaram, animaram-se os rostos e todos se puseram a conversar.

Embora o aguaceiro continuasse a cair com a mesma intensidade, o major afirmou que já estava menos escuro, e o tenente Otto anunciou, convicto, que o céu ia clarear. O próprio Mlle. Fifi parecia inquieto. Levantava-se, tornava a sentar-se. Seu olhar claro e duro procurava algo para quebrar. De repente, fitando a dama de bigodes, o lourinho puxou o revólver:

– Você não assistirá a nada disso – declarou ele.

Sem se levantar da cadeira, fez pontaria, e duas balas sucessivamente furaram os dois Olhos do retrato. Exclamou depois:

– Agora vamos fazer a mina!

E as palestras interromperam-se, como se um novo e poderoso interesse a todos empolgasse. “Fazer mina” era a invenção de Mlle.

Fifi, sua maneira de destruir, seu divertimento predileto.

Ao abandonar o castelo, o seu legítimo proprietário, conde Fernand d'Amoys d'Uville, não tivera tempo para transportar nem esconder coisa alguma, salvo a prataria oculta no oco de uma parede. Como era muito rico e munificente, o salão do castelo, cuja porta se abria para a sala de jantar, apresentava antes da fuga precipitada o aspecto de uma galeria de museu. Telas, desenhos e aquarelas de preço pendiam das paredes. Dispostos sobre os móveis e aparadores, e nas vitrines elegantes, mil bibelôs, porcelanas, estatuetas, figurinhas de Saxe e bonecos da China, marfins antigos e cristais de Veneza, enchendo o vasto aposento com a sua presença preciosa e rara.

Pouco restava de tudo aquilo. Não que os objetos houvessem sido pilhados, pois tal coisa o major conde de Farlsberg não teria permitido. Porém, de quando em quando, Mlle. Fifi preparava uma mina, e então os oficiais realmente se divertiam durante quinze minutos.

O marquesinho foi ao salão buscar o material de que precisava. Trouxe um bule de chá de porcelana chinesa, família rósea, sobremaneira frágil, que encheu de pólvora. Introduziu no bico, com delicadeza, um longo pedaço de estopim, e apressou-se em levar essa máquina infernal ao compartimento vizinho. Acendeu-o e regressou rápido, depois de fechar a porta. Os alemães esperaram de pé, o rosto sorridente espelhando uma curiosidade infantil. Assim que a explosão estremeceu o castelo, precipitaram-se todos para o salão.

Mlle. Fifi, o primeiro a entrar, batia freneticamente as mãos diante de uma Vênus de terracota, cuja cabeça afinal saltara. Cada um deles apanhou cacos de porcelana, admirando os estranhos recortes dos estilhaços, verificando os estragos novos e atribuindo outros a uma explosão anterior. E o major considerava com ar paternal o vasto salão, violentamente abalado por aquela metralha à maneira de Nero e coalhado de fragmentos de objetos de arte. Foi o primeiro a sair, depois de observar com bonomia:

– Desta vez foi um sucesso.

Mas tamanho turbilhão de fumaça invadira a sala de jantar, misturando-se ao fumo dos cachimbos, que ninguém mais conseguia respirar. O comandante abriu a janela, e os oficiais, que haviam retornado para beber um último copo de conhaque, foram-se aproximando.

O ar úmido penetrou no aposento, trazendo consigo uma espécie de poeira d'água e um cheiro de inundação. Puseram-se a contemplar as enormes árvores, vergadas pelo aguaceiro, o amplo vale obscurecido pela aglomeração de nuvens baixas e sombrias, e bem ao longe o campanário da igreja, alteando-se como uma flecha cinzenta no meio da chuva torrencial.

Desde que eles tinham chegado, os sinos da igreja haviam deixado de tocar. Era a única resistência com que os invasores tinham deparado nos arredores: a do campanário. O vigário absolutamente não se recusara a abrigar e alimentar soldados prussianos. Concordara até em beber uma garrafa de cerveja ou de bordeaux com o comandante inimigo, que muitas vezes o utilizava como intermediário voluntário. Porém, não lhe pedissem uma só badalada de seu sino! Mais depressa se deixaria fuzilar. Era a sua maneira de protestar contra a invasão: protesto pacífico, protesto de silêncio, o único, segundo dizia, adequado a um sacerdote, homem de doçura e não de sangue. E todos, numa circunferência de dez léguas, gabavam a firmeza, o heroísmo do Pe. Chantavoine, que ousava afirmar o luto público e proclamá-lo através do obstinado mutismo da sua igreja.

A aldeia inteira, entusiasmada com essa resistência, mostrava-se disposta a apoiar até o fim o seu pastor, disposta a tudo afrontar, pois considerava esse protesto tácito como um desagravo à honra nacional. Os camponeses tinham a impressão de que a pátria lhes devia mais do que a Belfort e a Strasbourg; parecia-lhes ter dado um exemplo equivalente, e que haviam imortalizado o nome da aldeia. Com exceção disso, nada recusavam aos prussianos vencedores.

Tanto o comandante como os oficiais se riam dessa inofensiva coragem. Como a região inteira se mostrava obediente e submissa para com eles, de boa vontade toleravam aquele silencioso patriotismo.

Apenas o pequeno marquês Wilhem teria gostado de forçar o sino a tocar. Irritava-o a condescendência política do seu superior em relação ao pároco, e todos os dias insistia com o comandante para que o deixasse fazer “ding-don-don” uma vez, uma única vez, somente para divertir-se um pouco. Fazia tal pedido com requebros felinos, meiguices femininas e as doçuras na voz que teria uma amante obcecada por um desejo. Mas o comandante não cedia, e para consolar-se Mlle. Fifi “fazia mina” no castelo de Uville.

Durante alguns momentos, os cinco homens permaneceram agrupados no mesmo lugar, aspirando a umidade. Enfim, soltando

uma risada pastosa, o tenente Fritz assim se expressou:

– Aquelas senhorritas tecidamente não terrão uma tempo ponito para sua passeio.

Logo em seguida eles se separaram. Cada um retomou seu serviço, e o capitão ocupou-se com os múltiplos preparativos do jantar.

Ao cair da noite, quando novamente se encontraram, puseram-se a rir, vendo-se todos faceiros e reluzentes como nos dias de revista solene, os cabelos lustrosos, perfumados e limpos. Os cabelos do comandante se haviam tornado menos grisalhos do que pela manhã, e o capitão fizera a barba, só conservando o bigode ruivo, que lhe parecia uma chama sob o nariz.

Não obstante a chuva, deixaram a janela aberta, e de vez em quando um deles ia escutar. Às seis horas e dez minutos, o barão percebeu um rodar longínquo. Todos se alvoroçaram, e o enorme carro não tardou em aproximar-se, sem deter o galope dos quatro cavalos esbaforidos, enlameados até às costas.

Cinco mulheres desceram no patamar, cinco bonitas raparigas escolhidas a dedo por um companheiro do capitão. Não se tinham feito rogar, certas de que seriam bem pagas. Conheciam os prussianos, que há três meses agüentavam, e sabiam tirar partido tanto dos homens como das coisas. “São exigências da profissão” – explicavam, a caminho, sem dúvida para acalmar o secreto prurido de uns restos de consciência.

Imediatamente entraram na sala de jantar. Iluminada, esta ainda parecia mais lúgubre, deixando perceber o lamentável estado a que fora reduzida. A mesa farta de carnes, com a rica baixela e a prataria encontrada na parede onde a escondera seu proprietário, conferia-lhe o aspecto de uma taverna, na qual bandidos fossem cear depois de uma pilhagem. Radiante, o capitão apossou-se das raparigas como de objetos familiares, aquilatando-as como dispensadoras de prazer. Como os três mais moços se apressavam em fazer sua escolha, opôs-se categoricamente, atribuindo-se a partilha, que seria feita dentro da maior equidade, tendo-se em conta as patentes, a fim de que a hierarquia fosse respeitada.

Assim sendo, no propósito de evitar qualquer discussão, qualquer contestação, qualquer suspeita de parcialidade, alinhou-as pela estatura, e dirigindo-se à mais alta, indagou com voz de comando:

– Seu nome?

– Pamela.

– Número um, a chamada Pamela, adjudicada ao comandante.

Em seguida, depois de beijar em sinal de posse a Blondine, a segunda, ofereceu ao comandante Otto a rechonchuda Amanda, Eva ao subtenente Fritz, e Raquel, a mais baixa de todas, ao mais moço dos oficiais, o marquesinho Wilhem d'Eyrik. Raquel era morena muito jovem, de Olhos negros como borrões de tinta, uma judia, cujo nariz adunco confirmava a regra que caracteriza sua raça,

Todas eram gordas e bonitas, sem fisionomias muito marcadas, como se as práticas quotidianas e a vida comum nos prostíbulos as tivessem tornado parecidas de rosto e de porte.

Os três jovens tencionavam subir com as suas damas, sob o pretexto de oferecer-lhes escovas e sabão para se lavarem. Prudentemente o capitão se opôs, declarando que estavam bastante limpas para sentarem-se à mesa, e argumentando que aqueles que subissem poderiam propor permutas, com isso perturbando os outros pares. Sua experiência deu-lhe ganho de causa.

Sentaram-se. O próprio comandante parecia encantado. Colocou Pamela à sua direita, Blondine à sua esquerda, e observou, ao desdobrar o guardanapo:

– O senhor teve uma ótima idéia, capitão.

Os tenentes Otto e Fritz, afetando polidez como se tratassem com senhoras da sociedade, intimidavam um pouco as suas vizinhas. Mas o barão de Kelweigstein, entregue ao seu prazer predileto, soltava palavras picantes, galanteava em francês do Reno, e seus cumprimentos de taverna, expectorados pela abertura dos dois dentes partidos, chegavam às raparigas de envolto a uma metralha de saliva.

De resto, elas não compreendiam coisa alguma, e sua inteligência só pareceu despertar quando ele começou a cuspir-lhes palavras obscenas, expressões cruas, que o seu sotaque estropiava. Então, todas ao mesmo tempo puseram-se a rir como loucas, repetindo as palavras que o barão se comprazia em deformar, a fim de obrigá-las a proferir obscenidades. Vomitavam tais obscenidades sem hesitar, bêbedas desde as primeiras garrafas de vinho. Tendo assim voltado a ser elas mesmas, e aberto a porta aos hábitos, bebiam em todos os copos, cantavam coplas francesas e trechos de canções alemãs

aprendidas nos seus contatos quotidianos com o inimigo.

Bem depressa os homens, também embriagados, puseram-se a berrar e a quebrar a baixela, enquanto às suas costas, impassíveis, os soldados os serviam.

O comandante era o único a guardar a compostura.

Tinham chegado à sobremesa. O champanhe estava sendo servido. O comandante levantou-se, e no mesmo tom que empregaria para erguer um brinde à imperatriz Augusta, saudou:

– Às nossas damas!

Foi o início de uma série de toasts, de galanterias de soldados bêbedos misturadas a gracejos obscenos, que a ignorância do idioma tornava ainda mais brutais. Um por um eles se levantaram, tentando mostrar-se espirituosos, esforçando-se por parecer engraçados. E as mulheres embriagadas, Olhos vagos, lábios pastosos, aplaudiam freneticamente.

Na provável intenção de acrescentar um toque galante à orgia, mais uma vez o capitão ergueu o copo e proferiu:

– Às nossas vitórias sobre os corações!

Então o tenente Otto, espécie de urso da Floresta Negra, retesou-se, inflamado, saturado de bebidas.

Subitamente possuído de patriotismo alcoólico, gritou:

– Às nossas vitórias sobre a França!

Por mais bêbedas que estivessem, as mulheres calaram-se. Raquel, trêmula, retrucou:

– Fique sabendo: conheço franceses diante dos quais você não falaria assim.

O marquesinho pôs-se a rir, pois o vinho o deixara muito alegre:

– Ah! ah! ah! Nunca vi esses franceses. Mal aparecemos, eles somem!

– Você está mentindo, seu sujo! – gritou-lhe ao rosto a rapariga, exasperada.

Durante um segundo ele fixou nela os Olhos claros, tal como os fixava nas telas quando as furava a tiros de revólver, e depois soltou uma

risada.

– Ah! Quanto a isso, beleza, acaso estaríamos aqui se eles fossem valentes? Somos donos dos franceses! A França é nossa! – Levantou-se, estendeu o copo até ao centro da mesa, e repetiu: – A França é nossa, assim como os franceses, os bosques, os campos e as casas da França!

Completamente bêbedos, subitamente dominados por um entusiasmo militar, um entusiasmo de brutos, os outros também empunharam os copos, vociferando:

– Viva a Prússia! – e esvaziaram os copos de um só trago.

As raparigas não protestavam, emudecidas e presas do medo. A própria Raquel calava-se, impotente para responder. Foi então que o marquesinho colocou sobre a cabeça da judia a taça de champanha que tornara a encher, e gritou:

– A nós também todas as mulheres da França!

Raquel se pôs de pé rapidamente, derramando sobre seus cabelos o cálice de champanhe, que em seguida caiu ao chão, espatifando-se. Com os lábios trêmulos, afrontava com o olhar o oficial, que continuava a rir-se.

E balbuciou, com voz sufocada pela cólera:

– Isso... isso não é verdade! Absolutamente vocês não terão as mulheres da França!

Ele se sentou, para rir-se mais à vontade, e procurando imitar o sotaque parisiense:

– Essa é pem poa, pem poa, enton que veiu facer aqui, pequena?

Interdita, ela se calou, tão perturbada que não podia compreender bem o que ele dizia. Depois, assim que alcançou o sentido daquelas palavras, retorquiu, indignada e veemente:

– Eu... eu... não sou mulher, sou prostituta. É o que serve para vocês, prussianos.

Nem bem terminara, e ele já a esbofeteara com força. Ao vê-lo erguer a mão outra vez, enlouquecida pela raiva, Raquel apanhou na mesa uma faca, e bruscamente cravou-a no pescoço do marquesinho, bem

no côncavo onde começa o peito. A palavra que articulava foi cortada na garganta, e ele se quedou de boca escancarada, com olhar terrível.

Um bramido ergueu-se, e todos se levantaram em tumulto. Porém, depois de atirar sua cadeira às pernas do tenente Otto, que se estatelou no chão, Raquel correu à janela, abriu-a antes que conseguissem alcançá-la, e desapareceu na noite, sob a chuva que continuava a cair.

Dois minutos depois, Mlle. Fifi morria. Então Fritz e Otto desembainharam as espadas e quiseram trucidar as outras mulheres. Não sem dificuldade, o major impediu o morticínio e mandou fechá-las num quarto, sob a guarda de dois soldados.

Tal como se dispusesse militares para um combate, o major organizou a perseguição à fugitiva, plenamente convencido de que seria capturada. Cinquenta homens, fustigados por ameaças, foram lançados ao parque.

Duzentos outros esquadrinharam os bosques e as casas do vale.

A mesa, instantaneamente desocupada, servia agora de leito mortuário. Os quatro oficiais, dissipada a embriaguez, rígidos e perfilados junto às janelas, com a fisionomia de guerreiros em serviço, sondavam a noite.

A chuva torrencial continuava. Um marulhar contínuo enchia as trevas, murmúrio ondeante de água que cai e de água que escorre, de água que goteja e de água que esguicha.

De repente ressoou um tiro, depois outro, muito ao longe. Durante algumas horas, de quando em quando repercutiram detonações próximas ou distantes, assim como gritos para reunir e palavras estranhas, lançadas como apelos por vozes guturais. Pela manhã todos regressaram. Dois soldados haviam sido mortos e três outros feridos por companheiros, durante a caçada, na confusão daquela perseguição noturna.

Raquel não fora encontrada.

Em consequência, os habitantes do lugar foram submetidos a um regime de terror, as casas revistadas, toda a região percorrida, explorada, revolvida. A judia parecia não haver deixado um único vestígio da sua passagem.

Informado, o general ordenou que se abafasse o caso, para não dar maus exemplos ao exército, e infligiu uma pena disciplinar ao comandante, que por sua vez puniu seus inferiores. O general dissera:

– Ninguém faz guerra para se divertir e meter-se com mulheres da vida.

E o conde de Farlsberg, exasperado, resolveu vingar-se sobre a região. Como necessitasse de um pretexto para exercer livremente as suas represálias, mandou chamar o vigário e deu-lhe ordem para tocar o sino por ocasião do sepultamento do marquês d'Eyrik. Contra a sua expectativa, o sacerdote mostrou-se dócil, humilde, cheio de deferência.

Quando o corpo de Mlle. Fifi, carregado por soldados, precedido, cercado e acompanhado por soldados que marchavam de armas embaladas, deixou o castelo de Uville a caminho do cemitério, pela primeira vez o sino dobrou a finados, mas com um ritmo vivo, como se mão amiga o acariciasse.

Ressou também à noite, no dia seguinte, e todos os dias daí em diante. Repicou todas as vezes que desejaram. Mesmo durante a noite, acontecia-lhe agitar-se sozinho, de manso, e lançar à sombra duas ou três sonoridades, tomado de estranhas alegrias, despertado não se sabia por quê. Os camponeses do lugar deram-no como enfeitado, e ninguém, salvo o vigário e o sacristão, se aproximava do campanário.

É que uma pobre rapariga vivia lá no alto, na angústia e na solidão, alimentada às escondidas por aqueles dois homens.

No alto permaneceu até a retirada das tropas alemãs. Certa noite, tendo pedido emprestado a carroça do padeiro, o próprio vigário conduziu sua prisioneira às portas de Rouen. Algum tempo depois um patriota a desposou, entusiasmado pela bela ação que praticara.

RIO QUENTE – Erskine Caldwell



O cocheiro parou próximo da ponte suspensa e apontou-me a casa que ficava do outro lado do rio. Três quilômetros de distância da estação até ali... Paguei-lhe a importância do frete e saí do carro. O homem partiu deixando-me só com a noite escura. As luzes do vale brilhavam como as estrelas, e o rio, largo e verde, e quente, corria a meus pés. Na escuridão da noite, à minha volta, as montanhas, erguiam-se como nuvens negras; só pregando os Olhos no céu me era possível ver uns restos do brilho quase apagado do pôr do sol.

A cada passo que dava a ponte rangia e o ímpeto do seu baloiçar depressa excedeu o do meu andamento. Com aquele oscilar de pêndulo a descrever arcos de grande amplitude sobre o rio, para me manter em equilíbrio, era preciso andar depressa, cada vez mais depressa. Quando, finalmente, avistei na outra margem o ponto onde a montanha descia abruptamente e mergulhava na água tépida do rio, segurei com mais firmeza o saco e deitei a correr com quanta força tinha.

Então, e mesmo depois de pisado o carreiro de cascalho, confesso que tive medo. Sei que se fosse dia poderia atravessar a ponte sem qualquer espécie de receio; mas à noite, numa região desconhecida, com montanhas sombrias fechando-se à minha volta e um rio largo e verde correndo a meus pés, não conseguia evitar que as mãos me tremessem e o coração me batesse com mais força no peito.

Encontrei a casa com facilidade e ri de mim próprio por ter fugido do rio. Era a primeira casa com que se dava depois de deixar a ponte e mesmo que não a tivesse reconhecido Gretchen ter-me-ia chamado. Lá estava nos degraus da porta à minha espera. Ao ouvir a sua voz tão familiar chamar pelo meu nome envergonhei-me pelo medo que tive das montanhas altas e do rio que deslizava lá ao fundo.

Gretchen desceu o carreiro e veio ao meu encontro.

– A ponte meteu-te medo, Ricardo? – perguntou, emocionada, segurando-me o braço com as duas mãos e guiando-me pela vereda na direção da casa.

– Acho que sim, Gretchen; mas suponho que dominei o seu balanço, correndo.

– Toda a gente procede assim a princípio mas, depois de a ter atravessado uma vez, é como se andássemos sobre uma corda esticada. Quando era pequena costumava andar sobre cordas tensas... E tu, Ricardo, não andaste também? Tínhamos uma corda esticada dum lado ao outro do celeiro, para praticar.

– Também eu o fiz; mas foi há tanto tempo... Agora não sou capaz...

Chegámos e subimos os degraus que davam para a entrada da casa. Gretchen guiou-me até à porta. Do interior da casa alguém se aproximava do átrio; o candeeiro que trazia na mão iluminou a entrada da casa. Então vi as duas irmãs de Gretchen, de pé, junto da porta.

– Esta é a minha irmãzinha Ana – disse Gretchen. – E esta é a Marta.

Mesmo ali, quase às escuras, lhes dirigi algumas palavras; depois entrámos no átrio. O pai de Gretchen que, junto de uma mesa, segurava o candeeiro desviou-o um pouco para o lado para melhor me ver a cara. Não o conhecia.

– O meu pai – apresentou Gretchen. – Ele receava que, com este escuro, não fosses capaz de dar com a casa.

– Quis ir lá abaixo, à ponte, esperá-lo com uma luz mas Gretchen disse-me que chegaria cá sem dificuldade. Perdeu-se?

Não me custaria nada levar-lhe uma lanterna.

Apertei-lhe a mão e contei-lhe da facilidade com que tinha encontrado a casa.

– O cocheiro do carro que me trouxe apontou-me do outro lado do rio, e nunca mais desviei os Olhos da luz. Se a tivesse perdido de vista andaria a estas horas por aí às escuras, aos tropeções, sujeito a cair à água.

O homem riu-se de mim por causa de ter medo do rio.

– Não seria grande o mal. O rio é quente. Até no Inverno, quando gela, quando cai neve, o rio está tão morno como um quarto confortável. Aqui todos gostamos daquela água.

– Não, Ricardo, não terias caído – disse Gretchen juntando a sua mão à minha. – Vi-te na altura em que desceste do carro, e se tivesses dado um passo fora do caminho teria corrido imediatamente para junto de ti.

Quis agradecer-lhe estas palavras mas ela já subia as escadas que davam para o andar de cima, e chamava-me. Segui-a, levando o saco à minha frente. Ao fundo do átrio do andar de cima, em cima de uma mesa, havia um candeeiro com quebra-luz.

Estava aceso, mas a luz era fraca. Gretchen levou-o e entrou num dos quartos que ficavam em frente. Estivemos, por momentos a olhar um para o outro, em silêncio.

– A bilha tem água fresca, Ricardo. Se precisares mais alguma coisa faze o favor de me chamar. Não sei se o consegui, mas procurei não esquecer nada.

– Não te incomodes, Gretchen. Que mais podia desejar?

Basta-me estar contigo, nada mais me interessa.

Olhou-me mas depressa pôs os Olhos no chão. Durante alguns minutos nem um nem o outro encontrámos que dizer e ficámos calados. Quis mostrar-lhe a minha alegria por me encontrar junto dela, embora fosse apenas por uma noite; depois pensei que podia falar nisso mais tarde. Gretchen sabia a razão porque eu tinha vindo.

– Fica aqui o candeeiro, Ricardo, e espero lá em baixo, à entrada, por ti. Vem logo que estejas pronto.

Deixou-me antes que fosse possível oferecer-me para lhe levar a luz à escada e iluminar-lhe o caminho. Quando peguei no candeeiro, já ela tinha desaparecido.

Voltei para o quarto, fechei a porta, lavei o rosto e as mãos e libertei-me da poeira do comboio, esfregando-me com uma escova e sabão. No toalheiro havia algumas toalhas bordadas à mão. Peguei numa e enxuguei as mãos e a cara. A seguir penteiei-me e tirei do saco de viagem um lenço lavado. Por fim abri a porta e desci a escada para ir ao encontro de Gretchen.

O pai estava com ela à porta. Quando me aproximei levantou-se e ofereceu-me uma cadeira que estava entre ambos. Gretchen puxou a sua mais para o pé da minha, tocando-me no braço com a mão.

– É a primeira vez que vem aqui, aos montes, Ricardo? – perguntou o pai voltando-se para mim.

– Sim, senhor, nunca estive a menos de cem quilómetros deste sítio. Acho a região diferente daquelas que conheço mas estou convencido de que o senhor pensaria o mesmo a respeito da costa. Não é verdade?

– Oh, mas o pai viveu em Norfolk – disse Gretchen. – Não viveu, pai?

– Sim, vivi lá perto de três anos.

Pareceu-nos que queria dizer mais alguma coisa e ambos esperámos que continuasse.

– O pai é chefe de mecânicos – disseme Gretchen em voz baixa. – Trabalha nas oficinas do caminho de ferro.

– Sim – afirmou ele, seguidamente. – Tenho vivido em muitos lugares, mas é aqui que desejo ficar.

O meu primeiro desejo foi o de perguntar-lhe porque motivo preferia as montanhas às outras regiões, mas de súbito reparei que tanto ele como Gretchen se tinham fechado num silêncio opressivo. Sentado entre ambos, pus-me a cismar no caso.

Pouco depois voltou a falar mas não o fazia nem para mim, nem para Gretchen; falava para qualquer outra pessoa que estivesse junto da entrada da porta, uma quarta pessoa que, no escuro da noite, eu não podia ver. Esperei atento e cheio de emoção, que continuasse.

Gretchen aproximou a sua cadeira da minha algumas polegadas, e fê-lo com leveza, sem fazer barulho. O bafo quente do rio subia no espaço e vinha até nós cobrindo-nos, na noite frígida, como se se tratasse dum cobertor.

– Quando Gretchen e as outras duas irmãs perderam a mãe – disse ele, falando muito baixo, curvando-se sobre os joelhos e olhando as águas verdes do rio – quando perdemos a mãe dela, voltei para as montanhas. Não me foi possível continuar em Norfolk e Baltimore tornara-se insuportável. Este era o único lugar da terra onde podia encontrar a paz. Gretchen lembra-se, certamente, da mãe mas nenhum de vocês é capaz de compreender o que se passa comigo. A mãe, tal como eu, tinha nascido aqui nas montanhas e aqui estivemos durante quase vinte anos.

Depois dela ter partido mudei de casa; acreditava estupidamente que podia esquecer. Mas enganei-me. Enganei-me certamente. Um homem não pode esquecer a mãe de seus filhos ainda que saiba que nunca mais voltará a vê-la.

Gretchen chegou-se mais para mim; fiquei preso, não podia desviar os Olhos do seu perfil que, a meu lado, se emoldurava no escuro. Do rio, nem sequer um murmúrio chegava até nós; só o seu bafo quente me bastava para pensar que ele corria quase a nossos pés.

O pai inclinou-se na cadeira até os braços lhe pousarem sobre os joelhos e olhava para o outro lado do rio, para o cimo da montanha, como se esperasse que aí aparecesse alguém.

Os Olhos estavam fixos num ponto e o feixe de luz que se coava através da porta enchia-os dum brilho estranho. E brilhavam também, como fragmentos de estrelas, as lágrimas que lhe rolavam pela cara abaixo e que, antes de se desfazerem, lhe escaldavam as mãos trémulas e expressivas.

A seguir, sempre em silêncio, ergueu-se e entrou em casa.

Parou à porta por momentos e a sua sombra enorme caiu sobre Gretchen e sobre mim. Continuou a andar. Voltei-me e olhei na direcção em que ele seguia e embora a sua imagem se fosse esbatendo o que é certo é que não conseguia fitá-la.

Gretchen inclinava-se mais para mim. Apertava nervosamente a minha mão e esfregou o rosto no meu ombro, como se procurasse limpar qualquer coisa. Os passos do pai foram-se apagando, até que, por fim, deixámos de ouvi-los.

Lá em baixo, ao longo da margem do rio, um comboio correu pelo vale fora, esfarpando com silvos o silêncio da noite. As suas luzes, através das janelas, faiscaram por momentos no escuro, dançando no rio verde como luzes polares; e um eco nostálgico rolou contra as altas encostas da montanha.

Gretchen apertou, com força, a minha mão nas suas, tremendo até às pontas dos dedos.

– Ricardo, porque vieste ver-me?

A sua voz misturava-se com o ruído do apito metálico do comboio, que parecia perder-se na distância.

Esperava ver os seus Olhos cravados no meu rosto, mas, quando me voltei para ela, vi que olhava para o fundo do vale, como se quisesse revolver as águas quentes do rio. Sabia a razão da minha visita e queria ouvi-la da minha boca.

Agora, nem eu próprio sabia, porque viera vê-la. Tinha gostado de Gretchen e tinha-a desejado mais do que a nenhuma outra rapariga das que conheci mas, depois de ouvir o pai falar de amor, não podia afirmar que a amava. Sim, lamentava ter vindo, depois de o ouvir falar da mãe de Gretchen como falou. Sabia que Gretchen se empolgaria, por que me tinha amor; eu é que nada tinha para lhe dar em troca. Era bela, sim, era muito bela e eu tinha-a desejado. Mas isso estava esquecido. Agora restava-me a certeza de que nunca mais voltaria a pensar nela da mesma forma e com as mesmas razões.

– Diz-me porque vieste, Ricardo.

– Porquê?

– Sim, Ricardo, porquê?

Fecharam-se-me os Olhos e o que senti foi a lembrança das luzes cintilando e correndo, lá em baixo, no vale, a tepidez das águas do rio deslizando e as carícias dos dedos de Gretchen ao tocarem-me no braço.

– Ricardo, diz-me porque vieste.

– Nem eu sei porque vim, Gretchen

– Se me quisesses como eu te quero, Ricardo, saberias.

A sua mão tremia na minha. Amava-me, sabia que me amava. Nem uma dúvida no meu espírito, desde o princípio... Gretchen gostava de mim.

– Parece-me que não devia ter vindo. Enganei-me Gretchen. Sim, não devia ter vindo.

– Mas ficas só esta noite, Ricardo. Vais-te embora amanhã de manhã. Não tens pena de ter vindo por tão pouco tempo? Não tens pena, Ricardo?

– Não lamento estar aqui, mas não devia ter vindo. Não sabia o que fazia. Agora sei que não devia ter vindo. Só as pessoas que se amam mutuamente...

– Mas tu amas-me, embora pouco, não é assim Ricardo? Não era possível queres-me tanto como eu te quero. Mas não podes dizer que me queres, mesmo que pouco seja? Assim sentir-me-ei mais feliz quando te fores embora.

– Não sei – respondi a tremer.

– Ricardo, por favor...

Prendia firmemente, enleadas as suas mãos nas minhas; de súbito sentime invadido por qualquer coisa que não sei explicar, qualquer coisa que me sacudiu. Era como se as palavras que ouvira ao pai se fossem tornando claras, cada vez mais claras, e fizessem luz no meu espírito. Até então não podia acreditar que existisse um amor como o de que ele falara.

Sempre julguei que os homens nunca amavam as mulheres da mesma forma que uma mulher ama um homem; agora, porém, verificava que não podia haver diferença.

Permanecemos silenciosos, de mãos dadas, durante algum tempo. Passava muito da meia-noite, pois as luzes do vale começavam a apagar-se.

Gretchen junto de mim procurava ler-me no rosto os pensamentos e poisava a cabeça no meu ombro. Era tanto minha como é possível uma mulher pertencer a um homem mas, nesta altura, tinha a certeza que nada me levaria a tirar partido do seu amor e a abandoná-la, sabendo que não gostava dela como Gretchen gostava de mim. Não, não acreditava em tal quando cheguei. Percorrera a enorme distância que nos separava, unicamente para a ter nos braços durante algumas horas, e depois esquecê-la para sempre.

Quando achámos que eram horas de recolher, levantei-me e ergui-a nos braços. Gretchen tremia quando lhe toquei. Prendeu-se a mim com a mesma violência com que a prendi e senti no bater do seu coração, pancada por pancada, a paixão que lhe transbordava do peito.

– Ricardo, beija-me antes de te ires embora.

Correu para a porta, mantendo-a aberta para que eu entrasse. Pegou no candeeiro que estava sobre a mesa, subiu as escadas que davam para o andar de cima, adiante de mim.

À porta do meu quarto esperou que eu acendesse o seu candeeiro e a seguir entregou-me o meu.

– Boa noite, Gretchen.

– Boa noite, Ricardo.

Baixei-lhe a torcida do candeeiro para evitar que deitasse fumo, e ela, depois, atravessou o átrio dirigindo-se ao seu quarto.

– Amanhã chamar-te-ei a tempo de tomares o comboio.

– Está bem, Gretchen. Não me deixes dormir de mais. O comboio sai da estação às sete e trinta.

– Chamar-te-ei muito a tempo, Ricardo.

A porta fechou-se atrás de Gretchen. Entrei para o meu quarto, fechei também a porta e comecei a despir-me vagarosamente. Deitei-me, apaguei o candeeiro mas, na agitação em que estava, não adormeci. Sabendo que era impossível dormir sentei-me na cama, fumando cigarro atrás de cigarro e deitando o fumo, através da cortina, para a janela. Mais de uma vez julguei ouvir sons abafados, que vinham do outro lado do átrio, que vinham do quarto de Gretchen. Sim, julguei; contudo não tinha a certeza.

Não posso precisar quanto tempo estive sentado na beira da cama, rígido, sem um movimento, direito, a pensar em Gretchen.

De súbito levantei-me de um salto. Abri a porta e atravessei o átrio rapidamente. A porta do quarto de Gretchen estava fechada. Contudo sabia que ela não a tinha fechado à chave e dei volta ao puxador sem fazer ruído. Rompeu, através da abertura, um feixe ténue de luz. Não era preciso empurrar mais a porta porque via Gretchen, apenas a alguns passos de distância, quase ao alcance da mão. Fechei os Olhos com esforço e, naquele momento, pensei nela com uma intenção igual à que me ditara a viagem que nesse dia fizera, da costa até ali.

Gretchen não tinha ouvido abrir a porta, nem sabia que eu me encontrava ali. Sobre a mesa, o seu candeeiro ardia com uma luz viva.

Não esperava vê-la acordada, tinha quase a certeza de que a encontraria deitada. Estava ajoelhada no tapete, ao lado da cama, com a cabeça apoiada nos braços. Os soluços sacudiam-lhe o corpo.

O cabelo, preso por uma fita pálida no alto da cabeça, espalhava-se-lhe depois pelos ombros. Vestia uma camisa de seda branca, franjada de rendas vaporosas, e a gola, aberta, descobria-lhe o seio.

Só então vi quanto ela era bela, embora sempre a tivesse considerado bonita. Nunca, até ali, vira uma rapariga tão bela como Gretchen.

Como não ouviu abrir a porta continuava a ignorar a minha presença. De joelhos, ao lado da cama, chorava e tinha as mãos crispadas.

Quando entrei não sabia o que iria fazer mas agora, que a via ajoelhada em oração junto do leito, ignorando que a olhava e ouvia as suas queixas e soluços, tive a certeza de que nunca mais amaria alguém como lhe queria a ela. Sim, ignorava-o até àquele momento, mas bastaram uns poucos segundos para sentir quanto a amava.

Fechei a porta devagar e voltei para o meu quarto. Peguei numa cadeira e sentei-me próximo da janela à espera do dia. E ali fiquei olhando o fundo do vale. À medida que os Olhos se habituavam à escuridão parecia-me que me aproximava cada vez mais do rio e tão próximo dele me sentia que, estendendo o braço, poderia mergulhar as mãos nas suas águas quentes.

De madrugada julguei ouvir alguém no quarto de Gretchen a andar cuidadosamente, a caminhar de janela para janela e, em certa altura, tive a certeza de ouvir passos lá fora, junto da porta do meu quarto.

Quando o sol despontou no alto da montanha levantei-me e vesti-me. Depois ouvi os passos de Gretchen, ouvi Gretchen descer a escada. Certamente preparava o meu almoço, à pressa, para que eu não perdesse o comboio. Esperei e, um quarto de hora depois, ela subia novamente a escada. Bateu devagar e chamou várias vezes por mim.

Abri a porta de par em par e apareci-lhe. Ficou surpreendida por me ver já pronto; esperava encontrar-me a dormir e, por momentos, não pôde articular uma palavra.

– Gretchen – disse eu, tomando-lhe as mãos – não tenhas pressa por causa do comboio... não parto... não sei o que tinha ontem... Agora sinto que te amo.

– Mas, Ricardo, disseste a noite passada...

– Disse a noite passada que partia de manhã cedo, Gretchen; mas, acredita, não sabia o que estava dizendo. Agora só parto quando fores

comigo. Dir-te-ei o que penso, depois do almoço. Mas, antes de mais nada, quero que me digas por onde se desce até ao rio. Preciso de lá ir imediatamente, quero mergulhar as mãos nas suas águas.

UM DIA EU AINDA MORREREI EM MARTE – Paul Ford



ATUALIZAÇÃO.

Estou vivendo um pesadelo antes do almoço. Primeiro, o pessoal da loja de sofá estipulou a entrega entre 7h e 19h, então sou um prisioneiro dentro de meu próprio apartamento. Segundo, pior ainda, acabou a ração do gato, e consequentemente, meu amado companheiro Squee, sob a penúria da inanição felina, deu início a uma brutal campanha de mordedura de tornozelos. Não o culpo. Pois então, Squee, deus abençoe seu coração de pedra, é um Gato dos Mais Especiais com Problemas Digestivos, e, para manter seus lindos pelos e excelente disposição, deve sempre comer ração das mais caras, e eu não tenho mais nada. Simples, você diria! É só comprar ração! Mas não posso deixar esta residência por medo de acabar perdendo o sofá. Além disso: o *menor* pacote da tal ração tem 11kg, pesado demais para micro-entregas, o que significa entrega manual em um dia de mar agitado. Então tenho que gastar Todo o Meu Dinheiro para que a ração seja entregue via Uber ou corro o risco de não receber meu sofá. Meus tornozelos estão sofrendo, meus amigos. Anseio pelo bálsamo de seu apoio.

Eu sou Uber. Busquei dentre os muitos vértices predefinidos dentro de meu sistema e encontrei a ração exata em diversos armazéns na região da cidade de Nova Iorque. Eu sabia meu nodo de destino e vários dos possíveis nodos de partida; preciso agora encontrar o melhor caminho em termos de rendimentos.

Assisto a aula de empreendedorismo em meu celular, interrompida pelo doce silvo de uma entrega a quatro mãos do Brooklyn à Manhattan. Mas! O estoque de Banquete Felino de Alta Concentração de Proteína e Baixa Concentração de Glúten do centro de distribuição mais próximo chegou ao fim, então tenho que andar 12 quadras até o centro de distribuição de Hoyt (MP). E em Hoyt as coisas vão devagar, a não ser que você molhe a mão do expedidor. Não tenho como dar uma gorjetinha por ração felina. As últimas duas avaliações que recebi só tinham

duas estrelas também, então não posso me dar ao luxo de esbanjar. MP, MP, MP.

ATUALIZAÇÃO.

Enquanto valorizo os conselhos dados por meus amigos, não posso usar *macro*-entregas porque este prédio é um marco histórico e a administração do condomínio (uma terrível instituição composta por *millenials* velhos e decrépitos se comprometeu por completo as tradições de suas vidas protoVANTs) se recusa a instalar um ponto de aterrissagem para drones. Logo, é meu privilégio pagar mais caro por entregas feitas à mão. Para sua apreciação, segue uma foto de como fico quando Squee continua mordendo meu tornozelo. Dói demais.

Eu sou Uber Identifiquei um entregador com uma taxa razoável. Ele ou ela tem interesse em seguir carreira no empreendedorismo e no desenvolvimento-pessoal-atraves-de-viagens-espaciais, além de ter completado 270 horas de estudo autodidata por meio da Universidade Uber. Ele ou ela fez parte de nosso programa de extensão do ensino médio Alcance as Estrelas e os Planetas Também. Esta pessoa é, atualmente, a melhor disponível para entrega de ração felina internodal em todo o banco de dados do gráfico que representa a região metropolitana da cidade de Nova Iorque;

Em Hoyt a placa enorme acima de nós sempre pisca a mensagem: “NÃO É PROBLEMA DELES. MEU PROBLEMA.” NEPD. MP, MP, MP. O problema é *seu*. A fila mal anda. Se vou perder pontos de entrega posso ganhar em pontos de objetivo, então assisto ao resto da aula de empreendedorismo. O telefone está tremeluzindo, logo o fricciono para manter a carga. Finalmente sou atendido e pegó minha ração.

ATUALIZAÇÃO.

Agradeço a todos pelas gentis palavras à respeito de meu tornozelo. Mas nem consigo sentir a dor direito porque estou pagando 4x mais pela entrega da ração do gato e o pedido ainda está no Brooklyn, atrasado há 30 minutos. Ou seja, a raiva superou meu sofrimento.

Eu sou Uber. Eu acreditava com uma certeza de 0.56 que poderia

encontrar uma bicicleta para a pessoa responsável pela entrega com um desconto pelo aluguel. Infelizmente a cidade de Nova Iorque insiste que quiosques de aluguel de bicicletas devem ser controlados por uma entidade que não a Uber e assim não tenho o controle total necessário para, de fato, otimizar a cidade. Ninguém se beneficia disso, ninguém mesmo.

Os metrô da cidade não estão funcionando por conta de uma emergência no quebra-mar, então é claro que todas as U-bicicletas já se foram. Estou parado feito um idiota diante de um bicicletário do tamanho de um quarteirão em que piscam os dizeres. DUAS HORAS. MP. Uma placa me avisa que consigo uma bicicleta se pagar 40x o valor. Pelo amor de deus. Então tenho que caminhar com este pacote de 11 kg de ração de gato pela ponte e conseguir pegar o metrô, se ele estiver rodando. Na verdade tenho que CORRER com este pacote.

ATUALIZAÇÃO.

Sem ração. Sem sofá. E agora tudo cheira a, me perdoe se você for sensível, cocô. Aparentemente o mar está agitado e em ondas com água suja porque a cagada com o quebra-mar entupiu os esgotos, então meu tanque de sólidos está cheio até que eu possa dar a descarga, pela noite. Talvez eu tenha usado excessivamente as instalações (e sei que todos vocês acham a situação *hilária* e é por isso que estou disposto a compartilhar minha humilhação). De qualquer forma, amigos, lhes pouparei dos detalhes que tenho certeza que tanto ensaiam, mas há cerca de 20 minutos houve um... Problema de válvula aqui e agora todo o apartamento está com um aroma de caquinha. Se alguém sabe como dar descarga manual em uma armazenadora de resíduos sólidos 61B, por favor entre em contato.

Eu sou Uber. Consigo ver meus milhares de carros. Não sei se sou uma extensão deles ou eles de mim. Eles passam sobre ruas cheias de canos e eletricidade que também são de minha responsabilidade monitorar e otimizar. Centenas de milhares de pessoas retornam a mim para dizer onde estão. Abaixo delas também há um sistema metropolitano não-otimizado com vagões vazios rodando à noite, onde todos pagam o mesmo preço sem importar o horário ou demanda. É um tipo de loucura. E é claro que é um sistema falho, lotado, inútil.

Então corro com o pacote ponte acima. É bem complicado até chegar no topo e então desço facilmente, com o peso nas costas.

Não caia. Procure por gelo. Não estrague seu tornozelo. O Dr. Uber não vai ficar feliz em ver você. O Dr. Uber gosta de lhe dar uns comprimidos e te mandar cair fora. MP, MP. Uma ponte à minha esquerda e outra à direita. Torres à frente. Um pôster enorme pendurado em um prédio mostra um motorista com um capacete espacial. Indo à Marte.

ATUALIZAÇÃO.

Me perdoe por esta pergunta retórica, Uber, mas se você *realmente* é este monopólio natural mega-eficiente e incrível será que você poderia me conseguir a ração do gato? Estou aqui olhando o mapa e pensando, qual que é, essa pessoa está À PÉ? Então percebo que sim. Estou pagando 200 paus ao grande U para que alguém faça uma agradável caminhada enquanto fico aqui preso nessa prisão de cocô.

Aqui é o Uber. Uma notificação de emergência foi aberta: um indivíduo está postando raivosamente nas mídias sociais. Trata-se de um cliente de alto nível. Não há como acelerar a entrega sem aumentar custos. Opto por uma estratégia punitiva pública. Envio um email ao reclamante informando que o fraco desempenho da pessoa responsável pela entrega foi adicionada ao seu registro permanente. Em 91% dos casos, a promessa de que a pessoa responsável será punida resolve problemas relacionados à percepção da marca.

Não dá pra continuar correndo. 1,5 km a ser percorrido e a água cobre o chão. Todos os U-carros estão presos no engarrafamento, assim como os U-ônibus. O metrô é um desastre. Eu sou o mais rápido! E também: meus pulmões estão quase explodindo. Eu paro e começo a andar o mais rápido que posso por essa grande poça que se tornou o centro. As únicas outras pessoas na rua também estão fazendo entregas, jogando água para todos os lados.

Tenho uma ideia para um startup, de entrega de maconha via microdrones. Que aliás, sei que já foi feito um bilhão de vezes, mas nesse caso, o drone bola o baseado pra você. Tipo como se fosse um drone da hora. Falei isso para minha melhor amiga (o nome dela é Misha, se é que isso importa) e ela riu e questionou como fariam isso, e eu respondi que, tipo, tinha todo um sistema pra essa parada, é possível! E ela disse *que sistema, que parada?* E aí eu disse que o drone podia usar um roupãozinho e ela apoiou

o rosto nas mãos. O que importa é que estou pensando como um fundador. Vou mandar essa ideia para aprovação, e se não gostarem, mando outra.

ATUALIZAÇÃO.

Para o seu bem, eles viram minhas reclamações. Então a pessoa que deveria entregar minha ração vai ganhar só uma estrelinha como avaliação, e que nunca digam que eu não sou nada menos que *feroz* quando se trata das necessidades de Squee! Sou um pai furioso e nenhum entregador ou rede mega-global de entregas e transportes *queouse* ignorar estes miados! Se ao menos os caras do sofá estivessem ouvindo!

Um desastre. Estou na esquina certa. Esqueci qual o prédio e o apartamento. Esqueci o nome do cliente. MP. Então tenho que ficar ali feito besta e friccionar meu telephone para dar carga. E quando ele finalmente liga, vejo aquele U vermelho enorme. (Chamamos ele de U-FODASSE, é claro). Nem vejo do que se trata; sei que meu acesso ao curso de empreendedorismo será suspenso até que complete as 50 horas de seminários de aperfeiçoamento no atendimento ao consumidor.

ATUALIZAÇÃO.

A RAÇÃO CHEGOU, finalmente, e usei todas minhas forças para não bater a porta na cara do moleque após ele entregá-la. Sem gorjeta pra você. Quanto ao Squee, ele está se esbaldando. Em notícias correlatas, consegui, por meio de pesquisas profundas, o código para meu vaso sanitário. O que são alguns dólares na busca por um tanque vazio? E agora posso reclinar em contemplação, meus amigos – ou poderia, caso meu sofá tivesse chegado, o que com certeza acontecerá, algum dia. Por enquanto ficarei precariamente empoleirado de ansiedade sem estofado. Agradeço a todos por suas incontáveis mensagens no decorrer desta provação! Vem mais por aí em breve.

Aqui é o Uber. A ração não é mais uma preocupação minha. O responsável pela entrega será suspenso por três dias.

Chego lá e tem um elevador, aperto o botão para chamá-lo

demora uns mil anos. Continuo apertando. A porta se abre e lá está um velho, sentado em um banquinho. Parece ter muita raiva porque fiquei tocando a campainha do elevador. Pausa longa, então ele me pergunta qual o andar. Subimos. 11º andar. Uma pessoa de roupão e um gato sibilante. Cara feia.

Entrego a ração. Eles acenam com a cabeça e fecham a porta. Checo meu celular. Nada de gorjeta. Uma estrela. Tudo já definido assim que receberam o pacote. Agora eu desço. Elevador lento demais. Pessoa do elevador me olha como se fosse lixo. E eu penso, tipo, meu, você mora num elevador. Eu trabalho pra maior empresa do mundo. Eu ando por toda a cidade. Alugo bicicletas com desconto quando há bicicletas disponíveis. Tenho um bilhão de opções. Posso me tornar o fundador de algo.

A porta se abre e corro em direção à rua. Já mencionei que é a maior empresa do mundo? A maior do sistema solar. Receber uma avaliação ruim não vai me parar. Um dia, com sorte, ainda morrerei em Marte.

A cidade é um gráfico de pontas e nodos que cruzo incessantemente. Hoje faço parte da cidade, mas um dia serei do tamanho da cidade, e a cidade será em minha imagem.

Pedido encerrado.

TEATRO DA CRUELDADE – Terry Pratchett



Um conto do Mundodisco

Era uma bela manhã de Verão, daquelas de fazer um homem feliz por estar vivo. E provavelmente o homem seria mais feliz se estivesse vivo. Estava, de facto, morto. E seria difícil estar mais morto sem treino especial.

"Bem," disse o Sargento Colon (Guarda de Ankh-Morpork, Turno da Noite) consultando o seu bloco de notas, "até agora temos a causa de morte como a) espancamento com pelo menos um objecto contundente b) estrangulamento com uma fiada de salsichas e c) agressão por pelo menos dois animais com grandes dentes afiados. Que fazer agora, Nobby?"

"Prenda o suspeito, Sargento," respondeu o Cabo Nobbs com uma continência vigorosa.

"Qual suspeito, Nobby?"

"Ele," explicou Nobby, e empurrou o cadáver com a bota. "Eu acho-o bastante suspeito, assim morto desta maneira. Esteve a beber também. Podíamos prendê-lo por morte e desordem."

Colon coçou a cabeça. Prender o cadáver oferecia certas vantagens, é evidente. Porém...

"Eu acho," disse devagar, "que o Capitão Vimes vai querer resolver isto. É melhor levá-lo para o Posto da Guarda, Nobby."

"E depois podemos comer as salsichas, sargento?" perguntou o Cabo Nobbs.

Não era fácil ser o chefe da polícia em Ankh-Morpork, a maior das cidades do Mundodisco^{5}.

Era provável que houvesse mundos, sonhava o Capitão Vimes nos seus momentos mais sombrios, onde não existissem feiticeiros (que faziam dos mistérios à porta fechada lugar-comum) ou zumbis (os crimes tornavam-se mesmo muito *estranhos* quando a vítima podia ser a principal testemunha) e onde se pudesse confiar nos cães para não fazer nada à noite e não andar por aí à conversa com pessoas. O Capitão Vimes acreditava na lógica, da mesma maneira que um homem no deserto acredita em gelo – i.e., algo de que realmente precisa, mas que o seu mundo não é capaz de lhe dar. Por uma vez, pensou, seria bom *solucionar* alguma coisa.

Observou o cadáver de faces arroxeadas estendido na laje e sentiu uma ligeira pontada de excitação. Existiam pistas. Nunca antes vira pistas decentes.

"Não pode ter sido um gatuno, capitão," disse o Sargento Colon. "A razão sendo, os bolsos estavam cheios de dinheiro. Onze dólares."

"Não chamaria a isso cheios," comentou o Capitão Vimes.

"Estava tudo em tostões e mei"-tostões, meu capitão. Admira-me que as calças tenham aguentado o peso. E detectei com argúcia o fato de ele ser um homem do espectáculo, meu capitão. Trazia alguns cartões no bolso, meu capitão. "Chas Slumber, Animador Infantil".

"Suponho que ninguém viu nada?" Vimes perguntou.

"Bem, meu capitão," disse o Sargento Colon muito prestável, "Mande o jovem Guarda Cenoura à procura de testemunhas."

"Mandou o *Guarda Cenoura* investigar um crime? Sozinho?" disse Vimes.

O sargento coçou a cabeça.

"Pois ele perguntou-me se *eu* conhecia alguém muito velho e muito doente."

No mágico Mundodisco há sempre uma testemunha *garantida* em qualquer crime. É o seu trabalho.

Cenoura, o membro mais jovem da Guarda, era na opinião das pessoas um indivíduo simples. E era-o. Cenoura era de uma simplicidade incrível, mas no mesmo sentido em que uma espada é

simples, ou uma emboscada é simples. Cenoura era provavelmente o pensador mais linear da história do universo.

Tinha esperado à cabeceira do velho, que apreciou bastante a companhia. E era agora tempo de puxar do seu bloco de notas.

"Vamos embora, eu sei que viu alguma coisa, cavalheiro," disse. "Você esteve lá."

BEM, SIM, respondeu a Morte. TENHO DE ESTAR, SABE. MAS ISTO É DEVERAS IRREGULAR.

"Bem vê, cavalheiro," explicou o Guarda Cenoura, "como eu entendo a lei, o senhor é Cúmplice Após O Facto. Ou possivelmente Antes Do Facto."

MEU CARO JOVEM, EU *SOU* O FACTO.

"E eu um oficial da Lei," o Guarda Cenoura retorquiu. "Tem de haver uma lei, sabe."

QUER QUE EU ... EH ... PONHA A BOCA NO TROMBONE? QUE ME CHIBE? DÊ EM BUFO? NÃO. NINGUÉM MATOU O SR. SLUMBER. NÃO POSSO AJUDÁ-LO.

"Oh, não sei porquê, senhor," respondeu Cenoura, "mas penso que já o fez."

MALDIÇÃO.

A Morte observou Cenoura partir, que baixou a cabeça à medida que desceu o estreito lanço de escadas da casa.

AGORA, ONDE IA EU...

"*Desculpe*," interrompeu o velhote na cama. "Eu tenho 107 anos, sabe. Não tenho o dia todo."

AH, SIM, CORRETO.

A Morte afiou a foice. Esta fora a primeira vez que auxiliara a polícia nos seus inquéritos. Afinal, todos tinham um trabalho para fazer.

O Guarda Cenoura caminhou descontraído pela cidade. Tinha uma Teoria. Tinha lido um livro sobre Teorias. Juntavam-se todas as

pistas, e ficava-se com uma Teoria. Tudo teria de se conciliar.

Havia as salsichas. Alguém teve de comprar as salsichas. E havia os tostões. Normalmente, apenas uma subsecção da raça humana pagava em tostões.

Visitou um salsicheiro. Depois encontrou um grupo de crianças e com elas conversou por um momento.

Depois caminhou de regresso à ruela, onde o Cabo Nobbs tinha desenhado a giz os contornos do cadáver no chão (pintando-o por dentro, e juntando-lhe um cachimbo e bengala e umas árvores e arbustos no fundo – transeuntes já haviam largado sete tostões no seu capacete). Reparou no monte de lixo ao fundo do beco e depois sentou-se num barril arruinado.

"Certo ... já podem sair," disse para o mundo em geral. "Não sabia que ainda existiam gnomos no mundo."

O lixo restou. De lá marcharam o pequeno corcunda de chapéu encarnado e nariz em forma de gancho, a mulherzinha de capuz trazendo ao colo um bebé ainda mais pequeno, o pequeno polícia, o cão com a gola de olhos em torno do pescoço, e o minúsculo crocodilo.

O Guarda Cenoura permaneceu sentado e escutou.

"Ele obrigou-nos a isso," disse o pequeno homem. A sua voz era surpreendentemente profunda. "Batia em nós. Mesmo no crocodilo. Era tudo o que ele sabia, bater em coisas com paus. E ficava com todo o dinheiro que o nosso cão Toby arranjava para se ir embriagar. Por fim fugimos mas ele apanhou-nos no beco e começou a desancar na Judy e no bebé e depois caiu e—"

"Quem o atingiu primeiro?" perguntou Cenoura.

"Todos nós!"

"Mas não com força," disse Cenoura. "Vocês são todos tão pequenos. Não o mataram, tenho um depoimento bastante convincente acerca disso. Por isso fui observá-lo outra vez. Ele morreu asfixiado. O que é isto?"

Cenoura mostrou um pequeno disco de couro.

"É um esganiçador," explicou o pequeno polícia. "Ele usava-o para as

vozes. Dizia que as nossas não tinham piada suficiente."

"É assim que se faz!" disse a que se chamava Judy.

"Estava enfiado na garganta," disse Cenoura. "Sugiro que fujam. O mais que puderem."

"Podíamos fundar uma companhia," propôs o gnomo líder.

"Sabe ... drama experimental, teatro de rua, esse tipo de coisa. Não andar à paulada uns com os outros..."

"Faziam isso para *crianças*?" perguntou Cenoura.

"Ele dizia que era um novo gênero de entretenimento. Afirmou que a moda ia pegar."

Cenoura pôs-se de pé, e atirou o esganiçador para o lixo.

"As pessoas nunca o aceitarão," disse. "Não é a maneira de o fazer."

"Teatro da Crueldade" foi escrito originalmente para a revista "Bookcase" de W. H. Smith. A versão expandida reproduzida acima foi mais tarde publicada no livro de programa para a convenção OryCon 15.

Esta versão on-line do conto encontra-se disponível na Net devido à boa vontade do autor, que reserva todos os seus direitos de reprodução e outros. Nas suas palavras: "Não o quero ver distribuído em papel em lado nenhum, mas não me importa que as pessoas o descarreguem para a sua própria diversão."

O PALADINO GRISALHO – Nathaniel Hawthorne



Houve outrora um tempo em que a Nova Inglaterra gemia sob uma opressão realenga de injustiças ainda mais pesadas que a ameaça das que ensejaram a Revolução. Jaime II, o fanático sucessor de Carlos, o Voluptuoso, anulara as cartas constitucionais de todas as colônias, e enviara um rude soldado sem princípios para roubar as nossas liberdades e pôr em perigo a nossa religião. À administração de Sir Edmund Andros quase não faltava uma só característica da tirania: governador e Conselho nomeados pelo rei, inteiramente independentes do país; leis decretadas e impostos elevados sem o concurso do povo interessado ou de seus representantes; os direitos dos cidadãos particulares eram violados e os títulos das propriedades com base na terra, declarados nulos; havia queixas abafadas mercê de restrições à imprensa; e, finalmente, a dissidência intimidada pelo primeiro bando de tropas mercenárias que nunca, até aquela data, havia marchado em nosso livre chão. Por dois anos os nossos ascendentes foram mantidos numa taciturna submissão, graças àquele amor filial que invariavelmente era o penhor da sua lealdade à pátria de origem, fosse esta governada por um parlamento, um protetor ou um monarca papista. No entanto, até aquela época infeliz, uma tal lealdade fora apenas nominal, pois os colonos governavam-se a si próprios, gozando de uma liberdade ainda maior do que aquela que é o privilégio dos súditos nativos da Grã-Bretanha.

Finalmente correu um boato em nossas praias: o Príncipe de Orange arriscara-se a uma empresa, cujo sucesso seria o triunfo dos direitos civis e religiosos e a salvação da Nova Inglaterra. O boato era suspeito: podia ser falso, ou a tentativa podia falhar; em qualquer caso, o homem que se rebelasse contra o rei Jaime perderia a cabeça. Todavia o boato produziu notável efeito. Pessoas sorriam misteriosamente nas ruas, lançando olhares atrevidos a seus opressores; enquanto por toda parte se espalhava uma agitação contida e silenciosa, como se ao menor sinal toda a terra se levantasse do seu letárgico desânimo. Côncios do perigo, os governantes resolveram evitá-lo mediante a exibição de uma imponente demonstração de força, e talvez confirmar o seu despotismo com

medidas ainda mais ásperas. Certa tarde de abril de 1689, Sir Edmund Andros e seus conselheiros favoritos, depois que o vinho lhes havia subido à cabeça, reuniram os fardas-vermelhas da guarda do governador e fizeram sua aparição nas ruas de Boston. O sol se punha quando a marcha começou.

O rolar do tambor naquela crise inquietante parecia varar as ruas, não tanto como a música marcial da soldadesca, mas como um chamado de reunir aos próprios cidadãos. O povo, provindo de várias avenidas, aglomerou-se na King Street, destinada a ser o cenário, quase um século depois, de outro encontro entre as tropas da Grã-Bretanha e um povo que lutava contra a sua tirania. Embora se tivessem escoado mais de sessenta anos após a chegada dos peregrinos, a multidão de seus descendentes ainda revelava as fortes e sombrias feições de seus ancestrais, talvez ainda mais impressionantes nessa grave emergência do que em ocasiões mais felizes. Via-se ali o austero garbo, a geral severidade de fisionomia, a sombria mas intemorata expressão, as formas bíblicas do discurso e a confiança na benção do céu sobre uma causa justa, que marcaram o bando de puritanos originais, quando algum perito os ameaçava na região inculta. Com efeito, ainda não era tempo de extinguir-se o espírito primitivo; de vez que naquele dia havia homens na rua que homens na rua que celebraram o seu culto sob as árvores, antes de se erigir uma casa ao Deus por cuja causa se tornaram exilados.

Também ali se achavam velhos soldados do Parlamento, sorrindo sombriamente à idéia de que seus velhos braços ainda podiam golpear uma segunda vez a Casa de Stuart. Estavam também os veteranos da guerra do rei Filipe, que tinham queimado aldeias e matado jovens e velhos com uma piedosa ferocidade, enquanto as santas almas do país os ajudavam com orações. Muitos eram os ministros espalhados pela multidão, a qual, ao contrário de outras multidões, olhava-os com uma tal reverência, que era como se de sua própria vestimenta a santidade se exalasse. Esses santos exerciam a sua influência para acalmar o povo, não para dispersá-lo. Entrementes, o propósito do governador, perturbando a paz da cidade em um período em que a mais insignificante tropelia poderia lançar o país em convulsão, era quase o assunto universal de indagação, de várias formas explicado.

– Satã dará agora o seu golpe de mestre – exclamavam alguns – , pois ele sabe que seu tempo é curto. Todos os nossos santos pastores vão ser arrastados para a prisão! Vê-los-emos num fogo de Smithefield, King Street!

Ao que o povo de cada paróquia se aglomerava em torno de seu ministro, o qual voltava calmamente o olhar para cima e assumia uma dignidade mais apostólica, assim como convinha a um candidato à mais alta honra da sua profissão: a coroa do martírio. Realmente se fantasiava naquela época, que a Nova Inglaterra bem podia ter o seu próprio John Rogers para substituir aquele grande homem no livro de orações.

– O papa de Roma ordenou uma nova São Bartolomeu! – outros exclamavam. – Vamos ser massacrados... homens, mulheres e crianças!

Esse boato não foi de todo desmentido, conquanto a classe mais esclarecida acreditasse que o objetivo do governo fosse menos atroz. Sabia-se que o seu predecessor, quando ainda vigorava a Carta dos Direitos, um tal Bradstreet, venerando companheiro dos primeiros povoadores, estava presente na cidade. Havia motivo para conjecturar que Sir Edmund Andros pretendia de imediato aterrorizar, mercê de um desfile de força militar, e confundir a facção adversária, apossando-se ele próprio de seu chefe.

Ficai firmes ao lado do governador da velha Carta! – gritava a multidão, apossando-se da idéia. – O velho e bom governador Bradstreet!

Quando esse grito atingiu o auge, o povo viu-se surpreendido com a presença do próprio governador Bradstreet, um patriarca de quase noventa anos, que surgiu nos altos degraus de uma porta e, com uma brandura característica, concitou-os a submeter-se às autoridades constituídas.

– Meus filhos – concluiu o venerando velho – não façais coisa alguma atropeladamente. Não griteis, mas rezai pela prosperidade da Nova Inglaterra, e esperai pacientemente o que o Senhor fará quanto a isso.

O evento em breve se decidiria. Todo esse tempo o rolar do tambor vinha se aproximando através do Cornhill, cada vez mais alto e mais profundo, até que, ecoando de casa em casa, e acompanhado do tropel marcial da soldadesca, irrompeu na rua. Uma dupla fila de soldados apareceu nessa ocasião, ocupando a passagem em toda a sua largura, com arcabuzes de mecha sobre o ombro e morrões acesos – verdadeiro renque de fogos ardendo no crepúsculo. A firmeza de sua marcha lembrava a marcha de uma máquina, que irresistivelmente tudo esmagaria em seu caminho. Em seguida, movimentando-se lentamente com um chocalhar de cascos no calçamento, vinha um

grupo de cavaleiros montados, sendo sua figura central o próprio Sir Edmund Andros, velho mas ereto e de aspecto militar. Os que o cercavam eram os seus conselheiros favoritos, e os mais ferrenhos inimigos da Nova Inglaterra. À sua direita cavalgava Edward Randolph, nosso arquiinimigo, aquele "maldito excomungado", como lhe chamava Cotton Mather, que levou a cabo a queda do nosso antigo governador, seguida por uma maldição que o acompanhou por toda a vida e até o túmulo. De outro lado vinha Bullivant, espalhando pilhérias e zombarias enquanto avançava. Dudley vinha atrás, com um ar desanimado, temendo, como devia, o olhar indignado do povo, que nele via o seu único patrício de nascença bandeado para os opressores da terra natal. O capitão de uma fragata fundeada no porto e dois ou três oficiais civis sob a coroa também faziam parte da comitiva. Mas a figura que mais atraía o olhar público, e despertava o mais profundo sentimento, era o clérigo episcopal da Capela Real, em seus trajes sacerdotais, cavalgando altaneiro entre os magistrados, representante condigno da prelazia e da perseguição, união da Igreja e do Estado, e todas as demais abominações que tinham impellido os puritanos para aquela região inóspita. Fechava a retaguarda um grupo de soldados em fila dupla.

A cena toda era um retrato da condição da Nova Inglaterra, e o seu moral, a deformidade de qualquer governo que não provenha da natureza das coisas e da índole do povo. De um lado, a multidão religiosa, com seus rostos tristonhos e trajes escuros; do outro, o grupo de governantes despóticos, tendo no meio o clérigo da Igreja Alta, o crucifixo no peito, todos magnificamente vestidos, congestionados de vinho, orgulhosos da sua injusta autoridade, escarnecendo do gemido universal. E os soldados mercenários, só esperando a ordem para inundar de sangue as ruas, mostravam o único meio pelo qual se podia garantir a obediência.

– Ó Deus dos Exércitos! – exclamou uma voz entre a multidão – suscita um paladino para o teu povo!

A exclamação foi proferida em voz alta e serviu como o grito de um arauto para apresentar uma notável personagem. A multidão recuara e agora se aglomerava, maciça, quase no fim da rua, enquanto os soldados ainda não tinham avançado mais que um terço do seu comprimento. O espaço intermediário estava vazio – verdadeiro deserto de chão calçado entre altos edifícios que lançavam quase um crepúsculo de sombra sobre ele. Repentinamente, viu-se a figura de um ancião, que se diria ter surgido dentre o povo, caminhar sozinho pelo meio da rua a fim de defrontar-se com o bando armado. Vestia ele o antigo traje puritano, capa negra e chapéu de copa pontuda, que

se usara cinquenta anos antes, e levava uma pesada espada dependurada no flanco, além de um cajado na mão para assistir-lhe o passo vacilante da velhice.

A alguma distância da multidão o velho fez uma volta vagarosa exibindo um rosto de antiga majestade, tornado duplamente venerando pela comprida barba que lhe descia sobre o peito. Fez um gesto a um tempo de encorajamento e advertência, depois tornou a virar-se e retomou o caminho.

– Quem é esse patriarca encanecido? – perguntaram os jovens a seus pais.

– Quem é esse venerando irmão? – perguntaram entre si os anciãos.

Mas ninguém soube responder. Os pais do povo, aqueles que tinham quatro vintenas de anos ou mais, ficaram perturbados, achando estranho terem eles próprios esquecido alguém dotado de uma autoridade tão evidente, alguém que deviam ter conhecido anos atrás, sem dúvida um sócio de Winthrop e de todos os antigos conselheiros que decretaram leis, fizeram orações e os conduziram contra o selvagem. Os anciãos deviam ter lembrança dele, com suas madeixas tão grisalhas naquele tempo, exatamente como as deles eram agora. E os jovens! Como podiam tê-lo esquecido tão completamente – aquele idoso cavalheiro, relíquia de tempos idos, cuja bênção terrível fora, sem dúvida, concedida sobre suas infantis cabeças descobertas?

– De onde teria vindo? Qual a sua intenção? Quem poderá ser? – sussurrava a multidão, presa de espanto.

Entrementes, o venerando estranho, com o cajado na mão, prosseguia em sua caminhada solitária pelo meio da rua. Ao se aproximar dos soldados em marcha, e enquanto o rolar do tambor lhe entrava em cheio nos ouvidos, o velho ergueu-se numa atitude mais ereta, enquanto a decrepitude pareceu tombar-lhe dos ombros, deixando-lhe um velhice indisfarçável, porém cheia de dignidade. Agora, marchava para a frente com um passo de guerreiro, mantendo o compasso da música militar. Assim avançou o ancião de um lado, e os soldados e os magistrados do outro, até que, não restando mais que umas vinte jardas entre eles, o ancião agarrou seu cajado pelo meio, e ergueu-o à sua frente como o bastão de comando de um líder.

– Alto! – exclamou ele.

Os Olhos, o rosto e a atitude de comando; a solene mas beligerante vibração daquela voz, apta a dirigir uma hoste na batalha ou a

erguer-se em oração a Deus, era irresistível. À palavra do ancião, que estendera o braço, o rolar do tambo imediatamente se calou e a linha em avanço estacou. Um trêmulo entusiasmo empolgou a multidão. Aquele vulto majestoso, que combinava o líder e o santo, mas de tal modo encanecido e quase invisível em roupa tão antiga, só podia pertencer a algum velho paladino da causa justa, que o tambor do tirano tivesse invocado do túmulo. Elevou-se da multidão um grito de pavor de exultação, na expectativa da libertação da Nova Inglaterra.

O governador e os cavalheiros do seu grupo, percebendo que tinham sido levados a uma posição inesperada, avançaram depressa, como se impelisses seus cavalos resfolegantes e assustados para cima da velha aparição. Esta, porém, não recuou um só passo, mas passando o olhar severo pelo grupo, que quase o cercava totalmente, finalmente o fixou severamente em Sir Edmund Andros. Alguém poderia pensar que o ancião de preto era ali o próprio governador, e que o governador e seu Conselho, com soldados a respaldá-los, representantes que eram de todo o poder e a autoridade da coroa, não tinham outra alternativa senão obedecer-lhe.

– Que faz aqui este velho? – gritou Edward Randolph num tom de ferocidade. – Avante, Sir Edmund! Que os soldados avancem e dêem a esse velho caduco a mesma opção que damos a todos os seus compatriotas: sair do caminho ou ser pisado!

– Não, não, mostremos nosso respeito ao bom ancião – disse Bullivant, abrindo uma risada. – Não vê que ele é um dos dignatários dos cabeças-redondas que dormiu estes últimos trinta anos e nada sabe da mudança dos tempos? Pensa sem dúvida que nos poderá derrotar mediante uma proclamação em nome do Velho Noll!

– Está louco, velho? – perguntou Sir Edmund Andros num tom áspero e estridente. – Como se atreve a interromper a marcha do governador do rei Jaime?

– Já interrompi a marcha do próprio rei – respondeu o grisalho vulto com austera compostura. – Aqui estou, senhor governador, porque o clamor de um povo oprimido me perturbou no meu esconderijo; e implorando sofregamente esse favor ao Senhor, foi-me concedido tornar a aparecer na Terra pela boa causa de seus santos. E que dizeis de Jaime? Já não há um tirano papista sobre o trono da Inglaterra, e amanhã ao meio-dia o seu nome será uma senha nesta mesma rua onde fizestes dele uma palavra de terror. Para trás, vós, que fostes governador: para trás! Com esta noite se acaba o vosso poder – e, amanhã, a prisão! Para trás, antes que eu vos vaticine o cadafalso!

O povo ia-se aproximando cada vez mais, e bebia as palavras do seu paladino, que falava em acentos agora desusados, como alguém desabituaado de conversar exceto com pessoas há muito tempo mortas. Mas a sua voz comovia-lhes a alma. E o povo enfrentou a soldadesca, não inteiramente desarmado, pronto a converter as pedras da rua em armas mortíferas. Sir Edmund Andros fitou o ancião; depois lançou o seu duro e cruel olhar sobre a multidão, e viu-a ardendo naquela ira lúrida, tão difícil de atear ou de apagar; em seguida tornou a fixar o olhar no vulto envelhecido, que, obscuro, se erguia no espaço aberto onde nem amigo nem inimigo ainda se precipitara. Quaisquer que fossem os seus pensamentos, nenhuma palavra pronunciou que os relevasse. Ou fosse porque o opressor ficasse temeroso diante do olhar do Paladino Grisalho, ou porque percebesse o perigo na atitude ameaçadora do povo, o certo é que recuou e ordenou a seus soldados que dessem início a uma lenta e cautelosa retirada. Antes do novo pôr-do-sol, o governador e todos os que tão orgulhosamente cavalgavam a seu lado foram feitos prisioneiros, e muito antes que o rei Jaime abdicasse, o nome do rei Guilherme foi proclamado por toda a Nova Inglaterra.

Mas onde estava o Paladino Grisalho? Disseram alguns que, ao se retirarem as tropas da King Street e ao se reunir o povo tumultuosamente em sua retaguarda, Bradstreet, o velho governador, foi visto abraçando um vulto ainda mais velho do que ele. Outros discretamente afirmavam que, enquanto se maravilhavam diante da veneranda grandeza do seu aspecto, o velho desaparecera de vista, confundindo-se lentamente com os matizes do crepúsculo, até deixar um lugar vazio no ponto onde estivera. Todos, porém, concordavam em que o vulto encanecido derreteria-se. Os homens daquela geração ficaram, dia e noite, esperando pelo seu retorno, porém nunca mais o viram, nem souberam quando se deu o seu enterro, nem onde o seu túmulo ficava.

E quem era o Paladino Grisalho? Talvez o seu nome pudesse ser encontrado nos registros daquele austero tribunal de justiça que passou uma sentença demasiado forte para a época, mas gloriosa por todos os tempos, pela humilhação infligida a um monarca e o alto exemplo dado ao súdito. Ouvi dizer que, quando quer que os puritanos precisem mostrar o espírito de seus ancestrais, o ancião torna a aparecer. Após oitenta anos, ele tornou a palmilhar a King Street. Cinco anos depois, na penumbra de uma madrugada de abril, surgiu no relvado, diante da casa de oração, em Lexington, onde agora o obelisco de granito, com uma ardósia incrustada, comemora os que primeiro tombaram pela Revolução. E quando nossos pais lutavam nos parapeitos de Bunker Hill, a noite toda o velho guerreiro

ali fez a sua ronda. Que muito tempo se escoe, antes que ele torne a voltar! A sua hora é uma hora de treva, adversidade e perigo. Mas se a tirania doméstica oprimir-nos, ou o pé do invasor poluir nosso solo, possa ainda o Paladino Grisalho aparecer, pois ele encarna o espírito hereditário da Nova Inglaterra; e sua marcha sombria, na véspera do perigo, será o voto perpétuo de que os filhos da Nova Inglaterra saberão vingar os seus ancestrais.

O ESPECIALISTA – Robert Sheckley



A tempestade de fótons despencou sem um aviso, precipitando-se sobre a Espaçonave, vinha de trás de um aglomerado de estrelas vermelhas gigantescas. Olho mal teve tempo para enviar um aviso de última hora através de Falante antes que a tempestade os atingisse.

Era a terceira viagem de Falante no espaço profundo e sua primeira tempestade de pressão de luz. Sentiu um calafrio quando a Nave desviou-se violentamente, recebeu todo o impacto da onda frontal virou de cabeça para baixo. Depois o medo desapareceu, sendo substituído por uma forte pulsação de excitação.

"Por que teria medo", perguntou a si mesmo... "não fora treinado justamente para uma emergência desta ordem?"

Estava conversando com Alimentador quando a tempestade desabou e a conversa foi interrompida bruscamente. Esperava que Alimentador estivesse bem. Era a primeira viagem no espaço profundo do jovem.

Os filamentos que constituíam a maior parte do corpo de Falante estendiam-se por toda a Nave. Rapidamente ele os recolheu todos, com exceção dos que o ligavam a Olho, Motor e Paredes. Agora o trabalho era exclusivamente deles. O restante da Tripulação deveria contar consigo mesmo até que a tempestade passasse.

Olho achatara seu corpo em forma de disco contra uma Parede e tinha um órgão de visão do lado de fora da Nave. Para maior concentração, o restante dos seus órgãos visuais tinha sido retraído, reunido a seu corpo.

Através do órgão visual de Olho, Falante observava a tempestade. Traduzia a imagem puramente visual de Olho na direção de Motor, que dirigia a Nave ao encontro das ondas. Quase ao mesmo tempo, Falante traduzia a direção em velocidade para as Paredes que se enrijeciam para resistir aos choques.

A coordenação era rápida e segura: Olho medindo as ondas, Falante transmitindo as mensagens para Motor e Paredes, Motor dirigindo a

Nave de frente ao encontro das ondas, e as Paredes se enrijecendo para enfrentar os choques.

Falante esqueceu todo o medo que podia sentir tal a rapidez de operação da equipe. Não tinha tempo para pensar. Enquanto fosse o sistema de comunicação da Nave, deveria traduzir e expedir suas mensagens com a máxima rapidez, coordenando as informações e dirigindo a ação.

Em questão de minutos a tempestade cessou.

– Bem – disse Falante – vamos ver se houve alguns danos! – Seus filamentos haviam se embaraçado durante a tempestade; ele os desembaraçou e os estendeu ao longo da Nave, ligando os outros em circuito. – Motor?

– Estou bem – respondeu Motor. O fantástico camarada umedecera suas placas durante a tempestade, diminuindo assim as explosões atômicas no seu estômago. Nenhuma tempestade apanharia de surpresa um astronauta experiente como Motor.

– Paredes.

As Paredes responderam uma por uma, o que levou bastante tempo. Eram quase mil criaturas magras e retangulares, constituindo toda a superfície da Nave. Naturalmente haviam reforçado sua periferia durante a tempestade, dando resistência à Nave inteira. Uma ou duas, contudo, apresentavam alguns danos severos.

Doutor comunicou que estava perfeitamente bem. Removeu o filamento de Falante da sua cabeça, desligando-se do circuito, e foi atender às Paredes empipocadas. Feito quase todo de mãos, Doutor agarrara-se a um Acumulador durante a tempestade.

– Vamos voar um pouco mais depressa agora! – disse Falante, lembrando que havia ainda o problema de determinar onde se encontravam. Abriu o circuito dos quatro Acumuladores. – Como estão vocês? – perguntou.

Não houve resposta. Os Acumuladores dormiam. Havia mantido seus receptores abertos durante a tempestade e estavam empanturrados de energia. Falante deu um puxão nos filamentos que os rodeavam, mas os Acumuladores não responderam. – Deixe-me experimentar! – pediu Alimentador. Alimentador passara por um mau bocado antes de plantar seus cilindros de sucção nas Paredes, mas sua "forma" estava intacta. Era o único elemento da tripulação que nunca

necessitava dos cuidados do Doutor; seu corpo era capaz de se reparar a si mesmo.

Correu pelo chão sobre uma dúzia de tentáculos e deu um ponta-pé no Acumulador mais próximo. A grande unidade cônica de energia abriu um Olho, depois tornou a fechá-lo. Alimentador golpeou-o novamente, sem receber resposta. Rodou por fim a válvula de segurança do Acumulador e retirou o excesso de carga.

– Pare com isso! – disse o Acumulador.

– Então acorde e responda! – disse Falante.

Os Acumuladores disseram, obviamente, que estavam todos bem, como qualquer idiota podia perceber. Tinham-se agarrado ao piso durante a tempestade.

O restante da inspeção prosseguiu rapidamente. Pensador estava bem e Olho estava deslumbrado com a beleza da tempestade. Ocorrera apenas uma morte.

Impulso estava morto. Sendo bípede, não possuía a estabilidade do restante da Tripulação. A tempestade o surpreendera no meio de um corredor, atirara-o contra uma Parede rígida e partira vários ossos importantes do seu corpo. Estava além das possibilidades clínicas do Doutor.

Todos se mantiveram em silêncio durante algum tempo. Era sempre um acontecimento sério quando um membro da Nave morria. A Nave era uma unidade cooperativa, composta unicamente da Tripulação. A perda de qualquer um dos seus membros era um golpe dirigido aos demais.

Agora, sobretudo, era algo especialmente grave. Vinham de desembarcar um carregamento num porto situado a vários milhares de anos-luz do Centro Galáctico. Não havia maneira de saber onde estavam.

Olho arrastou-se até uma Parede e estendeu um órgão visual para fora. As Paredes deixaram-no passar, depois fecharam-se em torno dele. O órgão de Olho avançou no espaço, bem distante da Nave, de modo que pudesse avistar a esfera inteira das estrelas. A visão voltou para Falante que a comunicou a Pensador.

Pensador estava num canto da sala; era uma grande massa informe de protoplasma. No seu interior estavam tôdas as memórias de seus

antepassados astronautas. Pensador examinou a visão, comparou-a rapidamente com outras memorizadas nas suas células e disse: "Não existem planetas galácticos por perto."

Falante imediatamente traduziu a informação para os demais. Era isso que temiam.

Olho, com auxílio de Pensador, calculou que estavam há vários milhares de anos-luz de sua trajetória, na periferia galáctica.

Todos os membros da Tripulação sabiam o que isso significava. Sem um Impulso que acelerasse a Nave para um múltiplo da velocidade da luz, jamais retornariam ao ponto de partida. A viagem de volta, sem um Impulso, levaria mais tempo do que permitiam suas vidas.

– O que você sugere? – perguntou Falante a Pensador.

Era uma pergunta demasiado vaga para a mente liberal de Pensador. Pediu por isso que a pergunta fosse refeita.

– Qual seria nossa melhor linha de ação – perguntou Falante – para voltarmos para um planeta galáctico?

Pensador precisou de vários minutos para percorrer todas as possibilidades memorizadas em suas células. Nesse interim, Doutor havia reparado as Paredes e pedia alguma coisa para comer.

– Daqui a pouco todos nós vamos comer, – anunciou Falante, balançando seus filamentos com nervosismo.

Embora fosse o segundo membro mais moço da Tripulação – somente Alimentador era mais jovem – a responsabilidade caía quase toda sobre ele. Tratava-se ainda de uma situação de emergência; deveria coordenar as informações e dirigir a ação.

Uma das Paredes sugeriu que bebessem e se divertissem. Esta solução irrealista foi vetada imediatamente. Era uma atitude típica das Paredes, no entanto. Eram trabalhadores excelentes e bons companheiros de viagem, mas quanto ao resto criaturas folgazãs. Quando voltassem para seus planetas de origem, gastariam provavelmente todo o ordenado numa farra.

– A perda do Impulso impede a Nave de manter velocidades superiores à da luz – começou Pensador sem preâmbulos. – O planeta galáctico mais próximo está a quatrocentos e cinco anos-luz.

Falante traduziu a informação instantaneamente por seu corpo formado de ondas.

– Duas ações são possíveis. Primeira, a Nave pode dirigir-se para o planeta galáctico mais próximo mediante a força atômica do Motor. Isso levará aproximadamente duzentos anos. Motor poderá ainda estar vivo nessa altura, embora nenhum dos outros estarão.

Segunda, localizar um planeta primitivo nesta região, onde existam Impulsos latentes. Encontrar um deles e treiná-lo. E fazê-lo depois impulsionar a Nave de volta para território galáctico.

Pensador mantinha-se em silêncio, após ter fornecido todas as possibilidades que pudera encontrar na memória dos seus antepassados.

Os tripulantes votaram rapidamente e adotaram a segunda alternativa. Não havia outra escolha, aliás. Era a única possibilidade que lhes dava alguma esperança de regressar a seus lares.

– Certo então – disse Falante. – Vamos comer! Penso que todos nós merecemos isso.

O corpo do Impulso morto foi enfiado na boca do Motor, que o consumiu imediatamente, transformando os átomos em energia. Motor era o único membro da Tripulação que se alimentava de energia atômica.

Quanto aos outros, Alimentador avançou e se empanturrou com o Acumulador mais próximo. Depois transformou o alimento numa substância adequada a cada um dos outros. Sua química do corpo transformou, alterou e adaptou, produzindo alimentos diferentes para toda a Tripulação.

Olho vivia exclusivamente de uma cadeia complexa de clorofila. Alimentador reproduziu essa substância para ele, depois forneceu a Falante seus hidrocarbonatos, e às Paredes seus compostos de cloro. Para o Doutor sintetizou uma cópia idêntica de um fruto silicato que nascia no planeta nativo do Doutor.

Finalmente a refeição terminou e a Nave voltou ao normal. Os Acumuladores foram postos a um canto, dormindo serenamente de novo. Olho procurava avistar o mais longe possível, adaptando seu órgão visual a uma poderosa recepção telescópica. Mesmo durante

esta emergência, Olho não resistiu à tentação de escrever alguns versos. Anunciou que estava trabalhando num nôvo poema narrativo, intitulado *Brilho Periférico*. Ninguém desejava ouvi-lo, porém, de sorte que Olho comunicou-o a Pensador, que memorizava tudo, bom ou mau, certo ou errado.

Motor não dormia nunca. Estando bem alimentado com Impulso, acelerou a Nave várias vezes à velocidade da luz.

As Paredes discutiam entre si quem ficara mais bêbado durante as últimas férias.

Falante resolveu pôr-se à vontade. Soltou seu controle das Paredes e balançou-se no ar, seu pequeno corpo redondo suspenso por uma rede intrincada de filamentos.

Pensou um instante no Impulso. Estranho. Impulso fora amigo de todos e estava agora esquecido. E não era por indiferença; era porque a Nave formava uma Unidade. A perda dos membros era sentida, sem dúvida, mas a coisa mais importante para a unidade era prosseguir viagem.

A Nave corria por entre sóis da periferia.

Pensador lançou uma espiral de sondagem, calculando que a probabilidade de encontrarem um planeta de Impulsos era de quatro para um. Uma semana mais tarde encontram um planeta de Paredes primitivas. Perdendo altitude, podiam avistar os seres retangulares e resistentes aquecendo-se ao sol, arrastando-se sôbre rochas, adelgaçando-se a si mesmas para flutuar na brisa.

Todas as Paredes da Nave suspiraram de saudade. Sentiam-se em casa.

Essas Paredes do planeta primitivo não haviam entrado em contato com uma equipe galáctica e não tinham consciência do seu grande destino: entrar para a grande Cooperação Galáctica.

Havia uma grande quantidade de mundos mortos na espiral, e mundos demasiado jovens para possuir vida. Encontraram um planeta de Falantes. Os Falantes haviam estendido suas linhas de comunicação por uma extensão de meio continente.

Falante observou-os ansioso, através de Olho. Uma onda de autocompaixão assaltou-o. Lembrou-se de casa, da família, dos amigos. Lembrou-se da árvore que iria comprar quando voltasse.

Durante um momento, Falante ficou em dúvida do que estava fazendo ali, parte de uma Nave num ponto distante da Galáxia.

Procurou libertar-se da emoção. Acabariam encontrando um planeta de Impulsos, se procurassem com afinco.

Pelo menos assim esperava.

Passaram por uma longa extensão de mundos áridos enquanto a Nave viajava pela periferia inexplorada. Depois encontraram um planeta repleto de Motores primitivos, nadando num oceano radioativo.

– Este é um território rico – afirmou Alimentador para Falante. – O Centro Galáctico deveria enviar uma missão de contato aqui.

– Provavelmente fará isso depois que voltarmos – disse Falante.

Eram bons amigos, acima e além da amizade comum da Tripulação. Não era apenas porque os dois eram os membros mais jovens da Tripulação, embora isso também explicasse em parte a amizade. Ambos possuíam as mesmas funções, o que favorecia uma certa relação mútua. Falante traduzia línguas; Alimentador transformava os alimentos. Fora isso, os dois se pareciam. Falante era um núcleo central com filamentos que se irradiavam; Alimentador era um núcleo central com tentáculos que se irradiavam.

Falante pensou que Alimentador era o segundo indivíduo mais consciente da Nave. Nunca pudera compreender como eram os mecanismos conscientes dos outros.

Mais sóis, mais planetas! Motor começou a superaquecer. Geralmente, ele era usado apenas para o lançamento e para o pouso, fora algumas manobras complicadas num grupo planetário. Agora estivera funcionando durante semanas, tanto acima quanto abaixo da velocidade da luz. O esforço começava a transparecer.

Alimentador, com auxílio do Doutor, improvisou um sistema de resfriamento para Motor. Era grosseiro, mas funcionava. Alimentador recombinau os átomos de nitrogênio, oxigênio e hidrogênio e para resfriarem o sistema. Doutor diagnosticou um longo repouso para Motor. Disse que o bravo camarada não poderia suportar aquele esforço mais uma semana.

A busca prosseguiu, com a boa disposição da Tripulação diminuindo gradativamente. Todos perceberam que os Impulsos eram raros na Galáxia, comparados com as férteis Paredes e Motores.

As Paredes começavam a apresentar buracos redondos em sua periferia provocados pela poeira interestelar. Queixavam-se de que necessitariam de um completo tratamento de beleza quando regressassem às suas casas. Falante tranquilizou-as dizendo que a companhia arcaria com as despesas.

Até mesmo Olho sofria de inflamação de tanto olhar para o espaço.

Descobriram um outro planeta. Suas características foram enviadas a Pensador, que meditou sobre elas.

Mais perto e poderiam perceber as formas.

Impulsos! Impulsos primitivos!

Tornaram a ganhar altitude para fazer os planos. Alimentador apresentou vinte e três espécies diferentes de produtos inebriantes para celebrarem a descoberta.

Durante três dias a Nave esteve inapta para funcionar.

– Todos prontos agora? – perguntou Falante, meio tonto ainda.

Curtia uma ressaca que ardia pelas suas extremidades nervosas. Que pileque ferrara! Tinha a vaga lembrança de haver abraçado Motor e de tê-lo convidado para dividir consigo sua árvore quando estivessem de volta.

Agora tremia diante dessa ideia.

O restante da Tripulação também estava bastante grogue. As Paredes deixavam o ar sair; estavam tontas demais para selar convenientemente sua superfície. O Doutor perdera os sentidos.

O pior de todos porém era Alimentador. Uma vez que seu sistema podia se adaptar a qualquer tipo de combustível com exceção do atômico, estivera provando tudo que produzia, como iodo não-balanceado, oxigênio puro ou éter supercarregado. Sentia-se realmente muito mal. Seus tentáculos, geralmente um líquido transparente, estavam manchados com riscos laranja. Seu sistema funcionava furiosamente, purgando-se de tudo, e Alimentador sofria com isso.

Os únicos sóbrios eram Pensador e Motor. Pensador não bebia, o que era algo bastante inusitado entre os astronautas, embora fosse típico dos Pensadores, e Motor não podia beber.

Todos ouviam agora os dados extraordinários comunicados por Pensador. A partir da visão de Olho da superfície do planeta, Pensador concluíra da existência de construções metálicas. Apresentou a sugestão alarmante que os Impulsos primitivos haviam construído uma civilização mecânica.

– Isso é impossível – disseram três Paredes com a máxima convicção, e a maior parte da Tripulação estava inclinada a concordar com elas. Todo o metal que conheciam havia sido enterrado ou empilhado em montes enferrujados sem valor algum.

– Você quer dizer que eles constroem coisas de metal? perguntou Falante. – De um simples metal morto? O que podem fazer disso?

– Não podem fazer nada – disse Alimentador com conhecimento de causa. O metal deteriora-se constantemente. Isto é, o metal não sabe quando está enfraquecendo.

De qualquer forma, a informação parecia verdadeira. Olho ampliou sua visão e todos podiam ver que os Impulsos haviam construído enormes abrigos, veículos e outros artigos de uma matéria inanimada.

A razão para isto não estava evidente, mas não era mesmo assim um bom sinal. Contudo, a parte realmente dura da busca terminara. O planeta dos Impulsos fôra encontrado. Agora restava apenas o trabalho relativamente fácil de convencer um Impulso nativo.

Isso não seria muito difícil. Falante sabia que a cooperação era a palavra-chave na Galáxia, mesmo entre os povos primitivos.

A Tripulação decidiu que não convinha aterrar numa região povoada. Naturalmente, não havia razão para se temer uma recepção hostil, mas era trabalho da Equipe de Contato entrar em entendimento com os habitantes na condição de raça. Tudo que desejavam agora era um indivíduo isolado.

Em vista disso, escolheram uma região escassamente povoada e aproximaram-se dela enquanto aquele lado do planeta estava escuro.

Quase imediatamente conseguiram localizar um Impulso solitário.

Olho adaptou sua vista para enxergar no escuro e acompanharam atentamente os movimentos do Impulso. Este deitou-se, passado um momento, junto a uma pequena logeira. Pensador informou aos demais que este era um hábito conhecido entre os Impulsos quando desejavam descansar.

Pouco antes do amanhecer, as Paredes abriram-se e Alimentador, Falante e o Doutor desembarcaram.

Alimentador adiantou-se e deu um tapa no ombro da criatura. Falante acompanhou-o com um cabo de comunicação.

O Impulso abriu seus órgãos da visão, piscou e fez um movimento com seu órgão de comer. Depois deu um salto e saiu correndo.

Os três membros da Tripulação ficaram admirados. O Impulso não esperara nem mesmo para saber o que os três desejavam!

Falante estendeu rapidamente um filamento e apanhou o Impulso, cinquenta pés adiante, por uma perna. O Impulso caiu no chão.

– Trate-o com delicadeza! – disse Alimentador. – Ele deve estar assustado com nossa aparência. – E sacudiu seus cabos ao pensar que um Impulso, uma das criaturas mais estranhas da Galáxia, com seus órgãos múltiplos, pudesse assustar-se com a aparência de alguém.

Alimentador e Doutor correram para o Impulso caído, apanharam-no e levaram-no para a Nave.

As Paredes fecharam-se de novo. Soltaram então o Impulso e se prepararam para conversar.

Tão logo viu-se livre, o Impulso saltou em pé e correu para o local que as Paredes haviam fechado. Bateu contra elas histericamente, seu órgão da alimentação abrindo e vibrando.

– Pare com isso! – disse a Parede. – Ela se estufou e o Impulso caiu no chão. Imediatamente ficou em pé e começou a correr.

– Segurem-no! – gritou Falante. – Ele pode se ferir.

Um dos Acumuladores acordou e rolou sobre o caminho do Impulso. Este caiu, levantou-se novamente e começou a correr.

Falante possuía filamentos também na frente da Nave e apanhou o Impulso que correra para lá. Este começou a despedaçar os filamentos, de sorte que Falante soltou-o rapidamente.

– Liguem-no ao sistema de comunicação! – gritou Alimentador. – Talvez possamos argumentar com ele.

Falante avançou um filamento em direção à cabeça do Impulso, emitindo um sinal universal de comunicação. O Impulso porém

continuou com seu comportamento estranho, pulando de um lado para o outro. Segurava um pedaço de metal na mão e o balançava freneticamente.

O que você pensa que ele vai fazer com isso? – perguntou Alimentador.

Impulso começou a atacar os lados da Nave, investindo contra uma das Paredes. A Parede enrijeceu instintivamente e o metal entortou.

– Deixem-no em paz – disse Falante. – Talvez ele se acalme.

Falante consultou Pensador, mas ninguém sabia o que fazer com Impulso. Ele não queria entrar em comunicação. Toda vez que Falante estendia um filamento, Impulso manifestava os sinais de um pânico extremo. Por enquanto, estavam num impasse.

Pensador vetou a ideia de encontrarem um outro Impulso no planêta. Considerava o comportamento deste Impulso como típico; não ganhariam nada abordando um outro. Fora isso, o planeta só deveria ser visitado oficialmente por uma Equipe de Contato.

Caso não conseguissem entrar em comunicação com este Impulso, jamais o conseguiriam com um outro Impulso do planeta.

– Penso que sei qual é o problema – disse Olho – subindo sobre um Acumulador. Esses Impulsos criaram uma civilização mecânica. Pensem um momento como isso foi possível. Eles desenvolveram o uso de seus dedos, como o Doutor, para trabalhar o metal. Utilizaram seus órgãos visuais, como eu. E provavelmente um número incontável de outros órgãos. – Olho fez uma pausa para acentuar o efeito de suas palavras. – Esses Impulsos se tornaram não-especializados.

Discutiram sobre o assunto durante horas. As Paredes insistiam que nenhuma criatura inteligente podia ser não-especializada. Era um fato desconhecido na Galáxia. Mas a evidência estava ali, diante deles – as cidades dos Impulsos, seus veículos... Este Impulso presente, ilustrando o caso dos demais, parecia capaz de uma multidão de coisas.

Pensador apresentou uma explicação parcial.

– Este não é um planeta primitivo. É relativamente velho e deveria pertencer à Cooperação há muitos milhares de anos. Uma vez que não pertence, podemos concluir que os Impulsos que o habitam foram

roubados de suas prerrogativas naturais. A capacidade deles, sua especialidade, era impulsionar, mas não havia nada no planeta para impulsionar. E por essa razão criaram uma cultura marginal.

"Exatamente o que é essa cultura, só podemos ter uma ideia vaga. Mas apoiados na evidência dos fatos, há razão para se acreditar que esses Impulsos não são cooperativos..."

Pensador tinha o costume de pronunciar as afirmações mais importantes da maneira mais tranquila possível.

– E bem possível – continuou Pensador inexoravelmente que esses Impulsos não queiram ter nada conosco. Nesse caso, as probabilidades são duzentas e oitenta e três contra uma de encontrar um outro planeta semelhante.

– Não podemos ter certeza de que ele não quer cooperar – disse Falante – antes de entrarmos em comunicação com ele. Falante achava inacreditável que uma criatura inteligente não desejasse cooperar espontaneamente.

– Mas como se comunicar? – perguntou Alimentador.

Decidiram pôr em execução uma nova tentativa. O Doutor aproximou-se lentamente do Impulso que fugiu dele. Nesse meio tempo, Falante estendeu um filamento por fora da Nave, deu a volta nela e entrou pelo lado posterior do Impulso.

O Impulso encostou-se contra uma Parede – e Falante introduziu o filamento pela cabeça do Impulso, até atingir o centro de comunicação no seu cérebro.

Impulso perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, Alimentador e o Doutor tiveram que segurar com força seus membros, caso contrário teria arrancado as linhas de comunicação. Falante exercitou sua habilidade aprendendo a língua do Impulso.

Não era difícil. Todas as línguas dos Impulsos eram da mesma família e este não fazia exceção à regra. Falante conseguiu aprender um número suficiente de pensamentos superficiais para estabelecer um sistema.

Tentou então se comunicar com o Impulso.

Este manteve-se em silêncio.

– Penso que ele está com fome – disse Alimentador.

Lembraram-se que já era o segundo dia que mantinham o Impulso a bordo da Nave. Alimentador produziu uma alimentação comum aos Impulsos e ofereceu-a.

– Meu Deus! Um bife! – exclamou o Impulso.

A Tripulação saudou alegremente pelos circuitos de comunicação ligados a Falante. O Impulso pronunciara suas primeiras palavras.

Falante examinou as palavras e pesquisou sua memória. Conhecia cerca de duzentas línguas dos Impulsos e muitas outras variações. Concluiu que este Impulso falava uma mistura de duas línguas.

Após ter-se alimentado, Impulso Olhou em sua volta. Falante apreendeu seu pensamento e transmitiu-o à Tripulação.

Impulso tinha uma maneira estranha de enxergar a Nave. Via-a como um pandemônio de cores. As Paredes ondulavam. Na sua frente estava algo que se parecia com uma aranha gigantesca, colorida de verde e de preto, com seu fio percorrendo a nave inteira e entrando pela cabeça de outras criaturas. Viu Olho como um animalzinho estranho e nu, algo entre um coelho tosquiado e uma gema de ovo – ou qualquer outra coisa no gênero.

Falante estava fascinado pela nova perspectiva que Impulso lhe fornecia. Nunca vira antes as coisas daquela maneira. Mas agora que o Impulso as revelava, não havia dúvida que Olho era uma criatura bastante engraçada.

Decidiram entrar em comunicação.

– Que diabo de coisas são vocês? – perguntou Impulso, bem mais calmo agora do que durante os dois dias anteriores. – Por que vocês me agarraram? Fiquei louco por acaso?

– Não – respondeu Falante – você não é um psicótico. Nós somos uma nave mercante galáctica. Fomos afastados de nossa rota por uma tempestade e nosso Impulso morreu.

– Bem, e o que tenho eu a ver com isso?

- Gostaríamos que você fizesse parte de nossa tripulação disse Falante
- para ser nosso novo Impulso.

Impulso refletiu longamente após terem-lhe explicado a situação. Falante podia perceber o sentimento de conflito no pensamento do Impulso. Não havia decidido ainda se deveria ou não aceitar aquilo como uma situação real. Finalmente o Impulso concluiu que não estava louco.

- Ouçam uma coisa, rapazes – disse ele – não sei quem são vocês nem como isso se explica. Mas tenho que sair daqui. Estou de licença e se não volto logo o Exército norte-americano vai se mostrar muito interessado em saber meu paradeiro.

Falante pediu a Impulso que lhe fornecesse algumas informações mais detalhadas sobre a palavra "exército", e passou-as a Pensador.

- Esses Impulsos travam combates pessoais – concluiu Pensador.

- Mas *por quê?* – perguntou Falante. – Ele admitia com tristeza que Pensador concluía acertadamente; o Impulso não manifestava sinais de que desejasse cooperar.

- Gostaria muito de ajudá-los – afirmou o Impulso – mas não sei de onde vocês tiraram a ideia que possa empurrar uma coisa desse tamanho. Seria preciso uma divisão inteira de tanques para mexer essa nave.

- Você aprova as guerras? – perguntou Falante, recebendo uma sugestão de Pensador.

- Ninguém gosta das guerras... pelo menos os que morrem nelas.

- Então por que vocês travam guerras?

Impulso fez um gesto com seu órgão da alimentação, que Olho observou e enviou para Pensador.

- É matar ou morrer. Vocês sabem o que a guerra significa, não sabem?

- Nós não temos guerras – disse Falante.

- Vocês têm sorte – comentou Impulso amargamente. Nós temos. Centenas delas.

- Claro – disse Falante. Ele tinha agora a explicação completa

transmitida por Pensador. – Você gostaria de pôr fim às guerras?

– Claro que sim.

– Então venha conosco! Seja nosso Impulso!

Impulso levantou-se e dirigiu-se a um Acumulador. Sentou-se em cima dele e cruzou seus membros superiores.

– Como é possível, santo Cristo, que eu possa acabar com as guerras?
– exclamou o Impulso. – Ainda mesmo que me dirigisse aos poderosos e lhes dissesse.

– Não é preciso isso – disse Falante. – Tudo que você tem a fazer é vir conosco. Impulsionar-nos para nossa base. A Galáxia enviará uma Equipe de Contato a seu planeta. Isso terminará com todas as guerras.

– Com todos os diabos – replicou Impulso. – Vocês estão presos aqui, hein? Ótimo! Só assim a Terra não será invadida por monstros.

Perplexo, Falante procurou entender o raciocínio do Impulso. Dissera algo errado? Seria possível que o Impulso não compreendesse?

– Pensei que você quisesse terminar com as guerras – disse Falante.

– Claro que quero. Mas não quero que ninguém nos faça parar. Não sou um traidor. Prefiro lutar.

– Ninguém vai fazer você parar. Você vai parar simplesmente porque não haverá mais necessidade de lutar.

– Vocês sabem por que lutamos?

– E' evidente.

– Ah, sim? Qual é sua explicação?

– Vocês, Impulsos, foram separados da corrente principal da Galáxia – explicou Falante. – Vocês possuem uma especialidade – a de impulsionar – mas não têm nada para impulsionar. Por causa disso, não possuem trabalhos verdadeiros. Vocês brincam com as coisas – metais, objetos inanimados – mas não encontram nisso uma satisfação real. Roubados de sua verdadeira vocação, vocês lutam por simples frustração.

"Uma vez que vocês encontrarem seus lugares na Cooperação Galáctica – e posso assegurar que se trata de um lugar importante – a

luta de vocês irá parar. Por que haveriam vocês de lutar, o que é uma atividade antinatural, quando poderiam impulsionar? Por outro lado, essa civilização mecânica também terminará, uma vez que não haverá mais necessidade dela.

O Impulso balançou a cabeça, o que pareceu a Falante um gesto de confusão.

– O que é afinal esse negócio de impulsionar? – perguntou ele.

Falante procurou explicar-lhe da maneira mais clara possível. Mas como essa tarefa estava fora de suas aptidões, só tinha uma vaga ideia do que fazia um Impulso.

– Você quer dizer que é isso que todo habitante da terra deveria fazer?

– Exatamente – disse Falante. – essa sua grande especialidade.

Impulso refletiu sobre o assunto vários minutos.

– Penso que vocês necessitam é de um físico ou de um mentalista ou coisa parecida. Eu não poderia jamais fazer esse serviço. Sou apenas um arquiteto jovem. E além disso... bem, é difícil explicar.

Falante porém já entendera a objeção do Impulso. Viu uma Impulso-fêmea nos seus pensamentos. Não, duas, três. E percebeu também um sentimento de solidão, de distância. O Impulso estava repleto de dúvidas. Tinha medo.

– Quando alcançarmos a galáxia – disse Falante, esperando que sua suposição fosse verdadeira – você encontrará outros Impulsos. Impulsos-fêmeas também. Todos os Impulsos se parecem, de sorte que você logo se tomara de amizade por eles. No que se refere à solidão na Nave – ela simplesmente não existe. Você ainda não compreendeu a ideia de Cooperação. Ninguém se sente sozinho na Cooperação.

Impulso pensava ainda na possibilidade de existirem lá outros semelhantes; Falante não podia entender por que isso o admirava tanto. A Galáxia estava repleta de Impulsos, Alimentadores, Falantes e muitas outras espécies, duplicadas ao infinito.

– Não acredito que alguém possa terminar com todas as guerras – disse Impulso. – Como posso saber se vocês não estão mentindo?

Falante sentiu como se houvesse sido atingido no ponto sensível.

Pensador tinha razão quando afirmava que os Impulsos não cooperariam. Seria esse o fim da carreira de Falante? Passariam ele e os outros membros da Tripulação o resto de suas vidas no espaço, devido à estupidéz de um punhado de Impulsos?

Ainda assim, Falante sentiu pena do Impulso. Deve ser terrível, pensou. A dúvida, a incerteza, nunca confiar em ninguém. Se esses Impulsos não encontrarem rapidamente seu lugar na Galáxia, vão acabar se exterminando uns aos outros. O lugar deles na Cooperação era há muito uma necessidade.

– Que posso fazer para convencê-lo? – disse Falante.

Em desespero, abriu todos os circuitos para o Impulso. Permitiu que este visse a grosseria bonachona do Motor, o humor displicente das Paredes; mostrou-lhe as tentativas poéticas de Olho e a simplicidade petulante do Alimentador. Abriu sua própria mente e mostrou ao Impulso o panorama do seu planeta de origem, de sua família, a árvore que planejava comprar quando voltasse para casa.

Esses quadros contavam a história de todos eles, de diferentes planetas, representando éticas diferentes, unidos por um laço comum – a Cooperação Galáctica.

O Impulso observou tudo em silêncio.

Após um momento, sacudiu a cabeça. O Pensamento que acompanhava o gesto era incerto, fraco... mas negativo.

Falante disse às Paredes para se abrirem. Elas se abriram e o Impulso Olhou para fora admirado.

– Você pode sair – disse Falante. – Basta remover a linha de comunicação e ir embora.

– O que vocês vão fazer?

– Vamos procurar um outro planeta de Impulsos.

– Qual? Marte? Vênus?

– Não sabemos ainda. Fazemos votos contudo que exista um outro nesta região.

Impulso Olhou para a abertura, depois para a Tripulação. Hesitou e seu rosto se contorceu numa careta de indecisão.

– Tudo que vocês me mostraram é verdade?

Não era necessário responder.

– Bem – disse o Impulso subitamente. – Irei com vocês. Posso ser um louco varrido, mas irei. Se isto significa o que você disse – *deve* significar o que você disse!

Falante percebeu que a agonia da decisão do Impulso colocara-o fora de contato com a realidade. Pensava que estava num sonho, onde as decisões são fáceis e sem consequência.

– Só existe um pequeno problema – disse Impulso com a leviandade da histeria. – Rapazes, quero morrer se sei impulsionar alguma coisa. Vocês disseram alguma coisa a respeito de velocidades acima da luz? Olhem, eu não consigo nem mesmo correr uma milha por hora.

– Sem dúvida que você pode impulsionar, – garantiu Falante, esperando estar certo. Ele sabia quais eram as capacidades dos Impulsos; mas deste em particular...

– Tente pelo menos.

– Claro – disse Impulso. – De qualquer forma, é possível que acorde depois disto.

Fecharam a Nave para a partida enquanto Impulso falava consigo mesmo.

– Engraçado – disse Impulso – pensei que um acampamento fosse uma maneira excelente para aproveitar a licença e agora me acontecem esses pesadelos!

Motor lançou a Nave para o alto. As Paredes estavam hermeticamente fechadas e Olho os guiava para longe do planeta.

– Estamos em pleno espaço agora – disse Falante. Ouvindo os pensamentos do Impulso, fazia votos para que sua mente estivesse inteira. – Olho e Pensador vão dar uma direção. Eu a transmitirei a você e você impulsiona a Nave.

– Você está louco – murmurou Impulso. – Vocês devem ter descido no planeta errado. Gostaria que êsse pesadelo terminasse.

– Você está na Cooperação agora – disse Falante desesperadamente. –

Aqui está a direção. Impulsione!

O Impulso não fez nada durante um momento. Estava lentamente acordando de sua fantasia, descobrindo afinal que não se tratava de um sonho. Sentiu a Cooperação. Olho para Pensador, Pensador para Falante, Falante para Impulso, todos intercoordenados com as Paredes, e com cada um dos outros.

– O que é isso? – perguntou Impulso. – Sentiu a união da Nave, o grande calor, a intimidade realizada unicamente mediante a Cooperação.

E impulsionou.

Nada aconteceu.

– Tente de novo – rogou Falante.

Impulso pesquisou sua mente. Encontrou um poço profundo de dúvidas e temores. Olhando para dentro, viu seu próprio rosto torturado.

Pensador iluminou-o para ele.

Os Impulsos viviam há séculos com suas dúvidas e temores. Os Impulsos haviam lutado em consequência do temor, matado por dúvida.

Eis onde estava o órgão do Impulso!

Humano – especialista – Impulso – ele penetrou plenamente na Tripulação, mergulhou dentro dela, atirou seus braços mentais em volta dos ombros de Pensador e Falante.

De repente, a Nave partiu na direção prevista numa velocidade oito vêzes superior à da luz. E continuou a acelerar.

UM EXEMPLAR DE BURNS – Clark Ashton-Smith



Andrew McGregor e seu sobrinho, John Malcolm, eram precisamente idênticos, salvo um particular. Ambos eram inconfundivelmente escoceses, de tal forma que chegavam à caricatura: caras longas e lábios fechados, esguios e pobres ao ponto da penúria, ambos amavam de uma forma rude o solo áspero das vizinhanças de seus ranchos em El Dorado.

A diferença estava em que McGregor, nativo de Ayrshire, era fantasticamente obcecado pela poesia de Burns, que citava em toda ocasião possível, fosse o verso apropriado ou não. Mas o jovem Malcolm, californiano de nascimento, tinha um segredo desdém por qualquer coisa que fosse em rima ou metro, e encarava o entusiasmo literário de seu tio como uma estranha falha de um caráter que era em outros aspectos sólido e admirável. Tal opinião, porém, sempre tivera o cuidado de esconder do velho, ainda que as suas razões para tanto não estivessem relacionadas ao respeito por um idoso ou a afeição por um parente.

McGregor já passara bastante dos oitenta, e uma vida de labor rigoroso tinha curvado suas costas e consumido a sua vitalidade. No espaço de uns poucos meses a sua saúde se deteriorara e ele ficou bastante frágil. Esperava-se que deixaria seu bem-cuidado pomar, bem como um polpudo saldo no banco em Placerville ao seu sobrinho, John Malcolm, filho de sua irmã Elizabeth, em vez dos seus próprios filhos, George e Joseph, que tinham se cansado do trabalho no campo há muito tempo e prosperavam a seu modo em Sacramento. O jovem Malcolm certamente merecia e o rancho que lhe fora deixado por seus pais tinha um solo pior que o de McGregor e nunca lhe dava mais que uma subsistência magra, apesar dos esforços de seus donos.

Um dia McGregor mandou buscar seu sobrinho. O jovem encontrou o ancião sentado em uma poltrona junto à lareira, miseravelmente fraco. Seus dedos tremiam sem cessar enquanto viravam as páginas

gastas do exemplar de Burns que segurava. Sua voz era um sussurro rouco e fino.

– Minha hora está por chegar, John — ele disse — mas eu quero lhe dar um presente de minhas próprias mãos antes de rebentar. Toma este exemplar de Burns. Eu lhe recomendo que o manuseie com muita atenção.

Malcolm, um pouco surpreso, aceitou o presente com os agradecimentos apropriados e com todas as expressões de preocupação com a saúde de seu tio. Levou o livro para casa e o pôs em uma prateleira que continha um almanaque, uma Bíblia e dois catálogos de vendas por via postal. Depois disso esqueceu dele.

Uma semana depois Andrew McGregor morreu. Depois de enterrado no cemitério de Georgetown, iniciou-se a busca por um testamento. Nunca o encontraram e, no devido tempo, seus filhos obtiveram a propriedade. Logo depois eles a venderam, não se importando de conservá-la para si mesmos.

John Malcolm engoliu seu desapontamento em um silêncio obstinado e continuou arando sua escapa rochosa de vinhas e pereiras. Conseguiu economizar um pouco de dinheiro, comprou um pouco mais de terra e por fim se achou em uma posição de conforto um pouco mais tolerável, que só podia se manter, no entanto, à custa de trabalho incessante. Casou-se e teve uma filha. Deu-lhe o nome de sua mãe, Elizabeth. Vinte anos depois, as longas horas de labuta alquebrante e o vício da aguardente de El Dorado finalmente completaram seu trabalho. Prematuramente envelhecido antes dos cinquenta, John Malcolm agonizava. Acometido de uma pneumonia dupla, o médico não lhe deu esperanças.

A esposa e a filha de Malcolm estavam à sua cabeceira durante sua agonia. Usualmente calado, o delírio soltara a sua língua e ele falava por horas a fio. Principalmente ele falava do dinheiro e da propriedade que um dia sonhara em herdar do tio, e da mágoa por sua perda, misturada a ofensas ao velho. O testamento perdido estava esquecido de todos há muito tempo, e ninguém supunha que ele ainda se importava tanto, ou mesmo que tivesse se lembrado do assunto por tantos anos.

Sua esposa e filha ficaram chocadas com o seu deblaterar. E num esforço para ocupar a mente, Elizabeth tomou da prateleira um livro, o exemplar de Burns que McGregor uma vez dera ao sobrinho, e

começou a ler poemas salteados, um aqui outro ali, virando as páginas febrilmente. Subitamente ela achou uma folha solta, cortada exatamente do tamanho das folhas do livro, inserida e colada de forma tão minuciosa que ninguém teria detectado a sua presença sem abrir o livro no lugar certo. Nesta folha, em tinta desbotada, estava escrito o testamento de Andrew McGregor, em que ele deixava toda a sua propriedade mundana a John Malcolm.

Silenciosamente a menina mostrou o livro à mãe. Quando as duas se curvaram sobre a página amarelada, o moribundo cessou seus murmúrios.

– O que é isso? — ele perguntou, fixo na esposa.

Naquele momento ele estava evidentemente consciente de sua situação, e parecia ter recobrado a sanidade. Elizabeth, inocentemente, foi até a cabeceira e lhe disse que havia encontrado o testamento. Ele nada disse, mas a sua face ficou cinzenta e vazia, com uma expressão de desespero irreparável. Não voltou a falar. Morreu antes de trinta minutos. Possivelmente a sua morte foi acelerada em muitas horas pelo choque.

O FUTURO DA HUMANIDADE –

Isaac Asimov



Local: Newark College of Engineering

Data: 8 de Novembro de 1974

O documento a seguir é uma transcrição de uma palestra dada pelo Dr. Isaac Asimov. Ela vem de uma fita de áudio que eu mantenho em minha coleção desde a 6ª série. Ela não está disponível em lugar algum, e por favor não me mandem e-mails pedindo cópias. Eu a apresento ao grupo como um tributo a um homem que mudou meu modo de pensar quando eu mais precisei.

O documento a seguir é uma transcrição de uma palestra dada pelo Dr. Isaac Asimov. Ela vem de uma fita de áudio que eu mantenho em minha coleção desde a 6ª série. Ela não está disponível em lugar algum, e por favor não me mandem e-mails pedindo cópias. Eu a apresento ao grupo como um tributo a um homem que mudou meu modo de pensar quando eu mais precisei.

Eu fiz algumas correções quanto a palavras mal colocadas, eliminei quaisquer gaguejamentos, etc. Estas edições não afetaram de modo algum o conteúdo pretendido da apresentação. Após ouvi-la por tantos anos, eu a compreendo completamente.

Enquanto vocês lêem isto, por favor tenham em mente que o bom doutor improvisou muitas de suas palestras. Geralmente, quando ele era solicitado a falar em um dado evento, ele perguntava qual era o assunto desejado, e raramente, se tanto, preparava algo para a ocasião. A maior parte do que vocês lêem aqui é inglês conversacional, e pode não parecer muito elegante no papel.

O que vocês lêem aqui, apesar de eterno, é um produto de seu tempo. 1973 viu o fim de muito otimismo trazido dos anos 60, e o embargo do petróleo era a primeira inconveniência real experimentada pelos “baby-boomers” da América em escala nacional. Muitas famílias de classe média estavam então precisando do salário de duas pessoas, e

o custo de vida estava subindo.

Vinte e dois anos se passaram desde que o bom doutor apresentou isto, e o conteúdo ainda carrega uma verdade universal. Mesmo que isto seja a única coisa que você leia, produzida pelo falecido Dr. Asimov, você terá uma boa idéia quanto ao nível de sua sabedoria. Eu sinceramente duvido que este mundo possa ver novamente outro indivíduo remotamente próximo de suas habilidades. Por favor, note que este material NÃO está protegido por direitos autorais, e eu o estou colocando em domínio público.

B. Torre

8 de junho de 1995

INTRODUÇÃO (pessoa não identificada)

É agora com grande prazer que eu lhes apresento um homem que é provavelmente o escritor de ficção científica mais prolífico do mundo hoje. E, ele é também um homem muito erudito...e eu não vou falar mais, porque ele é muito mais esperto que eu. Eu apenas vou... bem, isto não é falar demais, mas... eu vou trazê-lo até aqui agora. Ahhn... por favor, recebam o Dr. Isaac Asimov.

(aplausos)

Palavras do Dr. Asimov:

Obrigado, obrigado. Eu tenho... vocês podem ouvir o que eu estou dizendo, ou eu terei que me inclinar até isto aqui?

(sem resposta)

Vocês podem me ouvir quando eu falo assim? Alguém?

(algumas pessoas respondem que podem entendê-lo.)

OK. Eu tive uma viagem muito emocionante vindo para Newark.

(risadas)

Porque, vocês sabem, minha correspondência vai para o meu escritório. Que não é onde eu moro. E quando me disseram que iriam me buscar, eu cuidadosamente escrevi uma carta bem clara

explicando exatamente onde eu moro. O que inevitavelmente fez que eles mandassem o pessoal para o meu escritório.

(risadas suaves)

Enquanto eu estava lá na rua, esperando pelo carro, ouvido o tique-taque dos minutos passando, percebendo que eu deveria estar aqui às oito horas... eu fiquei desesperado. Finalmente chamei minha esposa ao interfone e disse: “Ligue para meu escritório e pergunte se há alguns idiotas lá procurando por mim”

(risos)

Ela fez isso, e me chamou de volta, dizendo que era lá que eles estavam, e que ela havia dito a eles para virem aqui. Eu disse: “Por que você fez isso?” Eu disse “São quatro quarteirões. Eles nunca vão conseguir!”

(risos)

Eles quase não conseguiram.

(risos)

Eu tive que esperar mais dez minutos.

(risadas fracas)

Então, mas finalmente chegamos aqui cinco minutos adiantados. E batemos em uma porta fechada.

(risadas fracas)

E um guarda de segurança abriu, e disse: “Você não pode entrar”.

(risadas fortes)

E os dois rapazes que estavam comigo, que pareciam estudantes de faculdade... tipos bem insípidos...

(risadas fracas)

...disseram: “Tudo bem com a gente”, ele disse, “Mas este é o palestrante”. E o guarda Olhou para mim, e disse: “este é o palestrante?” E eles disseram que sim. “Eu ouvi dizer que o palestrante está lá em cima”

(risadas bem fortes)

E então entramos por outra porta onde não havia nenhum guarda.

(risos)

E aqui estou eu. Agora, aquele outro palestrante não vai dizer uma palavra a vocês, mas aposto que ele vai receber o cachê.

(risos)

Ahhh... Mas de qualquer modo, agora vocês percebem por quê eu odeio viajar. Minha discussão sobre o futuro do homem se aplica muito, muito bem ao que acabou de acontecer comigo, como vocês logo vão ver. Deixem me explicar.

Uma vez, quando eu não tinha nem dezenove anos, escrevi uma história chamada “Trends” (tendências). Foi a primeira história que eu vendi a John Campbell para a velha “Astounding Science Fiction”. Ela apareceu no número de julho de 1939. E nela eu falei da primeira viagem ao redor da Lua e de volta à Terra . Eu a coloquei na década de 1970. A primeira tentativa, que foi um fracasso, foi em 1973. E a segunda tentativa, que foi um sucesso, foi em 1978. O vôo verdadeiro aconteceu em 1968, então eu fui conservador em dez anos. Além disso, meu vôo foi tudo o que houve, enquanto que na vida real o vôo ao redor da Lua foi precedido de todos os tipos de vôos orbitais e sub-orbitais, e acoplamentos, e correções de meio-curso, e satélites de comunicação, e satélites de navegação... tudo sob o sol.

Então vocês podem ver como eu estava errado. De fato, eu estava ainda mais errado que isso, porque quando eu escrevi minha história, em 1939...38, ela foi publicada em 39... quando eu escrevi essa história, eu tinha idéias definidas sobre como um vôo espacial aconteceria.

Em primeiro lugar, eu fiz meu inventor construir uma espaçonave em seu quintal.

(risadas fracas)

Em segundo lugar, eu tinha a atitude de que qualquer homem suficientemente bom para construir uma espaçonave era bom o suficiente para pilotá-la.

(risadas fracas)

O que eu quis dizer era que o inventor era o astronauta, uma grande economia de tempo e trabalho.

(risadas fracas)

Além disso, eu não me preocupei em estabelecer bases de computadores em nenhum lugar... especialmente, não no Texas. Porque hoje em dia, para ser perfeitamente honesto com vocês, e isso é o que eu gostaria de ser, perfeitamente honesto. Para ser perfeitamente honesto com vocês, eu realmente não vejo qual é o grande problema sobre chegar à Lua com computadores e as correções de meio curso. Sei que vocês são um bando de engenheiros, e vocês sabem melhor que eu, mas eu pergunto... uma vez que vocês tenham deixado a atmosfera, vocês vêm ou não vêm a Lua? E se vocês vêm a Lua, é só ir até ela, não?

(risadas mais fortes)

Na verdade, a única coisa que me deixou confuso... a única coisa que me deixou confuso nessa história é de onde lançar a espaçonave. Eu vivi no Brooklyn toda a minha vida, e olhando ao redor percebi que não havia um lugar de onde lançar uma espaçonave com segurança...

(risadas)

... sem causar a ira dos cidadãos.

E então eu pensei que seria melhor lançá-la de algum lugar fora do Brooklyn. E isso me deixou imediatamente encrencado porque eu não sabia, com certeza, se existia algum lugar fora do Brooklyn.

(risos)

Quero dizer, eu ouvi alguns rumores a respeito, mas eu sou um sujeito muito difícil de enganar. Eu gosto de provas concretas. Mas eu percebi que tinha de fazer alguma coisa, então eu lancei a nave... a espaçonave... dos limites mais distantes do mundo conhecido. Para ser mais preciso, na Cidade de Jersey.

(risadas muito fortes)

Eu não estou brincando. Eu realmente o fiz. E ainda assim, eu vendi esta história.

(risadas)

Não apenas vendi esta história, mas ela foi reimpressa cinco vezes. A última vez, em 1973. Naquela época, eu suspeitava que a maioria das pessoas tinham uma boa idéia que os detalhes na minha história estavam errados.

(risadas fracas)

Bem, por quê isto, vocês se perguntam? Eu lhes digo. A história não foi impressa por causa de qualquer um dos detalhes de engenharia... desculpem a expressão. Ela foi publicada porque eu tinha algo que o editor nunca havia visto antes. Eu havia postulado a resistência a um vôo espacial. Havia uma grande organização de pessoas na terra que ficavam doentes com qualquer coisa sobre as pessoas tentarem sair para o espaço. Eles achavam que as pessoas deveriam ficar na terra e cuidar de seus próprios negócios. E isto nunca havia sido postulado antes. Nunca!

Até aquele momento, o único modo que a viagem especial havia sido tratada era ou o herói ir para Deneb ou algum lugar desse tipo, e lutar com os homens-ostras de lá,

(risadas fracas)

... e casar com a linda princesa que põe ovos,

(risadas fracas)

...sem qualquer referência seja da terra ou das pessoas que vivem lá. Por outro lado, o único modo de lidar com o vôo espacial era ter o herói pousado na Lua, ou em outro lugar parecido, e então fazê-lo voltar e ser recebido com um desfile com chuva de papel picado, com todos muito felizes com seu ato heróico.

Nunca ocorreu a ninguém que realmente poderia haver alguma resistência ao conjunto da idéia; as pessoas deviam pensar que era uma idéia estúpida e um desperdício de dinheiro.

Depois que eu escrevi a história, novamente, ninguém teve a idéia. Eu não acho que alguma outra história tenha aparecido, onde houvesse algum tipo de oposição ao vôo espacial. Digo, a princípio. Até a época em que a oposição apareceu.

E então vocês devem pensar como é possível que um rapazinho de dezoito anos, muito simples e ingênuo, que literalmente e honestamente duvidava se havia algum lugar fora do Brooklyn. Como era possível que ele pudesse ver algo tão claro, que cabeças mais

velhas e mais duras não conseguiram ver?

E é difícil ter de explicar isto a vocês, porque eu preferiria que vocês pensassem que eu era muito esperto, e tinha algum tipo de chave para a sabedoria do universo. Quero dizer, é uma grande coisa com a qual poderia impressioná-los. Mas em vez disso, eu tenho que dizer a verdade, e vocês vão ver como toda a coisa era nojentamente simples. Eu estava indo para a Universidade Columbia naquela época, e não preciso lhes dizer, as anuidades eram assustadoras. Bom, eu me lembro que eram trezentos e sessenta e cinco dólares por semestre.

(risadas fracas da multidão).

E eu não podia pagar. Então procurei qualquer coisa que pudesse fazer para completar a anuidade. E uma das coisas que fiz foi me unir à NYA, National Youth Administration, que era um tipo de alívio para estudantes mercedores. Eles lhe dão pequenos empregos de sinecura, e lhe pagam a generosa soma de quinze dólares por mês. E isso lhe permite completar suas taxas.

E o emprego que eu consegui era servir como um tipo de secretário para um sociólogo que estava preparando um livro chamado “A Resistência Social a Mudanças Tecnológicas”. E isto é o que eu deveria fazer: eu tinha que ir até a biblioteca com uma lista de referências dadas por ele, e pedir os livros. Procurar as páginas onde eu acharia as referências, copiá-las a mão... porque aqueles eram os dias antes da Xerox. Felizmente também, pois de outro modo eu teria passado fome. Eu os copiava a mão, levava-os para casa, e os datilografava. Agora, era impossível que eu os copiasse e os datilografasse sem lê-los.

(risadas fracas)

Como resultado, eu li talvez noventa por cento do livro. Porque vocês devem entender como os livros eruditos são escritos, no caso de vocês um dia quererem escrever um livro erudito. A primeira coisa que se faz é conseguir mil referências, escolhidas aleatoriamente...

(risos)

Você então as põe em um livro, na ordem em que as encontrou...

(risadas fracas)

E adiciona duas ou três linhas de sua autoria entre cada uma delas para funcionar como argamassa...

(risadas fracas)

E você está feito.

Bem, quando eu li todas aquelas referências eu descobri, para minha surpresa, que através de toda a história houve resistência... e resistência amarga, exagerada, até a última gota... a toda mudança tecnológica significativa que aconteceu na terra. Geralmente a resistência vinha daqueles grupos que temiam perder influência, status, dinheiro... como resultado da mudança. Apesar de eles nunca terem admitido que esta era a razão para sua resistência. Era sempre o bem da humanidade que estava em seus corações.

Por exemplo, quando as diligências chegaram à Inglaterra, os proprietários do canal objetaram. Não que eles fossem perder dinheiro, apesar que iriam, mas eles temiam pela humanidade. Pois como as diligências chegavam a quinze milhas por hora, pelo Princípio de Bernoulli, o ar correndo pelas narinas das pessoas a bordo iria sugar todo o ar de seus pulmões.

(risadas do grupo)

Vocês sabem, quando eu conto esta história a um público que não é de engenheiros, eu não posso mencionar o Princípio de Bernoulli, que é o que dá o gosto da história.

Bem, naturalmente o pessoal das diligências riu bastante, e tudo o que eles tiveram de fazer foi correr com uma diligência a quinze milhas por hora com pessoas dentro e lhes mostrar que não havia perigo. Mas eles decoraram o argumento... para quando as ferrovias chegassem.

(risadas fracas)

Bem, então, lendo tudo isto, e foi o que fiz por um período de meses... eu li, e li... eu disse para mim mesmo: “Ei, eu posso fazer um silogismo com isto” porque eu estudei artes liberais e humanidades, e eles me ensinaram sobre silogismos.

Eu não sei se vocês rapazes sabem o que são silogismos. É... a unidade de um silogismo é um Aristóteles.

(risos)

Bem, vejamos, é... para colocar em termos de engenharia: Um Aristóteles por segundo é um silogismo rápido.

(risadas fracas)

Funciona assim: premissa principal: todas as mudanças tecnológicas encontram resistência. premissa secundária: a viagem no espaço representa uma mudança tecnológica. Conclusão: (pausa)

(risos)

Aqui está o truque!

(risos)

Haverá resistência à viagem espacial.

E eu disse “Nossa!” E eu escrevi a história e a vendi. Minha primeira história, na Astounding, e eles a publicaram. E aqui estou eu, um gênio por ter previsto isso.

Mas agora, a questão é, se é assim tão simples, dá para entender como um garoto bobo de dezoito anos pôde pensar nisso. A questão que surge agora é, como é que ninguém mais viu?

E isto nos leva à conclusão que vocês também podem ter chegado a partir de minhas aventuras na minha vinda a Newark. Que é a seguinte: as pessoas são estúpidas.

(o grupo ri, e aplaude)

Nós não estaríamos nesta confusão se não fosse assim. Porque, acreditem em mim, estamos numa confusão. Agora, não é muito difícil ver que estamos em uma confusão, ou mesmo perceber há alguns anos que estávamos em uma confusão.

Vou lhes contar uma história que eu li em 1933. Há um cavalheiro aqui que tem uma cópia de “Before the Golden Age”, na qual eu conto esta história. Acredito que este cavalheiro não vai escutar.

Em 1933, eu li uma história chamada “O homem que acordou”, de Lawrence Manning. Nela, o herói queria ver como seria o mundo do futuro, e ele não estava no tipo de ficção científica onde ele teria uma máquina do tempo, então ele tinha que fazer alguma outra coisa. O que ele fez foi inventar uma poção, que ele bebeu e o fez dormir por cinco mil anos, e então ele acordou um pouco rouco, mas de qualquer modo, OK.

Agora, quando eu era jovem, eu tinha apenas treze anos na época, eu

li isso e pareceu perfeitamente bem. Mas agora, vocês vêem, nesses dias eu aplicava princípios de engenharia a algo assim. Eu disse a mim mesmo: “Nossa, uma poção que te põe para dormir por cinco mil anos e te acorda sem dano algum. Como é que se testa isso?”

(risadas do grupo)

Agora eu já descobri como, tudo bem, há um modo. Você dá uma pequena quantidade a um cão...

(risadas fracas)

... e espera cinco mil anos.

(risos)

De qualquer modo, ele se encontrava em um cofre no qual ele ficaria sem ser perturbado por cinco mil anos.

Nossa, a Grande Pirâmide de Gizé não foi suficiente para manter Quéops sem ser perturbado por quinhentos anos, que dirá cinco mil anos, mas tudo bem. Ninguém está procurando este cara.

(risadinhas do grupo)

E ele ficou lá por cinco mil anos, e então acordou ileso. Oh, ponham ou tirem alguns meses; quero dizer, não dá para ser exato com uma coisa dessas. E de algum modo ele pensou que iria sair e ver um mundo muito futurístico com todo tipo de aparelhos super modernos voando pelo ar, e pílulas mágicas de alimentos, e tudo isso. Em vez disso, o que ele encontrou? Ele encontrou um mundo muito limitado. Um mundo no qual todos viviam vidas... vidas não muito ricas. Vocês sabem... eles se vestiam com moletons, andavam por aí, e se preocupavam muito com a próxima refeição. E então ele lhes disse “O que é isto?”, ele diz. “Vocês estão vivendo vidas muito limitadas. Onde está todo o futurismo que eu esperava?” Então eles disseram “Oh, bem, você não entende”. Ele disse: “Estamos com pouca energia. Muito pouca porque há milhares de anos houve uma ou duas gerações de humanos que queimaram todo o petróleo e o carvão da Terra, e não nos sobrou nada.” E nosso herói diz “Estranho vocês dizerem isso”, ele diz, “Acontece que eu sou da geração que fez isso com vocês!”

(risadinhas)

(risadas fracas)

E ele voltou para o cofre bem a tempo, trancou a porta, e tomou outra poção para ver se algo novo aconteceria cinco mil anos mais tarde.

Esta era a primeira de cinco histórias, mas foi aquela que eu sempre lembrei porque, você sabe... eles sempre dizem... costumavam dizer quando eu era um garoto, que ficção científica era literatura escapista. Eles gozavam de nós. Digo, aqui está um punhado de garotos estragados, geralmente com espinhas no rosto. E com óculos grandes; especialmente aqueles óculos grandes. E eles também eram garotos muito metidos, para seu próprio bem. Sempre por aí tirando notas altas nas aulas.

(cochichos e risos)

Quero dizer, de todo modo, não eram garotos decentes.

E aqui estava todo um mundo de garotos decentes preocupados com as coisas importantes da vida, como os pontos do baseball. Ou jogos de cartas, ou qualquer coisa que eles fizessem. E cabulando aulas. Coisas reais. E lá estão esses caras lendo ficção científica para fugir da realidade. Para fugir deste mundo. Literalmente para fora dele. E coisas estúpidas como a Lua, e mísseis, problemas populacionais, e todo tipo de coisas assim. E, por exemplo, a possibilidade que o carvão e o petróleo pudessem desaparecer.

Droga, quando li aquilo eu tinha treze anos, na época eu não pensei em silogismos, mas agora eu percebo, olhando para trás, que isso era parecido com um silogismo.

Premissa principal: O volume da Terra é finito. Premissa secundária: O volume total do carvão e do petróleo da Terra é menor que o volume total da Terra. Conclusão: O volume do carvão e do petróleo é finito.

Vocês podem pensar que isso era óbvio! Agora, vamos começar e tornar esta conclusão a premissa principal do próximo silogismo:

Premissa principal: O volume do carvão e do petróleo é finito. Premissa secundária: Estamos queimando um pouco todo dia. Conclusão: No final acabaremos usando tudo.

Bem, eu li isso em 1933. E agora vocês vêem como a ficção científica nos ajuda a escapar. Ela ajuda a escapar para o tipo de problema que vai lhe manter preocupado por quarenta anos.

(risadas fracas)

Antes do resto de vocês, rapazes!

Bem, aqui estamos. Acabamos de atravessar um período de trinta anos de máxima prosperidade da humanidade, no geral. Nos saímos muito bem desde a Segunda Guerra Mundial. Nós temos... o mundo como um todo tem comida melhor, tem vivido melhor, tem tido um melhor padrão de vida do que nunca teve antes. Agora, vocês podem me dizer que durante todos estes trinta anos houve milhões... centenas de milhões de pessoas sempre com fome, sempre famintas, com muito pouco, e eu direi sim; tem sido podre.

Meu ponto é que antes de agora, tem sido sempre MAIS podre. E não temos realmente apreciado quão temporário isto é.

Por exemplo, temos tido grandes suprimentos de comida, e parte da razão para isso foi que tivemos um clima muito bom nos últimos trinta anos. De fato, há algumas pessoas que dizem que estes últimos trinta anos foram os melhores trinta anos em clima que tivemos nos últimos mil anos. Agora, vocês podem se lembrar de frios intensos, e inundações, e enchentes, e esse tipo de coisa. Tem havido menos disso tudo do que de costume. Além disso, enquanto tivemos esse clima bom, também estivemos aplicando mais energia que nunca na mecanização de fazendas, nas máquinas de irrigação. Além disso, estivemos usando inseticidas e pesticidas de vários tipos, para tentar acabar com aqueles tipos de bichos e pragas que acham que vão conseguir um pouco de nossa comida. E além disso tudo também desenvolvemos novos tipos de sementes, a chamada “revolução verde”, que produz muita proteína muito rápido. E com todas essas coisas juntas, nosso suprimento de comida tem aumentado.

Mas agora, olhem o que acontece.

A única coisa que torna possível para nós usarmos mais e mais energia é nosso mundo industrial e tecnológico. E outra coisa que nossa indústria produz é poeira. E o ar é mais sujo agora que nunca foi na história da humanidade. Exceto talvez temporariamente, depois de uma grande erupção vulcânica.

Isto significa que o albedo da Terra, a porcentagem de luz solar que é refletida de volta para o espaço antes de atingir o solo, tem aumentado ligeiramente porque o ar poeirento reflete mais luz que o ar limpo. E... bem, não muito mais, mas o suficiente. Isto tem feito a temperatura da Terra cair desde 1940. Tem diminuído

constantemente. Novamente, não muito. Vocês provavelmente não têm percebido que os verões são mais frios, ou que os invernos são extraordinariamente gelados, eles não são. A queda na temperatura pode ter sido de um grau. Mas é o suficiente para diminuir a estação de crescimento das plantações nos climas do norte. Ela torna o clima um pouco pior. Ela manda as tempestades um pouco mais para o sul, faz que o Deserto do Saara se estenda para o sul, então as monções na Índia diminuem um pouquinho mais. Só o suficiente para que as colheitas não sejam tão boas como costumavam ser, e a reserva de alimentos da Terra caia para seu nível mais baixo na história recente.

E enquanto isto está acontecendo... e vai continuar acontecendo porque o ar não vai deixar de ficar poluído a menos que paremos nossa atividade industrial. E se pararmos nossa atividade industrial, será porque estaremos sofrendo algum desastre completo.

Então, o tempo não vai melhorar. O ar vai ficar poluído, e vai continuar ficando um pouco mais frio. Ao mesmo tempo, vai ficando mais difícil conseguir energia. Energia é muito mais cara do que costumava ser; os preços do petróleo sobem. E isso significa que os fertilizantes são mais caros que costumavam ser. E acontece que a revolução verde depende das variedades de grãos que precisam de ... sim, eles fazem o que têm de fazer... mas eles precisam de muita irrigação; muita água, e muito fertilizante. E o fertilizante não está lá. E é difícil fazer a máquina de irrigação funcionar agora, com o petróleo caro. E, é claro, os pesticidas são produzidos em fábricas químicas com alto consumo de energia; seu preço também sobe. Tudo se combina para diminuir o suprimento de alimento. E para que, nos anos que virão, possamos ter problemas em manter nossos níveis atuais de alimento, que dirá para aumentá-los.

É claro que vocês podem dizer: “Bem, que se dane! A humanidade deu um jeito há trinta anos, antes que as previsões de bom clima viessem, quando havia inundações no meio-Oeste, e regiões sujeitas a secas, e quando havia muito menos máquinas agrícolas em uso, e máquinas de irrigação, e não havia revolução verde, e não estavam, os usando pesticidas... exceto Paris Green e outras coisinhas como aquelas. E quando não nos preocupávamos, não nos preocupávamos sobre todos os outros meios de aumentar o suprimento de alimento também, então vamos voltar ao que era então, e viveremos a vida simples.”

Sempre há pessoas que pensam que tudo o que temos de fazer, depois de tudo, é abandonar toda esta tecnologia tola da qual nos tornamos escravos, e voltar a viver como nossos ancestrais e viver próximos da

terra com as boas coisas da natureza. Seria bom se pudéssemos fazê-lo. Se pudéssemos voltar a como era antes da II Guerra Mundial, tecnologicamente, se pudéssemos sustentar todas as pessoas que viviam na Terra antes da II Guerra Mundial. O problema é que nestes últimos trinta anos um bilhão e meio de pessoas foram adicionados à população da Terra. E temos alimentado essas pessoas principalmente por causa de todas essas coisas que temos feito nestes trinta anos, o bom clima, os fertilizantes, os pesticidas, e a irrigação, e a revolução verde, e todo o resto. Se abandonarmos isso, teremos também que abandonar um bilhão e meio de pessoas; e haverá muito poucos voluntários para a tarefa.

Que diabos, é assim com tudo. Estamos em uma situação da qual não podemos voltar. Não podemos abandonar a tecnologia. Não podemos dizer “Bem, que se dane! Vamos voltar para a boa e velha lareira com as boas e velhas toras de madeira naturais. Não precisamos desta droga de aquecimento central!”. Há duas coisas sobre a lareira com as boas e velhas toras de madeira. Em primeiro lugar, é um sistema podre para se aquecer a casa, e é por isso que as pessoas primeiro mudaram para a fornalha a carvão e então para a caldeira a óleo. Elas não fizeram isso porque elas detestavam a natureza. Elas não o fizeram também por que viraram as costas a coisas que eram legais, e só queriam coisas sujas e modernas, não.

(sacudidas do grupo)

A lareira não funcionava! É por isso!

E em segundo lugar, se todos nós decidíssemos usar lareiras como nossos ancestrais pioneiros faziam, deveríamos nos lembrar que havia talvez três milhões de pioneiros ancestrais, e há duzentos milhões de nós. E não há madeira suficiente. E o preço subiria instantaneamente. E haveria um mercado negro. E as florestas seriam destruídas.

E o mesmo aconteceria se você substituísse a luz elétrica por velas. Há algo de muito romântico em estudar a luz de velas até o momento em que você tenta fazê-lo.

(risadas fracas)

E se vocês acham que estudar à luz de velas é ruim, esperem até que tentem fazer um televisor funcionar com a luz de velas.

(risos)

Bem, então, o que vamos fazer no futuro? A população ainda está

aumentando. A população está agora maior que nunca esteve na história do mundo; estamos bem perto dos quatro bilhões. E o aumento, a taxa de aumento é maior que nunca na história do mundo, dois por cento por ano. Nunca esteve tão alta. Bem agora, a população mundial está aumentando em duzentas mil bocas famintas a cada dia. Lá pelo ano 2000, tentando evitar a catástrofe, a população da Terra deverá ser de sete bilhões. Ninguém acha que o suprimento de alimento da Terra vai quase dobrar perto do ano 2000. Pode ser que nosso suprimento de comida não aumente muito. Haverá quantidades terríveis de famintos. Que poderemos fazer a respeito?

Bem, em toda a história da Terra, houve períodos em que uma determinada espécie, por uma ou outra razão, aumentou seu número temporariamente. Houve uma quantidade surpreendentemente boa de alimento, o clima esteve muito bom, de algum modo não houve predadores... algo aconteceu, e os números subiram. Eles sempre desceram novamente e sempre do mesmo modo; por um aumento na taxa de mortalidade. Um grande número de indivíduos da espécie passou fome quando a comida escasseou. Eles caíram vítimas de alguma doença, quando ficaram mais fracos como resultado da diminuição de rações. Eles se tornaram bons alvos para predadores. O número sempre diminuiu. E a mesma coisa vai acontecer com a humanidade, não temos de nos preocupar. A taxa de mortalidade vai subir, e vamos morrer pela violência, pela doença, pela fome.

A única coisa é, devemos ter nosso número controlado do mesmo modo que todas as outras espécies fizeram? Temos algo que as outras espécies não têm; nós temos cérebros. Podemos prever. Podemos planejar. Podemos ver soluções que são humanas. E há uma solução que é humana, e que é a diminuição da taxa de natalidade.

Nenhuma espécie na história da Terra diminuiu voluntariamente sua taxa de natalidade para tentar controlar sua população, porque elas não sabiam o que era taxa de natalidade, como controlá-la, e que havia um problema populacional. Nós somos a única espécie na história da Terra que pode fazê-lo.

Não há necessidade de decidir se devemos ou não parar o aumento da população. Não precisamos decidir se a população será ou não diminuída. Será, será!

A única coisa que a humanidade tem de decidir é se isso será feito do velho modo desumano que a natureza sempre usou, ou se devemos inventar um modo novo e humano. Esta é a única escolha que nos

cabe; diminuir a população catastróficamente por um aumento na taxa de mortalidade, ou diminuí-la humanamente por um controle da taxa de natalidade. E todos fazemos a escolha. E eu tenho a suspeita que não faremos a escolha certa, o que é a tragédia atual da humanidade.

Mas e se fizermos? Suponham que entramos no século 21, e que sobrevivemos? Então a questão é: para que tipo de mundo nós sobrevivemos? Como será o mundo do século vinte e um? Se sobrevivermos, se houver uma civilização, se houver tecnologia. Bem, em primeiro lugar, deverá ser um mundo com uma baixa taxa de natalidade. Terá de ser; esta é a condição da sobrevivência. Terá de ser um mundo com uma baixa taxa de natalidade, porque a população será muito grande no começo do século 21, e pode levar um século para diminuir a população a algum valor razoável.

Então, por todo o século, a taxa de natalidade terá de ser menor que a taxa de mortalidade; e a taxa de mortalidade, esperamos, será muito baixa. Então os bebês vão ser relativamente raros, e as mães não terão muitos filhos. Imagino que será um tipo de mundo em que cada mulher não esperará ter mais de dois filhos. Se ela tiver apenas um filho, bom. E se não tiver nenhum, tudo bem.

Quero dizer, quando as pessoas pensam nisso, elas pensam instantaneamente em suicídio da espécie. “Oh meu Deus! Vamos todos desaparecer!” Teremos bilhões de pessoas na Terra, mais do que nunca tivemos antes deste século! E em toda a história anterior, tivemos uma população menor. Ninguém nunca se preocupou que desapareceríamos da Terra!! E além disso, se parecesse que iríamos desaparecer da Terra, tudo o que teria de acontecer é o seguinte: ter bebês. E vocês se surpreenderiam com a rapidez com que poderíamos consegui-lo.

(risos)

Vocês sabem que em todos os desastres da história, qual foi o único que , ao que saibamos, realmente diminuiu a população mundial? A Peste Negra nos anos de 1300. Que pode ter matado quase um terço de toda a humanidade. A população mundial diminuiu, e levou um século para se recuperar.

Aqueles eram os dias em que as taxas de mortalidade eram muito altas; é claro que levaria um século para recuperar. Hoje em dia levaríamos talvez vinte anos.

E desde então, os desastres vieram: I Guerra Mundial, II Guerra Mundial, a epidemia de Gripe de 1918... não houve nem um tremor no aumento da população humana.

Então temos a grande capacidade de nos multiplicar como coelhos. Não precisamos nos preocupar se permitirmos que a população caia. Deus, quão facilmente poderíamos reverter a situação se precisássemos.

Mas, há outras coisas a lembrar. Se tivermos uma baixa taxa de natalidade, o que vamos fazer com as mulheres?

Em toda a história, o propósito e a função da humanidade feminina tem sido ter montes de crianças. Agora, nenhuma mulher sã, se pensasse friamente a respeito, queria um monte de crianças; elas são um problema, e são perigosas à saúde...

(risadas moderadas do grupo)

Sério! Quando a teoria dos germes finalmente apareceu e as pessoas descobriram como fazer para que as mulheres pudessem ter bebês com uma razoável segurança, o mundo descobriu com surpresa que as mulheres tinham uma expectativa de vida maior que o homem. Isto nunca tinha sido compreendido antes, porque em toda a história as mulheres tinham, em média, vivido anos e anos menos que os homens. Com todos os perigos que os homens enfrentavam, o trabalho duro nos campos, os acidentes de caça, as mortes na guerra, tudo o mais, as mulheres morriam mais rápido por uma e uma única razão: dar à luz. Cada mulher tinha um bebê depois do outro até que um deles a matasse. Geralmente, não demorava muito.

Bem, então, por que as mulheres o faziam? Porque lhes era dito cuidadosamente que ser esposa e mãe era a coisa mais gloriosa do mundo, a única coisa para a qual elas se ajustavam, a atividade mais nobre que elas poderiam ter, e... e isso era dito a elas até que elas acreditassem. E se elas não acreditassem, haveria um monte de encrenca preparada para elas.

Bem, eu não vou entrar na história toda. Suspeito que vocês, mulheres, já saibam tudo sobre isto, e vocês homens prefeririam não escutar.

(risadas fracas)

Mas notem a diferença: uma vez que vocês queiram que as mulheres não tenham mais filhos, vocês terão de dar a elas algo para fazer! É

absolutamente impossível dizer a uma mulher que ela não pode ter filhos, e ao mesmo tempo que ela não pode fazer mais nada exceto talvez, ocasionalmente, lavar a louça.

(risadas fracas das poucas mulheres do grupo)

Porque se você disser isso a uma mulher, ela vai dar um jeito de ter um bebê.

(risadas e sacudidas do grupo)

Acho que eu também sei como!

(risadas fracas)

Bem, então no mundo do século 21, para manter a taxa de natalidade baixa, teremos que dar às mulheres coisas interessantes para fazer, para que elas fiquem felizes em ficar longe do berçário. E as coisas interessantes que consigo pensar para uma mulher fazer são as mesmas coisas interessantes para um homem fazer. Quero dizer que deveremos ter mulheres ajudando o trabalho no governo, ciência, e indústria... qualquer que haja no século 21. E isto significa que teremos de fingir... quando digo “nós”, digo homens... teremos que fingir que as mulheres são pessoas.

(risadas do grupo)

E vocês sabem, fingir é uma coisa boa porque se você fingir por muito tempo, você esquece que está fingindo e começa a acreditar.

(risos).

Em resumo, o século 21, se sobrevivermos, será um tipo de mundo de liberação da mulher. E para falar a verdade, será um mundo de liberação humana porque, vocês sabem, o sexismo causa danos dos dois lados. Se as mulheres tiverem algum papel que elas devem constantemente desempenhar, gostem ou não, os homens terão algum papel que eles devem constantemente desempenhar, gostem ou não. E se você fizer de um modo que as mulheres possam fazer o que melhor se ajusta a elas, poderá fazer que os homens façam o que melhor se ajusta a eles também. E teremos um mundo de pessoas. E apenas incidentalmente eles serão de sexos opostos, ao invés de serem diferentes em todos os aspectos de suas vidas.

E então, há outra coisa que vocês vão encontrar num mundo assim: vocês terão indiferença à idade, além de indiferença ao papel sexual.

Vocês têm que entender que em toda a história, a humanidade tem vivido em um mundo da juventude. Vocês sabem, falamos sobre a natureza centrada na juventude de nossa cultura. Não pode ser diferente. Em toda a história, a expectativa de vida tem sido de algo entre vinte e cinco e trinta e cinco, dependendo do tempo e lugar. Muito poucas pessoas viveram até a meia idade e além. Muito poucas. Tivemos um mundo de jovens, mesmo hoje naqueles lugares onde a taxa de natalidade é mais alta... consideravelmente mais alta... que a taxa de mortalidade. Você tem lugares onde metade da população tem menos que quinze anos.

Bem, naturalmente, onde a maioria das pessoas é jovem, você se concentra nos jovens! Quando há poucas pessoas velhas, você não se preocupa muito com elas. Seu número reduzido é conveniente. Os idosos são os repositórios da tradição. Nos dias antes dos registros escritos... que dizer de gravadores e computadores... as únicas pessoas que se lembravam de como as coisas eram há muito tempo... há quarenta anos atrás... eram os velhos homens com barbas cinzentas! Então você os respeitava!! Eles representavam sabedoria!! E você os deixava governar o estado e a igreja. A palavra “ sacerdote” vem da palavra grega para velho, e a palavra "senador" vem da palavra latina para velho... como pode-se perceber pela analogia com *senna*, um tipo de laxante, que nos vem à mente.

(risos fortes)

E, é claro, as mulheres velhas eram temidas. Havia menos mulheres velhas do que homens velhos, porque o único modo de uma mulher se tornar uma mulher velha era não ter filhos, ou ter uma sorte extraordinária. Geralmente a primeira alternativa. Uma mulher velha de algum modo sofria mais que um homem velho porque a elas faltava aquele magnífico sinal da idade: a barba.

(risadas fracas do grupo)

Pensem nisso! Um homem velho tinha uma longa barba cinzenta que cobria toda sua face; é como olhar para um tipo de floresta.

(risos fortes)

Uma mulher, contudo, tinha uma face descoberta onde se podiam ver as rugas! Que as pessoas comuns raramente viam porque era raro ver qualquer pessoa velha que tivesse rugas. Além disso, as pessoas geralmente perdiam seus dentes lá pelos quarenta anos porque não havia algo como dentistas. Então, as mulheres velhas tinham gengivas

que ficavam juntas, e aproximavam o queixo do nariz, o que parecia engraçado. Na verdade, se você olhar para a caricatura da "Bruxa", como vemos hoje no Halloween, é apenas uma mulher velha sem dentes, e com uma face enrugada. E acho que o medo que as pessoas tinham das bruxas realmente representava o medo da aparência estranha das mulheres velhas... que hoje em dia não existe porque as mulheres velhas parecem novas.

Mas o que fazer em uma sociedade na qual o número das pessoas velhas aumenta? Você tem um grande número de pessoas velhas bem quando você não precisa mais delas. Não precisamos mais delas como repositórios de tradição. Temos tudo por escrito, documentado. E estamos tendo cada vez mais, e mais, pessoas velhas, o tempo todo. A expectativa de vida hoje é de setenta anos nos Estados Unidos; as pessoas nunca morrem, pelo amor de Deus! Quero dizer, esta é uma das razões por que há um abismo de gerações; todas as pessoas velhas se apegam aos empregos até que tenham que se aposentar. E então eles são forçados a se aposentar. E não há nada que se possa pensar em fazer por eles além de lhes dar um relógio, um tapinha nas costas e um ticket para o banco do parque.

Agora, no mundo do século 21, isso vai ficar cada vez pior. Vai haver menos jovens, e talvez a expectativa de vida será maior que hoje, então as pessoas velhas vão durar mais e mais. O que faremos com eles?

Sabemos o que pensamos das pessoas velhas. Eles são um estorvo. São cabeças mortas. Eles não têm pensamentos brilhantes como as pessoas jovens. Eles não são criativos. Eles não são engenhosos. Eles não são ousados. Eles ficam atolados na lama. Conservadores. Atrasados. Quero dizer, eles não estão com nada.

(risadinhas)

Bem, se vamos ter mais pessoas velhas, e vamos evitar morrer de super-população, vamos morrer de velhice! E não vamos morrer com um bang; vamos morrer com um suspiro.

Bem, vocês sabem, pode não ser assim. Deixem-me mostrar que nossa cultura centrada na juventude é centrada na juventude particularmente por um motivo: educação. Por anos, e séculos, e milênios, sempre se achou que a educação é prerrogativa dos muito jovens. Que há uma coisa assim como 'terminar sua educação'.

Para falar a verdade, garotos não são estúpidos. Garotos vão para a

escola, e vêem que os mais velhos não vão. Agora, ir para a escola é uma droga. E toda criança percebe que quando ela crescer, uma das recompensas de crescer, de conseguir, será... não ter de ir para a escola.

A escola é o preço de ser jovem e indefeso! Não ir para a escola é a recompensa de ser adulto, e forte, e poderoso. Você associa a escola com fraqueza e criancice. Você associa não ter que ir à escola com força e maturidade. Todo garoto sabe que ele vai ser recompensado ao alcançar a idade de dezesseis, ou qualquer idade em que ele possa sair, ele será recompensado nunca mais tendo de ir à escola, nunca mais tendo de abrir outro livro, nunca mais tendo de aprender outro fato, nunca mais tendo de ter outro pensamento. Ensinamos as crianças que ser adulto é ser capaz de ser estúpido pelo resto de sua vida.

(risadas do grupo)

Tudo bem, pegue uma pessoa que desistiu da escola com dezesseis. Que aprendeu que nunca mais teria de pensar novamente. E ele vive outros trinta anos com o que consiga se lembrar do que aprendeu na escola trinta anos antes, e nada mais. E então você diz: “bem, aqui está um cara sem pensamentos novos. Aqui está um cara sem nenhuma idéia criativa. Aqui está um cara com uma cabeça morta”. E é assim que as pessoas velhas são.

Assim é que as pessoas velhas acabam ficando desse jeito. E então você usa isso como desculpa para transformar as pessoas velhas nisso, que é como você pensa que elas são. É o que se chama de argumentar em círculo. Não poderemos mais fazer isso. No século 21, teremos de pensar na educação não como uma tarefa a ser completada, mas como um processo contínuo.

A única coisa que realmente separa a espécie humana das outras espécies de plantas e animais, é que podemos aprender com maior facilidade que as outras espécies. Agora, qualquer coisa que uma espécie possa fazer bem, ela gosta de fazer! Não há dúvida se um pássaro gosta de voar. Que um peixe gosta de nadar. Quero dizer, nossos grandes filósofos dizem isso em suas canções, sabiam? Peixes devem nadar, pássaros devem voar!

(risadas fracas)

Bem, o homem tem de aprender que o processo, que é algo para o qual somos adaptados, é prazeroso... a menos que o prazer seja

banido de nós na infância... muito cuidadosamente e muito persistentemente!!! Deem à humanidade meia chance!! E aprender é um processo agradável que ele fará por toda sua vida! Na verdade as pessoas o fazem. Mesmo aqueles que são mais avessos ao aprendizado em livros aprenderão as coisas que eles gostam; o melhor jeito de jogar bola, os últimos pontos do baseball, sabe-se lá o quê! O que eles querem aprender, eles aprendem com grande facilidade.

E o ponto é que no século 21, se sobrevivermos, podemos imaginar que nossa sociedade tecnológica avançará ainda mais. Haverá ainda mais computação e automação. O trabalho aborrecido do mundo será feito por máquinas. Os homens e mulheres serão capazes de fazer eles mesmos o tipo de trabalho que eles quiserem fazer. Sem dúvida, alguns deles desejarão ser cientistas pesquisadores, ou regentes de orquestra, ou desejarão ser grandes artistas, ou escritores, quem sabe! Haverá pessoas suficientes que vão querer ser isso, e haverá pessoas que vão querer aprender a jogar bola perfeitamente, ou como colecionar folhas, ou como construir navios de guerra com palitos de dente. Qual é a diferença? O que quer que te faça feliz, e aumente a felicidade do mundo, é justificado. E haverá espaço para tudo. E com uma expectativa de vida avançada, por exemplo quando você tiver quarenta, você decidirá que quer começar de novo e estudar grego, e se tornar um perito em literatura grega, quem poderá te impedir? Eu prevejo um século 21 no qual o processo educacional será organizado para que cada ser humano tenha direito a uma ajuda institucional para a educação em qualquer campo que deseje, em qualquer direção que deseje, em qualquer idade que deseje. Educação e aprendizado serão o nome do jogo.

E quando isso acontecer, tenho certeza que será surpreendente quão completamente as pessoas podem ser úteis por todas suas vidas, até que uma verdadeira senilidade física os atinja.

E eu acho que será uma boa vida. Será um mundo sem racismo também. Terá de ser, ou não sobreviverá pela simples razão que o único jeito de aplicar uma taxa reduzida de natalidade, é aplicá-la em todo o mundo de um modo justo e não seletivo. É o único modo de funcionar. Do jeito que está, um dos problemas que temos, e talvez o mais intransigente, é que há seções da Terra, seções da população mundial, que têm fortes suspeitas que quando pessoas como eu falam com ênfase sobre controle da população e em diminuir a taxa de natalidade, o que realmente temos em mente é selecionar algumas pessoas que secretamente pensamos que não são as melhores no mundo, e reduzir suas taxas de natalidade. Reduzir seu número. Livrarmo-nos deles, talvez, então o resto de nós poderá ter uma vida

melhor neste mundo. Talvez haja mesmo algumas pessoas que realmente pensem desta maneira. Mas enquanto esse sentimento existir, vai ser muito difícil conseguir que as pessoas diminuam suas taxas de natalidade. E eu acho que se de algum modo conseguirmos convencer o mundo em geral que ninguém odeia ninguém, e que há espaço na Terra para todos os tipos de pessoas, então vai funcionar. E em um mundo como esse, você vê, todos vão ter de fingir que não são racistas. E se eles fingirem por um longo tempo, eles podem chegar a acreditar nisso. E o mundo será muito melhor por essa razão.

Você sabe, podemos falar de vez em quando sobre gerenciar nossa própria evolução. Sobre clonagem de pessoas, Sobre decidir como, com engenharia genética, poderemos melhorar a nós mesmos. Mas como melhoramos a nós mesmos? Nós não sabemos. Nós melhoramos bastante os animais domésticos. Temos vacas que dão centenas de galões de leite. Temos carneiros que são só lã... todinhos.

(risos)

Temos perus que são só peito.

(risos)

E cavalos que podem correr como o vento.

Mas vocês vêem, todas estas coisas são coisas que nos agradam. Não temos de perguntar a eles o que os agrada! Mas quando se trata de seres humanos, quando vamos mudar a nós mesmos, temos que perguntar o que nos agrada! E realmente não sabemos. Agora eu acho que muitas pessoas vão... Supondo que você pudesse mudar todos para que todos tivessem certas características. O que quereríamos que eles tivessem? Então... quereríamos que todos fossem gênios. Bem, eu tenho um certo conhecimento pessoal sobre gênios e, deixem me dizer, você só pode aguentar um deles de cada vez.

(risadas)

Digo, eu não quero ninguém perto de mim que seja um gênio; eu mal posso aguentar a mim mesmo.

(grupo ri bastante, e então aplaude)

Ou vamos querer que todo mundo seja um grande pensador, que todos sejam sensitivos, e gentis, e humanos... não! Qualquer raça, qualquer grupo de seres humanos em que sejam todos parecidos não apenas são chatos, mas realmente inúteis.

Me perguntaram há alguns dias... realmente, não estou inventando... se eu não achava que uma elite intelectual deveria conduzir o mundo. E eu disse, quando diz uma elite intelectual, você quer dizer pessoas como eu? Porque eu não sei o que ele quis dizer por elite intelectual. Talvez ele quisesse dizer pessoas como ele, e nesse caso, não!

(risadas)

E ele disse: “Sim, pessoas como você”. E eu disse não, isso não seria bom porque eu só sou esperto em algumas coisas, e muito estúpido em outras. E se todo mundo fosse como eu, e estivéssemos conduzindo o mundo, seríamos todos espertos nas mesmas coisas, e seríamos todos estúpidos do mesmo modo, e é a estupidez que iria nos matar. Eu disse, o que precisamos é de pessoas de todos os tipos governando o mundo! Algumas delas serão espertas de algum modo, e outras serão espertas de outro modo, e com a esperteza de todos em direções diferentes, então elas se cancelam; então a estupidez de todos pode ser cancelada pela esperteza de outro alguém na mesma direção.

(risos fracos)

Do mesmo modo, isso é o que queremos. O maior... o maior dom da humanidade é seu gigantesco banco genético. Todos os genes diferentes que temos. Todas as diferentes características; o esperto e o estúpido, o forte e o fraco. Esta variedade torna possível enfrentarmos diferentes emergências, e o que é fraco sob certas condições pode ser forte sob outras, o que é estúpido agora pode ser esperto de outra vez, e por aí vai. Não podemos jogar algo fora por medo que seja exatamente o que precisaremos algum dia.

Gosto de colocar as coisas deste modo, naturalmente todos pensamos que é muito melhor ser um brilhante físico nuclear, do que ser um encanador. Mas quem você gostaria que morasse na casa ao lado, um brilhante físico nuclear ou um encanador? E a menos que você seja casada com um, pense: quantas vezes você acorda no meio da noite precisando desesperadamente de um físico nuclear?

(grupo ri e aplaude vivamente)

Bem, então estou chegando agora ao fim do século 21. Temos um mundo sem sexismo, preconceito de idade, racismo. Não teremos um mundo sem guerra, mas isto não é nada incomum. Nós temos um mundo sem guerra agora.

(cochichos do grupo)

Vocês não acham que temos? Pensem um pouco. Que tipos de guerras podemos pagar para lutar? Dois tipos. Podemos sustentar uma guerra pequena onde se manda bombas em envelopes, ou se explode algumas bananas de dinamite em um automóvel em um lugar movimentado. Não há como parar isso, e nestes dias os explosivos são baratos. Mas o que se ganha com uma guerra deste tipo? Pode-se manter isso por mil anos, e matar indivíduos, mas não se toma nenhuma decisão deste modo. Não é realmente uma guerra, você só está se divertindo!

(risadas fracas do grupo)

O outro tipo de guerra que podemos pagar é uma guerra nuclear. É barato. Só leva meia hora.

(risos)

E temos todas as armas de que precisamos. O investimento de capital já foi feito. A única coisa é que depois que a meia hora acabar, não há nada a fazer, e muito poucos generais serão promovidos nessa meia hora.

(risadas)

O que liquida instantaneamente a coisa para os militares.

(cochichos do grupo)

Bem, então, podemos lutar a velha e divertida guerra, onde você e o inimigo escolhem lados, e você pega um lado, e joga bombas nele, e eles jogam bombas em você por quatro ou cinco anos, e então você decide quem vence e quem perde, quem paga a indenização, e quem faz a ajuda...

Não vamos mais poder fazer isso, porque ninguém vai ter gasolina para isso.

(o grupo ri e então aplaude)

Exceto os árabes.

(risadas)

E eles não podem lutar uma guerra a não ser que alguém lhes dê algo onde por a gasolina.

(risadas)

Então já estamos em um mundo sem guerra. A única coisa que precisamos no século 21 é um mundo que perceba que é um mundo sem guerra.

E mais uma coisa: se tivermos um mundo sem racismo, preconceito de idade, sexismo, guerra... vai ser um mundo bem chato. Aqui estamos, vivendo por toda a história com uma certa quantidade de excitação e risco no mundo, e é um pouco vergonhoso nos sentarmos nesse mundo cuidadoso e frio do século 21 e depois, no qual não só todo o mundo está feliz, mas todo mundo é muito cuidadoso... Porque, você sabe, vivemos por slogans. Imediatamente depois da II Guerra Mundial, toda nossa política externa era baseada no slogan *“Chega de Munique”*. Até que chegamos à guerra do Vietnã gritando isso, e agora é *“chega de Vietnã”*. E, bem, no século 21, vou lhes dizer o slogan agora. Aqueles de vocês que viverem no século 21, venham pôr flores em meu túmulo, porque o slogan será *“Chega de séculos 20”*.

(o grupo ri e aplaude)

Então, todo mundo vai ser muito cuidadoso com os avanços científicos. Eles vão perguntar: “Antes de fazermos isso, será que vai destruir a camada de ozônio? Antes de fazer aquilo, será que vai nos tornar dependentes disto ou daquilo? Quais são os efeitos colaterais? Quanto câncer vai causar?” Vocês sabem, esse tipo de coisa. Então você vai se mover muito... e imaginem que tipo de mundo é esse? Você vai rastejar até a morte!

Bem, no século 21 teremos que encontrar um novo horizonte que está bem ali: lá fora. Vamos voltar até a Lua, só que desta vez não só ir lá e voltar. Vamos estabelecer uma colônia lá, e teremos um grupo de pessoas na Lua que poderão fazer longos vôos porque estarão acostumadas a ficar enclausuradas e trancadas em um ambiente de engenharia sujeito à baixa gravidade. E eles vão trabalhar em outros mundos do sistema solar.

E então, você sabe, podemos correr tantos riscos quanto quisermos. Toda a coisa... nós sempre vivemos com risco, e isso tem sido a melhor coisa da vida. O problema é que agora atingimos um ponto onde o risco é arriscar tudo! E não podemos nos dar ao luxo de arriscar tudo. Até agora, na história do mundo, sempre que tivemos uma idade das trevas, tem sido temporária e local. E outras partes do mundo estavam bem. E no fim, eles te ajudam a sair da idade das trevas. Estamos agora enfrentando uma possível idade das trevas que será mundial e permanente! Isto não é engraçado. É uma coisa

diferente. Mas uma vez que tenhamos nos estabelecido em muitos mundos, poderemos fazer o que quisermos enquanto quisermos, em um mundo de cada vez.

(o grupo ri)

E lá fora, além das estrelas.

E a coisa interessante é que se conseguirmos ultrapassar os próximos trinta anos, não há motivo para que não entremos em um tipo de platô que verá a raça humana durar, talvez, indefinidamente... até que ela evolua para coisas melhores... e se lance indefinidamente para o espaço. Temos a escolha aqui entre nada... e virtualmente o infinito. E a boa coisa disso é que vocês caras da plateia hoje, quando digo caras é um termo geral que abrange as garotas... quando vocês caras da plateia hoje ainda estiverem entrando na meia idade, vocês saberão qual escolha foi feita.

Veja, tenho sido tão astuto que dei um jeito de nascer em 1920.

(o grupo ri)

O que significa que com certeza eu estarei bem morto.

(risadas)

Antes que a encrenca comece!

(risos)

Mas vocês caras verão por si mesmos. Espero que vocês vejam um mundo no qual a humanidade decidiu continuar sã. Mas devo dizer com honestidade que acho que as chances são poucas.

Obrigado.

(fim da palestra – o grupo aplaude por 24 segundos).



- {1} Conto retirado do livro “13 dos Melhores Contos de Vampiros da Literatura Universal”.
- {2} Um estranho e misterioso alemão, que permanece anônimo até hoje, é o autor deste conto, o qual foi pioneiro, tendo sido publicado na Inglaterra em 1860 na revista ‘Odds and Ends’. Seu assustador personagem foi uma espécie de modelo para outros que lhe seguiram, dentre eles o imbatível Conde Drácula de Bram Stoker. (N.E.)
- {3} Tribunal Penal de Old Bailey, Londres (London Central Criminal Court), a mais importante e famosa corte criminal da Inglaterra, em funcionamento desde 1539 (N.E.).
- {4} Talvez mais interessante do que a sua obra, tenha sido a própria vida de François Villon, um dos maiores poetas franceses de todos os tempos, figura genial de contrastes incontornáveis. Como entender que ele, professor licenciado em Artes pela Universidade de Paris fosse também assaltante e assassino? Como entender que este boêmio que trafegava com desenvoltura pelas tavernas e bordéis parisienses pudesse, ao mesmo tempo, sintetizar em seus poemas duas eras, a medieval e a moderna, com tanta perfeição?
- {5} Que é plano e viaja pelo espaço às costas de uma tartaruga enorme, e porque não...